



O FILHO  
**PRÓDIGO**  
THE GRAHAM SAGA 03



ANNA  
BELFRAGE

*cherish*  
BOOKS



VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.com



O FILHO  
**PRÓDIGO**  
THE GRAHAM SAGA 03



ANNA  
BELFRAGE

*cherish*  
BOOKS



# Table of contents

1. Capa
2. Copyright
3. Sumário
4. Dedicatória
5. 1. Capítulo 1
6. 2. Capítulo 2
7. 3. Capítulo 3
8. 4. Capítulo 4
9. 5. Capítulo 5
10. 6. Capítulo 6
11. 7. Capítulo 7
12. 8. Capítulo 8
13. 9. Capítulo 9
14. 10. Capítulo 10
15. 11. Capítulo 11
16. 12. Capítulo 12
17. 13. Capítulo 13
18. 14. Capítulo 14
19. 15. Capítulo 15
20. 16. Capítulo 16
21. 17. Capítulo 17
22. 18. Capítulo 18
23. 19. Capítulo 19
24. 20. Capítulo 20
25. 21. Capítulo 21
26. 22. Capítulo 22
27. 23. Capítulo 23
28. 24. Capítulo 24
29. 25. Capítulo 25
30. 26. Capítulo 26
31. 27. Capítulo 27
32. 28. Capítulo 28
33. 29. Capítulo 29
34. 30. Capítulo 30
35. 31. Capítulo 31
36. 32. Capítulo 32
37. 33. Capítulo 33
38. 34. Capítulo 34
39. 35. Capítulo 35
40. 36. Capítulo 36

- 41. [37. Capítulo 37](#)
- 42. [38. Capítulo 38](#)
- 43. [39. Capítulo 39](#)

## Guide

- 1. [Cover](#)
- 2. [Beginning](#)
- 3. [Sumário](#)



O FILHO  
**PRÓDIGO**  
THE GRAHAM SAGA 03

ANNA  
BELFRAGE

*cherish*  
BOOKS



Título original: The Prodigal Son

Copyright © 2017 por Anna Belfrage

Copyright da tradução © 2020 por Cherish Books Ltda

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Publicado mediante acordo com a autora.

Tradução: Maira Zamproni

Revisão: Denise Telles

Diagramação: AJ Ventura

Capa: One Minute Design

Belfrage, Anna

Sob o véu no tempo/ Anna Belfrage; tradução de AJ Ventura. Rio de Janeiro: Cherish Books, 2019.

1. Ficção americana I. Ventura, AJ. II. Título.

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Cherish Books

E-mail: [cherishbooksbr@gmail.com](mailto:cherishbooksbr@gmail.com)

<https://cherishbooksbr.wixsite.com/site>

## Sumário

1. Capítulo 1
2. Capítulo 2
3. Capítulo 3
4. Capítulo 4
5. Capítulo 5
6. Capítulo 6
7. Capítulo 7
8. Capítulo 8
9. Capítulo 9
10. Capítulo 10
11. Capítulo 11
12. Capítulo 12
13. Capítulo 13
14. Capítulo 14
15. Capítulo 15
16. Capítulo 16
17. Capítulo 17
18. Capítulo 18
19. Capítulo 19
20. Capítulo 20
21. Capítulo 21
22. Capítulo 22
23. Capítulo 23
24. Capítulo 24
25. Capítulo 25
26. Capítulo 26
27. Capítulo 27
28. Capítulo 28
29. Capítulo 29
30. Capítulo 30
31. Capítulo 31
32. Capítulo 32
33. Capítulo 33
34. Capítulo 34
35. Capítulo 35
36. Capítulo 36
37. Capítulo 37
38. Capítulo 38
39. Capítulo 39



*Este livro é dedicado a todas as pessoas que abrem seus corações para crianças que não sejam do seu sangue, e as acolhem como suas. Onde o mundo estaria sem vocês?*

Quatro sombras se ergueram da escuridão da charneca, disparando de um pedaço de vegetação para outro. Aqui e ali, eles encontravam abrigo atrás de uma pedra, de vez em quando se amontoavam sob uma árvore raquítica, deslizando silenciosamente para o norte. Era muito cedo para os pássaros, então quando um assvio agudo cortou o ar, a sombra líder saiu em alta velocidade, seus companheiros se esgueirando atrás dele em direção a um afloramento protetor de pedra.

— Silêncio! — Matthew Graham se abaixou, os três homens que o acompanhavam fizeram o mesmo. Ele apontou para onde um grupo de seis cavaleiros estava fazendo um progresso lento em um trecho pantanoso de terreno. — Mais soldados — disse, sua voz um zumbido baixo.

— E eu aqui pensando que eles eram apenas anjos salvadores — disse o homem sentado perto dele e, apesar da situação, Matthew sorriu. O falante se aproximou de Matthew, a boca a poucos centímetros de seu ouvido. — Eles não vão nos encontrar.

— Você acha que não? — Matthew tentou parecer despreocupado, mas seu olhar estava preso no grupo de soldados que se aproximava, seu cérebro lutando para encontrar uma maneira de sair de onde estava encurralado. Faltavam apenas algumas horas para o amanhecer de verão, e não importava que ele e seus companheiros estivessem todos encapuzados e vestidos com cores escuras entre marrom e cinza, eles seriam visíveis no momento em que se levantassem para correr.

— Não — o Ministro Peden respondeu confortavelmente. — Eles podem olhar, mas não verão. — Com um leve aceno de cabeça, ele indicou os fios de névoa que estavam se multiplicando sobre o solo mais úmido. Dias de calor insistente secaram a charneca, resultando em nuvens de água evaporada que voltavam a ser neblina e névoa quando a noite estava mais fria.

— Pelo menos o clima está do nosso lado — outro dos homens comentou em voz baixa.

— Deus, meu amigo — Sandy Peden corrigiu. — Deus está do nosso lado, e esse é mais um sinal de que Ele não nos esqueceu. — Sem outra palavra, ele se afastou e, um a um, os outros o seguiram, envoltos na névoa da manhã.

— Por ali — disse Matthew um pouco depois. — Se vocês se mantiverem à esquerda das árvores, encontrarão um caminho transitável que os levará até Kilmarnock.

— Obrigado — o mais alto dos três homens disse. — E certifique-se de transmitir minha gratidão a sua esposa também.

— Sim. — Sandy sorriu. — Por favor, diga a Alex o quanto agradecemos sua hospitalidade.

— Umm — disse Matthew. Alex não estava tão entusiasmada em prestar ajuda aos irmãos presbiterianos quanto ele. Mesmo que ela cozinhasse e empacotasse cestas com comida, mandando cobertores quando podia, ele sabia que ela não gostava, principalmente agora, desde as últimas prisões que arrastaram pelo menos um de seus vizinhos perante o tribunal para responder a acusações de atividades traidoras. O homem foi açoitado publicamente.

— Sêrio — disse Sandy, e agora não havia riso em seus olhos cinzentos. — Agradeça a ela, Matthew. Eu sei o quanto isso a assusta. — Com isso ele partiu, assumindo a liderança enquanto os três ministros rumavam para as profundezas da charneca. Só depois que eles sumiram de vista, Matthew voltou para casa.

— Onde você esteve?

Matthew se assustou quando seu cunhado apareceu em seu caminho.

— Fora.

— Isso eu pude perceber. — Simon Melville franziu o cenho, observando a espada, a pistola e a longa capa que agora estava enrolada no braço de Matthew. — Isso não é brincadeira.

— Hmm?

— Esqueça. — Simon gesticulou na direção do quintal. — Você tem visitantes.

— Visitantes? A esta hora?

— Oh, não se preocupe — Simon disse com certo cinismo. — Não são soldados que vieram arrastá-lo para interrogatório, não desta vez. É sua ex-esposa, ninguém menos.

— Margaret? — Matthew parou. — O que ela pode estar fazendo aqui?

— Eu não faço ideia; talvez esteja ansiosa por longas caminhadas matinais sobre a charneca enevoadas.

— Estou fazendo o que devo, Simon, você sabe disso.

— E qual é o seu dever? Você os está ajudando a violar a lei! Eles foram destituídos como ministros, não têm permissão para pregar ou ensinar, não podem realizar nenhum tipo de rito, e ajudá-los e incentivá-los é arriscar o desagrado total das autoridades.

Matthew apenas deu de ombros.

— Oh, bem. — Simon suspirou. — Você vai fazer o que quiser, não é?

— Sim.

Simon lançou-lhe um olhar de soslaio.

— Ela trouxe Ian junto.

— Ian? — Matthew apertou o passo.

— Ela está no quintal. Não acho que Alex esteja pretendendo convidá-la para entrar, e mesmo que o fizesse, duvido que Margaret entraria. Ela insiste que vai esperar do lado de fora até poder falar com você. — O rosto de Simon abriu um sorriso largo. — Acho que ela não fez nenhum favor a si mesma lembrando a Alex de que qualquer decisão é sua, de qualquer maneira, e que então ela não desperdiçaria o fôlego dizendo algo que terá que repetir para você.

— É — disse Matthew, sorrindo levemente. — Acho que Alex não gostou disso.

As duas mulheres viraram-se para eles quando entraram no quintal. De altura e compleição semelhantes, com sobrancelhas escuras e bem definidas, maçãs do rosto altas e pescoços bem torneados, a uma certa distância poderiam ser tomadas por irmãs. Mas onde Margaret era graciosamente esguia, Alex era mais redonda de seios e quadris — atributos atualmente acentuados por sua cintura fina. Ela devia ter apertado um pouco o corpete antes de sair para receber os visitantes. Ele estudou sua esposa; silenciosa, braços cruzados sobre o peito e olhos azuis escuros nunca deixando Margaret ou o garoto crescido ao lado dela, Alex parecia impressionantemente fria — e descontente. Com um suspiro interior, Matthew foi cumprimentar seus convidados.

Alex assistiu a Matthew vir na direção deles, pernas longas andando com tanta velocidade que Simon estava correndo para acompanhar. Ela deu ao marido um olhar pensativo; mais uma manhã acordando em uma cama vazia, e ela tinha uma boa ideia do que ele estivera fazendo. Era uma fonte constante de discussões entre eles, a insistência dele de que tinha que ajudar seus irmãos contra os protestos altos dela de que o preço seria alto demais. Maldito homem teimoso! Ela mordeu o lábio e franziu a testa.

Ter Margaret aparecendo com Ian não melhorou exatamente seu humor, nem o fato de Margaret, como sempre, estar linda. Não havia saias práticas em marrom para Margaret, oh não; a querida Margaret ostentava um vestido de um azul vibrante que destacava seus olhos, o decote era adornado por rendas de Bruxelas e, na cabeça, ela usava um chapéu estiloso da mesma tonalidade que o vestido, com cabelos negros e brilhantes caindo em cachos arranjados nas costas. Luvas compridas em couro vermelho macio completavam a roupa, embora

em um dia tão quente como este, Alex suspeitasse que elas fossem bastante desconfortáveis de usar.

— Mamãe? — Mark puxou suas saias. — Quem é esse?

Alex sorriu e afastou-lhe os cabelos da testa. Com quase seis anos, Mark era normalmente a sombra de seu pai, mas a tensão no ar o fez gravitar em direção à mãe, com seus dois irmãos a reboque.

— Esse é seu primo, Ian.

Ela estava convencida de que Mark havia esquecido os eventos que cercaram a última vez em que ele vira o primo, quase dois anos atrás, mas pelo olhar cauteloso nos olhos de Ian, ela podia ver que *ele* não tinha esquecido — assim como nenhum dos adultos presentes naquele dia. Não que ela os culpasse; dois homens crescidos, irmãos, lutando com intenções mortais até que suas respectivas esposas conseguiram se colocar entre eles.

— Ele é meu filho — dissera Matthew naquela ocasião, apontando para Ian, então com nove anos de idade. — Meu filho, e você sabe disso, Luke Graham.

Alex lançou um rápido olhar na direção de Ian; ainda uma cópia surpreendente, não apenas de Matthew, mas também de Mark — o mesmo cabelo escuro realçado por mechas castanhas, os mesmos olhos esverdeados franjados por grossos cílios escuros. A semelhança como tal não era um problema tão grande, já que Luke e Matthew eram irmãos — ou não teria sido se não fosse pelo desabafo irritado de Matthew. Por que você o trouxe de volta, Alex pensou, lançando olhares incisivos a Margaret. Por que não ficou bem longe de mim e dos meus?

— Não tenho mais para onde ir — Margaret continuou o que dizia, os olhos implorando para Matthew enquanto falava.

Atitude inteligente, Alex pensou, porque, por alguma razão inexplicável, Matthew tinha uma fraqueza do tamanho de um elefante quando se tratava de sua ex-esposa. Totalmente incompreensível, dado o comportamento da mulher — casada com um irmão enquanto o traía com o outro.

— E eu tive que fugir. As pessoas estão morrendo como moscas, e espero que você me permita o uso do chalé mais uma vez.

— O quê? — Alex deu um passo apressado para trás. — A praga? Você trouxe a praga? — Mesmo no extremo norte, eles ouviram sobre como Londres e as aldeias ao redor estavam sofrendo um surto virulento de Peste Negra.

— Não, claro que não — disse Margaret. — Não estamos em Londres há meses. Mas, com o calor do verão e o crescente número de mortes, achei mais seguro vir ainda mais para o norte. Não posso arriscar meu filho.

Os olhos de Matthew se voltaram para Ian e Alex suspirou. Ela

podia se compadecer, até certo ponto, de seus sentimentos pelo garoto que deveria ter sido dele, mas que não era mais — devido à insistente mentira de Margaret de que Luke era o pai de seu filho —, mas a afirmação de Matthew há quase dois anos, poderia colocar em risco a herança de seus filhos, e houve dias em que ela teve problemas para perdoá-lo por isso.

Os olhos de Alex voaram para Simon Melville, que piscou para ela. Ela mostrou-lhe a língua, fazendo Simon sorrir. Mil vezes ele disse a ela para não se preocupar, que não havia como Ian reivindicar Hillview, agora que ele era reconhecidamente filho de Luke. Além disso, ele dissera presunçosamente, ele próprio havia redigido os documentos e, assim, pôde garantir que não havia brechas, nenhuma.

— Você pode ficar — disse Matthew, e Alex o olhou com raiva. Ele deveria pelo menos discutir isso com ela primeiro. Às vezes, Matthew era um maldito homem à moda antiga — o que era de se esperar, já que aquele era de fato o século XVII, e a estranha era ela, nascida em 1976.

Não que aparentasse, ela refletiu, lançando um rápido olhar por seu corpo. De saias e corpete, os cabelos cobertos e um avental limpo cobrindo o tecido escuro de suas saias, ela era indistinguível da maioria das mulheres daquele contexto. E, no geral, isso era uma coisa boa, porque gritar para o mundo que era de um tempo futuro seria o equivalente a fazer um laço e colocá-lo em volta do pescoço. As bruxas eram enforcadas, e ninguém ouviria seus protestos de que ela não havia feito nada para ser transportada da Escócia moderna para aquele tempo, que tudo se devia a uma tempestade.

Seus olhos voaram para o céu e ela quase riu de si mesma. Nenhuma tempestade se formava e, além disso, tinha que ser uma experiência única na vida viver uma tempestade tão gigantesca a ponto de causar uma fenda no tempo. Espere! Uma experiência única? Na verdade, deveria ser impossível, e, no entanto, ali estava ela, um exemplo vivo de que algumas vezes coisas impossíveis aconteciam — como havia acontecido sete anos atrás, quando o tempo tinha se dividido aos seus pés.

Alex voltou sua atenção para Margaret, que estava sorrindo para Matthew. Para enorme irritação de Alex, Matthew sorriu de volta.

— Obrigada — Margaret dispensou os cavaleiros contratados que os escoltaram e partiu na direção da cabana, com o filho atrás.

— Fique longe pelas próximas semanas — disse Matthew. — Como precaução.

— Sim, como precaução. Entendo. — Margaret empalideceu, parecendo tão assustada que Alex sentiu pena.

— Mandarei Sarah até lá mais tarde, você precisará de comida e outras coisas, certo? — ela disse.

Margaret deu-lhe um olhar agradecido e ergueu a trouxa bastante insignificante que estava carregando.

— Sim, partimos às pressas.

— Eu posso imaginar.

Um instante de maternidade compartilhada pairou entre elas.

— Isso foi generoso — Simon murmurou para Matthew enquanto Alex se afastava para providenciar uma cesta para ser levada para a cabana. Matthew assentiu. Não que isso o surpreendesse, porque sua esposa poderia, ocasionalmente, explodir em chamas ou congelar, mas era principalmente uma mistura temperada e cálida entre esses extremos, sendo geralmente gentil e alegre. Ele estendeu a mão para impedir Rachel de bater na cabeça de Jacob com sua boneca de madeira.

— Não, Rachel! Você não deve brigar com seu irmãozinho. É errado.

— Ele me empurrou.

— Ele não fez isso — disse Matthew, abaixando-se para lhe dar todo o benefício de seu olhar. — Se você bater nele, não poderá ficar surpresa quando ele te bater de volta.

Rachel lançou um olhar malicioso para o irmão bebê. Com quase três anos, Rachel era alta e robusta para a idade e superava Jacob em tamanho por uma cabeça. Deixe-o tentar, a expressão dela dizia a Matthew, deixe-o tentar e eu o farei sair voando.

— Um dia ele será mais alto e mais forte que você, e não vai querer que ele te bata. — Ele sinceramente esperava que os filhos tivessem superado as brigas quando Jacob ficasse maior que Rachel, mas olhou para a filha em dúvida. Ele ajeitou a touca dela e deu-lhe um empurrão suave na direção de Mark.

— Fique de olho em sua irmã — disse ele. O rosto de Mark ficou nublado e Matthew o chamou. — E você não chegue perto do chalé. — Mark pareceu desanimado. — Você pode me ajudar a carregar a cesta até lá mais tarde, mas apenas se olhar Rachel primeiro.

Mark suspirou, mas pegou a mão de Rachel, vagando na direção do balanço que Matthew havia feito para eles.

— Certifique-se de que ela fique com você o tempo todo — Matthew avisou, recebendo um olhar desesperado em troca que fez com que sufocasse um sorriso. De onde Rachel tirava sua energia ilimitada era uma pergunta em aberto, embora Matthew insistisse que tinha sido uma criança muito obediente — pelo menos até os sete anos de idade —, portanto, isso tinha que ter vindo da mãe.

— Pelos meus pecados — Alex suspirava de vez em quando, fazendo Matthew rir alto. Pior ainda, a pequena Rachel tinha os irmãos firmemente presos entre seus dedinhos e demonstrava

criatividade arrepiante quando se tratava de novas atividades, deixando um rastro de destruição atrás de si.

— Venha aqui, você — Matthew disse a Jacob e o levantou para sentar em seu braço. — Vamos encontrar sua mãe. — Ele beijou os cabelos de seu filho mais novo antes de sair em busca de sua esposa descontente.

— Eu não tinha como fazer diferente — disse Matthew às costas de Alex.

— Claro que não — respondeu ela, um pouco friamente demais para parecer sincera. Ela colocou um pedaço de pão escuro na cesta, acrescentou ovos, queijo, um frasco de cerveja, meia torta e, depois, um pedaço de bolo de groselha. Jacob bateu nos lábios, acenando com a mão gordinha na direção do bolo.

— Depois do jantar — disse Alex. — E somente se você comer todas as suas verduras.

Matthew fez uma careta. Obrigado a agir como modelo, hoje em dia ele se via comendo grandes quantidades de vegetais crus, seus protestos murmurados sobre não ser uma vaca eram ignorados pela esposa, que insistia que isso era bom para ele.

— Eu posso levar a cesta — Matthew ofereceu quando ela terminou de prepará-la.

— Não tenho dúvidas quanto a isso, mas você não vai. Sarah vai levar.

— Eu prometi a Mark que ele poderia ir comigo — disse Matthew, recebendo um longo olhar em troca.

— Nenhum de vocês vai, e os dois vão ficar bem longe deles, pelo menos para começar. Certifique-se de que Mark também saiba disso.

Matthew franziu o cenho ao ouvir seu tom peremptório.

— Você não pode me impedir de vê-los. Eu tenho que ajudá-los a se instalar.

— Se você for lá, Matthew Graham, dormirá completamente sozinho à noite, no palheiro. A escolha é sua. — Ela levantou a pesada cesta da mesa e foi procurar Sarah.

Matthew pensou em persegui-la pelas escadas para uma conversa séria sobre seus deveres e papéis como esposa, mas decidiu guardar isso para mais tarde. Muito mais tarde, e possivelmente no palheiro...

No meio da tarde, Alex decidiu escapar do calor, acomodando-se sob o grande freixo que ficava do outro lado dos estábulos. Um rápido olhar na direção de seus filhos mais novos mostrou-lhe que eles estavam enlameados e felizes perto do cocho, e Mark devia estar com Matthew em algum lugar. Ela reclinou-se contra o tronco, pegou seu trabalho e, com um pequeno suspiro, começou a costurar.

— Você não precisa se preocupar. — Simon sentou-se na sombra



ao lado de Alex, seus olhos azuis claros fixos nela.

— Preocupar-me com o quê? — Alex levantou a camisa de menino que estava costurando contra a luz. A bainha estava irregular, mas ela decidiu que serviria. Estava cansada de costurar e consertar, às vezes ansiava por um shopping center com uma loja após a outra; GAP, H&M, M&S. Ela suspirou e pegou a próxima roupa em sua cesta. Um sonho impossível, já que era 1665.

— A respeito dela, Margaret.

— Eu sei que não — disse ela. — Mas quanto a Ian... ele o come com os olhos!

Simon concordou.

— E deve ser difícil para ele — para Ian. Eu me pergunto o que eles disseram ao menino para explicar essa bagunça lamentável dois anos atrás. Não é como se pudessem fazer um teste de paternidade nele.

Simon se endireitou, os olhos brilhando de curiosidade. Por causa de uma necessidade, ele ficara conhecendo a origem dela e agora sempre a incomodava por detalhes sobre a vida no futuro.

— Testes de paternidade?

— Eles tiram sangue do bebê, da mãe e do pai, e então podem ver se tudo coincide. — Ela sorriu e o chamou mais para perto. — Dizem que, em média, uma criança em cada quatro é um cuco — ela confidenciou, sorrindo com a expressão horrorizada dele. — Ouso dizer que é mais ou menos o mesmo agora.

— Não! — Simon balançou a cabeça. — Você não pode pensar que mulheres casadas fariam algo assim!

— Que elas fazem sexo? Ou que fazem sexo com alguém que não seja o marido? — Ela riu, sua costura esquecida no colo.

— Hmph! — Simon deitou-se e olhou para o céu através das folhas farfalhantes da árvore. — Um homem nunca sabe, nunca sabe ao certo se o filho é dele ou não.

— Não, e esse é o ponto de partida de toda essa triste bagunça com Ian, não é?

— Ele te contou? — ela perguntou um pouco depois.

— Não — disse Simon. — Mas não é preciso ser um gênio para descobrir onde ele esteve.

Alex abraçou os joelhos.

— Eu não gosto disso. Se antes era uma refeição ocasional, ou hospedagem para uma noite, agora é Matthew guiando-os através da charneca, ajudando-os a encontrar outros esconderijos.

Ela encostou a bochecha nas saias.

— Tenho certeza de que ele é cuidadoso.

— Claro que sim — Alex concordou, principalmente para se convencer. Ela sorriu para Simon e cutucou-o no estômago. — Não foi

muito gentil da sua parte deixar a pobre Joan sozinha com sua tia Judith. — Ela só conhecera Judith Melville uma vez, uma mulher briguenta, sem nenhuma semelhança com Simon. A irmã de Matthew, Joan, por outro lado, era uma das pessoas mais doces que ela conhecia.

— Joan não se importa, acho que ela até gosta da velha morcega. De qualquer forma, ela estará aqui amanhã.

Alguém chamou a senhora e Alex se levantou.

— O que foi agora?

Ela diminuiu os passos no meio do quintal.

— Quem são eles? — perguntou a Simon.

— Soldados de cavalaria — disse ele, franzindo a testa. Ele abotoou o casaco enquanto caminhava e ajeitou a gola no lugar. Quando chegaram à porta, Simon Melville era um advogado sério, toda jovialidade enxugada do rosto. Ele expandiu sua cintura considerável, acenou com a cabeça para o policial e colocou a mão na cintura de Alex.

— Senhora — disse o oficial.

— Capitão. — Alex fez uma reverência.

— Não vamos importuná-la por muito tempo — continuou o policial, apontando a cabeça na direção dos estábulos. O coração de Alex afundou ao ver seu homem marchar pelo quintal. Ele estava lutando, com os braços apertados pelos dois soldados que o ladeavam.

— Mas o que... — Alex ofegou, girando para encarar o oficial. Atrás dela, Matthew xingou, sua voz alta de raiva. Oh, Deus; alguém o vira na charneca ontem à noite e agora eles o levariam e açoitariam por isso.

— Vamos levá-lo para interrogatório — disse o policial.

— Para questioná-lo sobre o quê? — Ela se virou, os olhos voando até encontrarem os de Matthew. Ele não estava apenas bravo, estava com medo, ela podia ver isso. Calma, tentou dizer telepaticamente, franzindo a testa em concentração. Ok, então, ela duvidava seriamente de que fosse um novo Dr. Spock, mas ele parou de lutar, informando os soldados que não estava prestes a correr para lugar nenhum, e que então eles podiam soltá-lo.

— Ora, certamente a senhora já ouviu a respeito, senhora Graham. Pregadores fugitivos abundam por toda parte, e por ajudá-los... — A voz do oficial diminuiu.

Ela arregalou os olhos.

— Matthew? Quando? Como?

— Noite passada. Nós os cercamos, três deles, e do nada apareceu um homem. — Ele olhou na direção de Matthew. — Um espadachim capaz, deixando um de meus homens gravemente ferido.

O quê? Alex se forçou a não olhar para Matthew. Ferir um

soldado... eles podem enforcá-lo! Sua garganta se apertou e foi necessário um esforço considerável para se voltar para o oficial e dar um pequeno sorriso.

— Bem, posso garantir que não era ele — disse Alex. — Ele estava roncando alto na cama ao meu lado.

— Se assim for, um breve interrogatório não lhe fará mal, concorda? — O oficial deu de ombros, claramente não acreditando nela.

— Eu vou com ele — disse Simon.

O oficial levantou uma sobrancelha.

— Eu acho que não.

— Eu acho que sim. Sou advogado dele.

Isso não agradou o policial, o rosto estreito se encrespando. Mas ele concordou, murmurando algo baixinho. Simon correu para pegar seu cavalo e Alex se aproximou o suficiente para tocar a mão de Matthew, um resvalar de peles, não mais.

— Vai ficar tudo bem — disse Matthew, acomodando-se na sela. Ela ouviu em sua voz como ele estava lutando para parecer calmo. Alex queria dizer algo tranquilizador, mas suas cordas vocais de alguma forma ficaram dormentes, deixando-a muda. Em vez disso, ela ficou ao lado do cavalo, agarrada à perna dele. Matthew inclinou-se para ela, os olhos brilhando em um verde acinzentado.

— Eu te amo — disse ele em voz baixa, o que apenas aumentou sua ansiedade, porque ele raramente dizia essas coisas para ela. Alex conseguiu dar um sorriso vacilante e ficou na ponta dos pés para acariciar sua bochecha.

— E eu amo você — disse ela.

O marido assentiu e, por ordem do oficial, seguiu-o pela estrada, com Simon logo atrás. Nem uma vez ele olhou para trás, mas Alex ficou pregada no chão enquanto pudesse vê-lo.

Elles levaram Matthew para uma sala sem mobília, com Simon trotando logo atrás. O oficial comandante estava sentado na única cadeira, à sua direita estava uma tropa de soldados, homens encardidos e cansados que pareciam ter passado muito tempo sem dormir. Talvez sim, porque ocorreu a Matthew que estes deviam ser, de fato, os soldados que ele havia evitado com tanta habilidade na noite anterior. Ele se curvou um pouco, as pernas dobrando levemente na tentativa de reduzir sua altura.

O oficial sentado — um rapazinho jovem, com cabelos louros e encaracolados que desciam até os ombros e uma mandíbula impressionante — olhou para ele de cima a baixo e se contorceu na cadeira para encarar Simon, que apenas o encarou de volta.

— Endireite o corpo! — o oficial latiu, apontando para Matthew.

— Já estou reto — respondeu Matthew, feliz com as calças largas. Os homens que o prendiam fizeram com que ele se virasse para encarar a tropa de soldados.

— É ele? — perguntou o oficial. Um dos homens inclinou a cabeça para o lado, franzindo a testa.

— Pode ser — disse ele —, embora...

— “Pode ser?” — Simon lançou-se ao ataque. — Bem, pode ser qualquer um.

O soldado se mexeu.

— Existe uma semelhança.

— Uma semelhança? — Simon riu alto. — Como?

Um dos soldados mais jovens deu um passo à frente.

— Ele é alto e o homem que vimos era alto. Disso temos certeza.

— Ah. — Simon assentiu. — E ele tinha cabelo escuro?

— Não sei — disse o jovem.

— Não? Por que não?

— Ele estava vestindo uma capa.

Simon revirou os olhos, alisou seu casaco.

— Não há muito o que fazer — disse ele ao oficial, que se mexeu na cadeira.

— Alto, um espadachim competente, e sabemos que o Sr. Graham tem um passado como soldado. Quem mais poderia ser? — O oficial fez uma careta para Matthew.

— O senhor? — Simon disse.

O oficial ficou de pé.

— O quê?

— Bem, por que não? O senhor é do mesmo tamanho e está usando uma capa, bem...

— O que está insinuando? — o oficial latiu.

— Estou apenas afirmando que não é suficiente, certo? O Sr. Graham insiste que estava em casa ontem à noite, e isso é corroborado por sua esposa, que...

— A esposa dele? E o que mais ela diria?

— Bem, está certo — Simon concedeu com uma pequena reverência. — Mas ainda temos o fato de que mesmo se todos os seus homens tenham visto um homem alto encapuzado na charneca, não é o suficiente para colocar Matthew Graham lá.

O oficial se virou e olhou para seus homens, para Matthew e para os dedos dos pés.

— Este é um assunto sério. Não estamos mais falando de ceder uma refeição ocasional, certo? — O oficial chegou perto o suficiente para que seu nariz roçasse no de Matthew. — Desta vez, alguém ergueu aço para os meus homens, até feriu um deles.

Um pequeno corte, Matthew estava a ponto de dizer, mas mordeu a língua no último momento. Em vez disso, ele piscou, tentando parecer o mais intenso possível.

O oficial franziu a testa, afastando uma longa mecha de cabelo louro do rosto.

— Leve-o embora, tranque-o durante a noite. Quem sabe, pode refrescar sua memória. — Ele sorriu, um sorriso frio que fez Matthew estremecer por dentro. Eles iam machucá-lo.

Simon protestou em voz alta. O oficial se manteve firme, repetindo que precisava se certificar de uma vez por todas de que o Sr. Graham não era uma ameaça à lei e à ordem. Um empurrão, mais outro empurrão, e Matthew foi arrastado para fora da sala.

Senhor misericordioso! Ele engasgou quando mais um balde de água gelada foi derramado sobre seu corpo. Mãos o puxaram para ficar de pé, ele tentou ver através do inchaço do olho. Um punho cravou-se em seu estômago, outro em seus rins. Pequenos ataques de dor por toda a parte superior do corpo, um punho no rosto, e Matthew não conseguia se defender, nada podia fazer para desviar dos golpes, com os dois homens segurando-o de pé.

— Admita, homem — disse o tenente encarregado, inclinando-se para fitar o olho bom de Matthew. — Admita que foi você e isso vai parar.

Matthew apenas balançou a cabeça. A pancada que recebeu em

resposta fez seu cérebro vibrar, um som agudo que dificultou ouvir o que o homem estava dizendo, embora ele assumisse que era mais um "admita" repetido.

Depois de horas desse interrogatório físico, Matthew estava cambaleando. Ele fingiu desmaiar várias vezes, ganhando alguns minutos de precioso alívio enquanto os soldados começavam a reanimá-lo. Deixou a cabeça cair para trás e gemeu. O tenente bufou de desgosto.

— Apesar de todo esse tamanho, ele é um fracote — disse o oficial pequenino.

Matthew quase sorriu; ele poderia vencer o tenente com uma mão, se fosse necessário.

— Não — decidiu o tenente, batendo palmas nas coxas. — Terminamos com ele. — Uma bota cutucou Matthew. Ele caiu, um molusco inconsciente no chão.

Exceto que não estava realmente apagado, e no momento em que a porta se fechou atrás de seus algozes, ele se moveu para se sentar com as costas contra a parede mais distante. Nenhum osso quebrado, nenhum dano sério, apenas um corpo machucado e dolorido, um lábio partido, um olho inchado e uma sobrelancelha estourada. Muito de propósito, concluiu ele. Eram apenas os soldados dando-lhe um aviso, um lembrete gentil do que estava reservado para os homens que desafiavam a lei. Ele deu uma risada seca; na verdade, um aviso não tão gentil assim.

Simon devia ter acordado ao nascer do sol. Mesmo em seu estado trêmulo e semiadormecido, Matthew reconheceu a voz de seu amigo, uma reclamação alta e constante enquanto ele seguia quem o estava guiando pelo pátio da guarnição. A porta se abriu, um facho de luz fez Matthew apertar os olhos e Simon se virou para o tenente, quase cuspiendo de raiva.

— Simon — Matthew resmungou, estremecendo quando seu lábio se abriu. — Não é grande coisa. Apenas me tire daqui. — Do jeito que o tenente estava olhando para Simon, devia estar considerando prendê-lo também, em vez de libertar Matthew.

— Não é grande coisa? Você tem alguma noção... — Simon correu para segurá-lo. — Meu Senhor, o que Alex vai dizer?

Matthew deu de ombros.

— Talvez eu deva me limpar um pouco.

— Sim, isso seria inteligente — Simon disse. — Vou pedir ao estalajadeiro que aqueça um pouco de água para você. Algumas horas de sono, eu acho, antes de voltarmos para casa. — Matthew sufocou um suspiro quando o braço de Simon rodeou sua cintura, mas ele andou o mais reto que pôde pelo pátio.

Apenas meia hora depois, já se sentia muito melhor; comida quente em sua barriga, seu corpo machucado lavado e inspecionado pela esposa do estalajadeiro, uma moça bonita com um toque suave e um suprimento infinito de pomadas de ervas. Estava com pressa para voltar para casa, sabendo que Alex ficaria preocupada com sua longa ausência, mas ao olhar obstinado no rosto de Simon, ele se arrastou para a cama. Um pequeno cochilo, nada mais. Ele bocejou, fechou os olhos e apagou.

Alex estava muito perturbada para dar as boas-vindas a Joan quando ela chegou, por volta do meio-dia. Na verdade, estava tão imersa em suas preocupações por Matthew, que foi só quando Joan tirou a capa que Alex percebeu que sua cunhada estava grávida.

— Por que você não me contou?

— Eu queria que você visse por si mesma — disse Joan. — Mas ousou dizer que hoje não é o melhor dia para dar essa notícia, certo?

Alex balançou a cabeça, seu olhar preso na estrada.

— Na verdade, não. — Ela fez um grande esforço e se virou para Joan. — Mas estou muito feliz por você.

Joan sorriu para ela. Com quase um metro e oitenta, ela era incomumente alta e, em geral, tão magra que parecia frágil. Agora, havia uma protuberância considerável em seu ventre, e seus seios pequenos haviam aumentado timidamente.

Alex franziu a testa.

— Você não parece muito bem. — Isso foi um eufemismo. Joan estava pálida a ponto de parecer acinzentada, com seus lindos olhos cinzas afundados em profundos buracos roxos.

— Estou cansada, só isso. Você não deve se importar comigo, nem todas florescem como você na gravidez.

— Você tem se alimentado?

Joan desviou o olhar.

— Estou enjoada o tempo todo.

— Não é à toa que você está da mesma cor que os lençóis. Vou preparar algo com bastante mel e ovos. — Com isso, Alex impeliu Joan na direção da casa.

— Nenhuma notícia? — Joan provou o *posset* que Alex colocou diante dela.

— Não. Mas não haveria, certo? Era tarde quando eles partiram.

— Talvez. — Joan limpou a boca. — Era ele? Nas charnecas?

Alex lançou um olhar cauteloso pela cozinha. Nem Sarah nem Janey estavam à vista. Ela assentiu, irritada com o olhar de admiração no rosto de Joan.

— É perigoso! E se eles... — Ela se interrompeu quando Mark entrou correndo pela porta.

— Eles voltaram! Papai está de volta!

— Bem, graças a Deus por isso. — Alex se levantou de um salto.

Joan agarrou sua mão, encontrou seus olhos.

— Ele faz o que tem que fazer, Alex. Lembre-se disso, sim?

— É um risco, um risco desnecessário.

— Para você, talvez. Para Matthew, é uma questão de consciência e fé.

Alex parou ao ver Matthew. Ele deu a ela um sorriso triste, os dedos voando para o rosto inchado. Querido Deus! Ela se aproximou, ansiosa com a necessidade de arrastá-lo para um canto isolado para uma inspeção detalhada.

— Eles não conseguiram identificá-lo — disse Simon. — Tudo o que puderam dizer foi que o homem era alto e estava envolto em uma longa capa.

— Ah. Então foi só isso? — Obviamente não, a julgar pelo rosto de Matthew.

— Não. — Matthew parecia sério. — Eles me trancaram durante a noite e... — Ele estremeceu quando moveu os braços.

— Poderia ter sido pior. — Simon desceu do cavalo. — Muito, muito pior.

— Ah, bem; isso é um conforto — disse Alex. Mas Simon estava certo. Matthew podia até parecer que fora pisoteado pelas vacas, mas não sofrera nenhum dano sério, o que ficou muito claro pelo fato de que a primeira coisa que fez depois de descer do cavalo foi examinar os céus.

— Amanhã. Começaremos a colheita amanhã.

As mãos dela voaram pelos braços e costas dele. Havia hematomas por toda parte; espreitando pela gola de sua camisa, por todo o rosto, no que ela podia ver de seus braços, e quando ela tocou a parte inferior de suas costas, ele puxou o ar com força, afastando-se do toque.

— Tem certeza? Você não deveria pegar leve por alguns...

— Amanhã; e estou perfeitamente saudável.

— Bem, desculpe por perguntar.

— Estou bem, moça; de verdade. — Ele sorriu, um sorriso um tanto tenso, e levou a mão ao rosto dela. — Não me atrevo a esperar mais, porque se chover agora... — Ele balançou a cabeça.

Alex assentiu, erguendo os olhos para o céu de verão sem nuvens. Durante todo o verão, o sol brilhou sobre eles, e a cevada parecia faminta por chuva, assim como o centeio e a aveia. Mas estava maduro, ainda que frágil, na altura de um homem, espalhando-se pelos campos alongados.



— Então amanhã. — Sem mais comentários sobre os acontecimentos em Cumnock, Matthew partiu em direção ao celeiro. Alex suspirou. Às vezes, essa coisa de macho silencioso era terrivelmente enervante.

Cerca de quinze dias depois, Alex estava tão cansada que pensou em se esconder no palheiro durante o dia. Em vez disso, ela se levantou de madrugada para alimentar os homens e, em seguida, estendeu-se diante dela mais um período de trabalho sem fim.

— Você precisa trabalhar no campo hoje — disse Matthew durante o café da manhã —, você e todas as moças. — Ele jogou a cabeça na direção dos céus. — Vai chover. Eu posso sentir o cheiro.

E Alex também, um cheiro forte de salmoura. Isso fez sua boca ficar seca, e ela estudou repetidamente o horizonte escurecido durante o dia, levantando o rosto dos feixes antes de voltar ao trabalho.

O suor se formava como gotas de orvalho ao longo de sua linha do cabelo, escorrendo por seu rosto e nos olhos. Escorria por suas costas e umedecia a parte interna de suas coxas, fazendo com que cada peça de roupa que ela vestia grudasse em sua pele.

As nuvens se tornaram mais pesadas, e Matthew gritou para eles se apressarem, tinham que colocar o máximo possível dos feixes quase secos para dentro. As costas de Alex gritaram em protesto, seus braços tremeram, mas ainda assim ela se levantou, jogando feixes nos carrinhos. Homens pegaram feixes e correram para o celeiro e Alex tentou fazer o mesmo, mas a coisa estúpida continuava escorregando por seus braços, os caules secos arranhando seu rosto.

Acima, o céu começou a rosar, um estrondo distante que fez Alex querer correr e se esconder. Mas ela não fez isso, claro que não. Enxugou a testa e voltou a lutar com a polia recalcitrante.

— Aqui. — Matthew apareceu ao seu lado. Juntos, eles arrastaram a roldana até a carroça mais próxima, e Matthew deu um tapa na garupa do cavalo, gritando para Gavin dirigir-se o mais rápido possível para o celeiro.

Acima, os céus explodiram em fogos de artifício de relâmpagos. Alex agarrou o braço de Matthew, afundando os dedos em sua carne.

— Não vai acontecer de novo — disse ele com um pequeno sorriso. — Uma vez já foi bastante improvável.

— Você acha? — ela gaguejou, seu olhar disparando dele para o céu ameaçador e vice-versa.

— Sim, eu acho; você não será levada deste tempo para outro, eu não vou permitir.

— Bom saber — ela disse, encostando-se em seu corpo sólido. — Mas quase aconteceu — acrescentou, pensando em um incidente há alguns anos.

— E eu impedi, não foi? — Ele sorriu para ela. — Não vou deixar você ir, Alex. Nunca.

Os céus se abriram, a chuva caiu como uma lâmina de água, achatando a cevada não colhida. Matthew segurou a mão dela e correu para a casa.

Depois de uma noite inteira de chuva, o dia seguinte amanheceu sombrio e cinzento. Matthew devorou o café da manhã e correu para fora para inspecionar seus campos em ruínas, embora Alex não tivesse ideia com que propósito. Simon foi com ele e, assim que Alex colocou Sarah e Janey para trabalhar na cozinha, ela seguiu Joan até a sala. Raramente se sentava ali durante o dia, preferindo o calor da cozinha, mas dado o sossego pacífico do cômodo, talvez ela devesse usá-lo com mais frequência. Pisos de madeira escura contrastavam bem com as paredes mais claras, as poucas peças de mobiliário eram decoradas com almofadas bordadas e em uma das mesas estava o precioso jogo de xadrez de Matthew, cada peça uma pequena obra de arte que levou meses para ser terminada.

— Nunca fica desse jeito quando eu faço — disse Alex, remexendo em sua cesta à procura de seu trabalho em andamento.

— Sim, bem, anos e anos de prática — Joan deu de ombros, nem mesmo olhando para o cobertor de tricô que florescia de suas mãos. Ela parou e inclinou a cabeça na direção da meia semiacabada de Alex. — Alex! Você não pode fazer algo assim! — Ela arrancou a meia das mãos de Alex e começou a desmanchar a maior parte dela.

— Isso me levou séculos! E quem se importa, afinal? Não é como se alguém alguma vez visse minhas meias, não é?

Ela começou a enrolar a lã escura, lançando olhares assassinos na direção de Joan.

— Então você nunca usa meias? No seu tempo?

— Claro que usamos. Mas nós simplesmente entramos em uma loja e as compramos. Três pelo preço de duas ou algo assim. — Alex suspirou e estudou o resto de sua meia massacrada. Joan estava certa; ela não conseguiria andar por aí com algo tão mal tricotado como aquilo.

— Você já desejou poder voltar? — As agulhas de Joan clicaram em uma velocidade incrível.

— Não. Nunca. — Alex sublinhou sua declaração com um tom afrontado.

— Mas... — O que quer que Joan planejasse dizer, foi interrompido por uma série de gritos altos e agudos.

— Rachel — Alex e Joan disseram simultaneamente, ambas correndo para o quintal.

O pandemônio reinava. Simon estava perseguindo o bode com

Mark gritando em seus calcanhares. O velho Samuel estava impedindo as outras cabras de escaparem de seu cercado, Gavin estava enxotando as galinhas que pareciam estar em toda parte e Matthew estava segurando uma Rachel berrante e enlameada em seus braços.

— Fique quieta — Alex disse a Rachel. — É sua culpa, não é? — Ela torceu o nariz em desgosto com o cheiro que emanava de sua filha. — Eu disse a você, Rachel Graham. Quantas vezes eu já disse que ele iria te dar uma cabeçada se você não o deixasse em paz?

Rachel fungou. Ela ficava fascinada com o bode, parada por horas ao lado de seu cercado, às vezes para alimentá-lo com maçãs, mas com muito mais frequência para jogar coisas nele e fazê-lo balir. Hoje ela aparentemente decidiu abrir o portão para ele a fim de conhecê-lo apropriadamente, o que terminou com o bode atirando-a primeiro na pilha adjacente de estrume — dando uma lição à pequena senhorita.

— Eca, você está fedendo mesmo! — Alex conduziu Rachel em direção ao riacho que cortava sua propriedade em seu caminho para se juntar ao Rio Lugar Water. — E você. — Ela apontou para Matthew. — Está fedendo também. Então é melhor vir junto.

— Não, eu não, eu só a peguei.

— E segurou-a em seus braços, e há algo grudado em seu cabelo.

— É melhor você fazer o que ela diz — Simon disse, irônico. — Ela parece muito determinada. — Ele seguiu atrás deles, cantarolando algo baixinho.

— E quanto a você, Simon Melville, não vai entrar antes de se lavar também — disse Alex por cima do ombro, já ocupada na beira da água com Rachel se contorcendo.

— Eu? — Simon arregalou os olhos. — Por que eu?

— Você pegou o bode e, deixe-me dizer, dá para perceber.

Simon olhou para sua camisa respingada de lama e sorriu.

— Você apenas deseja me ver em toda a minha glória, Sra. Graham. Deve estar com vontade de dar uma olhada em um homem de verdade.

— Eu vou te dar um homem de verdade — Matthew rosnou, esticando-se além de seu um metro e oitenta. — Venha aqui, seu idiota e deixe-me mostrar a você.

Simon riu e atacou, fazendo os dois homens totalmente vestidos caírem na água.

— Idiotas — disse Alex, antes de voltar a esfregar a filha.

Mais ou menos uma hora depois, todas as crianças Graham estavam limpas e brincando na beira da água. Alex os olhou com orgulho; Mark e Rachel eram pequenos clones de seu pai, com a mesma pele um tanto morena, o mesmo cabelo escuro e os mesmos olhos, mudando de verde lamacento para esmeralda brilhante dependendo

de seu humor. Jacob, no entanto, era o retrato de seu avô materno, uma espessa mecha de cabelo loiro cobrindo um rosto oval com um tom de pele igual ao dela — pálido e rosado no inverno, ouro fulvo no verão. Mas seus olhos eram da mesma cor avelã mágica dos irmãos.

— Eles são tão lindos — disse Alex, colocando a mão na de Matthew.

— Muito.

— É aqui que você deve dizer que todos eles puxaram à mãe — Simon riu atrás deles.

— Mas então ele estaria mentindo — disse Alex, apertando a mão de Matthew uma vez antes de soltá-la. — Todos eles se parecem com o pai lindo.

— Apaixonada — Simon suspirou quando Alex se afastou. — Eu não sei como você faz isso, mas você virou a cabeça daquela pobre mulher.

— Eu ouvi você — Alex falou por cima do ombro. — Jantar logo, seu favorito, Simon; sopa de espinafre.

— Ugh — Simon murmurou.

O jantar foi um evento barulhento e apertado, toda a família comprimida em volta da mesa da cozinha. Como sempre, Matthew sentou-se à cabeceira da mesa, mesmo que tenha oferecido a Simon a única cadeira com uma referência bastante rude ao tamanho do cunhado. Não que Simon parecesse incomodado, calmamente deslizando para se sentar em um dos bancos.

— Diâmetro não tem nada a ver com graça — disse ele, piscando para Alex. — Ouso dizer que ainda posso ser melhor que você na pista de dança, Matthew Graham.

Muito provavelmente, Alex sorriu, porque apesar de toda a sua semelhança com uma maçã com pernas, Simon era de longe o dançarino mais gracioso e tenaz que ela já tinha visto.

Alex gostava de sua cozinha — especialmente em ocasiões como aquela, quando estava cheia de gente conversando e rindo. Nos últimos anos, ela implementara algumas mudanças, começando pela forma como mantinha as coisas limpas. As paredes antes escuras e fuliginosas agora eram esfregadas regularmente, o chão era varrido diariamente e, uma vez por semana, ela colocava Sarah e Janey de joelhos com uma escova de cerdas. A pequena janela permitia um pouco de luz do dia, mesmo no inverno, mas agora, em pleno verão, a porta da cozinha estava sempre aberta e em uma noite tão clara como aquela, não havia necessidade de usar as velas de sebo que estavam sobre a mesa, a luz do dia entrando pela porta aberta.

Apesar de todos parecerem bastante deprimidos ao ver a sopa verde-escura, em pouco tempo as tigelas foram esvaziadas, e sua família se alegrou ao ver a torta que ela mandou Janey buscar na

despensa.

— Xadrez? — Matthew se levantou, limpou algumas migalhas de torta de sua camisa e virou a cabeça na direção da sala.

— Certamente — Simon disse —, e desta vez...

— Quando os porcos voarem — Matthew bufou —, mas é bom que você tente. — Ele beijou Alex ao sair, murmurando que não achava que a sopa de espinafre tivesse caído bem — para ninguém.

— Que pena, tenho o suficiente para o jantar de amanhã. — Alex riu de sua careta, enxotando-o antes de ir inspecionar as sobras e colocar a aveia de molho para o café da manhã do dia seguinte.

— Está piorando, não é? — Simon estava dizendo quando Alex entrou na sala. O tabuleiro de xadrez tinha sido empurrado para o lado, com os dois homens sentados olhando para o fogo.

— Sim, está. — Matthew suspirou e estendeu suas longas pernas em frente de si. — Eles estão formando um exército, diz Sandy — ele soube pelo jovem Carstairs — um exército que tem como único propósito erradicar cada Covenanter aqui no sudoeste.

— Boa sorte para eles — disse Alex. — Isso significaria mais ou menos todos os moradores daqui. Aquela era a terra presbiteriana, dali até Ayr e até Lanark.

— Veremos; pode ser que eles estejam se superestimando — disse Matthew, com uma ponta de aço em sua voz.

Alex franziu a testa. Sobre a cabeça de seu marido, ela encontrou o olhar preocupado de Simon e fez um gesto impotente. Matthew Graham era um homem muito teimoso e havia alguns princípios que ele não estava disposto a transigir, entre eles, e principalmente, o direito de manter sua fé.

Dois dias depois, Simon beijou Joan, prometeu estar de volta em três ou quatro semanas para ver como ela estava e subiu em seu plácido cavalo castrado.

— Vocês vão cuidar dela? — ele perguntou a Alex.

— Claro que vamos, ela está muito melhor aqui do que em Edimburgo, não é? — Ela fez uma careta: Edimburgo não era um lugar pelo qual ela tivesse qualquer predileção especial, pelo menos não em seu estado atual. Escuro e úmido, superlotado e envolto na névoa de fumaça de turfa, não era a mais acolhedora das cidades.

— Sim, pelo menos aqui fede menos — Joan interrompeu atrás dela. Ela caminhou até o cavalo e deu um tapinha na perna de Simon. — Vá. Eu vou ficar bem, e ele também. — Ela colocou a mão na barriga.

— Ele? — Alex perguntou.

— Sim, um rapaz. — Simon sorriu. — O primeiro de muitos.

— Tantos quanto o bom Deus nos der. — Joan sorriu de volta. Alex

balançou a cabeça exasperada e saiu para encontrar seu homem.

Alex acordou abruptamente e, por alguns minutos, piscou para o ambiente, tentando se lembrar de onde estava. O sonho tinha sido vívido e levou algum tempo para se adaptar ao fato de que ela estava em casa, em sua cama, em vez de atracada em um pequeno navio no meio do Atlântico.

Espreguiçou-se lentamente. Mais de dois anos que eles estavam de volta em casa depois de suas viagens ao exterior, uma longa série de dias pontuada pelo nascimento de Jacob, pelo dia em que o novo touro fez uma corrida corajosa para a liberdade apenas para afundar no solo pantanoso do prado mais longínquo e pela tarde não muito distante em que Rachel decidiu que poderia voar, saltando do palheiro para aterrissar atordoada e com o braço quebrado.

Às vezes, Alex ansiava pelos anos que passara procurando por seu marido sequestrado, um período de sua vida que na época parecia um pesadelo, mas que, em retrospecto, adquiriu um clima de aventura e férias. Ela sabia que Matthew não concordaria. Ele guardou as memórias daqueles longos meses de escravidão na plantação Suffolk Rose, na Virgínia, trancadas com segurança, mas mesmo agora, mais de três anos desde que Alex o encontrara e o comprara de volta, ainda havia noites em que ele acordava os dois com seus pesadelos, furioso de ódio contra o homem que tinha feito aquilo com ele — seu próprio irmão.

Ela ouviu a voz exigente de sua filha flutuando abaixo. Alex podia imaginar exatamente o que ela estava falando — muito no prato de Mark, muito pouco no dela. Aquela garota poderia comer um cavalo no café da manhã e ainda reclamar de estar com fome antes do jantar. Não é à toa que ela fazia todos de gato e sapato.

Quando Alex se virou para olhar para o marido, ela o encontrou já acordado, o olhar pousado em seu corpo seminu de uma forma que não deixava dúvidas de como aquela manhã de domingo começaria. Exceto que ela não estava realmente de bom humor, estava irascível naquela manhã — de certa forma, muito sensível — então ela grunhiu e rolou para longe dele, apenas para ser puxada de volta contra seu peito quente.

— Você sabe que não gosto quando você faz isso. — Matthew mordeu o lóbulo da orelha dela e passou a língua pelo pescoço

exposto.

— Eu simplesmente não estou com vontade — disse ela, sabendo que isso só o deixaria mais insistente. Aquele era um de seus joguinhos mais complicados; a esposa sendo ensinada que o marido não seria negado e que ela deveria se submeter a ele. Era um jogo que ambos jogavam com entusiasmo, e quando Matthew usou os joelhos para abrir as coxas dela, ela o puxou, dizendo para se apressar, por favor, se apresse.

— Você é um homem muito teimoso às vezes — disse ela alguns minutos depois, mexendo no cabelo dele.

— E você deve ser repetidamente lembrada de seus deveres de esposa — ele zombou com um suspiro, beijando-a na bochecha.

— Você acha que será hoje? — Alex perguntou, saindo da cama tão nua quanto no dia em que nasceu. — Ela está enorme. — Ela percebeu o sorriso dele e teve que sorrir também. Comparada a ela em estágios avançados de gravidez, Joan parecia uma criança desamparada. Revirou os olhos para Matthew, fazendo-o rir enquanto ele se acomodava para observá-la se lavar e se vestir.

Certa vez, ele confidenciou a ela o quanto gostava dessas longas manhãs de domingo, parecendo carinhosamente envergonhado quando disse que colecionava essas imagens dela em sua desordem matinal, coberta pelo cabelo rebelde e nada mais. Então ela demorava, lavando-se devagar, escovando o cabelo com longas pinceladas — bem, em geral dando a ele ampla oportunidade de se embasbacar e a elogiar. Exceto que hoje ele não fez isso, seus olhos no teto em vez de nela, uma pequena ruga preocupada entre as sobrancelhas. Ele se mexeu de um lado para o outro, mordeu o lábio e olhou para ela.

— O que foi? — Ela encontrou seus olhos.

— Falei com Margaret.

Alex vestiu sua camisola.

— Mesmo? E o que ela disse? — Ela colocou a touca de linho no topo da cabeça, garantindo que a maior parte de seu cabelo ficasse fora de vista.

— Ela tem que voltar logo para Luke.

Ela relaxou, concentrando-se nos potes de pedra nos quais guardava alguns de seus óleos.

— Oh, bom — Alex murmurou. — Já era hora de aqueles amantes malvados se reunirem. — Mergulhou o dedo em seu creme caseiro com aroma de rosas e esfregou nas mãos e nos braços.

— Ele escreveu para ela em várias ocasiões — continuou ele, admitindo indiretamente que estivera conversando com Margaret sobre outras coisas além de goteiras e correntes de ar. Ela lhe lançou um olhar sombrio.

— Eu a encontrei ocasionalmente na floresta.



Alex assentiu, mas não acreditou nele.

Ela voltou sua atenção para as mãos, fazendo uma manicure primitiva enquanto mantinha o rosto escondido dele. Meias e ligas, anáguas e saias, e ela atravessou o quarto para recuperar o corpete.

— Quando eles partirão? — Alex perguntou, tentando amarrar o corpete verde escuro. Sentiu os seios apertados, e uma visão repentina voou por sua mente. Outro! E Jacob ainda não tem dois...

— Ela vai amanhã.

Alex demorou a reagir, ocupada enquanto contava mentalmente os dias, mas, assim que o fez, ergueu o rosto para ele.

— Ela?

— Sim, eu prometi ficar com Ian aqui, por enquanto.

Sem dizer uma palavra, ela pegou o xale e saiu do quarto.

A noite tinha sido fria e úmida. Tudo cintilava ao sol fraco de setembro, véus de neblina pendurados na grama alta que margeava o pequeno rio. Alex correu em direção à floresta e à longa inclinação que levava ao seu lugar favorito para pensar, o topo da colina nua de onde ela podia ver todo o seu mundo ordeiro. Esbarrou em amoreiras carregadas de frutas silvestres e se abaixou sob os galhos de um olmo, respirando profundamente ao pisar no silêncio entre as árvores.

Atrás dela, a família entraria para se sentar na cozinha para ouvir Matthew ler para eles mais uma passagem da Bíblia, sua voz escura e rica explicando as lições a serem aprendidas. Ele ficaria chateado por ela não estar lá, mas francamente ela não se importava. Ele deveria ter lhe perguntado, sabia que ela achava difícil ter Ian por perto, mesmo que fosse na pequena cabana. E agora ele iria morar na casa deles, com os filhos dela.

Ela começou a correr, parando apenas quando sentiu o gosto de sangue na boca, o que era cedo demais. Ela estava terrivelmente fora de forma — pelo menos em comparação com o que já tinha sido. Os treinos diários de caratê em sua vida anterior haviam se tornado um exercício ocasional de kata, depois de fugir para fazer isso sozinha na floresta. E agora outra criança... Mais caminhadas, ela decidiu, longas caminhadas.

Alex colheu folhas enquanto subia a encosta, enchendo seu avental com as folhas amarelas da sorveira, as de tom verde suave dos carvalhos e o vermelho vivo ocasional de uma trepadeira. Ela tinha sentimentos confusos em relação a uma nova gravidez, mas lembrava a si mesma que você colhe o que semeia, e eles sempre estiveram muito interessados na parte da sementeira, ela e Matthew. Bem, ela não tinha intenção de lhe contar suas novidades, ele não merecia saber, pelo menos não hoje. Ela continuou com seus resmungos sombrios e mentais, e o toque de uma mão em seu braço a

surpreendeu tanto que ela deu um pulo, soltando seu avental e deixando as folhas caírem no chão.

— Fantástico — ela disse assim que reconheceu Margaret. — A única pessoa que eu realmente quero ver.

— Você quer? — Margaret pareceu surpresa.

Alex suspirou; o sarcasmo não era tão difundido naqueles dias como na vida de onde ela tinha vindo.

— Não, mas não parece que tenho escolha, não é?

Ela não tinha se encontrado com Margaret adequadamente nos dois meses em que a outra estivera ali, ocupada demais com os dias agitados da colheita para encontrar tempo para fazer suas caminhadas errantes para cima e para baixo nas encostas. Com toda a franqueza, não queria vê-la, odiando o fato de que a simples presença de Margaret a fazia se sentir diminuída, uma cópia ruim de um original glorioso. Superficialmente, elas eram muito parecidas, com características e cores semelhantes. Exceto que onde o cabelo de Alex era normal, embora castanho encaracolado, o cabelo de Margaret brilhava como cetim preto, e onde Alex tinha um espessamento revelador na ponte do nariz, o de Margaret era elegante e estreito. Tudo nela era perfeito, desde aqueles grandes olhos azuis até aquele queixo pequeno e pontudo.

Margaret retribuiu sua inspeção, o olhar viajando pelo corpo de Alex e subindo novamente. A luz da manhã a atingiu no rosto e Alex sentiu um lampejo de satisfação ao ver que sua pele estava seca e escamosa, com uma teia perceptível de rugas superficiais ao redor dos olhos e da boca. Os sulcos de cada lado da boca com o tempo dariam a Margaret a expressão deprimida de um peixe descontente.

— Estou feliz por ter a oportunidade de falar com você — disse Margaret, saindo do raio de sol.

— Temo que o sentimento não seja mútuo — Alex se abaixou para pegar algumas das folhas derramadas.

— Não, eu sei disso. — Margaret usava um xale bordado sobre as saias verde-escuras e, por baixo da bainha, dava para vislumbrar o que deviam ser botas de couro marroquino vermelho. Alex olhou para elas com inveja, seus sapatos não eram nem de longe tão elegantes.

— Não gosto de deixar Ian aqui, mas não tenho escolha. Você entende, não é? — Ela olhou para Alex com olhos suplicantes, e Alex deu um breve aceno de cabeça. Margaret não tinha outra família, Luke definitivamente também não tinha, e então, por consequência, eles eram os únicos parentes de Ian — eles e Joan.

— O que Luke vai pensar? — Alex perguntou, sentindo uma onda de alegria pouco caridosa com o desconforto no rosto de Margaret.

— Ele não vai gostar, mas não posso arriscar levá-lo de volta, ainda não.

— Você poderia ficar um pouco mais e depois ir embora. Da última vez que soubemos algo, o número de mortes estava diminuindo rapidamente.

— Você não entende, eu preciso ir. Luke está doente.

Alex se endireitou, ainda mais irritada com Matthew por não lhe dar o quadro completo.

— Com a praga?

— Não, claro que não! Se fosse, ele já estaria morto.

Que pena; o mundo seria um lugar muito mais justo sem Luke Graham nele.

O lábio de Margaret se ergueu.

— Você não precisa se preocupar. Ele não vai morrer, espero, mas obrigada por sua preocupação.

— Nesse caso, por que não levar Ian com você? Se não houver risco...

— Eu não disse isso, disse? Luke está com varíola. — Margaret apertou os braços ao redor de si mesma e fechou os olhos brevemente.

— Parece que o pior já passou, o médico não teme mais por sua vida, mas ele está fraco e possivelmente contagioso. Não posso deixá-lo sozinho, posso?

Alex considerou isso em silêncio. Luke estava em Oxford, agora que o rei havia se retirado de Londres para evitar a peste, e Alex suspeitou que muito pouco cuidado seria desperdiçado em um homem doente que poderia infectar a corte com algo tão desfigurante e potencialmente letal quanto a varíola. Ela quase sentiu pena dele, "quase" sendo a palavra-chave.

— O que você disse ao Ian?

Margaret pareceu confusa.

— Que o pai está doente e ele deve permanecer aqui até que mandemos buscá-lo.

— Não sobre isso. Sobre Matthew.

— Oh. — Margaret estudou atentamente a franja vermelha brilhante de seu xale por alguns minutos. — Ele é nosso. Ian é meu e de Luke, não de Matthew. — Ela olhou para Alex e sua boca se curvou em um sorriso infinitesimal. — Você gosta assim, não é?

Alex certamente gostava. Matthew tinha outros filhos, os filhos dela, para cuidar.

— Mas ele deve ter perguntado ... depois do que Matthew disse.

— Sim, perguntou; ficou perguntando por meses, e Luke se sentava com ele e dizia que ele era seu filho, afinal, não o tinha criado? Matthew o expulsou, desertou-o, então como Ian poderia pensar que Matthew era seu pai?

Assim que o menino começasse a fazer a barba, bastaria apenas se ver no espelho para pensar nisso, refletiu Alex.

— Oh, então vocês pintaram Matthew como o ogro insensível. Será que incluíram algum contexto também?

Margaret obviamente não entendeu a palavra “contexto”, mas entendeu o significado geral da frase e seu rosto ficou vermelho brilhante.

— Não, não incluímos, e por enquanto é melhor que ele não saiba. Não vai ajudá-lo, vai?

Alex concordou totalmente. Que menino de onze anos precisava saber que sua mãe tinha sido uma vadia, casada com um irmão enquanto trepava com o outro?

— Matthew e eu concordamos nisso.

— Oh, vocês concordaram? — Alex disse, amaldiçoando Matthew. — E isso é algo que vocês têm discutido muito?

— Muito frequentemente nos últimos tempos. Só Matthew e eu. — A declaração saiu em um ronronar, a boca de Margaret se estabelecendo em um sorriso malicioso. Isso fez Alex ferver; caramba, cara!

Quando Alex se virou para sair, Margaret se agachou e pegou uma folha de sorveira, estendendo-a para Alex.

— Aqui, você gosta de folhas pequenas. — Ela se levantou de novo, as sobranceiras franzidas em uma carranca. — Matthew está brincando com fogo. Ajudar os ministros destituídos, mais cedo ou mais tarde, o levará a ser enforcado ou deportado.

Alex não sabia o que dizer.

Margaret colocou a mão em sua manga.

— Luke sabe, ele tem ouvidos e olhos em todos os lugares e, se puder, vai usá-los para derrubar Matthew. — Ela suspirou e desviou o olhar. — Ele não vai perdoar nem esquecer.

— Nem Matthew. — Alex tentou parecer calma, mas ela podia sentir seu lábio inferior começar a tremer e teve que mordê-lo com força.

— Não, mas é Luke quem fala aos ouvidos do rei, e Matthew será um tolo caso se esqueça disso. Há pouco que eu possa fazer. Quando se trata do irmão, é difícil de argumentar com Luke. Portanto, você deve fazer Matthew ter juízo, se puder. Teimosos todos eles, os homens Graham. — No meio do caminho para a cabana, Margaret se virou mais uma vez. — Você vai cuidar do meu filho?

Alex assentiu, sacudiu o avental das folhas que não queria mais e foi para casa.

Matthew ficou irritado com o comportamento de Alex; correndo para a floresta como uma garota irresponsável e não voltando a tempo para a leitura da Bíblia. Ele viu sua própria irritação espelhada exponencialmente no rosto dela quando saiu para bloquear seu

caminho quando ela reapareceu entre as árvores.

— Onde você esteve?

— Caminhando. — Ela tentou contorná-lo, mas foi capturada por seu braço.

— Estou falando com você.

— Eu não estou falando com você — ela respondeu, se soltando. — Mas, ei, eu tenho uma sugestão, suba e tenha uma conversinha aconchegante com Margaret. Você sabe, vocês podem sentar lá juntos e lembrar como a vida era maravilhosa quando vocês eram recém-casados. Especialmente para ela, afinal ela tinha variações em sua cama. Um dia você, no outro Luke.

Ele quase deu um tapa nela. Sua mão já estava voando em sua direção quando ele se controlou. Em vez disso, a empurrou na direção da casa e foi para o estábulo.

Deveria ter contado a ela, ele sabia disso, mas Alex era hipersensível em relação a Margaret e, portanto, ele optou por não o fazer. Várias vezes nas últimas semanas, ele havia caminhado com Margaret, conversando por horas com ela, horas em que eles haviam encontrado o caminho de volta a algum elemento de respeito e simpatia básica. Até puderam falar sobre Luke e seu ódio obsessivo por Matthew, com Margaret admitindo que nesse caso, se em nada mais, Luke agia de modo um tanto distorcido.

Uma tarde, ele reuniu coragem para fazer a única pergunta que tanto o assombrara.

— Você... alguma vez me amou?

Margaret encontrou seus olhos e balançou a cabeça.

— Não como eu amo Luke. E isso foi errado da minha parte, mas eu era apenas uma criança, e você era gentil e bonito de se olhar, e eu pensei que Luke nunca voltaria para mim, então... — Ela deu de ombros e sorriu para ele. — Mas você é amado agora, não é?

No momento, ele não tinha tanta certeza, pensou sombriamente, subindo a escada para o palheiro. No momento, ele não tinha tanta certeza de que amava Alex também, e afundou o forcado no feno, trabalhando para aliviar o perigo de sua raiva. Outro presente de seu amado irmão, essa raiva que às vezes ele mal conseguia conter. Borbulhava para fora dele como piche preto, manchando sua vida, um resíduo de medos experimentados e raiva impotente durante os longos meses infernais na Virgínia, meses em que às vezes ele tinha certeza de que morreria sem ver mulher ou filho novamente.

— Eu sinto muito. — A cabeça de Alex apareceu, pairando acima do chão do palheiro. Ela subiu e foi até onde ele estava trabalhando. — Não posso evitar, só o pensamento de você passar algum tempo com ela já me deixa doente.

Ele jogou o forcado contra o chão e se virou para encará-la.

— Por quê? Eu já deixei você pensar que ela é importante para mim?

— Bem, sim, muitas vezes, na verdade. E ela é importante, não é? — Ela deu uma cabeçada em seu peito. — Claro que ela é importante para você. E racionalmente não me sinto ameaçada, mas emocionalmente me sinto. E antes que você me diga que idiota estou sendo, eu sei, ok?

— Você é uma idiota pequeninha — disse ele com ternura, colocando os braços ao redor dela. — E eu sou um idiota gigante por não ter contado a você, e por não perguntar antes sobre o garoto. Eu sei que você acha difícil estar com Ian, mas certamente podemos oferecer a ele uma casa por algumas semanas?

— O quarto das crianças ficará um pouco lotado e espero que ele não se importe que Jacob peide durante o sono.

— Todos os garotos peidam durante o sono — disse Matthew rindo. — E, a propósito, você também.

— Huh — disse Alex —, olha quem está falando.

Muito mais tarde, com a casa devidamente trancada e os filhos dormindo profundamente, Matthew se despiu e deslizou para a cama. Ele bocejou e se aninhou ao lado de Alex, pensando que essa nova mistura dela tinha uma fragrância muito agradável — rosas e menta com um toque de framboesa.

— Matthew? — Ela se virou para encará-lo.

— Mmm?

— Você não está fazendo nada estúpido, está?

— Quão estúpido? — Na luz fraca, tudo o que ele podia ver era o branco dos olhos dela.

— Você sabe.

— Alex — Matthew suspirou —, você não pode esperar que eu não ajude.

— Pode ser perigoso. Para você, para nós.

— Eles precisam de mim. — Se não fosse por ele e suas habilidades de luta, dois pregadores estariam pendurados em um laço agora, mas ele decidiu não compartilhar isso com Alex, suspeitando que ela ficaria preocupada em vez de impressionada se ele contasse sobre a pequena aventura da última semana.

— Mesmo assim...

— Eu os ajudo a atravessar a turfa, dou comida, abrigo por uma ou duas noites. E vou continuar fazendo isso. É o mínimo que posso fazer.

— E se alguém os encontrar aqui?

— Não vão encontrar.

— Mas se encontrarem, o que acontecerá? — ela insistiu.

— Então... — Matthew se apoiou em um cotovelo e olhou para ela.

— Não vão encontrar.

— Tão ruim assim, hein? — disse ela, fechando as mãos no linho da camisa dele.

— Alex... — Ele roçou o nariz algumas vezes contra o dela. — Eu sou cuidadoso, muito cuidadoso.

— Luke sabe.

— Ele sabe? — Matthew tentou parecer despreocupado.

— Foi o que Margaret disse.

— Não há nada que ele possa fazer para me prejudicar, ele está em Oxford.

— Ele pode avisá-los — disse Alex. — Quem sabe quais contatos Luke tem no exército?

— A menos que alguém encontre Sandy ou um dos outros pregadores aqui, em minhas terras, o que eles podem provar? Nada.

— Hmm. — Alex parecia tudo menos convencida. — Não gosto disso.

— Eu sei que não. — Ele se abaixou para deitar de costas, os olhos na parede.

— E? — Alex perguntou.

— E isso não muda nada. Vou continuar ajudando meus ministros tanto quanto eu puder.

Alex se virou para o outro lado.

— Alex — ele tentou.

Ela não respondeu, rígida como uma tábua sob seu toque.

Margaret partiu na madrugada seguinte e Ian entrou silencioso, seguindo Alex quando ela o guiou pela casa, mostrou a cama onde ele dormiria com Mark e Jacob, e o ajudou a desembulhar seus poucos pertences.

Nos primeiros dias, Ian se encolheu nos cantos mais escuros, falando apenas quando falavam com ele. Seu olhar os seguia, aparentemente medindo todos, e às vezes Matthew se virava apenas para ver Ian desviar o rosto.

— É desconcertante — disse Alex. — Ele meio que fica pairando por aí, como um fantasma ou algo assim.

— Sim. — Matthew estudou o rapaz desengonçado que estava sentado sozinho no quintal.

Apesar de sua relutância inicial, Matthew teve que admitir que Alex fez tudo o que podia para receber Ian em sua casa. Não que tenha ajudado muito; o rapaz fugia deles sempre que podia, passando a maior parte dos dias na floresta.

— Não adianta falar com ele, ele nunca se junta a nós à noite quando eu conto histórias, e parte meu coração vê-lo sozinho. — Alex suspirou e franziu a testa para seu tricô. — Por que diabos Margaret o deixou aqui, com uma família que ele mal conhece?

— Ela não tem mais ninguém — disse Joan. — Você sabe disso.

— Tanto faz; de qualquer forma, depois da noite passada ele provavelmente pensa que eu sou o próprio diabo — Alex continuou, fazendo Matthew sorrir.

— Sim, mesmo que a limpeza não seja algo geralmente associado ao submundo. — Ele deu uma risadinha. — Foi muito divertido de assistir. — Alex perseguiu Ian seminu, ameaçando-o com uma punição terrível após a outra, a menos que ele voltasse e a deixasse terminar de lavá-lo.

Alex deu a ele um sorriso fraco.

— O que faremos com ele? Como vamos ajudá-lo a se encaixar e se tornar um de nós?

— Dê um tempo a ele — disse Matthew —, isso se resolverá sozinho.

Às vezes, Matthew se perguntava se Ian tinha sido maltratado, e apenas uma semana depois ele entendeu que a razão para que Ian



ficasse se encolhendo assustado o tempo todo era ele mesmo.

— Não, isso não é verdade! — A voz de Mark veio de cima, do palheiro. — Retire o que disse, você não deve dizer coisas assim sobre meu pai. — Matthew sorriu com a voz irritada de seu filho.

— Sim — Rachel completou —, não sobre o nosso pai.

— Mas é verdade. Vocês são pequenos demais para lembrar, mas eu tinha nove anos. — A voz de Ian congelou Matthew em seu caminho para a escada.

— Papai não luta — disse Mark. — Ele diz que é errado.

— Mas ele lutou. Quase matou meu pai e cortou o nariz dele anos atrás.

— Não, ele não fez isso! — Mark parecia à beira das lágrimas.

Ouviu-se um grito abafado e, pelo barulho acima da cabeça, Matthew soube que seu filho havia batido no primo. Houve um tapa alto, uma inspiração surpresa. Matthew enfiou a cabeça pela abertura. Mark estava esfregando sua bochecha, e Ian parecia tão envergonhado que Matthew sentiu pena.

— Você bateu nele? — perguntou, subindo no palheiro.

Ian fez que sim com a cabeça.

— Por quê?

— Ele me bateu — disse Ian.

Matthew ergueu uma sobrancelha, ergueu as duas, e olhou de Ian para Mark e vice-versa.

— Mark, você fez isso? — Matthew parou Rachel enquanto ela se movia em direção ao primo com um olhar que indicava que pretendia ao menos mordê-lo.

Mark assentiu.

— E por que você faria algo assim?

Mark apenas balançou a cabeça.

— Filho, eu te fiz uma pergunta.

Mark se contorceu, mas continuou a sacudir a cabeça, olhando para o primo por baixo do cabelo.

— Você sabe que não gosto de brigas — disse Matthew. — E menos ainda de não ter minhas perguntas respondidas.

Mark se encolheu ao ouvir o tom, mas permaneceu em silêncio.

— Então, por que ele bateu em você? — Matthew se virou tão repentinamente na direção de Ian que o garoto se desequilibrou, caindo sentado no feno.

— Eu não sei — Ian murmurou. — Ele só bateu.

— Ah. — Matthew olhou para ele. — Você costuma bater em crianças com metade do seu tamanho?

Não, seu sobrinho-filho respondeu, ele não costumava bater em crianças menores.

— Mas agora você fez isso. Bateu em seu primo pequeno sem ter

ideia de por que ele bateu em você em primeiro lugar.

Ian ficou de pé, mas se restringiu a um leve aceno de cabeça; se Mark não estava falando, ele também não falaria.

— Bem, então parece que vocês dois devem ser punidos.

Rachel abriu a boca, mas Matthew colocou um dedo firme em seus lábios.

— Não, Rachel. Você não diz nada.

Rachel olhou furiosa para o primo, indo até o irmão, sua pequena mão agarrando a dele.

— Vocês dois; entrem e tirem a roupa, então façam suas orações e vão para a cama. Sem ceia. — Com um suspiro interno, ele os observou partir, todos os três, na direção da casa.

Num gesto de solidariedade com o irmão, Rachel também se absteve de jantar e, depois de uma refeição tranquila, Alex levou Jacob para cima. Dada a forma como os bolsos do avental estavam estufados, ela pretendia alimentar os meninos — e Rachel — mas Matthew optou por fingir que não percebeu. Em vez disso, ele acompanhou Joan até a sala, dando-lhe uma breve versão dos acontecimentos no palheiro.

— O que posso dizer? — Matthew fez um gesto impotente. — Não posso negar que cortei o nariz de Luke e não posso explicar por que sem contar a ele toda a triste história, posso?

Joan deu um tapinha em sua mão.

— Não, você não pode, ainda não. Mas um dia ele vai começar a pensar por si mesmo e então virá até você com perguntas.

— E eu não poderei responder. Prometi a Alex que nunca direi a ele que é meu filho. Eu... —Matthew parou quando Alex entrou na sala, carregando uma bandeja com três canecas fumegantes.

— Você o quê? — Alex perguntou, colocando a bandeja sobre a mesa e encontrando um banquinho.

— Eu só estava me perguntando se Joan vai explodir antes de o bebê decidir nascer — Matthew sorriu para sua irmã.

— Huh — Joan endireitou as costas com um estalo audível. — Já está bem mais de uma semana atrasado. Agora é melhor ficar aqui dentro até que Simon volte. — Ela deu um tapinha em si mesma. — Está me ouvindo? Você fica aí mais uma semana.

— É melhor você fazer o que sua mãe diz — disse Matthew, colocando a mão na protuberância. — Você não a quer zangada com você desde o início.

— Não, haverá tempo suficiente para isso mais tarde — Alex bufou.

Ian não ficou muito emocionado quando seu tio começou a levá-lo junto a todos os lugares. Desde o início da manhã até o final da tarde,

ele seguia o tio, fazendo uma tarefa após a outra, conforme solicitado. A princípio, ficou rancoroso por ser usado como empregado, mas a cada dia que passava ele se abrandava com o tio Matthew e se pegava falando com ele, quase tanto quanto falava com mamãe. Seu tio era um bom ouvinte, interpondo uma pequena exclamação de vez em quando, até mesmo rindo alto de algumas das histórias de Ian em Londres.

— Um macaco? — Ele gargalhou. — E ele comeu à mesa como um homem?

Ian fez uma careta; o macaco de um jovem visitante, o conde de Rochester, havia comido sobre a mesa, não à mesa, fazendo sua mãe olhar para ele como se estivesse pensando em envenená-lo.

— O rei diz que é uma pequena praga. Até mordeu uma das mulheres uma vez.

— Você conheceu o rei? — Tio Matthew não parecia impressionado. Ian lançou-lhe um olhar cauteloso. Pelo que tinha ouvido, o rei era extremamente impopular ali devido a questões religiosas e, pela expressão no rosto de seu tio, Carlos Stuart não era um de seus favoritos pessoais.

— Eu o vejo de vez em quando sobre a tribuna, mas só o conheci direito uma vez. Foi na coroação e eu ainda não tinha sete anos.

Ele se lembrava daquele dia de abril por um motivo totalmente diferente. Foi o dia em que ouviu uma briga dos pais pela primeira vez e se encolheu debaixo da cama enquanto o pai quebrava cada peça de louça da casa, alternando entre chamar sua mãe de prostituta e traidora. A certa altura, ele até bateu nela, mas isso fez os dois chorarem, com o pai implorando que a mãe o perdoasse. Depois, Ian ficara intrigado com o porquê; mamãe tinha dado dinheiro à tia Alex e, mesmo agora, vários anos depois, havia ocasiões em que seu pai xingava mamãe por isso.

— É sua culpa que ele não morreu! — o pai gritara, meio bêbado, alguns meses atrás. — Se não fosse por você e sua intromissão, Alex nunca teria sido capaz de comprá-lo de volta, e Matthew teria morrido lá na Virgínia, como eu queria que ele morresse.

Era tudo muito confuso para Ian. O pai odiava o irmão, muitas vezes pronunciando o nome de Matthew como uma maldição. Mas mamãe não odiava, e quando Luke disse a ela para deixar o sul da Inglaterra com o filho deles, ela tinha cavalgado todo o caminho direto até ali.

— Lar — dissera ela, sorrindo para ele. — Hillview é nosso lar.

Enquanto eles estavam ali, Ian costumava ver mamãe falando com o tio Matthew, e os seguia silenciosamente enquanto caminhavam pela floresta. Ele até vira a mãe tocar em seu tio; uma parte dele ficou ofendida em nome do pai, mas a outra parte ficou feliz por causa do

olhar satisfeito e surpreso no rosto de Matthew. Ian deu uma olhada furtiva em seu tio, encontrando olhos que o estudavam atentamente. Ele enrubescceu e desviou o olhar.

— É verdade? — Ian deixou escapar um dia, fazendo tio Matthew perder o controle sobre o saco aberto de aveia que ele estava levantando.

— O que é verdade? — Matthew varreu a aveia com a mão e tornou a encher o saco.

— Que você foi vendido como escravo.

Tio Matthew assentiu.

— E foi meu pai quem fez isso com você? Que o raptou e vendeu como um animal? — Ele esperava que o tio risse e lhe dissesse para não ser idiota — que irmão faria tal coisa — mas, em vez disso, Matthew suspirou.

— Sim, mas quem te disse?

— Todo mundo. Eles cochicham para mim pelas suas costas. — Conversas abafadas nas quais ele ouvia exatamente o quão canalha era o pai, e o quão grato ele deveria ser que o mestre pudesse ser bom o bastante para acolhê-lo, dado todo ódio entre ele e seu irmão malvado.

Tio Matthew apertou os lábios, murmurando algo sobre fofocas maldosas.

— Por quê? — Ian perguntou com os olhos fixos em Matthew. — Por que ele fez isso?

— Essa é uma pergunta que você deve fazer a ele, não a mim. — Matthew se levantou e colocou a sacola no ombro. — Venha, temos animais para alimentar.

— Você tem seus próprios filhos — Alex lembrou Matthew com um tom desagradável naquela noite. — E já que está muito envolvido com sua nova adição à família para notar, deixe-me informá-lo de que Mark está se sentindo muito excluído por todo esse vínculo masculino.

— Vínculo masculino?

— É o que os homens fazem quando estabelecem que são companheiros, você sabe, como cortar o polegar e misturar o sangue, ou subir a montanha para dançar nus em volta de uma fogueira.

Matthew balançou a cabeça confuso e abriu a boca para perguntar um pouco mais, mas Alex não estava disposta a ser distraída.

— Então amanhã você vai passar o dia com Mark. E por que não passar algumas horas com Rachel e Jacob também? — Ela saiu da sala antes que ele pudesse protestar.

Ele cheirou o ar em seu rastro. Ela havia tomado banho e usado um de seus óleos perfumados, um sinal claro de que talvez estivesse se sentindo um tanto ignorada ultimamente. Matthew suspirou e tirou as

meias, estudando os longos dedos dos pés por algum tempo. Às vezes era cansativo ser agricultor, pai e marido. Lavou-se, escovou os dentes com um graveto, mastigou um ramo de hortelã e deitou-se na cama. Esperava que ela voltasse logo, ou então ele estaria dormindo.

— Matthew! — Alex o sacudiu com força. — O bebê, você tem que ir buscar a parteira.

— Bebê? — Ele estava quase dormindo e acordou um pouco confuso.

— Da Joan! — Alex o sacudiu novamente. — Depressa, ok?

A essa altura, Matthew já estava de pé, vestindo roupas que havia descartado recentemente, e então saiu, prometendo voltar em uma hora.

Três horas depois, Alex estava dividida entre se preocupar com Joan e com Matthew. E se ele tivesse sido emboscado, jogado em uma vala? A explicação provável era que a parteira mais próxima fora chamada para outro parto, de modo que Matthew tivera de cavalgar até Cumnock. Mas ainda assim...

Olhou a cunhada com preocupação. As coisas deveriam ser tão lentas? Joan tinha a cor de um carneiro cozido demais, um cinza pastoso, e sua barriga subia e descia em espasmos curtos que pareciam dolorosos, mas ineficazes.

— Vamos andar, Sra. Melville — ela disse quando Joan tentou se sentar. — Temos que sacudir esse bebê e fazê-lo ir para o lugar.

— Ir para o lugar? — Joan engasgou. — Não pode estar mais no lugar. Deixe-me dizer a você, Simon Melville nunca, nunca, vai me tocar lá novamente.

— Pfft! Todas as mulheres dizem isso.

Já passava da meia-noite quando Matthew voltou com a Sra. Wilson, que varreu a sala com um olhar penetrante, fechou a janela e ordenou que Joan continuasse andando.

— Eu simplesmente não consigo, estou muito cansada.

— Você vai ficar muito mais cansada antes de terminar — disse a parteira animadamente —, então poderá se deitar, sim? Antes não. — Alex abafou uma risada com o olhar que Joan enviou para a Sra. Wilson.

Juntas, Alex e a Sra. Wilson mantiveram Joan de pé até o amanhecer, mas nesse ponto ela empalideceu ainda mais, e então a bolsa estourou, encharcando sua longa camisola. Alex olhou para o tom rosado que corria o linho e olhou para a Sra. Wilson. Um movimento rápido de cabeça e uma ligeira carranca disseram a Alex para calar a boca.

Ao meio-dia, Joan estava prostrada na cama, fraca demais para permanecer de pé no banco de parto. A parteira parecia confusa, as

sobrancelhas congeladas em uma carranca preocupada.

— Ela está totalmente dilatada — sussurrou para Alex. — Mas não tem mais forças, e o bebê precisa dela para ajudar. — Ela balançou a cabeça ao ver o sangue vazar continuamente. — Temo que a placenta esteja diminuindo e, se isso acontecer, Deus ajude a mãe e o filho.

— O que podemos fazer? Deve haver algo que possamos fazer! — Alex acariciou a bochecha da cunhada.

— Coloque-a de pé — disse a parteira. — Acha que consegue segurá-la?

Joan protestou, tentando afastar Alex com as mãos, e uma vez no banquinho ela começou a gritar, dizendo que estava doendo e que ela queria ir para casa, não queria mais fazer isso.

— Deveria ter pensado nisso antes — bufou a Sra. Wilson, agachando-se enquanto gesticulava para que Alex endireitasse Joan o máximo que pudesse. Alex a segurou apoiada no encosto do banco, a parteira se inclinou entre suas pernas e, na contração seguinte, deslizou um dedo pelo colo do útero, fazendo Joan gritar ainda mais.

— Está chegando — disse a parteira, erguendo os dedos ensanguentados para Alex.

— Certo — disse Alex a Joan. — Nós temos que tirar o bebê de você. Agora. Então, na próxima contração, você vai empurrar o mais forte que puder, e nós vamos empurrar com você. Chame a Sarah — disse Alex à Sra. Wilson —, ela pode ajudar também.

Foi uma corrida contra o relógio, com Alex segurando e acalmando enquanto a parteira e Sarah empurravam e levantavam o útero, estimulando mais contrações. Finalmente algo mudou; a parteira instou Joan a empurrar mais uma vez e o chão se encheu de sangue, que também espirrou pelas pernas de Joan, e o bebê deslizou para fora, rígido e pálido com o cordão umbilical enrolado duas vezes em seu pescoço. Joan cambaleou no banquinho, olhou boquiaberta para a criança e caiu para trás, inconsciente.

— Faça alguma coisa! — Alex olhou para a parteira em pânico. — Faça algo antes que ela morra! — O bebê foi empurrado para os braços de Sarah e, com esforços concentrados, a Sra. Wilson e Alex meio arrastaram, meio levantaram Joan para deitar no chão.

— Pronto — disse a parteira cerca de uma hora depois. Ela enxugou o rosto, deixando uma mancha berrante de sangue em sua bochecha.

— Ela vai ficar bem? — Joan parecia uma criança abandonada, uma mancha branca contra os lençóis brancos.

A parteira desviou o olhar. Ela havia passado mais de uma hora costurando as entranhas da moça.

— Devemos orar e esperar.

Alex agarrou a mão de Joan.

— Se você morrer, Joan Melville, vou ficar muito, muito chateada com você.

Houve uma leve vibração das pálpebras feridas.

— Eu não ousaria, mas eu só... — O queixo de Joan caiu e, por um momento nauseante, Alex pensou que ela havia morrido, até que a Sra. Wilson apontou que Joan estava roncando.

— Rachel Graham!

A voz de Alex congelou sua filha por um instante, e então a criança saiu correndo, saltando como uma lebre para a segurança dos estábulos.

— Venha aqui, você! — Alex correu atrás dela, dizendo-lhe em termos inequívocos o que faria com ela assim que a pegasse.

Rachel gritou, seus pezinhos batendo forte na escada que levava ao palheiro, com seu prêmio erguido acima de sua cabeça. Atrás dela, Alex diminuía a distância. Um olhar para trás para verificar sua mãe e Rachel saiu voando, caindo com um baque audível no chão de palha espalhada. O bolo rolou de suas mãos para o chiqueiro, e a filha e a mãe só puderam assistir enquanto a porca devorava o doce inesperado.

— Certo — disse Alex, erguendo a menina para ficar de pé. — Vamos para dentro. Agora. — Lançou-lhe seu olhar mais feroz e, com um encolher de ombros resignado, Rachel a seguiu em direção à casa.

Elas estavam quase lá, quando o som de muitos cavalos soou no ar. Alex pegou a filha e correu os últimos metros.

— Mark! Corre! Você sabe o que fazer. — Mark olhou para a estrada, de volta para a mãe e saiu correndo colina acima. Alex enxotou Rachel e Jacob pela escada antes de sair para enfrentar o grupo de dragões que estavam montados em seus cavalos. Todos eles eram homens jovens, até mesmo o oficial.

— Senhora — o oficial disse, inclinando a cabeça em sua direção. Ela fez uma meia reverência, tentando se lembrar onde Matthew estava hoje; no musgo, cortando turfa com Simon, Ian e Samuel.

— Seu marido?

— Ele não está em casa, estamos apenas eu, meus filhos e minha cunhada que acabou de dar à luz. — Ela não conseguiu evitar; mesmo nessa situação, pensar na bebê Lucy a fez sorrir. Viva e bem, apesar de sua entrada dramática no mundo, e mesmo que Alex às vezes encontrasse Joan olhando para a filha com uma expressão de decepção, ela tinha certeza de que logo superaria isso.

— A senhora não se importará de verificarmos por nós mesmos? Para nos certificarmos de que não está abrigando um ou dois fugitivos? — Ele acenou para seus homens desmontarem, sacudindo a cabeça na direção das construções externas.

— Não, claro que não — disse Alex, seguindo com os olhos os dois



homens que cavalgavam na direção do moinho. Oh, Deus; por mais que Mark tivesse uma vantagem, ele era um garotinho a pé, enquanto os soldados estavam montados. Seu coração se contraiu quando os cavalos começaram a galopar. Ela limpou a garganta, forçando sua atenção de volta para o capitão.

— Existe alguma razão particular pela qual procura meu marido?

— Ele não fez o Juramento de Abjuração.

Alex fez seu melhor olhar estúpido, dando-lhe um sorriso afetado.

— O juramento de quê?

O oficial franziu a testa.

— Ora, ora, senhora, todos vocês sabem que o rei exige que todos os homens façam juramentos de fidelidade a ele e sua igreja. Uma medida muito necessária aqui, onde os Covenanters brotam do solo como margaridas comuns. — Ele estreitou os olhos. — A senhora mesma poderia ser um deles.

— Eu? — Alex disse. — Na verdade, não. — Com o canto do olho, ela viu os dois cavalos desaparecerem entre as árvores, agora em um trote mais calmo.

— Não? Bem, me desculpe por não acreditar na senhora. E aquele pregador fugitivo, aquele tal de...

— Sandy Peden — Alex preencheu. Mark já deveria ter chegado ao moinho, ela calculou, e se eles fossem rápidos, fugiriam bem a tempo.

— Sim, isso mesmo. Bem, ele não ajuda, não é? Com sua insistência de que não há nada entre o homem e Deus, nenhum bispo e definitivamente não um chefe real de igreja. Bah! Bem, mais cedo ou mais tarde vamos pegá-lo — ele e qualquer um tolo o suficiente para socorrê-lo.

— Não meu marido — disse Alex.

— Não? Pois não foi isso que ouvimos. Ele serviu nas guerras, não foi? Como um soldado do parlamento.

Alex conseguiu parecer desinteressada.

— Mesmo? Eu o conheci há sete anos, um monarquista fugindo da prisão.

O capitão piscou.

— Um monarquista?

— Condenado no tribunal de Ayr. — Não havia necessidade de dizer a ele que o julgamento tinha sido uma farsa. Matthew havia sido falsamente acusado pelo irmão, condenado com base no testemunho do irmão, quando o tempo todo era Luke, não Matthew, o monarquista obstinado.

Os dragões voltaram, balançando a cabeça. Depois de cerca de meia hora tensa, os dois enviados para inspecionar o moinho voltaram de mãos vazias. Os ombros de Alex caíram um centímetro.

— Voltaremos — disse o oficial enquanto virava o cavalo. — Por

favor, transmita minhas saudações ao seu marido. — O tom era de aguda ironia.

— Com certeza transmitirei — Alex fez uma reverência e ficou parada até que a última anca de cavalo sumiu de vista.

Assim que eles se foram, ela subiu correndo a colina. Encontrou Mark descendo e deu-lhe um abraço.

— Você está bem? — Seu filho estava rosado de excitação, contorcendo-se em seus braços.

— Saímos pelos fundos — disse ele —, assim que os soldados cavalgaram até a porta.

— Oh. — Alex o abraçou.

— Mamãe! — Ele a empurrou. — Ele está perto dos carvalhos, se escondendo.

No que dizia respeito a Alex, Sandy poderia muito bem ficar lá, mas com um suspiro, ela se levantou.

— É melhor irmos dizer a ele que já é seguro.

Mark fez menção de sair correndo, mas Alex segurou sua mão.

— Eu vou com você, ok?

O esconderijo era engenhoso. Além de Matthew, apenas Alex e Mark sabiam de sua existência. Enquanto Alex se sentia desconfortável em sobrecarregar seu filho com esse tipo de informação, Matthew deu de ombros, dizendo que Mark precisava ser ensinado a correr e avisar — como havia feito hoje.

Alex marchou atrás de Mark até onde o moinho juntava-se novamente ao rio, caminhando ao longo da beira da água até chegar a um ponto oposto ao velho carvalho que pendia precariamente sobre a margem erodida. A água estava desagradavelmente fria, mas rasa enquanto eles avançavam. A plataforma mal era visível de baixo, mesmo agora, no final de outubro, com as folhas mais ou menos esparsas. Ao assovio de Mark, uma cabeça despenteada apareceu, reaparecendo alguns minutos depois no chão.

Sandy Peden tirou a máscara e a peruca e passou os dedos pelo cabelo ralo.

— Eles se foram — disse Alex, encontrando calmos olhos cinzentos. — Para que você possa relaxar e voltar para o quarto no moinho. — Por que não ler mais uns trechos da Bíblia ou juntar as suas coisas e ir para outro lugar de uma vez?

Sandy pareceu ver o que ela estava pensando e coçou o peito.

— Não, eu vou embora. — Ele inclinou a cabeça na direção do musgo. — Perto demais dessa vez. Ele parecia bastante abalado, as mãos alisando o casaco. — Você tem sido muito gentil, Alexandra, mas eu não quero abusar da hospitalidade. — Seus olhos brilharam com diversão, e Alex sorriu de volta involuntariamente, pensando como sempre fazia que nunca tinha conhecido ninguém com cílios tão

longos antes — longos e tão claros que pareciam quase brancos.

— É só que...

— Sim, eu sei — Sandy a interrompeu. — E eu sei que você tem filhos pelos quais temer.

Eles cruzaram o rio e partiram na direção do lago do moinho, com Sandy e Mark alguns passos à frente de Alex. Sandy lançou a Alex um olhar por cima do ombro.

— Você tem estudado os textos?

Por um instante, Alex não fazia ideia do que ele queria dizer, mas então se lembrou e sentiu uma onda de irritação; textos para estudar e ser testada, fazendo-a se sentir uma criança. O ministro deixara claro repetidas vezes quão insatisfatória ele considerava sua educação religiosa — e suas convicções —, e assumiu a responsabilidade de instruí-la.

— Não, tenho tido muito o que fazer ultimamente.

— Você não deve ser negligente em relação ao seu bem-estar espiritual — disse Sandy.

— Não há nada de errado com meu bem-estar espiritual.

— Ah, não? E ainda assim, ousa dizer que você não pode me nomear os livros das Sagradas Escrituras, nem mesmo os filhos de Jacó, pode?

— Se eu quiser saber, posso pesquisar — disse ela, e as sobrancelhas de Sandy se juntaram em uma saliência acima de seus olhos.

— Algumas coisas devemos saber de cor, eu acho.

— Desperdício de espaço, se você me perguntar — ela murmurou.

— Hmm. — Sandy parecia descontente e olhou para Mark. — Menininho, você pode me nomear os filhos de Jacó?

Alex revirou os olhos ao ver como Mark se iluminou, correndo para pegar a mão de Sandy enquanto recitava as doze tribos de Israel. Por sua vez, Sandy começou a contar ao garoto sobre José e seus sonhos, sobre o cativeiro hebreu no Egito e Moisés, o legislador.

— Eu conheço uma música sobre isso — disse Alex, e começou a cantar sobre Moisés, que desceu à terra do Egito para dizer ao faraó para deixar seu povo partir. Sandy e Mark ficaram maravilhados e, quando voltaram para o moinho, Sandy já sabia os versos.

— “... Assim falou o Senhor, disse o ousado Moisés, deixe meu povo livre. Senão, vou matar o seu primogênito, deixe meu povo ir...”

— Ele parou e sorriu para Alex. — Tem muito apelo.

Alex acenou com a cabeça, perguntando-se se deveria dizer a ele que essa era uma música escrita por escravos — escravos negros. Sandy a surpreendeu balançando a cabeça seriamente depois de terminar a música pela terceira vez.

— O homem que o escreveu sabia o que era ser um escravo.

— Sim — disse Alex. — Dá para perceber isso em cada “deixe meu povo livre”.

Ela encontrou Matthew e Simon na descida e contou brevemente os eventos. Matthew ficou taciturno, uma carranca se fixando em suas feições, enquanto Simon ficou de um tom interessante de rosa acinzentado.

— O quê... — ele tentou perguntar, mas Alex balançou a cabeça.

— Não agora, não aqui. Depois do jantar, quando estivermos sozinhos.

Simon andava pela sala com as mãos cruzadas atrás das costas, dando-lhe uma semelhança surpreendente com um pombo empertigado.

— Eu te disse da última vez em que estive aqui. Você precisa parar com isso, não pode se colocar em risco por homens como Sandy Peden.

— Claro que posso — disse Matthew. — Ele é meu amigo.

Simon balançou a cabeça.

— Você o conheceu quando eram jovens, e sim, vocês compartilham a mesma fé, mas ele está violando a lei, um homem procurado com a cabeça a prêmio! — Simon bateu com a mão na mesa. — Você está arriscando tudo; sua vida, sua casa e sua família. É isso que quer, ver sua família na miséria enquanto você é comido pelos corvos?

— Você está exagerando, eles não me enforcariam. — Matthew tentou parecer despreocupado.

— Não? — Simon apertou o olho esquerdo irritado. — Ah, não. Eles podem se contentar em mandá-lo para o exterior. Como um escravo. — Matthew franziu o cenho para ele, mas Simon continuou. — Não para a Virgínia, Matthew, para as Índias Ocidentais. E se você foi maltratado na Virgínia, terá uma situação dez vezes pior nas Índias Ocidentais. — Ele se virou para encarar Alex. — Diga a ele! Diga como os homens morrem sob o sol, trabalhando até a morte nas plantações de açúcar!

— Eu já disse. — Ela trocou um olhar rápido com Matthew, que gemeu por dentro. Repetidamente, ela levantava o assunto, e obstinadamente ele insistia que tinha que seguir sua consciência e ajudar aqueles que se levantavam para lutar pelo direito de manter suas crenças. — Eu já falei; Luke sabe, e se Luke sabe, ele vai usar isso para destruir você. Não simplesmente te matar, porque então Mark herdaria tudo, mas de alguma forma pode acusar você de traição ou algo assim, com todos os seus bens mundanos caindo nas mãos do rei. — Ela parecia prática, mantendo o olhar nos sapatos, nas saias, em qualquer coisa, menos em Matthew.

— Isso não vai acontecer — disse Matthew. — Eles nunca vão

pegar ninguém aqui.

Alex fez uma careta.

— Bem, desculpe-me por não acreditar nisso. Se não fosse por Mark, eles teriam arrastado Sandy e você com eles hoje.

— Sim, e então... — Simon agarrou a garganta e fez ruídos estrangulados.

— Foi uma coincidência eles terem vindo quando Sandy estava aqui — disse Matthew. — Eles não sabem, ninguém sabe que eu ajudei Sandy.

— Não seja tolo! Claro que alguém sabe, e as informações estão sempre à venda, especialmente em períodos de agitação — disse Simon.

— Além disso, alguém contou a Luke. — Alex apontou.

— Serei mais cuidadoso — disse Matthew, mas isso foi o máximo que ele fez. Alex se afastou da mesa e saiu da sala sem dizer uma palavra.

— Você tem responsabilidades — disse Simon —, e acima de tudo para com sua família: sua esposa, que viajou o mundo para trazê-lo em segurança para casa, e os filhos que ela lhe deu. Eles devem vir primeiro. Até mesmo Deus concordaria com isso. — Ele seguiu Alex para fora da sala, deixando Matthew sentado com Joan e a bebê.

Matthew olhou pela pequena janela, rastreando o reflexo de Joan no vidro grosso. Principalmente pele e ossos, Joan se cansava facilmente, e a pequenina Lucy era frequentemente encontrada mamando nos braços de qualquer ama de leite voluntária que estivesse por perto.

— Você também acha que estou errado?

Joan suspirou.

— Claro que não. É nossa fé que você está protegendo. Mas se Luke sabe, e se há dragões cavalcando regularmente, então você deve ser mais do que astuto, correr o mínimo de riscos que puder. — Ela segurou a cabecinha de Lucy. — Simon está certo. Os filhos devem vir primeiro. — Sorriu para Matthew. — E haverá mais um em breve.

— O quê? — Alex estava grávida e não tinha lhe contado? Ele franziu a testa, tentando se lembrar de quando ela havia sangrado pela última vez. Joan sacudiu a cabeça na direção geral da cozinha.

— Você deveria passar algum tempo com sua esposa. Este último mês foi muito sobre outras pessoas além dela.

Matthew a encontrou na cozinha.

— Quer sair comigo?

Alex deu uma olhada na noite escura.

— Agora?

Ele apenas acenou com a cabeça, estendendo a mão para ela.

Matthew ficou em silêncio quando atravessaram o quintal, ela o seguindo enquanto ele fechava as portas, afagava Ham entre as orelhas e até oferecia uma cenoura à porca.

— Ela não precisa disso — disse Alex. — Ela comeu bolo hoje.

Cada galpão foi inspecionado por ele antes de conduzi-la ao da lavanderia, uma nova adição às dependências externas.

— Tem luz! — Alex sibilou quando eles se aproximaram. — Alguém está lá.

— Ainda não, mas em breve. — Ele abriu a porta, muito satisfeito com sua exclamação de surpresa.

A água do caldeirão da lavanderia fumegava, ele acendera lanternas e as pendurara no telhado. A nova banheira ampliada tinha sido esfregada e ele tinha estendido mantas na ampla bancada que ocupava todo o comprimento do pequeno espaço.

— Quando você fez isso?

— Enquanto você estava com raiva de mim por ser um homem irresponsável. — Ele já a estava despindo, e então a ajudou a entrar, murmurando que era hora de alguém lavá-la direito. Quando ele começou a lavar o cabelo de Alex, ela gemeu, os olhos fechados enquanto os dedos dele percorriam seu couro cabeludo. Tanto cabelo, tanta pele nua para lavar e enxaguar, os dedos dele fazendo o desvio ocasional para inspecionar suas coxas bem torneadas, a curva de seu quadril e até os pés onde ela tinha cócegas. Quando ele terminou, os dois estavam muito úmidos e com muito calor.

— Deite-se — disse ele. A pele dela esteava brilhante e avermelhada após seus esforços com a toalha. Ela se espreguiçou no banco, ele tirou as calças, tirou a camisa úmida pela cabeça e se juntou a ela, segurando um frasco de óleo de lavanda. Quando o óleo pingou em seu estômago, ela estremeceu. Ele acariciou seu flanco e arrepios correram por suas coxas. Isso o fez sorrir, e ele repetiu o movimento, pensando como sempre fazia que era estranho que sua mulher se arrepiasse como se estivesse com frio, quando na realidade era calor o que ela estava sentindo, sua pele corando sob seu toque, suas pupilas dilatando-se enquanto ele aumentava a pressão de suas mãos.

— Você não me contou. — Ele diminuiu a velocidade das mãos lubrificadas sobre os seios dela, tocou os mamilos escurecidos e inclinou a cabeça para beijá-los. As costas dela se arquearam, os seios levantando para encontrar os lábios dele.

— Achei que você devia descobrir por si mesmo — ela disse, com as mãos em sua cabeça enquanto ele continuava descendo por seu corpo. — Levou algum tempo, porém — acrescentou ela, contorcendo-se sob sua boca.

Matthew parou o que estava fazendo e olhou para ela.

— Sim, bem, tem sido um pouco agitado. — Margaret indo embora, Ian se mudando para a casa deles, Joan e a recém-nascida... no geral, as últimas semanas foram um pouco demais. Ele a beijou novamente, saboreando-a corretamente. Ela era salgada, e também lisa e macia como seda. Alex gemeu. Sua língua a provocou, ela puxou seu cabelo, suas coxas se abrindo.

— Agora — ela respirou —, eu quero você agora.

— Oh, você quer? — Ele beijou seu monte púbico, seu umbigo, e ela se contorceu, fazendo uma série de sons baixos e urgentes.

— Matthew! — ela gemeu, e ele teve pena dela, deslizando pelo banco para cobrir seu corpo com o dele.

— Está muito adiantada? — ele perguntou enquanto afundava nela.

— Dois meses.

— Oh — ele respondeu, concentrando-se em como se sentia dentro dela. Moveu-se lentamente, movimentos longos de flexão de seus quadris.

— Você acha que será menino ou menina? — A voz de Alex soou muito vaga, como se o esforço de manter até mesmo essa conversa desconexa fosse demais. Quando ele deslizou as mãos sob ela e a ergueu para mais perto, ela fez um pequeno som, segurando-se quieta quando ele se mexeu mais profundamente dentro dela, indo até o fim. Ela suspirou, cruzando as pernas em torno de seus quadris.

— Um menino. — Matthew a beijou. — Devemos esperar por um menino. Uma só como Rachel é o bastante. — Ele sentiu Alex rir e sorriu em resposta, empurrando-se para dentro dela. — Mas haverá tempo para as meninas mais tarde, muitas, muitas meninas.

— Você está louco — Alex disse a ele. — Este já é o número quatro. Quantos você está planejando?

Matthew inclinou a cabeça para o ouvido dela e sussurrou um número, fazendo-a tremer de tanto rir.

— Totalmente maluco, Matthew Graham — ela sussurrou de volta, e então não disse mais nada por algum tempo.

Ela deu a ele um olhar satisfeito depois, apoiando a cabeça em seu peito com um pequeno suspiro. Ele brincou com o cabelo dela, enrolando longos cachos que voltavam no momento em que ele os soltava.

— Vou pedir a ele para ficar longe, por enquanto. — Matthew engasgou com as palavras, elas rasgaram sua goela.

— Bom — disse Alex, parecendo aliviada. — E quando eles vierem e pedirem que você faça o juramento?

— Que juramento?

Alex levantou a cabeça.

— Não me venha com essa; você sabe exatamente qual juramento.

Sim, é claro que sabia. Ele suspirou e olhou para ela.

— Como posso fazer um juramento assim?

Alex olhou bem dentro dos olhos dele.

— Como? Basta repetir as palavras e cruzar os dedos atrás das costas.

— Isso é perjúrio.

— Não, não é. Chama-se sobrevivência. Às vezes, você faz coisas apenas para manter você e sua família seguros.

— Isso vai me tornar um homem inferior — disse Matthew.

— Não aos olhos daqueles que importam, não aos meus.

Ele sorriu torto; não, não aos dela.

— Para Sandy, sim.

— Provavelmente. Mas ele sabe que você tem filhos e, de qualquer maneira, culpará minha influência corruptora.

— Influência corruptora? Sim, pode-se dizer isso. — Ele olhou para baixo, para onde ela segurava firmemente seu pênis. — Não que eu me importe. — Ele ergueu a mão para afastar um cacho de seu rosto.

— Claro que não. — O cabelo dela fazia cócegas em seu peito, sua barriga e se espalhava por suas coxas.

— Ah, Jesus — ele disse, quando a língua dela deslizou sobre suas bolas e pelo comprimento de seu pênis.

— Agora é que Sandy definitivamente não aprovaria — disse Alex, antes de voltar ao que estava fazendo.

— No momento, não me importo — disse Matthew, segurando-a onde ela estava.



— Mas por quê? — Ian perguntou. — Se aquelas águias gigantes podiam voar e buscá-los na montanha, por que elas simplesmente não os carregaram? E então Frodo poderia ter jogado o anel na Montanha da Perdição muito antes.

Alex revirou os olhos; o que a possuía para tentar contar a eles a história complexa de O Senhor dos Anéis? Além das longas e acaloradas discussões sobre se os elfos eram como fadas escocesas, se os hobbits talvez tivessem vivido em Skye em algum momento ou se Alex realmente esperava que eles acreditassem que Aragorn tinha mais de noventa anos de idade, ela agora era perseguida por Ian e Mark que queriam saber mais, importunando-a com perguntas detalhadas antes de irromperem numa discussão entre eles se o verdadeiro herói era Aragorn ou Frodo.

Pelo menos a história provou ser o aríete de que Alex precisava para chegar até Ian, então ela respondia pacientemente às perguntas dele, o tempo todo lançando-lhe olhares rápidos. O garoto pálido de dois meses atrás havia florescido e se tornado um jovem ativo, e quando a carta chegou solicitando que ele continuasse lá por Luke ainda estar mal, ele não pareceu muito deprimido.

— Pare! Aqui. Encha sua cesta, mas certifique-se de que não estão danificadas. — Alex apontou para as frutinhas na enorme roseira selvagem ao lado dele. No final da temporada, os frutos restantes eram de um vermelho escuro, adoçados pelas primeiras geadas.

Ian olhou para os espinhos e suspirou.

— A cesta inteira?

— Até a borda — disse Alex, dando a volta para fazê-lo escolher o lado oposto.

— Tia?

— Hmm? — Alex voltou de seu devaneio agradável com uma enorme salada, completa com tomate e queijo feta.

— O que aconteceu com meu avô?

Alex estava feliz por ele não poder vê-la, mas se abaixou, por via das dúvidas, para esconder o rosto.

— Seu avô?

— Sim, Malcolm Graham.

— Por que você pergunta?

Ian ficou em silêncio e quando os instantes se tornaram minutos, Alex pensou que talvez ele tivesse se retirado para um de seus

silêncios habituais.

— Samuel me disse que ele se afogou — Ian finalmente disse.

— Você realmente deveria estar perguntando isso a Matthew, eu não estava aqui na época.

— Não quero. Talvez isso o deixe triste.

Alex sorriu pela maneira como ele disse isso. Matthew Graham estava fazendo sua mágica naquele jovem coração.

— Provavelmente sim. — Ela o espiou por entre os arbustos. — Você não está colhendo! Vá em frente, não vamos para casa até que sua cesta esteja cheia!

Ian resmungou, mas voltou a arrancar as frutas vermelhas brilhantes.

— Sim, ele se afogou; em dezembro de 1653. Ninguém sabe realmente o que aconteceu, mas ele foi puxado para baixo da roda d'água e ... bem, ele morreu.

— Ele foi assassinado? — Ian perguntou sem fôlego.

Sim; com toda a probabilidade por seu amado pai, pensou Alex.

— Bem, foi tudo um pouco estranho. Ele recebeu uma mensagem do moleiro para vir porque havia um problema, mas o moleiro diz que não enviou essa mensagem. E seu avô não sabia nadar e tinha medo de água, então por que ele teria chegado perto da lagoa em primeiro lugar? — Alex franziu a testa em concentração. — Havia algo sobre um anel...

— Um anel? — A voz ansiosa a fez sorrir.

— Não um daqueles anéis; eu te disse, os anéis do poder são apenas um conto de fadas. Não, esse era um anel que ele sempre carregava, mas que não foi encontrado com ele quando o tiraram da lagoa.

— Talvez tenha escorregado de seu dedo na água — Ian sugeriu com lógica válida.

— Exceto que ele o carregava em uma corrente ao redor do pescoço, enfiado sob a camisa e, de acordo com Matthew, suas roupas estavam praticamente intactas, era mais uma questão de... — Ela se interrompeu. Ele foi esmagado, pobre homem, o lado de fora parecia aparentemente intacto enquanto a maioria de seus ossos haviam sido pulverizados. — De qualquer forma, era o anel da mãe dele, três fios de ouro trançados e decorados com uma única pedra vermelho-sangue do tamanho de uma pequena pérola de água do mar.

— Um anel trançado com uma pedra vermelho-sangue? — Ian chiou.

— Sim. — Alex olhou para ele através dos arbustos. Ele estava muito pálido, braços longos abraçando os joelhos com força. — Qual é o problema?

— Nada. — Ele deu a ela um sorriso brilhante.

Alex encolheu os ombros.

— Frutinhas, jovem senhor. E então, se você pedir com educação, posso contar mais um pouco sobre a batalha do Abismo de Helm.

Ian e Alex estavam a poucos passos da casa quando ouviram o som de vozes raivosas fluando em sua direção. No meio do pátio estava Matthew, olhando carrancudo para um dragão rotundo.

— Por quê? Eu sou um homem que cumpre a lei, não tenho interesse em...

— Cumpridor da lei? Bem, se for assim, Sr. Graham, fazer o juramento não será um problema, será? — disse o soldado. — Ou o senhor tem convicções que entram em conflito com sua aceitação?

— Merda — Alex murmurou quando Matthew se endireitou em toda sua estatura. Ela aumentou o passo, gesticulando para Ian se apressar.

— Não concordo com essas leis que proíbem o homem de seguir sua consciência em questões de fé — disse Matthew. — Eles estão...

— O quê? Não, não, Sr. Graham. Não é para o senhor escolher como as coisas devem ser ordenadas, isso é para seus superiores decidirem.

— Meus superiores? E quem seriam esses? — Matthew assomou sobre o dragão, que calmamente se manteve firme.

— Seu rei, Sr. Graham. Seu parlamento, seus oficiais. Todos esses são seus superiores.

Matthew fez uma careta e Alex se virou para Ian.

— Abaixese, finja que está ferido. Seu pé ou algo assim.

Ian caiu de joelhos, gritando como um porco moribundo.

— Não tão ferido assim — Alex sibilou, embora parecesse ter o efeito desejado. Matthew e o oficial se viraram para olhar a encosta. Ela desceu os últimos metros. — Venha rápido, Ian se machucou!

Matthew deu a Alex um olhar cético, mas correu na direção que ela apontava, deixando Alex sozinha com o pequeno oficial.

— Senhor — ela fez uma reverência —, talvez eu possa lhe oferecer um pouco de cerveja? E a seus homens, é claro.

O dragão animou-se com a oferta generosa, e quando Matthew voltou, depois de ter se assegurado de que Ian tinha sobrevivido à queda quase letal, os soldados estavam muito menos ameaçadores.

— Segunda-feira na próxima semana — disse o oficial quando eles voltaram aos cavalos. — Na Igreja.

Matthew assentiu e observou a tropa partir antes de enfrentá-la.

— Você não deveria desperdiçar cerveja com isso.

— E você não deveria perder fôlego discutindo com eles, não é como se você tivesse muita escolha, certo?

Matthew resmungou algo rude e explícito, dentre o que Alex pôde

distinguir “filhos da puta” e “chupadores de cabra”. Chupadores de cabras? Isso quase a fez rir.

Matthew passou o resto da manhã trabalhando no telhado do celeiro, descarregando sua raiva nas novas telhas. De vez em quando, ele via Alex andando de um lado para o outro lá embaixo, e uma vez ele até viu Joan, uma forma cinza curvada que foi mancando até a “casinha” e depois de volta.

— O que está incomodando Joan? — Matthew perguntou a Alex depois do jantar.

— Não tenho certeza — disse Alex.

Matthew mordeu o lábio. Lentamente, mas de forma constante, Joan estava recuperando suas forças, e quando Simon partira, há uma semana ou mais, ela estava perto de voltar ao normal. Mas desde então começou a recair, deitando-se pálida e desanimada em sua cama quando não estava amamentando a filha.

— Simon diz que ela não deve tentar ter outro filho. — Matthew balançou a cabeça com a injustiça daquilo. Boas pessoas como Simon e Joan deveriam ser abençoadas com muitos filhos, e agora tudo o que tinham era uma filhinha magricela, com o cabelo ruivo do pai e os grandes olhos cinzentos da mãe. Mesmo que Simon tivesse tentado fazer pouco disso, Matthew ouviu a decepção em sua voz.

— Eu ouvi — disse Alex. — Mas como vão administrar? Suponho que eles ainda vão querer fazer sexo.

Matthew sorriu com a expressão dela. Ele nunca fizera sexo com sua Alex, ele tinha feito amor com ela ou se deitado com ela ou a tomado nas escadas — embora isso tenha sido há muito tempo — ou a tido no palheiro. Ele olhou na direção dela e viu que ela estava seguindo sua linha de pensamento. Isso fez suas bolas apertarem agradavelmente.

— Eu ficaria louca — disse ela, seus olhos azuis muito intensos. — Sabe, sem...

— Sim, mas se fosse uma questão de proteger sua vida, encontraríamos outros caminhos.

Alex o apalpou com força, sorrindo ante sua exclamação abafada.

— Tenho certeza de que sim. — Ela riu e se afastou dançando.

— O que ele está fazendo aqui? — Alex disse alguns dias depois, seus olhos atirando dardos nas costas de Sandy Peden, que desapareceu dentro da casa.

— Joan perguntou por ele, então eu fui e o encontrei.

— Joan? Por que ela iria querer vê-lo?

— Talvez por ele ser um homem de Deus? — Matthew passou a

mão no rosto. A apatia de sua irmã o preocupava, e se Sandy pudesse tirá-la disso, ele ficaria eternamente grato. — Ela se culpa; um único filho e é uma menina.

Alex murmurou algo sobre viver em um mundo de homens, seu olhar ainda preso na porta.

— Ele não vai ficar.

— Não, claro que não — Matthew se apressou em dizer. — Ele sabe disso.

Alex apertou o xale em volta dos ombros, virando-se para varrer o quintal, a estrada, as encostas circundantes, com os olhos.

— Alex — ele suspirou —, não sou bobo. Coloquei Gavin vigiando no começo da estrada.

Sandy sentou-se por horas com Joan, e quando ele saiu de seu quarto ela também o fez, segurando o braço do ministro enquanto descia as escadas.

— Muito bem — disse Alex, conduzindo Sandy na direção da cozinha. — Meio que traz à mente a história de Lázaro.

Matthew engasgou com uma gargalhada.

— Ela não estava morta — corrigiu Sandy, aceitando a comida que foi colocada em sua frente.

— A diferença era pouca, ela ficava olhando para a parede por dias a fio, mais morta do que viva.

— Eu ouvi isso — disse Joan com um toque de aspereza.

— Um milagre, um milagre — murmurou Alex. — Olha, ela se mexe, ela fala, ela até ouve.

Matthew lançou-lhe um olhar de reprovação, mas Alex apenas bufou e desapareceu na direção da sala, onde uma sucessão de barulhos indicava que a pequena Rachel estava fazendo algo que não deveria.

Matthew levantou Jacob para sentar em seu colo e sorriu para a irmã.

— É bom ver você de pé.

— Sim, bem, é bom estar de pé. — Ela não parecia convencida, mas sorriu quando Sarah colocou Lucy em seus braços. — Você vai batizá-la? — ela perguntou a Sandy, entregando-lhe a bebê.

— Ele não tem permissão — interrompeu a voz de Alex. — Foi formalmente expulso e não deve realizar nenhum sacramento. — Ela entrou na cozinha, franzindo a testa para os três.

— Ele é um ministro do meu credo, e prefiro me esconder no musgo para ouvir o ministro Peden pregar, do que ir a Cumnock e ouvir um representante da Igreja da Inglaterra nos oferecer a salvação se apenas reconhecermos a autoridade do rei sobre a igreja. — Joan parecia mais animada do que há semanas, com duas manchas vermelhas nas bochechas.

— Ele batizou Jacob. — Matthew acariciou o cabelo louro e espesso de seu filho mais novo.

— Isso foi há dois anos — disse Alex. — Antes de começar a ficar realmente complicado.

Sandy sorriu para a criança em seus braços.

— Ficarei feliz em batizar a pequena e, se você quiser, podemos fazer isso agora. — Ele lançou um olhar desafiador na direção de Alex, que abriu a boca para dizer algo, mas claramente pensou melhor. Em vez disso, ela tirou Jacob do colo de Matthew e saiu da sala.

— Ela teme por eles e por mim — Matthew tentou explicar, observando Alex cruzar o quintal com todos os seus filhos e Ian a reboque.

— Sim, bem — disse Sandy —, ela é apenas uma mulher: fraca de corpo e mente.

Matthew encontrou os olhos de Joan, suprimindo um sorriso com a descrição de Alex.

Assim que Lucy foi batizada, Joan a levou para cima e Matthew e Sandy sentaram-se na cozinha, conversando sobre isso e aquilo. Hesitante, Matthew contou-lhe sobre o juramento e Sandy endireitou o corpo.

— Você não pode fazer esse juramento. Significaria renunciar à sua fé! — Sandy parecia inflexível, olhos cinzentos tão penetrantes que Matthew se contorceu no banco.

— Mas meus filhos e Alex... Eu não posso arriscá-los, posso?

— É ela, não é? Ela não se preocupa com sua alma imortal.

— Ela teme por nós — Matthew reprovou.

— Ela é fraca de fé, nós dois sabemos disso. Teria sido melhor se você tivesse se casado com alguém igual à sua irmã, uma mulher que entende os sacrifícios que nossa fé às vezes exige.

Matthew balançou a cabeça.

— Isso não é justo...

— Você não deve — interrompeu Sandy. — Como pode, em sua consciência, fazer algo assim?

— Como pode fazer o quê? — Alex perguntou, aparecendo na porta.

— É entre Matthew e eu. — Sandy se levantou. — Vou embora, a luz do dia está diminuindo rapidamente e eu não quero ficar impossibilitado de partir.

— Não — disse Alex —, isso pode ser um pouco desconfortável.

— Eu vou com você — disse Matthew. Ele queria adiar o confronto inevitável com Alex, sentindo o olhar dela queimar suas costas enquanto puxava a capa ao redor de si e seguia Sandy no crepúsculo de novembro.

— Você não gosta muito dele, não é? — A voz de Joan fez Alex se assustar.

— Não é isso, em muitos aspectos eu o considero um homem admirável, mas ele é muito radical, e isso leva a uma vida difícil.

— Ele é um bom homem.

Alex não tinha dúvidas sobre isso e, às vezes, ele era até engraçado, pintando um quadro atraente de um Deus muito envolvido na vida cotidiana.

— Ele sempre me faz sentir como se estivesse falhando em algum aspecto fundamental, que de alguma forma não sou a esposa que Matthew merece.

Joan se sentou na única cadeira da cozinha e desfez os cordões da roupa para colocar Lucy em seu seio.

— Ele acha que falta piedade a você e teme que você não apoie Matthew em questões de religião.

Alex não tinha certeza de como responder a isso. Sandy estava totalmente certo, Alex mantinha uma visão cética da religião como tal, e de jeito nenhum ela permitiria que alguém de sua família — inclusive seu marido teimoso — morresse por sua fé.

— É uma questão de perspectiva. No ponto de vista de Sandy Peden, o além é o mais importante e devemos viver nossas vidas de modo a não colocar em perigo a alma imortal, não importa o que possa nos custar ou àqueles que amamos.

Joan concordou com a cabeça.

— Mas, veja, não acho que Deus concorde com ele. Na verdade, acredito que Ele fique extremamente irritado se desperdiçarmos o dom da vida sendo excessivamente rígidos. Se Ele não quisesse que aproveitássemos a vida, não teria nos dado olhos para ver e dedos para tocar e ouvidos para ouvir todos os sons do mundo com... — Alex se interrompeu, um tanto perturbada pelo olhar surpreso no rosto de Joan. — Acredito que cuspiamos na cara de Deus se jogarmos nossas vidas fora, e não acho que Ele goste muito disso.

Joan trocou a criança de seio e franziu a boca em um funil.

— Você tem muito mais em comum com Sandy Peden do que pensa — disse. — Ele quer viver, viver e louvar ao Senhor todos os dias. Mas de acordo com as crenças dele, não as da Igreja da Inglaterra.

Aquilo meio que calou Alex.

— A que horas você vai partir? — Alex perguntou assim que Matthew voltou.

— Hmm? — Ele mergulhou o pão na sopa, sorrindo para a filha do outro lado da mesa.

— Para Cumnock — Alex disse com uma leve irritação em sua voz.

— Ah. — Matthew voltou para sua sopa.

Rachel escorregou de seu banquinho para sentar-se em seu colo e ele soprou no ouvido dela, fazendo-a gritar. Orelhas que eram tão parecidas com as de sua mãe, pequenas e um tanto pontudas, e com tendência a ficarem rosa quando ela estava chateada. As orelhas de Alex estavam muito rosadas, e Matthew beijou a filha antes de colocá-la de pé.

— Vão, preciso falar com sua mãe a sós. — Ele esperou até que todos eles tivessem ido embora, mesmo Joan e Lucy, antes de se virar para encontrar o olhar de Alex. — Eu não acho que irei cavalgar para Cumnock, devo ter esquecido desse compromisso. Assim como vou ter esquecido também da próxima vez que eles perguntarem.

— Você me disse que iria.

Matthew balançou a cabeça.

— Não, não disse. Eu falei que jurar seria perjúrio e que me tornaria um homem inferior. Eu simplesmente não posso. — O olhar magoado nos olhos dela o fez estremecer, mas ele nunca tinha prometido, não desse modo.

Ele esperava que ela protestasse, mas em vez disso Alex se levantou e saiu da sala. Chamou os filhos, prometendo que esta noite começaria uma nova história emocionante, a história de quatro crianças e um leão, mas apenas se todos eles se comportassem e corressem para a cama.

De onde estava sentado, ele ouviu Ian e Mark discutirem alto sobre quem deveria dormir no meio, e Jacob começou a chorar, com um abafado "Rachel!" deixando claro quem fora a culpada.

À sua volta, a casa se acomodou na noite de novembro e ele fez sua última ronda, trancou as portas e desejou boa noite à irmã antes de entrar em seu quarto. Despiu-se, estremecendo com o frio úmido dos lençóis, e ficou à espera da esposa. Ela nunca veio. Ele a ouviu hesitar perto da porta, e então houve o rangido suave da escada, uma batida repentina da porta. Matthew suspirou e rolou para fora da cama.

Ele sabia onde ela estaria. Sempre que Alex precisava de alguns momentos de solidão, ela ia direto para a colina. Ocasionalmente, ela passava horas lá, olhando para a charneca. Pensando, ela diria, eu só estava pensando. Mas por que agora, no escuro e na umidade? Matthew praguejou enquanto caminhava pela floresta. No que a mulher estúpida estava pensando, saindo correndo noite adentro?

A certa altura, ele considerou dar meia-volta e voltar para casa, mas agora estava bem acordado e molhado, então continuou, prometendo a Alex Graham que ela teria muito que compensar quando a trouxesse de volta para casa.

Ele estava respirando pesadamente quando chegou ao topo e viu a



silhueta dela contra a noite, preta contra um tom mais claro de preto. Ele se juntou a ela e ficou ao seu lado, esperando. Alex estava tremendo de frio, os braços cruzados sobre o peito. Ele colocou um braço em volta dela e puxou-a para si, envolvendo os dois em sua capa. Ela encostou a cabeça nele e, por sua respiração irregular, ele percebeu que ela estava chorando.

— Alex? Ah, não, moça, não chore. — Ele não conseguia vê-la direito, mas conseguiu encontrar seu rosto com a mão, o polegar enxugando seus olhos. — Não precisa chorar, estou aqui.

— Por enquanto — ela fungou. — Mas não por muito tempo.

— Você não sabe disso — disse Matthew, sentindo o corpo dela enrijecer contra o dele.

— Eles vão insistir para que você faça esse juramento — principalmente porque você não foi exatamente discreto nos últimos anos em relação às suas convicções. E se não fizer isso, Deus sabe o que eles farão com você. Você é tudo o que tenho, Matthew. Não tenho mais ninguém além de você neste momento, e ainda assim você está disposto a colocar sua vida em risco por alguma droga de princípio nobre.

Matthew permaneceu em silêncio, mas ela parecia não ter mais o que dizer, pelo menos por enquanto.

— Por algumas coisas vale a pena lutar, moça.

Ela se libertou e recuou.

— É isso que você quer que eu diga a seus filhos enquanto passamos por sua cabeça degolada e exposta? Você acha que vai me consolar, enquanto me deitar sozinha, saber que você morreu por suas crenças?

— Não vai chegar a esse ponto.

— Não? Como sabe? E se eles te pegarem com Sandy no musgo, o que acontecerá? Ou se flagrarem você com sangue na espada depois de uma noite ajudando seus amigos?

— Eu não...

— Não minta para mim! — ela gritou. — Você acha que eu sou estúpida? Acha que eu não noto quando você limpa sua espada? — Ela balançou a cabeça para ele. — Toda noite que você passa naquela charneca, está correndo um risco, um risco enorme.

— Eu tenho que ajudar como posso, eles são meus irmãos, meus amigos, e...

— Mas e quanto aos nossos filhos? E eu? Eu não valho algo para você também? — Sua voz falhou nas últimas palavras.

— Como você pode me perguntar isso? Claro que vale, eu te amo, todos vocês — disse ele.

— Mas não é suficiente para fazer o juramento que vai dar a todos nós alguma segurança, certo?

Matthew encolheu os ombros. Era um assunto entre ele e Deus, e Sandy havia esclarecido o que ele estaria fazendo se fizesse o juramento com o propósito expresso de quebrá-lo, então...

— Vá embora — ela interrompeu. — Apenas vá embora e me deixe em paz.

— Alex — ele colocou o braço em volta dela, mas desta vez ela se esquivou.

— Não — disse ela, recuando para ficar a vários metros de distância. Seu rosto era um oval pálido que parecia flutuar, sem corpo, na escuridão que os rodeava.

— Devo fazer o que minha consciência me manda — ele tentou.

— Sua consciência? — Ela quase gaguejou. — E quanto às suas responsabilidades como pai, como marido? O que sua preciosa consciência diz sobre isso, hein? Eu morreria sem você, ouviu? Eu... — Ela parou, enxugando os olhos.

— Ah, Alex! Eu nunca... — Centímetro por centímetro, discretamente, ele se moveu em direção a ela, querendo envolvê-la, segurá-la contra o peito.

— O quê? — ela exigiu. — O que você nunca faria? Assumir riscos? Colocar suas crenças antes de sua família?

Ele não tinha certeza de como responder a isso.

— Eu sou esperto, moça. — Ele tentou agarrá-la, mas ela evitou sua mão e o empurrou, fazendo-o cambalear para trás.

— Vai! Eu não quero que você me toque, não quero que você fale comigo. Me deixe em paz. Já posso muito bem me acostumar com isso, certo? — Ela lhe deu as costas e, por um longo tempo, não se ouviu nenhum som além de sua respiração instável. Finalmente ela limpou a garganta.

— Nem uma vez eu desejei estar de volta no meu tempo, nem uma única vez. Mas esta noite eu gostaria de nunca ter conhecido você, Matthew Graham, nunca ter tido seus filhos para me amarrar ao seu lado.

— Você não está falando sério — disse ele, engolindo a dor que sentiu com aquelas palavras. — Diga-me que não.

— Não estou? — Ela virou-se para encará-lo. — Não, claro que não. Mas eu gostaria de estar.



**A**pós muita insistência, Matthew tirou Alex da colina, mas ela não disse uma palavra a ele no caminho de volta. Assim que eles entraram, ela foi para a cama sem sequer lhe desejar boa noite, mantendo a maior distância possível dele em uma cama com menos de um metro e meio de largura. De manhã, quando ele acordou, a metade da cama dela estava vazia e, quando ele desceu para a cozinha, ela se afastou para colocar a mesa entre eles.

Ela parecia exausta, a pele sob seus olhos estava machucada e inchada, e ele percebeu que ela estivera chorando de novo. Algo na maneira como ela abraçava a si mesma o fez querer tomá-la em seus braços e colocá-la no colo, embalando-a até que ela se sentisse segura, mas ela manteve uma distância constante, evitando-o sempre que ele tentava se aproximar. Até mesmo as crianças notaram, com Jacob e Rachel aconchegando-se à mãe muito mais do que o normal, pequenas mãos lhe fazendo afagos preocupados.

Alex ajudou Sarah a limpar tudo depois do café da manhã e acenou com a cabeça para os homens quando eles passaram por ela a caminho do trabalho. Recuou quando Matthew se aproximou dela, murmurando algo sobre a necessidade de sair e, quando ele estendeu a mão, ela apenas balançou a cabeça.

— Alex — disse ele. — Precisamos conversar.

— Conversar? Sobre o quê?

Por um instante, seus olhos encontraram os dele, dois poços profundos de um azul escuro, e então ela pegou a capa em uma mão e sua cesta na outra. Correu porta afora, tropeçou no meio do pátio, mas recuperou o equilíbrio e foi embora — não na direção do bosque, mas na direção da estrada para Cumnock. Sem dúvida, para ver se ele ia ou não, ele suspirou, seguindo-a com os olhos até que ela sumiu de vista atrás dos sabugueiros.

Pela primeira vez em mais de sete anos em que a conhecia, ele estava ciente de que estava sendo julgado por ela. Havia uma escala mental em sua cabeça, e o que ele fizesse ou não hoje determinaria para sempre a vida deles juntos. Ela estava tornando tudo muito simples para ele: suas convicções ou sua esposa. Ele encontrou o olhar da irmã e abaixou a cabeça.

— Eu preciso ir.

— Sim, acho que você precisa. E ela está certa; você terá que fazê-lo mais cedo ou mais tarde de qualquer maneira. Eles vão usar a força se for preciso, até mesmo Sandy sabe disso.

— Você acha?

— Sandy não é idiota, Matthew. Apesar de todas as palavras inflamadas, ele entenderá, e Deus também.

Ham estava extraordinariamente brincalhão, dando uma série de pulos com as pernas rígidas no caminho até a estrada, mas quando deixaram Hillview para trás, o cavalo estava sob controle. Matthew sentou-se tranquilamente, procurando por Alex nas colinas ondulantes à sua direita. Quando a viu, ergueu a mão e parou o cavalo, esperando enquanto ela caminhava pela urze espessa em sua direção.

— Você vai cavalgar comigo? — ele perguntou quando ela estava perto o suficiente para conversar. Ela acenou com a cabeça e ergueu os braços em um gesto semelhante ao que uma criança faz quando quer ser segurada. Ele se inclinou em direção a ela e a ajudou a se sentar em sua frente, as saias largas dobradas sob as pernas dela para impedi-las de ondular como um cogumelo gigante ao vento.

— Não vai doer — disse ela, quebrando um longo silêncio. — São apenas algumas palavras, certo?

Matthew torceu a boca em um sorriso irônico.

— Eu era muito jovem quando fiz o juramento sobre a Liga e a Aliança Solenes, e para mim e meus irmãos de armas aquele documento significou o nascimento de algo novo; um país onde o homem foi reconhecido como sendo capaz de falar diretamente com seu Deus, conforme ensina nossa fé presbiteriana.

— E em algum lugar havia também uma cláusula para eliminar todo papado e prelado — disse Alex. — Parece a abordagem mais tolerante com o próximo.

Matthew concordou que talvez algumas das palavras tenham sido um pouco duras demais.

— O que vai, volta, porque agora o prelado tem a vantagem, certo?

— Mmm — Matthew suspirou.

— O que exatamente eles querem que você jure?

— Devo abjurar a Liga Solene e devo jurar fidelidade ao rei.

— Bem, isso não é tão ruim, é?

Matthew estudou o marrom encharcado da charneca circundante, mergulhou o nariz na cabeça dela e inspirou o cheiro de lavanda e lá úmida. Subjacente a isso estava o perfume exclusivo dela; quente e frutado, com um toque de sal.

— Devo jurar defender todas as leis do reino, todas elas, incluindo a que proíbe reuniões religiosas e o Ato de Uniformidade. Portanto, toda vez que for ouvir Sandy ou qualquer um dos outros ministros no

musgo, não estarei apenas desrespeitando a lei, mas também estarei violando meu juramento.

— Então não vá — disse Alex.

— Ah, não; isso você não pode exigir de mim. Você pode pedir que eu faça o juramento e que pare de abrigar meus amigos por causa de nossos filhos. Mas não pode me impedir de ouvir a palavra de Deus da boca dos homens que amo e respeito. — Ele a sentiu enrijecer, uma inalação de surpresa presa a meio caminho de seus pulmões. Balançou a cabeça diante da inocência dela. Ela pensara que era apenas uma questão de fazer o juramento, protegendo assim a todos. Em vez disso, esse juramento o encurralaria com ainda mais eficácia, porque ele jamais renunciaria a suas crenças.

— Prometa que vai tomar cuidado — foi tudo o que ela disse, e sua mão era como uma alga em volta do pulso dele até Cumnock.

Em geral, Alex gostava de suas excursões à pequena cidade mercantil, perturbações raras e bem-vindas em sua vida no campo. Casas estreitas — predominantemente de pedra, mas aqui e ali velhas o suficiente para serem feitas de enxaimel — margeavam as ruas tortas e em sua maioria asfaltadas. Um labirinto de becos ligava as ruas, havia uma pousada aceitável chamada The Merkat Cross que era encostada no mercado, uma igreja relativamente nova e várias lojas, a maioria delas ostentando venezianas com dobradiças horizontais antigas que, quando abertas, serviam como um telhado estendido e balcão. Lixo e vísceras cobriam as ruas e flutuavam no rio, havia um fedor penetrante de humanidade suja e excremento, mas hoje ela estava muito ciente de como seu homem estava tenso para fazer mais do que franzir o nariz.

Mesmo sendo um dia de semana, os homens corriam em direção à igreja — homens em trajes formais escuros e expressões sérias que faziam Alex pensar em pessoas lutando contra ondas de náusea. Eles desmontaram e Matthew relaxou visivelmente na presença de tantos vizinhos e amigos, chamados como ele para jurar na frente do novo reverendo anglicano, do condestável e do oficial comandante das guarnições em Ayr e Cumnock. Matthew acenou com a cabeça em uma saudação silenciosa a Davy Williams, da fazenda mais próxima a Hillview, e ocupou seu lugar na fila, deixando Alex nas laterais, de pé com as poucas outras esposas que haviam aparecido para testemunhar.

A Sra. Williams puxou seu manto puído ainda mais apertado em torno de si.

— Onde isso vai acabar? Seremos forçados ao batismo naquela Igreja meio papista da Inglaterra?

— Shh — a Sra. Brown, outra vizinha, lançou um olhar

preocupado ao redor.

— Ah, não. — Uma das outras esposas sorriu. — Enquanto tivermos nosso Sandy por perto, ele vai fazer batismos e casamentos.

— Mas não os funerais — disse a Sra. Williams —, não se você quiser repousar no cemitério.

— Precisamos apenas ter certeza de não morrer então — Alex brincou, ganhando vários olhares de desaprovação.

Diante delas, seus homens estavam um a um se ajoelhando para fazer o juramento, murmurando suas respostas quase inaudivelmente. Demorou muito, cada homem sendo forçado a repetir literalmente um longo texto no qual eles juravam fidelidade à coroa, abjuravam quaisquer juramentos anteriores em conflito com essa fidelidade e juravam respeitar todas as leis do reino. Assim que terminaram, o comandante da guarnição os estudou por um longo tempo.

— Todas — ele disse em uma voz estridente. — Todas as leis. Ajudar os fora da lei é violar a lei, participar de assembleias ilegais é violar a lei. Esquecer por um momento que todo o poder, tanto no estado quanto na igreja, está investido em Sua Majestade, o rei, é violar os juramentos que todos vocês fizeram. — Ele ficou na ponta dos pés e balançou ameaçadoramente na direção deles. — Eu vou estar observando vocês. Meus homens estarão observando vocês. O tempo todo. — Ele olhou cada um dos homens no rosto antes de acenar com a cabeça para o reverendo, que os informou que eles seriam bem-vindos para os serviços religiosos no domingo seguinte.

— Vão com Deus — acrescentou ele estridentemente e apressou-se pelo corredor na esteira do oficial que caminhava.

— Sempre vamos com Deus — murmurou a Sra. Williams. — Nós O temos sempre conosco. — Houve um leve sussurro de risadas das outras esposas.

— Não que isso vá fazer muita diferença — Alex comentou enquanto cavalgavam de volta para Hillview. — Os soldados já estão por toda parte.

— Sim, eles estão. — Matthew franziu o cenho para nada em particular, ainda abalado pelo tom ameaçador do oficial.

— Matthew? — Ela firmou mais o aperto em volta da cintura dele quando Ham deu alguns saltos alegres. — Sandy é um fora da lei?

— Ainda não, mas foi um pouco estúpido da parte dele batizar todos aqueles bebês em Castlehill.

— Isso mudará as coisas para ele? Se ele for proscrito?

Matthew riu sem alegria.

— Mudar? Sim, bem, não enquanto ele não for capturado. — Ele cavalgou em silêncio por algum tempo, imaginando onde o pobre Sandy estaria se abrigando hoje, com o vento vindo quase na

horizontal e as nuvens tão baixas que dava para se molhar só de pisar do lado de fora. Ele aumentou a pressão das coxas sobre Ham, com pressa de voltar para casa para se aquecer, se alimentar e ver seus filhos que esperavam.

Quando chegaram em casa, descobriram que Joan tinha voltado para a cama e, com as perguntas preocupadas de Alex, ela apenas sorriu e garantiu que logo ficaria bem, mas que precisava dormir, estava muito cansada.

— Eu me pergunto se ela pode estar anêmica — Alex meditou, franzindo a testa para o conteúdo de sua despensa. — E se estiver, com o que posso alimentá-la?

— Anêmica? — Matthew tinha apenas uma vaga noção do que isso poderia significar e acenou com a cabeça para a tentativa de explicação de Alex.

— ... então, com toda aquela perda de sangue... — Alex deu de ombros. — Na minha época, eles davam pílulas ou uma injeção. Nos dias de hoje, bem, vai ter que ser pela dieta. — Ela franziu a sobrancelha. — Chouriço e fruto de roseira.

A dieta forçada pareceu ajudar, mesmo que Joan reclamasse da falta de variação, e seis dias depois ela foi a primeira a sair da cama. Já estava sentada na cozinha com Lucy, quando Alex desceu ruidosamente as escadas com quatro crianças famintas a reboque.

— Melhor? — Alex examinou a cunhada. Havia um tom rosado em sua pele e seu rosto havia perdido aquela expressão sombria, como se ela estivesse permanentemente engolindo bile amarga.

— Sim, cansada, mas melhor. — Joan embalou Lucy e olhou para ela. — Ela é um doce bebê. Nunca chora, dorme com qualquer tipo de barulho.

— Ela não dormiria nada se fosse se importar com o barulho — disse Matthew bocejando da porta.

— Não mesmo — Joan concordou, mas havia um tom de preocupação em sua voz. — Temo que ela seja surda. — Ela olhou de Alex para Matthew em uma súplica silenciosa para que eles rissem da declaração ridícula. Nenhum deles o fez, em vez disso Matthew pegou a pequena Lucy e a aninhou em seus braços.

— Por que você pensaria isso? — Alex perguntou.

Joan se levantou, encontrou duas painéis de cobre e bateu-as atrás da cabeça de Lucy. Alex e Matthew pularam, mas as pálpebras de Lucy nem piscaram.

— Surda — Joan repetiu e saiu da cozinha com as painéis penduradas em suas mãos.

— Poderia ser pior, ela poderia ser deformada ou cega ou algo assim — disse Alex.

— Em vez disso, ela é surda como uma porta — disse Matthew. — E sim, poderia ser pior, mas é ruim.

Lucy se contorceu em seus braços, seu rosto mudando de rosa para vermelho brilhante. Ela abriu a boca e gemeu, um som de raiva que fez sua mãe estar ao seu lado tão rapidamente que Alex suspeitou que ela estivesse do outro lado da porta.

— Bem, pelo menos ela não é muda. — Joan afagou o cabelo avermelhado e traçou um dedo pelo crânio vulnerável, parando na orelhinha perfeita. — O que Simon vai dizer? — ela perguntou e começou a chorar.

Simon chegou alguns dias depois, ouviu em silêncio as notícias de sua esposa e alcançou o ponto mais alto da lista de pessoas favoritas de Alex quando sorriu, enxugou ternamente o rosto de Joan com o lenço e abraçou a ela e a Lucy.

— Tudo vai se resolver — Simon garantiu. Esse abraço coletivo dava a impressão de ser desconfortável para todos eles, mas nem Joan nem Simon pareciam pensar assim, segurando-se com força um no outro. — E ela é uma menina bonita. — Ele olhou os grandes olhos cinzentos que eram o maior trunfo de Lucy.

— Muito — disse Alex. Não, não realmente, nariz e orelhas muito grandes em um rostinho muito magro.

— Ela foi batizada — disse Joan —, Lucy Joan Judith.

— Judith? — As sobranceiras de Simon ergueram-se de surpresa. — Por que você daria a uma criatura inocente o nome daquela megera briguenta?

— Ela é sua tia e ficará satisfeita.

Simon bufou, mas deixou por isso mesmo.

Matthew estava no celeiro quando o bando de soldados entrou cavalgando em sua propriedade na manhã seguinte, observando com raiva crescente enquanto um indignado Simon era cercado e cutucado de um lado e de outro por homens a cavalo.

— O que vocês querem? — Simon retrucou, pulando de uma perna para a outra. — Não pode esperar até eu ir ao banheiro?

— Quem é você? — perguntou o oficial. Ele se inclinou sobre o pescoço de seu cavalo. — Tem cara de ser aquele pregador renegado.

— Certamente que não sou!

— Não, gordo demais — concordou o oficial —, um homem que vive na miséria não seria tão bem alimentado. Então quem?

— Simon Melville, advogado. — Simon olhou para ele e o oficial semicerrou os olhos.

— Ah, sim; agora eu te reconheço. Nos conhecemos em julho.

— É mesmo? — Simon encolheu os ombros. — Você não deixou nenhuma impressão, infelizmente.



— Não em você, mas talvez no seu ... o que é, cunhado?

— Isso também. Mas, antes de mais nada, amigo. Melhor amigo — disse Simon.

— Sortudo. — O tenente permitiu que Simon saísse correndo.

O oficial estalou os dedos e seus homens se espalharam pela fazenda, alguns na casa, alguns nos galpões e estábulos, e um fora para vasculhar o celeiro.

— E seu marido também não está aqui hoje, Sra. Graham? — O tenente Gower perguntou assim que Alex saiu. — Muito estranho, não é, como ele está sempre em outro lugar quando chegamos. — Ele sorriu para Alex. — E ainda assim nós aparecemos com tanta frequência.

Matthew já estava farto e saiu do celeiro com o martelo na mão. O pequeno oficial estava tentando intimidar sua esposa, conduzindo seu cavalo em círculos apertados ao redor de Alex, que conseguiu parecer bastante imperturbável.

— E o que você pode querer comigo? — ele gritou, caminhando para se juntar a eles, com Ian e Mark em seus calcanhares.

— Ah, o esquivo Sr. Graham. E assim nos encontramos finalmente. — O tenente sorriu, curvando-se exageradamente.

Matthew acenou com a cabeça, nada mais.

— Não é a primeira vez.

— Não, não é — disse o tenente. — Mas, na época, você estava... bem, como podemos dizer... relutante em conversar?

— Na época, eu estava sendo injustamente preso e espancado. Por você, se bem me lembro.

— Injustamente? — O tenente riu. — Eu acho que não.

Matthew ficou extremamente tentado a tirar o idiota sorridente de seu cavalo e dar-lhe uma boa surra ali mesmo. Em vez disso, ele se colocou na frente de Alex, os braços cruzados, e olhou para o oficial.

— O que posso fazer por você?

Gower encolheu os ombros.

— Você sabe, Sr. Graham; sempre à procura de pessoas que estão tentando fugir da lei. — Ele deu um tapinha no pescoço reluzente de seu cavalo e varreu a família reunida com seu olhar. — Como Alexander Peden.

— Ele não está aqui.

— Não, hoje ele não está, mas um dia estará, e então será ruim para ele e para você. — Ele sacudiu a cabeça para sua tropa e segurou o cavalo até que seus homens estivessem na metade da colina. — Nós voltaremos — disse, curvando-se na direção de Alex antes de estimular seu cavalo a um galope calmo.

— Não é uma grande surpresa — Alex murmurou. — Parece-me que eles passam por aqui mais ou menos todos os dias.

— Sim — disse Matthew —, com muito mais frequência do que em qualquer outro lugar, pelo que ouvi.

Simon reapareceu vindo do banheiro, cuspiu para o lado e veio se juntar a eles.

— Você fez o juramento e ainda assim eles vêm. Parece que não confiam em você.

Matthew riu suavemente.

— Parece que não.

— Sem razão, é claro — Simon disse, dando a ele um olhar penetrante.

— Claro — Matthew mentiu, seus olhos em tudo, menos em sua esposa.

Simon fez um som como um porco insatisfeito.

— Eu já disse, você está brincando com fogo.

Matthew se abaixou para pegar uma ferradura descartada e sorriu.

— Para dar sorte — disse alegremente, e os deixou sozinhos no quintal.

Alex seguiu o marido com os olhos até ele estar fora de vista, mordendo o lábio.

— Ele está fazendo de novo? — Simon perguntou. — Está oferecendo comida e cama para passarem a noite?

Alex balançou a cabeça.

— Ele prometeu que não faria isso, e eu acredito quando ele diz que não.

Simon revirou os olhos azuis claros para ela.

— Pelo menos não aqui — acrescentou ela, mordendo a bochecha. Chalé de Margaret! Isolado e na extremidade da floresta, seria uma bela casa segura, com a vantagem adicional de estar perto da charneca. — Eu juro que vou chutar as bolas dele — disse ela e disparou na direção do celeiro.

Matthew ouviu o farfalhar de suas saias enquanto ela descia pelo celeiro até onde ele estava trabalhando em uma das paredes e se virou para ela.

— O que exatamente você me prometeu? — Alex disse.

Ele a olhou com cautela; havia um tom perigoso em sua voz.

— A você? Prometi te amar e te abraçar, te ofertar casa e comida, cuidar de você, para...

— Isso não! O que você me prometeu em relação a Sandy Peden e os outros?

— Você precisa perguntar?

— Só quero ter certeza de que estamos de acordo — disse ela em

uma voz suave. — Então? — perguntou após silêncio contínuo.

Matthew exalou e jogou o martelo no chão.

— Eu prometi não trazê-los para casa. Pelo menos não agora.

— E casa é o quê? A casa grande? O celeiro e os estábulos?

— Tudo isso — disse Matthew, aliviado. — A casa e o celeiro e todas as construções.

— Toda Hillview?

Ele se contorceu.

— Toda Hillview? — ela repetiu.

— Hillview inteira — disse ele, derrotado.

— Então, se eu fosse até a cabana de Margaret no final da tarde, não encontraria ninguém lá, não é?

— Não, não encontraria.

— Bom. E vou verificar, só para você saber. — Com isso ela foi embora.

Matthew chutou o martelo e deslizou para se sentar. Mulher maldita, fazendo-o se sentir como um menino de quatro anos pego com os dedos no pote de mel! Sandy estava mal, uma tosse desagradável, e agora ele teria que subir e dizer que o amigo tinha que ir embora. Ele gemeu alto e apoiou o rosto nas mãos.

— Aqui. — A voz de Alex o assustou. Uma cesta foi colocada a seus pés. — Coloquei um pouco de licor de framboesa, ajuda com a tosse. E eu peguei sua velha capa. Posso fazer uma nova para você, há tecido suficiente.

Antes que ele tivesse tempo de dizer qualquer coisa, ela se foi, fugindo dele.

— Um dia tudo será meu — disse Mark com evidente orgulho. Eles estavam sentados no meio da encosta atrás da casa, compartilhando os biscoitos quentes que Mark pegara escondido de Sarah.

Ian deixou seu olhar viajar pela pedra cinza das paredes, pelo telhado de ardósia preta e pelas edificações desgastadas que formavam um "U" aleatório de frente para a casa. O pátio estava cheio de roupa encharcada e fumegante, e lá vinha tia Alex com mais uma carga. Por causa do olhar atormentado em seu rosto, eles decidiram que era melhor ficar longe até que tudo estivesse mais tranquilo.

— Deveria ser meu — disse Ian. — Isso é o que meu pai diz. — Não exatamente; o que o pai dizia era que Hillview deveria pertencer a ele, não a tio Matthew, porque Matthew deveria estar morto, e por definição isso significaria que Ian herdaria tudo assim que o pai estivesse morto.

Mark olhou para ele perplexo.

— Seu? Mas é do meu pai, e então será meu e do meu filho. De filho mais velho para filho mais velho.

Ian estava explodindo de ciúme; Hillview nas mãos de um garoto de nariz empinado cinco anos mais novo.

— Alguns dizem que sou o filho mais velho do tio Matthew.

— Mas você não é — disse Mark dando de ombros.

— Não? Já ouvi o próprio tio Matthew gritar para o mundo que sou filho dele. — Ele desviou o olhar, dominado por memórias de rostos ensanguentados e palavras raivosas.

Mark largou o biscoito restante e saiu correndo. Ian suspirou. Talvez não devesse ter contado a ele. Chutou o biscoito descartado, espalhando migalhas por toda a grama.

O único benefício de passar um dia inteiro lavando roupa era a felicidade de sentar-se depois que tudo estava pronto. Com um pequeno grunhido, Alex desabou em um banquinho. Suas mãos doíam, assim como suas costas, suas coxas, seus ombros.

Rachel e Jacob estavam brincando debaixo da mesa, algo promissor estava sendo preparado no fogo, e ali vinha Sarah com um chá de ervas. Houve um som de pés correndo e Ian irrompeu na cozinha — sozinho.

— Onde está o Mark? — Alex olhou de Ian para a porta e de volta para Ian. — Ian? Onde está o Mark? — Ela olhou para onde seus lençóis balançavam no vento fraco de novembro antes de cravar o olhar no menino.

Ian murmurou que não sabia e tentou escapar.

Alex o agarrou.

— Vocês saíram juntos e agora você voltou sozinho. Então o que aconteceu? Vocês brigaram?

— Não exatamente. Ele simplesmente fugiu.

— Para onde?

— Lá para cima, em algum lugar — Ian respondeu, apontando na direção do moinho.

Alex franziu a testa. Estava escurecendo e Mark geralmente nunca perdia uma refeição.

— Quando?

— Pouco antes de o tio Matthew partir com o novilho que iria vender.

— Isso foi horas atrás! — Alex explodiu, fazendo Ian se afastar dela.

— Qual é o problema? — Joan entrou na cozinha, com Lucy aconchegada em um xale junto ao peito.

— Mark. — Alex explicou e terminou lançando mais um olhar preocupado pela janela. — Terei que ir procurá-lo. Você pode ficar de olho na Srta. Cabeça de Vento e em Jacob para mim?

Joan assentiu, é claro que ela ficaria.

— Ele não deve estar longe, é apenas um menino.

Em lugar algum! Nem no estábulo, nem no celeiro. Não estava perto da cabana de Margaret, nem em seu esconderijo sob as amoreiras silvestres que apenas ele e Alex conheciam. Alex estava rouca de chamar seu nome e, ao cair da noite, sua lamparina espalhava um raio de luz patético.

Ela bateu na porta do moleiro e Andrew abriu, mas disse que não, o pequeno Mark não tinha subido ali, mas talvez ele estivesse no... ele sacudiu a cabeça na direção do galpão isolado que Matthew usara para abrigar Sandy durante o verão.

Andrew a acompanhou: um menino grande e bonito com um sorriso envolvente e o QI de um hamster. Mas também não havia Mark nenhum ali, e Alex teve que se esforçar muito para não chorar, sorrindo um rápido agradecimento para Andrew antes de sair correndo para... Ela parou no meio do caminho. Certamente Mark não teria feito algo tão perigoso? Ela olhou para o rio cheio com apreensão. Depois de um mês de fortes chuvas, o lago do moinho estava transbordando em uma corrida agitada, derramando uma espuma de água furiosa no normalmente plácido riozinho.

Ela caiu enquanto descia a margem do rio, sentando-se com força sobre o traseiro.

— Merda — murmurou, olhando para a água com desânimo. Não era fundo, não para ela, mas Mark ainda não tinha seis anos. Ela tirou os sapatos e as meias, ajeitou as saias o máximo que pôde e, com a lanterna em uma das mãos e a saia na outra, caminhou pelas águas frias em direção ao carvalho nodoso.

— Mark? — Sua garganta doeu com o esforço. — Mark? Você está aí? — Houve um movimento farfalhante sobre sua cabeça. — Mark? Desce filho. — Ele desceu, aparecendo ao seu lado tão de repente que ela engasgou.

Ele estava molhado até muito acima da cintura e, quando Alex o abraçou, ele começou a chorar. Com o filho nos braços, ela voltou para o outro lado. Ela se sentou e o segurou o mais perto que pôde, esfregando as mãos para cima e para baixo em suas roupas encharcadas.

— Nós temos que tirar essas roupas de você — ela disse e o levantou, tirando as calças e as meias. Tirou o xale e envolveu Mark com ele, segurou-o de volta ao colo e o esfregando um pouco mais.

— O que aconteceu? — ela perguntou assim que Mark se acalmou. Ele enterrou o rosto contra ela e se recusou a responder. — Mark, me conte. Ian machucou você?

Mark começou a chorar de novo, e Alex calou-se e ficou dando tapinhas nele, dizendo que tudo ficaria bem, que ela estava ali, e que ninguém machucaria seu filho enquanto ela estivesse por perto. Mark relaxou, seu pequeno corpo pesado em seu abraço, e ela se sentou balançando-o para frente e para trás.

— Ele disse que é filho do papai — explicou Mark, e por um instante Alex teve certeza de que seu coração havia parado.

— Mesmo? — Ela ainda conseguiu injetar em sua voz uma leve incredulidade.

— Ele disse que Hillview deveria ser dele. O pai dele falou isso. — Mark respirou fundo. — É verdade? Ele é filho do papai? — Ele olhou para ela por baixo de uma cortina de cabelo desgrenhado.

Alex o abraçou com força.

— Ouça-me, Mark Graham. Seu pai tem dois meninos; Mark e Jacob. É isso. Ian deve ter entendido mal.

— Mas ele disse... — Mark parecia hesitante.

— O quê? — Alex perguntou.

Mark desviou o olhar.

— Ele disse que o papai falou isso também — sussurrou.

De alguma forma, Alex conseguiu rir.

— Ele disse? — Ela riu de novo, balançando a cabeça. — Bem, não tenho certeza do que Ian pode ter ouvido, mas ele entendeu tudo

errado. — Alex se levantou e estendeu a mão para Mark. — Agora, temos que voltar para casa e espero que você encontre o caminho de volta no escuro, porque não tenho certeza se consigo.

Mark bufou; claro que ele conseguiria. Alex reprimiu um pequeno sorriso e deixou que ele a conduzisse na direção por onde tinha vindo.

Eles encontraram Simon e Matthew no meio do caminho, e Matthew correu em sua direção.

— Você deveria levar uma surra — disse, abraçando o filho. — Fez sua pobre mãe procurar você por horas. — Ele entregou Mark para Simon. — Vá com o tio Simon, direto jantar e dormir.

Mark acenou com a cabeça e enterrou o rosto no pescoço de Simon.

— Você está bem? — Matthew olhou para Alex. Ela se encostou nele, exausta. Queria ser carregada também, alimentada e enfiada na cama.

— Cansada e molhada, e com muita fome, e chateada com Ian. — E com você, ela acrescentou silenciosamente, pelas palavras que atirou em seu irmão com raiva há dois anos e que agora voltam para nos morder.

— Por quê? — Matthew questionou. — Ele machucou nosso Mark?

Alex fez um breve resumo, sentindo como ele parou de respirar, prendendo o fôlego por um longo tempo antes de expirar.

— Meu Senhor — ele gemeu. — Pobre garoto.

Alex não tinha certeza se ele se referia a Ian ou a Mark.

— Você vai ter que falar com ele.

— Sim — disse Matthew —, parece que preciso mesmo.

Ian nem tentou se esconder quando Matthew entrou nos estábulos.

— Venha aqui — disse Matthew, e ao seu tom Ian se moveu em sua direção. Ele olhou para o menino, catalogando as semelhanças evidentes, desde o cabelo, passando pelos olhos e tom de pele, até a forma como os queixos eram fendidos e como os dois tinham um sorriso largo e lento. Exceto que nenhum deles estava sorrindo agora.

Os olhos de Ian estavam inchados de tanto chorar, e o coração de Matthew se compadeceu dele — sem dúvida o garoto estava imaginando todos os tipos de coisas terríveis acontecendo com o pequeno Mark. Com um som estrangulado, Ian se jogou em um monte de palha, esticando as pernas à sua frente.

— Eu sou seu filho? — Ian limpou duas linhas grossas de ranho debaixo do nariz. Matthew suspirou e se sentou ao lado dele.

— Não, você é filho de Luke. Isso é o que sua mãe diz, e ela deve saber. — Ele podia ver o garoto lutando com isso e pigarreou. — Você foi concebido dentro do casamento, enquanto sua mãe era casada comigo.

Os olhos de Ian se arregalaram e Matthew se retorceu por dentro.

— Com você? — Ian sussurrou.

Matthew concordou.

— Mas... — O garoto engoliu em seco. — Ela estava... com vocês dois?

— Sim, ela estava. Com nós dois. — Matthew se sentiu péssimo ao dizer isso, pintando Margaret como uma espécie de prostituta.

O queixo de Ian caiu.

— Mas então você não sabe, nenhum de vocês sabe! — Ele se levantou e se afastou.

— Ian! — Matthew o segurou pelos ombros e puxou-o para perto, ignorando os braços agitados e os soluços altos.

— Quem sou eu? — Ian gemeu, escondendo o rosto na camisa de Matthew. — Se nenhum de vocês sabe, então quem sou eu?

— Você é filho de Luke — Matthew repetiu, ignorando o quanto o machucava dizer isso. Ele embalou o rosto de Ian entre as mãos e forçou o garoto a olhar para ele. — Pode ser que não saibamos com certeza se foi minha semente ou de Luke que te plantou, mas isso não importa, não mais. Você tem um pai que te ama, uma mãe que te adora e um tio que te ama também. — O olhar de Ian fez Matthew querer fechar os olhos, mas ele os manteve abertos, encontrando aquele olhar verde da melhor maneira que pôde. — É o cuidado que conta, menino, não o plantio. O agricultor que semeia a terra e deixa outra pessoa para cuidar da plantação não pode voltar e reclamar a colheita, ela pertence ao homem que cuidou dela.

Ian acenou com a cabeça incerto.

— Mas às vezes — continuou Matthew —, às vezes o fazendeiro que fez o plantio quer reclamar a colheita, especialmente se foi bem cuidada. — Ele deu um abraço rápido em Ian e sorriu tremulamente. — Você é um rapaz muito bonito; um rapaz para a gente se orgulhar, amar e cuidar. E eu teria desejado muito que você fosse meu, mas você não é. Você é do Luke. Ainda assim você é meu sobrinho, minha família. E eu te amo muito.

Por um longo tempo, Ian não se moveu nem falou, ficando muito perto de Matthew. Por fim, tossiu e enxugou os olhos.

— Eu também te amo — disse ele, e disparou noite adentro.

Matthew se sentou no chão. Ele esperava ter dito as coisas certas para o garoto, mas isso o feriu profundamente ao renunciar a qualquer reivindicação de paternidade, dando o garoto permanentemente a Luke. — Você deveria ter sido meu — disse ele em voz alta —, você estava destinado a ser meu.

Ocorreu-lhe que o único homem que poderia entender o que essa conversa lhe custara era seu irmão e, pela primeira vez em anos, desejou uma oportunidade de sentar-se e conversar com Luke.



Descartou a ideia tão rapidamente quanto surgiu; Luke se sentaria e conversaria com ele no dia em que pregasse Matthew em uma cadeira com uma espada ou duas, e isso não era algo que Matthew pretendia permitir.

Ele estava olhando para o nada quando ouviu o barulho de tamancos na porta e levantou a cabeça para ver Alex sorrindo para ele.

— Eu não sei o que você disse a Ian — disse ela, sentando-se ao seu lado. — Mas seja o que for, você o deixou muito feliz. Ele está dormindo agora, com o braço jogado sobre o primo.

— Eu disse que ele era filho de Luke.

— Bem, isso explica tudo, que garoto em sã consciência preferiria você a esse modelo de virtudes?

Matthew riu, brincando com uma mecha de cabelo dela.

— Eu disse a ele que o amo, mas que ele não é meu, por mais que eu desejasse que fosse. — Ele fechou os olhos, recostando-se na parede. — Tenho um sobrinho excelente em vez disso, e isso terá que servir.

— Você também tem dois filhos, e em breve talvez até três.

— “Talvez” não — ele disse, colocando a mão em sua barriga. — Este pequenino é um rapaz. — Levantou-se. — Eu sou um homem afortunado. Três filhos saudáveis, um sobrinho robusto e outro bebê a caminho. — Ele a ajudou a se levantar e colocou um braço sobre seu ombro. — E ainda tenho uma esposa maravilhosa. De opiniões fortes, aliás.

— Quem disse? Um tipo também cheio de opiniões, como Sandy Peden?

Matthew sentiu seu rosto esquentar com a insinuação de que estivera discutindo sobre sua esposa com seu amigo e ministro, mas assentiu.

Alex fez um som desdenhoso.

— Ele tem medo de mulheres, provavelmente teve uma mãe dominadora ou algo assim.

Matthew tossiu. A Sra. Peden pode ter sido um monte de coisas, mas dominadora não era a primeira palavra que veio à mente.

— A Sra. Peden era uma mulher mansa e recatada, como você não é. — Ele deslizou a mão para baixo para agarrar as nádegas dela. — Dizem que palmadas regulares ajudam.

— Palmadas? — Alex repetiu. — Pois tente, e eu vou te dar uma joelhada onde realmente dói. Além disso, você nunca seria capaz de me segurar.

Matthew riu e ergueu as sobrancelhas.

— É melhor você não me tentar. Eu já disse antes que, se eu quiser, posso sempre fazer você obedecer.

— Nos seus sonhos, senhor — ela bufou. — Perverso, você provavelmente fica duro só de pensar em eu revidar. — Um hábil toque de sua mão a fez cair na gargalhada e ela saiu correndo, apenas para ser interrompida.

— Agora veja o que você fez — murmurou Matthew, pegando a mão dela e conduzindo-a até a virilha. — Você acordou a fera.

— Fera? — ela balbuciou, pegando o que podia alcançar através do pano. — Não é uma grande ameaça, é?

— Sim, fera. Portanto, agora você deve ir rapidamente para a cama e cuidar disso.

— De jeito nenhum, estou morrendo de fome. Sua pequena fera terá que esperar.

Ele balançou a cabeça.

— Prioridades, esposa. Você precisa aprender um pouco sobre elas.

— Estou te avisando; estou com muita, muita fome, então não me culpe se eu morder algo por engano.



**N**ovembro transformou-se em dezembro, e semanas de neblina e chuva mudaram para dias claros e secos, frios o suficiente para fazer o nariz escorrer depois de poucos minutos. No dia em que nevou pela primeira vez, as crianças saltaram com as línguas estendidas para pegar os flocos de neve que caíam, enquanto Joan e Alex ficaram olhando da porta da cozinha. Lucy, aos dois meses, era uma garotinha alerta, seus olhos se arregalaram quando Alex pegou um pouco de neve e colocou em sua mãozinha. Os pequenos dedos cerraram-se e uma bola de neve em miniatura apareceu.

— Que forte — Alex comentou. Lucy era uma garota saudável e florescente. Infelizmente, Joan parecia incapaz de ver isso, presa ao fato de que sua filha era surda e, portanto, como ela agora confidenciava com um suspiro, provavelmente tola — todos os surdos eram.

— Não, eles não são, mas é difícil lidar com o mundo sem um dos sentidos, isso faz as outras pessoas pensarem que são estúpidos. — Alex tirou Lucy dos braços de Joan e a ergueu no ar, fazendo a bebê gritar. — Ela é perfeita. Teremos apenas que ajudá-la a superar sua surdez.

A única coisa muito boa no inverno era como as coisas desaceleravam. Os dias começavam mais tarde e terminavam muito mais cedo quando a escuridão caía sobre eles. Alex gostava dessas longas noites à luz de velas passadas com as crianças e Joan, mas principalmente com Matthew na privacidade de seu quarto.

Dominado pela cama de dossel, era um quarto bastante vazio — organizado e arejado, apesar de seu tamanho — contendo um grande baú, um banquinho, uma mesa e dois castiçais de estanho. O penico estava escondido em um canto, havia sempre uma jarra de água limpa e, como Alex odiava dormir atrás das cortinas empoeiradas da cama, ela as tinha jogado fora. Às vezes, eles jogavam damas, em outras ocasiões, Alex divertia Matthew cantando uma música de rock após a outra. Às vezes ele se juntava a ela, cantando junto com sua voz sombria, e às vezes Alex até o colocava de pé para fazer alguns passos de dança, o que geralmente resultava em ela rir loucamente e ele persegui-la ao redor da cama.

Se Alex gostava das noites longas e escuras, Matthew gostava do amanhecer. Um despertar lento e vagaroso, momentos de proximidade pouco exigente no casulo quente de colchas que compartilhava com sua esposa. Ele se aproximou, sua ereção matinal cutucando a bunda dela. Alex rolou em sua direção com um bocejo e se espreguiçou. O linho gasto da camisola rasgara-se durante a noite e, com o movimento dela, um seio redondo ficou à vista, fazendo-o rir.

— O quê? — Ela olhou para o peito. — Oh, isto. Eu acho que é hora de rasgar tudo de vez.

— Você parece... — ele começou.

— Sexy? — ela sugeriu com um sorriso.

Não, não "sexy", não com os olhos incrustados de sono e a marca da fronha em sua bochecha rosada. Ele mexeu em sua trança bagunçada e beijou seu nariz.

— Você parece um anjo amarrotado — disse ele. — Inocente e... — Jovem! Sim, como uma menininha acordada do sono cedo demais.

— Inocente? — Alex riu. — Isso é bom ou ruim?

Matthew puxou seu cabelo, soltando um longo cacho após o outro para decorar seus travesseiros. Ela acariciou sua cabeça e traçou o contorno de sua boca. Com um rugido satisfeito, ele apoiou a cabeça em seu ombro, os braços dela subindo para segurá-lo perto. Nenhuma palavra, apenas uma fusão, uma proximidade física que o encheu de uma paz tão profunda que ele ficaria feliz por um dia inteiro.

O grito os separou. Com um estrondo, a porta se abriu e Mark entrou tropeçando. Matthew cobriu a esposa seminua com uma colcha e se virou para franzir a testa para o filho, irritado por ter aquele momento de prazer interrompido de maneira tão rude.

— O que é? — Ele já havia verificado que Mark não estava ferido de forma alguma.

— Rachel, é Rachel. Ela colocou sanguessugas nas... err... pernas de Ian.

— Ela fez o quê? — Alex se sentou, segurando o lençol contra o peito. — Onde ela conseguiu sanguessugas? — Ela estreitou os olhos para Mark.

— Eu só queria mostrar para ela, avisei para ter cuidado.

— Cuidado — disse Alex —, essa é uma palavra que não existe no vocabulário de Rachel, e você sabe disso, Mark Graham.

Matthew se resignou a ter que sair da cama e resolver aquela situação, porque algo lhe dizia que Rachel havia plantado as sanguessugas um pouco mais alto do que nas pernas do pobre Ian e, do quarto das crianças, uma série de gritos desesperados continuava a ser ouvida. Alex colocou as pernas para fora da cama para ir com ele, mas Matthew balançou a cabeça.

— Não. Você fica. — Ele a empurrou de volta, beijou-a e lançou-

lhe um olhar severo. — Não se mova, Sra. Graham.

— Sim, sim, senhor. — Com um som feliz, Alex se afundou ainda mais na cama.

— Em toda bunda e partes íntimas. — Matthew suspirou mais tarde. — Algumas estavam mortas quando cheguei lá. — Alex encolheu os ombros; não era uma grande fã de sanguessugas, ela disse a ele, a única razão pela qual guardava algumas era porque ajudavam a reduzir o inchaço ao redor dos ferimentos.

— E como ele está?

— Reclamando que está gravemente debilitado, mas prometi que você faria panquecas no café da manhã.

— Oh, você prometeu? — Ela se espreguiçou e bocejou. — Bem, sorte sua. Acho que ainda temos ovos para isso. E Rachel?

Ele deu a ela um olhar rápido.

— Dez, um para cada monstinho. Fortes o suficiente para arder, nada mais. — Ele era restritivo com os castigos corporais, mas quando os considerava necessários, os administrava sem pedir a opinião dela, e isso era fonte de alguma contenda. Como ele esperava, ela parecia descontente. — Eu sei que você não gosta, mas às vezes uma dor no traseiro é a melhor maneira de ensinar.

— Você acha?

— Sim. — Além disso, era seu dever como pai disciplinar os filhos, mas isso ele não disse, sabendo que o tema os lançaria em um debate acirrado. Em vez disso, ele se levantou e puxou as cobertas dela, sorrindo para seu barulho de protesto. — Hora de levantar. Você tem uma família para quem fritar panquecas.

— Ei, que tal alguém me preparando o café da manhã para variar? De preferência servido em uma bandeja na cama.

— Algum dia — ele prometeu —, mas não hoje.

A paz da manhã foi interrompida pelo tilintar de arreios e as mandíbulas de Matthew cerraram-se quando a tropa de dragões entrou em seu quintal.

— É a terceira vez na semana. E hoje é domingo.

— Eles provavelmente querem ter certeza de que você não está escondendo alguém — disse Alex.

Matthew disse algo desagradável sob sua respiração e saiu para encontrá-los, seguido por Alex e Joan.

— Eles estão com Williams — disse Joan. Um Davy Williams maltratado e machucado estava montado em seu cavalo, sem firmeza, com as mãos amarradas à sela. Atrás dele estava sentado um homem que Matthew nunca tinha visto antes, mas por sua vestimenta escura e comportamento exausto ele concluiu que aquele devia ser mais um ministro fugitivo.

— Por favor — Alex murmurou, colocando a mão nas costas tensas de Matthew. — Por favor...

Ele acenou com a cabeça para indicar que tinha ouvido, e quando ela deslizou a mão na sua, ele espalmou os dedos para trançá-las. Mais para o bem dele do que para o dela, porque a menos que ela o ancorasse e o contivesse, ele temia que sua raiva vazasse, e então não havia como saber o que ele faria.

— Sr. Graham, uma bela manhã de domingo, não é? — O oficial sorriu, inclinando a cabeça para Alex. — Um bom dia para oferecer uma oração a Deus, mas como deve ser feito, na igreja, não em assembleia ilegal. — Ele jogou a cabeça na direção de seus prisioneiros. — Seu vizinho está violando seu juramento e temo que isso vá custar muito a ele.

Matthew sentiu que começava a tremer e, ao seu lado, Alex se mexeu, apoiando seu peso quente contra ele. Ele apertou seus dedos, ouviu-a inalar e soube que estava apertando com muita força.

— Fui solicitado a trazê-lo comigo — continuou o tenente Gower —, para que você possa testemunhar a punição.

Matthew lançou um olhar para Williams. O homem estava tão pálido que as veias rompidas em suas bochechas e nariz se destacavam como manchas vermelhas brilhantes. Certamente eles não o enforcariam, certo?

— Não temos o dia todo — disse o soldado, com uma ameaça de aço em seu tom.

Matthew assentiu e caminhou em direção ao estábulo, Alex segurando sua mão.

— Eu vou com você — disse ela, uma vez que estavam fora do alcance dos ouvidos alheios. — De jeito nenhum você vai sozinho. — Matthew assentiu novamente; não porque quisesse que ela fosse, mas porque ele estava começando a enxergar tudo em tons de preto e vermelho, e apenas a presença dela poderia mantê-lo são.

Foi uma viagem longa e fria. Matthew não disse uma palavra, mas sob a capa de Alex sua mão agarrou a dela com tanta força que seus dedos ficaram dormentes. O maldito tenente manteve uma conversa alegre e unilateral, aparentemente imperturbável pelo silêncio pedregoso de Matthew. Alex manteve seu olhar na juba esvoaçante de Ham, não querendo ver Williams ou o ministro trêmulo atrás dele.

No meio do caminho para Cumnock ficava o carvalho da encruzilhada, e parados em formação silenciosa ao lado dele estavam vários outros homens. Alex odiava aquela encruzilhada em particular, pela mesma razão que odiava tempestades. Aquele tinha sido o lugar onde ela quase fora arrastada de volta ao seu tempo vários anos atrás, e ela observou o chão em busca de quaisquer sinais de um abismo

repentino e crescente. Tudo parecia bastante normal, apenas a estrada de terra e aqui e ali um tufo de grama seca. Nenhum poço sem fundo para um futuro ao qual ela não queria retornar, nenhum funil de luz ofuscante.

Um grito alto a trouxe de volta ao momento presente. Atrás dela, Matthew praguejou quando primeiro o ministro, depois Williams, foram puxados do cavalo que compartilhavam. Alex não sabia o que esperar, mas o fato de que eles foram colocados diante da enorme árvore a fez temer que talvez os dois homens fossem enforcados, sem mais nem menos. Williams e o ministro desconhecido olharam para o carvalho com apreensão.

O tenente sorridente desmontou e ficou com as mãos cruzadas atrás das costas. Com seu aceno de cabeça, ambos os prisioneiros foram forçados a ficar na frente dele.

— Você está violando uma série de leis, principalmente o Ato que proíbe assembleias e a Lei das Cinco Milhas. Você... — Ele indicou o ministro. — Você foi formalmente expulso de seu cargo religioso e está proibido, sob pena de morte, de fazer proselitismo entre o povo do reino, e ainda assim vai de casa em casa espalhando crenças que se opõem diretamente à igreja legítima.

O pequeno ministro se endireitou com isso, os olhos flamejando de raiva.

— A Igreja da Inglaterra nada mais é do que uma prostituta com suas raízes papistas de outrora, e se acha que algum dia aceitarei o rei como senhor da minha igreja, você está errado.

O tenente Gower o ignorou e se voltou para Williams.

— Não se passou mais do que um mês desde que você fez um juramento de respeitar as leis deste país e abjurar qualquer tipo de pensamento sedicioso. — Ele suspirou e balançou um dedo. — Juramentos nunca devem ser feitos levianamente — continuou, seu olhar viajando sobre os homens reunidos. — Porque uma vez jurado, você está preso à promessa, e eu sou responsável por garantir que você a cumpra.

Um arrepio coletivo percorreu o grupo e o tenente sorriu — de maneira bastante desagradável.

— Vocês dois serão açoitados aqui, na frente de testemunhas. Você, Sr. Williams, será multado; 200 moedas de prata, a serem pagas em um mês.

O silêncio chocado foi absoluto. Oh, meu Deus! O cérebro de Alex chiou de horror. Duzentas moedas era o equivalente aos ganhos de quatro anos, e ninguém — ninguém — tinha tanto dinheiro. Não por ali, pelo menos.

— Como vou arrecadar tal quantia? — Williams questionou.

O tenente Gower encolheu os ombros.

— Não faço ideia. Vendendo sua fazenda?

— Eu tenho filhos — Williams implorou, lambendo os lábios. — Cinco, sim? Como eles viverão se eu vender nossa fazenda?

— Você deveria ter pensado nisso antes — o tenente falou lentamente. — Se não pagar a multa dentro de um mês, eles serão obrigados a compensar a diferença.

Se Alex estivesse mais perto, ela teria cuspidido em seu rosto complacente. Provavelmente não seria uma boa ideia.

— Meu Senhor — Matthew sussurrou em uma voz agonizante. — Pobre homem!

— E pobre da família dele — disse Alex, pensando na forte e capaz Sra. Williams e sua ninhada meio crescida. O tenente ainda estava falando, e pela expressão atordoada nos rostos dos homens, o destino do ministro era tão terrível, se não pior, do que o de Williams.

— Índias Ocidentais? — o ministro resmungou. — Mas eu sou um homem das Escrituras, não sei nada sobre o funcionamento de uma fazenda.

— Tenho certeza de que você será útil — riu o policial. — Pelo que ouvi, a colheita da cana exige muito pouca coisa além da força bruta.

Os dois homens ficaram tão atordoados que não protestaram quando suas roupas foram retiradas, deixando-os com nada além de calças e meias. Quando a flagelação terminou, o ministro caiu na inconsciência enquanto Williams ainda estava de pé, cambaleando como um bêbado quando recebeu a ordem de se vestir.

— Senhor Graham — disse o tenente Gower, chamando Matthew para se aproximar. — Por favor, entregue o Sr. Williams em sua casa.

— E o ministro? — Alex olhou a forma amassada do homem com preocupação.

— Ele vai conosco. Ficará sob custódia até que seu navio zarpe. — Ele acenou com a cabeça para um de seus homens, que se apressou para arrastar o ministro até os cavalos. No momento em que estavam saindo, o tenente freou o cavalo e olhou para Williams.

— Um mês; 12 de janeiro, no tribunal do xerife.

A Sra. Williams não disse uma palavra quando ouviu o relato conciso de Matthew. Se a soma de 200 moedas a fez desmaiar por dentro, ela não demonstrou, segurando o ombro de seu filho mais novo para se apoiar.

— Como? — ela disse. — Ele não foi julgado e condenado, e certamente um oficial não pode simplesmente punir por conta própria, pode?

Williams suspirou e se inclinou para frente para esconder a cabeça nos braços.

— Não adianta apelar.



— Não — Matthew disse em uma voz pesada.

Quando Matthew e Alex se levantaram para sair, Williams agarrou a manga de Matthew.

— Há alguém que você conhece que pode comprar a fazenda de mim?

— Não, não por 200 moedas de prata. Não conheço ninguém com tanto dinheiro.

— Nem eu — Williams sussurrou. — Deus nos ajude, nem eu.

— O que ele fará? — Alex perguntou quando eles cavalgaram na direção de Hillview. Durante todo o caminho de volta do carvalho ela ficou quieta, e o olhar assombrado nos olhos da Sra. Williams quando os viu, agradecendo por trazer seu marido de volta para casa, estava queimando pequenos buracos de compaixão em seu coração.

— A única coisa que ele pode fazer. Eles vão fugir e deixar a fazenda para ser executada no pagamento de sua dívida. Dessa forma, ele não verá seus filhos e sua esposa vendidos como escravos. — Matthew olhou na direção da charneca. — Vai estar frio, mas pelo menos eles estarão livres.

— E pobres e famintos e sempre com medo, tudo porque o pai escolheu colocar seus princípios antes da segurança da família.

— Sim — Matthew respondeu e cobriu a mão dela com a dele.

— Eu disse — Simon falou, balançando a cabeça para o terrível destino da família Williams. — Você está brincando com fogo. — Ele estava sentado o mais próximo possível da lareira com um prato equilibrado no colo.

— Não mais, não depois de ver aquilo. — Matthew franziu a testa para Simon. — Eles estiveram aqui cinco vezes em dez dias. — Da última vez, foi preciso muito esforço para Matthew permanecer quieto e imóvel enquanto os soldados abriam caminho pelos galpões de armazenamento, cutucando o feno com as espadas e até mesmo se agachando para inspecionar o espaço sob a latrina.

— Cinco vezes? — Simon ergueu os olhos da comida. A cavalgada de quatro dias de Edimburgo aparentemente aguçara seu apetite, e quando Alex ofereceu, ele ansiosamente estendeu seu prato para repetir, murmurando que precisava de suas forças de volta.

— Seis se você contar ontem — disse Alex. — Mas não foi uma busca, foi apenas o tenente passando para nos desejar um bom dia.

— Rapaz educado — Simon disse com um brilho de riso em seus olhos. Matthew não achou graça. O tenente era um merda arrogante, que tinha grande prazer em atrapalhar sua vida com a maior frequência possível.

— Não é certo — disse Matthew — que pessoas cumpridoras da lei como nós sejam perseguidas dessa maneira.

— É assim que as coisas são — disse Simon. — Não é pior para você do que para seus vizinhos.

— Oh, é muito pior — protestou Matthew. — Em nenhum outro lugar os soldados vêm tão regularmente quanto aqui.

— Alguém os colocou contra nós — afirmou Alex. — Essas visitinhas espontâneas são muito bem ensaiadas, e cada vez mais desagradáveis. Eu juro, se um daqueles idiotas empurrar meu filho de novo eu vou...

Joan suspirou.

— Luke, tem que ter sido Luke.

Ian se encolheu contra a parede e respirou fundo várias vezes em um esforço para fazer seu coração parar de bater tão forte. Por que eles pensariam que papai estava de alguma forma envolvido? Ele pressionou o ouvido contra a porta novamente, ouvindo os murmúrios

baixos de vozes de adultos, pontuados por risadas esporádicas.

Nada mais foi dito sobre Luke, e Ian voltou na ponta dos pés para sua cama, seu cérebro zumbindo enquanto tentava entender todas as novas complicações em sua vida. Seu tio era talvez seu pai, mas ao mesmo tempo não era. Tio Matthew estava sendo assediado por soldados, e isso aparentemente era culpa do pai, e então havia aqueles sussurros estranhos sobre sua mãe infiel. Ele enterrou o rosto no travesseiro, cravando o cotovelo em Mark para fazê-lo se mover.

— Vocês nunca encontraram o anel? — Ian perguntou a tia Joan um dia ou dois depois, enquanto a ajudava a limpar a lápide de Malcolm Graham.

— Que anel? — Joan pareceu surpresa, mas continuou a varrer a pedra para tirar as folhas.

— O anel que ele sempre carregava no pescoço. Tia Alex me contou.

— Oh, o anel da mãe dele. — Ela acabou de limpar a pedra com as mãos e colocou sobre ela a pequena coroa que havia feito, ficando desajeitadamente de joelhos. — Não, nós nunca encontramos, e isso é estranho, muito estranho. A corrente que ele usava era curta, nunca teria escorregado por sua cabeça. Deve ter saído dele por causa da roda do moinho, algo deve tê-la arrancado, embora seja um tanto improvável, visto que a camisa estava inteira e os laços intactos.

— Como era esse anel? — Ian já sabia; Tia Alex havia contado a ele, mas talvez ela tivesse entendido errado.

— Um trabalho delicado, muito pequeno para caber em qualquer um dos dedos de seu avô. Três fios de ouro trançados juntos e uma pequena pedra vermelho-sangue.

— Oh. — Ian sentiu seu coração afundar até a barriga. Ele chutou uma pedra e a mandou voando na direção da sorveira-brava.

— Tia? — Ian esperou até que ela se virasse para encará-lo. — Por que eles não se amam? Por que meu pai odeia tanto meu tio?

Joan suspirou.

— É uma longa história. E não é realmente minha para contar.

— Preciso saber, não é certo que eu não saiba, porque estou preso entre eles. E eu amo os dois. — Ian endireitou os ombros e se empertigou, tentando parecer mais velho do que era. — Não posso perguntar a eles. Meu pai raramente fala do tio Matthew com qualquer coisa além de ódio em sua voz, minha mãe nunca menciona nada, e meu tio, bem, ele diz que devo perguntar aos meus pais. — Ele fez uma careta.

— Você pode não gostar do que tenho a dizer — alertou Joan.

Ian olhou para ela por um longo tempo.

— Sim, eu sei disso. Não sou idiota, apesar de ter problemas para

ler. — Irritava-o que o pequeno Mark tivesse tanta facilidade com letras, ao passo que para ele eram às vezes uma confusão incompreensível de linhas, nada mais.

Ela balançou a cabeça.

— Você é só um menino; talvez quando você for mais velho.

— Tenho onze anos — disse Ian —, e meu tio foi para a guerra quando tinha quinze, assim como meu pai.

Joan fez um gesto resignado. Com uma pequena exalação, ela se sentou no banco do cemitério, ajeitou o xale com força em volta do corpo estreito e começou a falar.

Era uma história triste que ela tinha para contar, uma história que começou no dia em que o avô trouxera Margaret, a mãe dele, para casa — uma coisinha pequenininha, toda olhos e cabelos escuros que deu uma olhada em Luke, deslizou sua mão na dele, e nunca mais soltou. Por anos tinha sido assim, mas eles cresceram, e os jogos inocentes se transformaram em um caso de amor, e quando Malcolm Graham descobriu...

— Você sabe como seu avô expulsou Luke, por... err...

— Fornicação — Ian sussurrou. — Mamãe me contou como ela e papai se amavam e talvez eles fossem muito jovens, mas não conseguiam se conter, disse ela.

Ian não entendia bem isso. Como alguém não conseguiria se conter? E por que seu avô ficou tão zangado? Tia Joan ergueu um ombro ossudo. Em retrospecto, Malcolm errou ao expulsar Luke, ela disse, mas ele ficou chocado ao encontrar sua protegida e o filho juntos. Para ele, os dois eram como irmão e irmã.

— Então Luke partiu e Margaret foi deixada em Hillview, com Matthew. E se até então Margaret no máximo desejara um bom dia a Matthew, naquele ponto ela começou a cortejá-lo, uma sombra constante em seus calcanhares, olhos grandes sempre voltados para ele.

Ian franziu a testa; a mãe se jogando em cima de Matthew?

— Alguns anos depois eles se casaram, e cinco meses depois nosso pai estava morto e Luke voltou para casa. Algo estalou em sua cabeça quando ele viu Matthew e Margaret juntos, e desde então ele vem tentando punir seu tio por forçar Margaret. — Tia Joan parou e deu a Ian um olhar severo. — Matthew não fez tal coisa. Ele amava sua mãe, sempre foi gentil com ela, mas Margaret mentiu para Luke, pintando Matthew como um ogro indiferente, um homem vil de coração frio que a forçou, quando tudo que ela queria era esperar que Luke voltasse para casa.

— Minha mãe? — Ian balançou a cabeça.

— Eu disse que você não ia gostar de ouvir a verdade. — Joan suspirou. — Margaret sempre foi uma mentirosa perita, tramando suas

histórias da forma mais convincente e, nesse caso específico, Luke queria acreditar nela. — Joan franziu a testa para seu colo. — Ela agiu errado, sua mãe, ela se casou com um irmão e levou o outro para a cama.

Ele apenas acenou com a cabeça; já sabia disso.

— Por quê? — Ele lambeu os lábios. — Como ela pôde?

— Ah, menino — sorriu Joan. — Ela amava Luke. Ainda o ama, e ele a ama também. — Ela continuou contando como Matthew os encontrou em sua cama e os expulsou, divorciando-se de Margaret por causa de seu adultério.

— E eu? — Ian quis saber. — E quanto a mim?

Joan colocou um braço em volta dele, puxando-o para perto.

— Matthew te amava tanto, mas Margaret insistia que você era dela e de Luke, não dele, e Matthew temia que pudesse te odiar por isso, então desistiu de você.

Ela contou a ele como Luke conseguiu que Matthew fosse condenado por atividades monarquistas traidoras que ele nunca havia cometido, e como ele ficou furioso quando Matthew voltou, vivo e com uma nova esposa. Ela descreveu como Matthew encontrou Luke na floresta ameaçando Alex, e como, com raiva, Matthew cortou o nariz de Luke. Ian engasgou; ele já sabia disso, mas nunca tinha ouvido antes como acontecera.

— Meu pai não faria mal a uma mulher!

— Você acha que não? Ele fez, rapaz, ele certamente fez.

Algo escuro passou pelo rosto de tia Joan, e por alguns momentos ela ficou quieta, antes de lhe dar um pequeno sorriso.

— Você ouviu o resto, eu acho. Como retribuição, Luke fez com que Matthew fosse raptado e vendido como escravo, e Alex foi obrigada a ir atrás dele. Margaret a ajudou com dinheiro — disse Joan, e Ian assentiu, orgulhoso da mãe. — Então agora Matthew não pode perdoar Luke por todos aqueles anos que foram roubados dele, e Luke não pode perdô-lo por ter sobrevivido — ela finalizou com um suspiro.

— E como isso vai acabar?

— Não tenho a menor ideia, e nem eles. — Ela deu um tapinha em sua bochecha. — Mas os dois amam você, e isso não é uma coisa ruim, é?

Houve um grito vindo de baixo. Alex estava parada perto do galpão da lavanderia, acenando para Ian descer. Ele fez uma careta.

— O tempo todo ela quer que a gente tome banho, e não é o suficiente nos colocar na banheira, deve supervisionar também. — Ele lançou um olhar discreto para sua virilha.

— Ouso dizer que sua tia Alex pode lidar com a visão, — Joan riu. — Ela está acostumada aos tamanhos adultos.

Ian começou a se dirigir ao galpão da lavanderia, parou e correu de volta para abraçá-la.

— Obrigado por me contar.

— Não ajudou muito, não é? — Joan tirou o cabelo do rosto.

Ian encolheu os ombros; pelo menos ele sabia como eram as coisas e talvez algum dia pudesse ajudar.

— Se Deus quiser — ele adicionou e saiu trotando.

O dia seguinte amanheceu com um brilho estonteante, e toda a família mal podia esperar para mergulhar nos montes de neve imaculados. Alex entregou a Matthew um Jacob pesadamente agasalhado.

— Não o deixe cair na neve, podemos não o encontrar novamente.

Matthew riu e beijou o filho.

— Não vamos encontrar você? Claro que vamos. Com esse gorro vermelho brilhante. — Jacob puxou o chapéu de lã, radiante. Tinha até um pompom enorme, na cor azul. — Um bom esforço — Matthew murmurou para a esposa. — Você está ficando melhor nisso.

— Olha só, você está usando meias que eu fiz, roupas que costurei e sua barriga está cheia de comida que eu preparei. Portanto, seja grato, não sarcástico.

— Oh, eu sou — disse Matthew, e disparou para fora com os filhos atrás.

No meio da manhã, Jacob voltou para dentro, choramingando e molhado. Seu gorrinho estava torto e ele resmungou truncadamente uma longa e triste história na qual Rachel figurava com destaque.

— Ela sentou em você? — Alex disse, escovando a neve dele e envolvendo-o em seu velho xale.

Sim, Jacob acenou com a cabeça, e por isso o rosto dele tinha ficado cheio de neve e depois ela ainda colocou mais em seu pescoço.

— Certo, vamos encontrá-la, tudo bem? E eu posso segurá-la enquanto você coloca um pouco de neve no pescoço dela também.

Jacob sorriu e pegou a mão da mãe. Eles pararam do lado de fora da porta, e Jacob gritou ao ver o pai.

— O que você está fazendo? — Alex olhou para Matthew com interesse. Ele havia passado as mãos pelos cabelos para deixá-los em pé, escureceu o rosto com o que parecia fuligem e carregava na mão uma vara de salgueiro.

— Cuidado — Matthew rosnou, agachando-se sobre as pernas. — Cuidado comigo. Eu sou o ... o que sou, rapazes?

— O Balrog — Ian respondeu, aparecendo atrás de um canto para acertar Matthew com uma bola de neve.

— Sim, é isso. — Matthew se voltou para a esposa e a olhou maliciosamente. Jacob deu outro grito e enterrou o rosto nas saias de Alex. — Sou uma criatura perigosa — sussurrou Matthew. — E agora

vou comer você. — Ele apontou para Alex.

— Balrogs não comem pessoas, eles apenas as queimam até a morte. — Alex riu, recuando.

— Este definitivamente come. — Matthew estalou os lábios. — Um garotinho é uma refeição saborosa.

— Não, não! — Jacob rastejou para os braços de Alex. — Não me coma.

— Se ele tentar, vou socá-lo e, de qualquer maneira, temos Boromir e Aragorn aqui para espantá-lo. Vão pegá-lo, meninos!

— E eu, e eu! — Rachel saltou. — Eu sou o homem anão, eu sou.

As crianças atacaram Matthew, que se deixou vencer, desaparecendo em meio a uma rajada de neve e crianças. Depois, ele se deitou de braços abertos no chão e reclamou das costas doloridas. Alex o ajudou a se levantar, ainda rindo.

— Fraco, não foi um Balrog muito bom.

Ele apertou a mão dela com mais força e seus olhos estavam muito próximos, o verde inconstante de um lago no verão, quando a superfície fica salpicada pelo sol.

— Eu vou comer você — ele prometeu, sua respiração fazendo cócegas na pele de seu pescoço. — A noite toda, vou comer você.

— Palavras, palavras — Alex bufou —, só vou acreditar quando vir.

Ele a segurou com firmeza e a beijou-a até que ela teve certeza de que estava prestes a morrer por falta de oxigênio. Ele ainda a estava beijando quando, com o canto do olho, ela viu um cavalo castanho começar a dançar pela estrada em direção a eles.

— Pai! — A voz de Ian guinchou, e Alex congelou, os braços travados em torno de seu marido.

— Pai, pai! — Ian alcançou o cavalo e se pendurou no estribo. Luke Graham desmontou e o abraçou, permanecendo assim por um longo tempo.

— Achei que você tivesse me esquecido — disse Ian.

— Esquecer meu próprio filho? — Luke parecia tão instável quanto Ian. — Agora, por que você acha que eu faria isso?

Ian fez um som incoerente e esfregou o rosto contra o casaco de Luke, os braços apertados em volta da cintura dele.

Matthew ficou rígido, e Alex se desvencilhou de seu abraço para se colocar diante dele, seu corpo um escudo entre ele e o irmão. Luke soltou Ian e disse algo em voz baixa que fez Ian correr em direção à casa, antes de Luke se virar para encarar Matthew. Nenhum deles disse nada; houve apenas um simples aceno de cabeça.

Tão alto quanto Matthew e com cores muito mais vivas, Luke era um homem bonito — até mesmo a prótese prateada que ele usava no lugar do nariz realçava em vez de diminuir sua aparência. Ele estava

mais do que bem vestido, com calças de veludo escuro e um casaco combinando, linho branco como a neve em seu pescoço e luvas forradas de pele em suas mãos. Sobre seus ombros estava pendurada uma capa que Alex olhou avidamente, uma lã cinza lustrosa forrada com lã de cordeiro, e aqui e ali o sol batia em botões e fivelas de prata. Este era um homem que tinha se saído bem — se por patrocínio real ou por habilidades verdadeiras, isso estava aberto a interpretação — mas o fato era que Sir Luke Graham era uma figura de substância e riqueza muito superior à de seu irmão mais velho.

Ela olhou para Matthew. Em suas calças e casaco surrados, com neve derretendo em seu cabelo, fuligem decorando seu rosto e manchas úmidas em seus joelhos, ele parecia um vagabundo — um tipo heroico de vagabundo, bonito e desgrenhado, mas ainda assim... Até mesmo sua melhor roupa de domingo pareceria uma vestimenta de camponês em comparação com o que Luke estava usando — e os dois criados silenciosos pareciam mais chamativos do que Matthew jamais seria. Pelo menos Matthew não enrola o cabelo, ela pensou, observando os cachos em formato de saca-rolhas vermelho-escuros que fluíam sobre os ombros de Luke. Bastante dândi, quase efeminado.

— Vejo que você sobreviveu à varíola, então — disse Matthew, quebrando um silêncio pesado.

— Sim, imagino que isso te deixe muito feliz. — O olhar de Luke se desviou para Alex.

Ela se endireitou, colocando a mão na barriga, se para proteger o bebê ou para lembrá-lo do que ele tinha feito com ela todos aqueles anos atrás, ela realmente não sabia. Ela estremeceu, piscando algumas vezes para limpar sua cabeça das memórias detalhadas de uma noite em que Luke perdeu todo o controle e a espancou tanto que ela abortou.

Luke corou, algo nada lisonjeiro para um ruivo, sua pele se chocando com o cabelo. De acordo com Joan, Luke expressou vergonha pelo que fez, mas nunca para ela ou Matthew, assim como ele nunca se desculpou por vender seu irmão como um escravo, ou por acusá-lo de traição, ou por roubar Ian dele, ou por... ela interrompeu essa linha de pensamento. Isso a deixava com raiva e chateada, e com Luke por perto era necessário manter a calma.

Ele encontrou os olhos dela e coçou o nariz prateado. Alex suprimiu o desejo de cuspir em seu rosto. Um pedaço de seu nariz era um pequeno preço a pagar pelo que ele fizera a Matthew — e a ela. Ele quebrou o contato visual, voltando-se para Joan, que apareceu na porta com Simon ao seu lado.

— Irmã. — Luke curvou-se.

— Irmão. — Joan deu a ele um sorriso hesitante, mas não fez nenhum movimento para cruzar os poucos metros que os separavam



para recebê-lo adequadamente.

— O que você está fazendo aqui? — Alex disse. — Margaret não poderia ter vindo em seu lugar? — Foi muito rude, mas, francamente, ela não poderia se importar menos. Algo brilhou nos olhos verdes de Luke, uma expressão bastante presunçosa se estabeleceu em seu rosto antes de ser suavizada em uma máscara suave. Hmm, bem, dado aquele olhar, Margaret não estava doente. Ela olhou para o cunhado, revirando várias opções em sua cabeça. Suas reflexões foram interrompidas abruptamente quando Luke voltou toda a atenção para Matthew.

— Escondido atrás das saias de sua esposa? — ele zombou e riu quando Matthew puxou Alex de lado.

— Eu nunca me escondo de você, Luke. Não sou eu quem ataca homens desavisados até a inconsciência e os carrega para um navio, não é? Não sou eu que...

Alex agarrou seu braço e inclinou a cabeça na direção da casa, onde Ian agora tinha reaparecido com seus poucos pertences. Atrás dele estava Mark.

— Esse é o seu pai? — ele perguntou a Ian em um sussurro.

Ian assentiu com orgulho e pegou Mark pela mão para conduzi-lo até o cavalo.

Luke ficou boquiaberto; por alguns instantes, sua boca pendeu aberta antes que ele se recuperasse o suficiente para fechá-la. Alex riu, devia ter sido um choque ver os meninos juntos. Bem, ela supôs que seria, considerando o quão parecidos eles eram. Mark em tudo era uma versão menor de Ian, ambos compartilhando cabelo escuro com mechas castanhas — assim como os de Matthew — e olhos esverdeados — como os de Matthew. Uma e outra vez, o olhar de Luke voou de uma cabeça escura para a outra. Ele umedeceu os lábios, olhou de relance para Matthew e voltou a olhar para os meninos, ou principalmente para Ian. Uma carranca apareceu em sua sobrancelha, os cantos de sua boca puxados para baixo enquanto seus olhos viajavam para cima e para baixo em Ian, para cima e para baixo em Matthew. Ian sorriu, sublinhando ainda mais sua semelhança com Matthew quando uma covinha apareceu em sua bochecha. Alex estudou o sorriso tenso de Luke em resposta. Sem covinhas.

Mais uma vez, os olhos de Luke disparou de Matthew para Ian e o olhar que ele deu ao menino fez o estômago de Alex apertar. Não é culpa dele, ela queria gritar, você não pode culpá-lo por ser a cara do pai de quem você o roubou.

— Diga adeus — Luke disse bruscamente para Ian. — Quero que já estejamos bem adiantados ao anoitecer.

Ian correu até onde Matthew e Alex estavam. Matthew abriu os braços. Ian hesitou, claramente sem saber o que fazer. Em vez disso,

Matthew estendeu a mão. Ian apertou e deu um abraço rápido em Alex.

— Vá com Deus — disse Matthew. — E leve meus cumprimentos à sua mãe.

— Eu direi a ela — Ian respondeu, virando-se para ir embora.

Alex o deteve com um leve toque.

— Você é sempre bem-vindo aqui. Sempre há um lugar em nossa casa para você. Sempre, entendeu? — Ele apertou os lábios de um jeito que a lembrou de Matthew quando tentava controlar os sentimentos, então ela piscou para ele. — Contanto que você não se importe de ter seus primos peidando na mesma cama, é claro.

— Sem sanguessugas. — Ian sorriu. Os dois se viraram na direção de Rachel.

— Bem, não posso prometer isso — disse Alex. — Deus sabe o que ela vai fazer a seguir.

Mark correu ao lado do cavalo até o topo e ficou um longo tempo acenando para a forma de seu primo se afastando antes de descer até onde Matthew estava sozinho, agora que Alex tinha entrado para ver o jantar.

— Vou sentir falta dele.

— Sim, eu também — disse Matthew, seu olhar ainda preso no local onde Ian tinha se virado para um último aceno. Que o Senhor o mantenha seguro, meu filho, ele orou. Que Ele mantenha Sua mão sobre você e o proteja para que você se torne um bom homem. Uma pequena mão segurou a dele e Matthew se desvencilhou de seus pensamentos, sorrindo para Rachel.

— Aí está você, menina. Pode vir me ajudar a alimentar os porcos?

— Posso dar maçãs para eles? — ela perguntou, pulando ao lado dele.

— Uma para cada, mas, cuidado, nada de bolo.

— Eu já disse; não estamos escondendo ninguém. — Com as mãos na cintura, Alex olhou para o tenente.

— E onde está seu marido?

— Eu já disse isso também. — Alex suspirou exasperada. — Ele está em Cumnock, com nosso filho mais velho. — Ela se mexeu, colocando a mão na barriga saliente. — Rachel — bronqueou. — Não!

Rachel recolocou a maçã no lugar e veio se juntar a ela, espiando os soldados por trás das saias da mãe.

— E você... — Alex atravessou a cozinha até onde um soldado estava se servindo de seu pão. — Não me lembro de ter oferecido uma parte a você. Ladrão! — Ela deu um tapa em sua mão, fazendo-o largar o pão.

— Certamente você não se importaria de oferecer pão aos servos da coroa? — Gower disse.

— Na verdade, eu me importo. Você enfia o nariz em todos os cantos da minha casa regularmente, empurra meus filhos, insulta meu marido quando ele está em casa e agora, aparentemente, está gostando de atormentar uma gestante. Oficiais da coroa, de fato! Vocês não trazem valor para seu mestre, deixe-me dizer.

Um aperto doloroso em seu braço a fez estremecer, e então ela foi arrastada, gritando de raiva, para o pátio de paralelepípedos.

— Está se esquecendo de seu lugar, senhora Graham — disse o tenente Gower. — Estamos aqui porque sabemos que todos vocês, e quero dizer todos vocês, encorajam os inimigos jurados do rei. E você não levantará sua mão contra um dos meus soldados, nem negará a ele um pedaço de pão para acalmar sua fome enquanto ele cumpre seu dever.

Alex se libertou.

— Bruto! Atacante covarde de mulheres. Se você me tocar de novo, eu vou...

— O quê? — A mão estava de volta, torcendo-se em sua pele. — O que vai fazer Sra. Graham? — Ela lhe deu um tapa forte com a mão livre, notando com satisfação como a pele clara ficou vermelha.

— Agora me solte, seu caipira — disse ela com os dentes cerrados. — Ou vou bater em você de novo. Algo que sua mãe devia ter feito quando você era pequeno para garantir que crescesse respeitando as mulheres.

Ela engasgou quando ele a agarrou, balançando o corpo dela com

raiva. Ele grunhiu quando ela bateu com o lado da mão para baixo em seu antebraço. Direita; gire, segure o braço dele, com os quadris, e bum! Ele voaria pelo ar para pousar esparramado nas pedras. Mas ela não tinha senso de equilíbrio, não com aquela barriga enorme, e muito antes de ela começar a se mover, ele colocou uma segunda mão em seu ombro. Alex se ergueu e se jogou de um lado para o outro, mas apesar de sua constituição frágil, o tenente era como um texugo tenaz, recusando-se a ceder um centímetro. Houve um grito de raiva e Rachel estava ao seu lado, chutando o homem que estava machucando sua mãe.

— Diga a ela para parar — disse Gower—, agora. — Ele xingou quando Rachel atingiu sua panturrilha. — Ou eu vou jogá-la longe.

— Rachel, pare. Vá cuidar do seu irmão — Alex disse, respirando ruidosamente. — Vá ficar com a Sarah. — Rachel fez o que ela mandou, sua voz aguda dizendo ao tenente que seu pai o acertaria por machucar sua mãe. Gower riu, apertou Alex com mais força e a forçou a se virar para enfrentar a família. Aah! O braço dela!

— Todos vocês viram esta mulher me atacando, um oficial da coroa. — Houve uma risadinha esperançosa de um dos soldados, mas Gower o silenciou com um olhar. — Vinte chibatadas, por opor-se ao nosso trabalho e pela violência contra mim e um dos meus homens. Aqui. Agora.

O quê? O bastardo iria chicoteá-la?

— Não se atreva! — Enfurecida, Alex aumentou seus esforços, ignorando a sensação de queimação em seu braço quando se desvencilhou do aperto. Ela correu. Loucamente, correu para a casa. Ele a alcançou, a fez parar e Alex gritou, pisando na ponta dos pés do tenente. Um tapa a fez cambalear, e quando cambaleou, teve ambos os braços agarrados. Três homens para segurá-la, e Alex lutou como um gato do inferno.

— Não! — Mãos estavam rasgando seu xale. — Me deixem em paz! — Sim! Um braço livre. Ela deu a volta na mão do tenente, houve um afrouxamento no aperto da mão esquerda, ela passou as unhas em um rosto desconhecido. Merda! Alguém chutou a parte inferior de suas pernas, ela caiu de joelhos. Duas mãos se fecharam em seu corpete. Houve um som de rasgo quando o arrancaram dela, e Alex morreu de vergonha por estar despida diante de todos eles. O tenente estava de volta, seu rosto muito perto do dela, e ele estava dizendo algo, mas ela não podia ouvi-lo, tudo o que podia ouvir eram as batidas altas de seu pulso em pânico. Um aperto em sua nuca a imobilizou. Alguém estava se atrapalhando com os laços de seu espartilho e eles caíram no chão.

— Não — ela repetiu, mas saiu em um gemido. Mãos fortes a colocaram de pé, e seus seios estavam visíveis a qualquer pessoa através do linho gasto de sua camisola. Ela tentou cruzar os braços, se

proteger, mas eles não a deixaram. O tenente disse algo atrás dela, ela ouviu o baque surdo de couro contra couro, e então o chicote de montaria caiu em suas costas.

Ninguém jamais havia batido nela antes em sua vida. Um tapa esporádico enquanto estava crescendo, e outro muito memorável nos primeiros dias com Matthew, mas nada como aquilo. Uma dor aguda e cortante a fez soluçar. De novo, e ela engoliu em seco. Aah!

— Mamãe! Mamãe! — Rachel; em que diabos Sarah estava pensando ao deixá-la testemunhar aquilo? Santa Matilda! Quantas tinha sido? Seis? Sete?

O tenente riu.

— Não é tão estridente agora, não é? — Merda! Ele estava gostando muito daquilo, filho da puta!

—Agh! — Oh Deus, oh Deus; ela não podia evitar, lamentou. Número dez, ou era doze? Ela mordeu a língua, sua boca se inundando de sangue. — Pare — ela implorou, não se importando mais. — Por favor, não mais.

— Vinte — Gower ofegou — e mais uma palavra sua e se transformarão em vinte e cinco. — Mais uma vez, o chicote desceu, e Alex teria caído se não fosse pelos soldados que a seguravam de pé.

— Pare!

Sim, por favor, pare. Um lampejo de pânico, era Matthew? Não, não, não, não deixe ser Matthew, porque se for, ele vai tentar matar a porra do Gower, e então ... Ela engoliu em seco, ergueu o rosto. Um oficial estava descendo a estrada em direção a eles. Ela apertou os olhos; um capitão, seguido por dois homens.

— Isso é impróprio — disse o capitão. — Solte essa mulher agora.

— Ela precisa ser punida, bateu em um dos meus homens e em mim — acusou Gower.

— Mesmo? Por quê? — O capitão havia desmontado e estava vindo para onde Alex estava sendo mantida.

— Ele pegou nosso pão — Rachel interviu. — O grandalhão pegou nosso pão e mamãe deu um tapa nele.

— Hmm — disse o oficial. Ao olhar dele, os homens que seguravam Alex a soltaram, ele pegou o xale e o colocou sobre os ombros dela.

— Lamento muito que isso tenha acontecido, Sra. Graham — disse ele. Alex reconheceu a voz. Ela se virou para ele e deu-lhe um sorriso lacrimejante, encontrando os olhos cinzentos que ela vira pela última vez quando o país ainda não era um Reino Restaurado.

— Capitão Leslie! Estou muito feliz em vê-lo. — E então ela desatou a chorar de novo, não tanto pela dor ardente que subia e descia por suas costas, mas pela humilhação de ter sido açoitada, ali, em sua casa, na frente de seu povo.

— Você! — O capitão Leslie apontou para o tenente. — Tire seus homens desta propriedade agora. E se eu ouvir falar deles roubando, ou de alguma forma não se comportando como deveriam, isso vai refletir mal para você.

Gower protestou que eles estavam apenas fazendo seu trabalho, e a mulher os havia atrapalhado.

— Como? Ela impediu seu acesso?

Não, murmurou o tenente, mas ela os repreendera e dera um tapa no pulso de Munro.

— Por roubar o pão dela.

— Era apenas um pedaço de pão — disse o tenente.

— O pão dela. Não dele, então ele estava de fato roubando, não estava?

Gower se contorceu, mas admitiu que se fosse para ser exato, então... No entanto, ele acrescentou, erguendo-se em toda a sua estatura, a Sra. Graham lhe dera um tapa. E...

Leslie acenou para ele ficar em silêncio.

— Espero que seu homem seja punido. Por roubo. — Quando o tenente estava saindo, Leslie o deteve. — Diga-me, tenente, escapou à sua percepção que a Sra. Graham está em avançada gravidez?

— Não. — O tenente parecia mal-humorado.

— E ainda assim escolheu chicoteá-la? — A voz do capitão Leslie gotejava condenação.

Foi uma caminhada eterna até a porta, mesmo com o capitão de um lado e Sarah do outro. As costas dela; não, era melhor não pensar nas costas, apenas em colocar um pé na frente do outro. Oh, Deus, dói muito! Alex piscou várias vezes. Não chore, apenas respire e ande.

— Nunca fui chicoteada antes — disse Alex, tentando sorrir para seu salvador. — Dói muito mais do que eu pensava.

— Eu só posso repetir minhas desculpas. Não posso nem oferecer uma reparação formal, já que muitos vão considerar que o tenente Gower tinha todo o direito de puni-la. Não deveria ter dado um tapa nele, Sra. Graham, foi uma coisa tola de se fazer. — Ele deu a ela um sorriso encorajador, cabelos grisalhos caindo para frente para emoldurar seu rosto quando ele inclinou a cabeça em direção a ela. — Você deve descansar e cuidar disso. Vou partir para Cumnock para encontrar seu marido, se eu puder.

Alex assentiu e passou a mão trêmula pela boca. Sangue, ela viu, olhando para sua mão manchada.

Matthew entrou algumas horas depois, trovejou escada acima e invadiu o quarto.

— Eu faço isso — disse ele a Sarah, que estava com uma bacia de água quente, prestes a lavar as costas de Alex novamente. Com uma

reverência, Sarah saiu do quarto, e Alex conseguiu murmurar uma saudação que foi ignorada, as mãos de Matthew ocupadas descobrindo sua pele.

— Meu Senhor do céu — ele gemeu, e pelo som de sua voz Alex podia imaginar o estado de suas costas.

— Não é tão ruim — disse ela.

— Ele tirou sangue, desgraçado! Desgraçado que é!

Ela quase podia ver a raiva vazando em lufadas de vapor dele.

— Quantas? — Ele traçou os vergões com dedos suaves, fazendo-a estremecer.

— Vinte, mas ele parou aos doze ou algo assim.

— Por quê?

Alex não respondeu, reprimindo uma exclamação quando ele lavou um dos cortes mais profundos. Ela se contorceu o melhor que pôde para ver o dano por si mesma.

— Puta merda! Alguém deveria fazer isso com ele, o filho da puta.

Matthew resmungou em acordo, concentrando-se em colocar-lhe curativos.

— Vai curar, certo? — ela disse.

Ele puxou a camisa, virou-a para amarrar o cordão e beijou-a no nariz.

— Claro que vai — disse ele, ajudando-a a se deitar de lado. — Então, por quê? — ele repetiu, acariciando seu rosto.

— Um dos soldados pegou meu pão e me deixou louca. — Ela parou, temendo que ele dissesse que era sua culpa por não conter a língua, mas ele ficou em silêncio. — Meio que borbulhou, toda a raiva deles por terem invadido minha casa, mexendo nos meus alimentos, bebendo minha cerveja... — Alex suspirou e se sentou, estremecendo quando a pele se esticou nos vergões. — Às vezes esqueço que esta é uma época em que os pequenos não têm voz, onde os representantes da coroa podem fazer o que quiserem e não há meio de recurso. No meu tempo, eu poderia processar o maldito tenente por violência indevida e ele seria detido por anos. — Ela encostou a testa no ombro dele. — Aqui, tudo que posso fazer é calar a boca e aguentar. E eu não sou muito boa em calar a boca, sou?

— Não, meu coração, isso você não é. — Ele raramente usava palavras carinhosas, e Alex o olhou com surpresa, encontrando olhos que eram suaves e dourados à luz das velas. — Você sabe que é; minha vida, meu coração.

— Sim, eu sei — ela sorriu —, assim como você é o meu.

Ele a observou como um falcão superprotetor nos dias seguintes, um calor latejante subindo por sua garganta toda vez que a via estremecer ou parar no meio de um movimento. O pequeno tenente iria pagar, ele

prometeu a si mesmo, e ainda mais pelo medo que via nos olhos dela sempre que algo se movia na estrada.

— Vou dar um passeio — disse ela um dia. — Quer vir? — Ela lhe deu um pequeno sorriso. — Eu... bem, eu não gosto de andar sozinha, e está um dia tão bom, não é?

Matthew assentiu e pegou a mão dela, balançando-a para frente e para trás. Estavam no início de fevereiro e a primavera já era mais do que uma promessa. Botões apertados floresciam diariamente e, sob seus pés, pingos de neve se cravavam alegremente nas folhas mortas do ano passado. Logo toda a encosta estaria atapetada de flores, convertendo o atual castanho-avermelhado em montes de branco e verde. Alex chutou as folhas, fazendo-as voar em borrifos de marrom e vermelho, e as chutou novamente, as mãos levantadas para pegá-las quando voassem de volta para o chão. Ela se curvou e quebrou um floco de neve.

— Aqui — ela disse e fez uma reverência, fazendo-o sorrir e se curvar.

— Você acha que os Williams estão bem? — Alex perguntou quando eles saíram da floresta para ficar de frente para o musgo ondulante.

— Bem? Eu não acho que eles estão bem, mas espero que eles ainda estejam vivos. — Matthew olhou para o norte. — Ele foi considerado um fora da lei e todos os seus bens materiais foram confiscados, considerados como pagamento da multa cobrada. — Ele os tinha visto partir. Junto com Tom Brown e alguns outros fazendeiros locais, ele adentrou cavalgando no musgo e além para acompanhá-los em seu caminho.

Assistir Davy Williams se despedir de sua fazenda foi uma das coisas mais comoventes que Matthew já viu, o homem se abaixando para acariciar cada pedra, cada tábua de madeira. Por seis gerações, sua família manteve a fazenda e agora ela estava perdida para eles para sempre. A Sra. Williams não disse uma palavra. Ela içara crianças atordoadas para se sentarem atrás dos cavaleiros, colocara trouxas apertadas em mãos à espera e depois sentara-se atrás de Matthew. Escondeu o rosto nas costas dele e ficou sentada assim o tempo todo, recusando-se a assistir enquanto seu mundo desaparecia atrás dela.

— Sandy também é considerado um fora-da-lei — disse ele depois de alguns momentos. — E no caso dele, não são apenas seus bens materiais, mas também sua vida que está perdida.

— Você o viu recentemente?

Ele sorriu com seu tom casual. Contanto que ele não colocasse sua família em risco por abrigar Sandy em Hillview, Alex estava tentando manter uma abordagem neutra em relação a seu apoio contínuo à causa Covenanter.



— Sim, eu vi. Há uma caverna onde ele fica ocasionalmente, e eu falei com ele lá. — E que lugar horrível e úmido era aquele, especialmente porque Sandy não se atrevia a acender uma fogueira para o caso de a fumaça atrair atenção indesejada.

— Como está a tosse dele?

— Mal. — Ele passou o braço pela cintura dela. — Eu quero que ele batize o bebê. — Matthew podia ver que ela estava prestes a protestar, as sobrelanceiras franzidas em uma leve carranca, mas ele sustentou seu olhar até que ela o desviou.

— No verão, em algum lugar das colinas. — Foi tudo o que ela disse.

Matthew a puxou ainda mais para perto. Ele se perguntou se ela notou essa mudança em si mesma tanto quanto ele, mas decidiu não dizer que gostava muito do fato de ela — às vezes, pelo menos — ser uma esposa muito obediente, permitindo-lhe liderar para que ela pudesse seguir.

Matthew ficou cautelosamente satisfeito quando o capitão Leslie apareceu alguns dias depois, aparentemente para indagar sobre a saúde de Alex, e após vários minutos de conversas cuidadosas para quebrar o gelo, Matthew relaxou em sua companhia. Afinal, o capitão Leslie já fora um soldado da Commonwealth como ele, chamado para cavalgar para o sul com o general Monck no outono de 1659, após o colapso do governo parlamentar.

Eles passaram algumas horas relembrando as batalhas da Guerra Civil, com Matthew lembrando com muitos detalhes o massacre após Philiphaugh.

— Eu era apenas um rapaz, quinze anos, e pensava que a guerra se tratava de glória e bravura, apenas para descobrir que se tratava de medo, lama e sangue, muito sangue. E então eles viraram suas espadas contra os irlandeses inocentes, e tudo que pude fazer foi assistir enquanto mulheres e crianças eram mortas. Por ordem do seu homônimo.

— Não mais do que isso — disse o capitão Leslie. — E não foi um Graham que foi derrotado lá?

— Sim, James Graham, o Marquês de Montrose, não era da família. — Eles compartilharam um sorriso silencioso, avaliando um ao outro. Da última vez em que se encontraram, Thomas Leslie era o comandante da pequena guarnição em Cumnock e prendeu Matthew devido às suas supostas tendências monarquistas. Mas, desde aquele início desfavorável, aconteceram outros encontros, uma eventual caneca compartilhada de cerveja antes que Leslie cavalgasse para o sul, e um apreço hesitante surgira entre eles.

— É difícil? — Matthew perguntou, se esticando para colocar outra

dose de uísque no copo de estanho de Leslie.

— O que é difícil? — Leslie recostou-se na cadeira, cheirando a bebida com prazer.

— Servir ao rei e equilibrar isso com suas convicções — disse Matthew, genuinamente curioso. O capitão Leslie recostou-se, as sobrancelhas franzidas. Ele lançou um olhar na direção de Alex, sentada o mais próximo possível da vela com uma camisa que estava remendando, e estudou a caneca em sua mão, girando-a continuamente.

— É insustentável, mas tenho uma família para proteger e apoiar. — Leslie bateu com o dedo indicador na mesa e exalou ruidosamente. — Os princípios e ideais pelos quais lutamos estão mortos, eles jazem até virar pó sob os pés de sua majestade, o rei, meu mestre. — Ele se curvou ironicamente, fazendo Alex rir. — E fica cada vez mais difícil ficar fora da igreja aceita. Meus filhos são vilipendiados, minha esposa é evitada pelas outras mulheres de nossa pequena aldeia e, no entanto, ela suporta tudo em silêncio, por minha causa. Meus comandantes me olham com desconfiança e os mais jovens suspiram quando são chamados para servir comigo. Mas até agora eu não fiz nada de errado, e ter feito parte do círculo mais próximo do General Monck ainda ajuda, mas não por muito mais tempo, eu temo.

— Então o que vai fazer? — Alex perguntou, fazendo Leslie se virar para ela.

— Como assim?

— Você mesmo diz que isso não vai funcionar por muito mais tempo, certo?

Matthew sorriu para sua caneca. Leslie ficou um pouco surpreso com a franqueza de Alex.

— Meu irmão foi embora há seis anos — disse Leslie. — Para a Colônia de Maryland. Ele diz nas cartas que é uma terra justa, rica e abundante e de climas semelhantes ao nosso, pelo menos onde ele está, nas terras altas. Estou pensando em seguir seus passos. — Ele estendeu a caneca para que fosse enchida novamente e engoliu o conteúdo. — Mas, depois que eu partir, nunca poderei voltar, e esse pensamento congela meu coração. — Ele se sacudiu, como um cachorro grande saindo da chuva, e sorriu para o anfitrião. — Meu irmão diz que a liberdade está no oeste. Certamente não está aqui.

— Ele está certo, você sabe — disse Alex a Matthew mais tarde naquela noite. O capitão Leslie fora convencido a passar a noite ali e seus roncoss altos penetravam tanto através das paredes quanto das portas.

— Certo sobre o quê? — Matthew bocejou.

— Sobre a liberdade estar no oeste. Maryland, Virginia e Massachusetts serão as pedras angulares da primeira nação a ser

governada por homens livres. Sem rei, apenas um corpo eleito de homens. — Ela cuidadosamente se deitou de costas e olhou para ele. — Só daqui a um século ou mais, mas ainda assim...

Matthew bocejou novamente e se aconchegou a ela, apoiando a cabeça em seu ombro.

— Você está dizendo que devemos ir para lá?

— O que eu poderia saber? Sou apenas a esposa, certo? É melhor deixar essas decisões para os homens.

Ele riu de seu sarcasmo.

— Estou perguntando a você. Acha que devemos ir?

— Não a menos que seja absolutamente necessário. Não é exatamente uma vida fácil colonizar um novo país, não é?

Matthew se levantou e olhou para ela.

— Eu pertença a este lugar.

— Eu sei que sim, e eu também. Mas as coisas mudam e pode fazer sentido estar preparado para isso.

Matthew balançou a cabeça.

— Esta é a minha casa. Nós ficaremos.

— Ir para Edimburgo? Agora? — Alex deu a Matthew um olhar cético. — No meio do plantio da primavera?

— Sim, há coisas de que devo cuidar, urgentemente, e preciso da ajuda de Simon.

— Por quê? — Alex só conseguia pensar em um assunto realmente urgente. — É Luke? Ele fez reivindicações sobre Hillview em nome de Ian? — Isso explicaria por que Matthew parecia tão sério ultimamente.

— Não, não — disse Matthew. — Não é nada disso.

Alex lhe deu um olhar avaliador. Ele não parecia estar mentindo, mas algo o deixou tenso, e inflexível. Ela suspirou. Às vezes, esse homem tinha a tendência de se parecer com um daqueles penhascos que enchiam sua terra natal.

— E quanto a mim?

Matthew deu a ela um olhar perplexo.

— Quanto a você? Você fica em casa. Não pode andar por aí no seu estado, pode?

— Estou me referindo ao fato de que isso me deixa um tanto sozinha, desprotegida.

— Oh, isso — disse Matthew. — Bem, o capitão Leslie prometeu garantir que você ficasse segura.

Alex ficou ainda mais desconfiada; muito bem planejado, tudo isso.

— Estarei de volta em uma semana ou mais, e você organiza o trabalho com os rapazes. Os campos de cevada devem ser revolvidos e plantados, e os campos de aveia também, e você precisa...

— Vá — disse ela. — Ou conseguimos ou não, mas não vamos esquecer quem decidiu que tinha assuntos jurídicos urgentes para resolver de repente.

Ele a beijou antes de montar em Ham.

— E você — ele disse a Mark —, você é responsável por sua mãe. Se ela se comportar mal, deve bater nela.

Ele riu durante todo o caminho. No topo, segurou seu cavalo e ergueu o chapéu em saudação. Momentos depois ele se foi.

Alex suspirou, fazendo listas mentais de tudo o que precisava ser feito. As contas, o plantio, a lavanderia...

— Maldito homem, aposto que ele apenas quis uma pausa de tudo isso. — Às vezes ela também. Havia dias em que o trabalho enfadonho desta existência a fazia querer gritar. Nunca um dia que pudesse ser

gasto preguiçosamente na cama, sem opções de fast food, sem lavanderia paga, sem cabeleireiro... Ela teve um longo devaneio envolvendo manicure e pedicure e horas folheando edições anteriores da Hello! enquanto outra pessoa lavava e cortava seu cabelo. O puxão insistente de Rachel a trouxe abruptamente de volta ao aqui e agora.

— Sarah está chorando, ela caiu na cozinha.

Ótimo, isso significava que ela teria que fazer tudo sozinha. Em seu humor atual, ela quase suspeitou que Sarah tivesse caído de propósito, mas como a jovem estava pálida de dor, Alex descartou essa ideia. Assim que o braço de Sarah foi enfaixado, Alex partiu em direção à horta, seguida por seus três filhos. Ela fez uma careta para os canteiros ainda por preparar; isso levaria séculos!

— Mamãe? — Mark hesitou na porta do quarto. Matthew era rígido quanto a aquele ser o espaço privado dele e de Alex, e apenas raramente as crianças eram convidadas. No começo, Alex havia considerado isso intransigente, mas em uma vida tão carente de privacidade, ela havia entendido e concordado com a opinião de Matthew, aproveitando todas as noites o momento em que podia se retirar para ficar com ele, apenas com ele.

— Sim? — Alex o chamou para dentro e continuou o que estava fazendo, esfregando as mãos com óleo. Definitivamente necessário depois de seus esforços no jardim.

— O que aconteceu com as costas do papai?

Ela diminuiu a velocidade dos movimentos das mãos, torcendo os dedos.

— O que você quer dizer? — Matthew era sensível em relação à sua pele marcada, e o único momento em que seus filhos o viam nu era no verão, quando toda a família se lavava e nadava na pequena piscina que a lagoa formava. Como as crianças sempre o viram com aquela aparência, nunca comentaram ou expressaram curiosidade sobre o que poderia ter acontecido com ele. Até agora.

— Eu vi... — Mark mordeu o lábio. — Quando estávamos em Cumnock, havia um homem lá. — Tudo saiu rapidamente, o menino contou como havia um homem no tronco e como suas costas foram descobertas para que todos vissem que ele já havia sido açoitado, um sinal certo, de acordo com o soldado ruidoso de pé ao lado dele, de ter cometido um crime horrível.

— Papai foi açoitado, não foi? — Mark disse em voz baixa. — Eu vi as costas dele quando fomos nadar no verão, mas nunca soube por que era daquele jeito. Não antes de ver o homem em Cumnock.

— Então agora você está se perguntando que crime horrível seu pai cometeu.

Mark inclinou a cabeça em concordância infeliz.

— É realmente função do seu pai lhe contar, e você deve pedir a ele para lhe contar toda a história. Tudo o que posso dizer é que seu pai foi condenado por um crime que não cometeu e foi enviado para a prisão por isso. E sendo Matthew Graham, ele não gostou muito, especialmente porque ele era inocente, então ele estava com raiva e lutou com os guardas. Eles bateram nele, várias vezes. — Ela beijou o filho e se levantou. — Então sim; seu pai foi açoitado, mas nunca cometeu um crime. As coisas nem sempre são o que parecem, e é um homem tolo aquele que julga as pessoas apenas com base na aparência. Lembre-se disso, querido. Agora; volte para a cama, meu jovem, ok?

— Ok. — Mark sorriu para ela antes de abraçá-la ao redor da barriga em expansão. — Boa noite, irmãozinho — disse ele, beijando a barriga.

— Irmão? Cuidado, pode ser uma irmã, sabe.

Mark balançou a cabeça.

— Papai disse que é um menino.

— Ah, e ele saberia? — Alex murmurou, sorrindo para a expressão confusa de seu filho que indicava que é claro que o pai sabia: ele sabia de tudo.

Não muito mais longe de casa do que alguns quilômetros, Matthew compartilhou com Sandy a comida que Alex tinha embalado para ele.

— Eu preciso fazer isso. — Matthew deu de ombros.

— É errado — disse Sandy —, e é um risco enorme, Matthew.

— Eu sei. — Matthew se recostou na parede úmida da pequena caverna e esticou as pernas diante de si. — Ele é uma criatura repugnante, e chicotear uma mulher, grávida ainda por cima... Não, ele precisa de uma lição.

— Hmm — disse Sandy. — Então, como vai ser?

— Ele é muito previsível em seus hábitos e, aos domingos, depois da Liturgia das Horas, o tenente Gower visita uma das moças da vida, a ruiva.

— Jennifer — Sandy concordou.

— Você a conhece? — Matthew o olhou com cautela. Bem, talvez não fosse de se admirar, mesmo um ministro às vezes é vítima dos chamados da carne.

Sandy ergueu as sobrancelhas.

— Não carnalmente, mas sim, eu conheço Jennifer, ela é minha prima em terceiro grau por parte de mãe. — Ele coçou o cabelo, dando a Matthew um olhar de soslaio. — Ela vai correr algum risco?

Matthew balançou a cabeça. Não, ele planejava sequestrar o policial na pequena clareira que levava ao quarto de Jennifer. Era um lugar escuro e fedorento, evitado por qualquer pessoa que não tivesse

uma missão específica ali.

— E se alguém te vir? Não é como se você fosse uma figura muito discreta. — O olhar de Sandy viajou por Matthew.

— Eu estarei disfarçado. — Com um floreio, Matthew fez aparecer uma coisa incrível.

— O que em nome de Deus é isso? — disse Sandy.

— Uma peruca. — Matthew sorriu e colocou na cabeça uma coisa feita principalmente de penas de galinha. — Com um chapéu em cima e no escuro parece mesmo cabelo, você não acha?

— Não parece, não. Mas também não se parece com você.

Matthew se mexeu. Mais de uma hora sentado escondido no pátio do tanoeiro lhe havia causado câibras nas pernas. Estava escuro, graças a Deus, escuro e nublado, uma garoa fria mantendo até os mais tenazes dentro de casa. Ele tinha ouvido os sinos da igreja há algum tempo e estava começando a se preocupar com a possibilidade de Gower decidir renunciar à doce Jennifer, optando por vinho quente e torta no Merkat Cross Inn. Ele murmurou uma maldição, ajustando o chapéu para manter o máximo possível de seu rosto seco. Ali estava. Ousado e cheio de si vinha o tenente, um passo arrogante enquanto se aproximava. Ele carregava uma lanterna na mão direita, fazendo Matthew rir. Idiota; por acaso esperava puxar a espada com a mão esquerda, caso precisasse?

Matthew saiu de trás dos barris e rastejou ao longo da parede. Tão perto, perto o suficiente para ver as exalações do outro homem, apesar da escuridão da noite. Ele apertou ainda mais o porrete. Ainda não, ainda não ... agora!

Tão fácil; um golpe rápido na cabeça e o tenente se dobrou. Matthew o embrulhou em uma velha capa e colocou o homem inconsciente em um carrinho de mão. Depois tomou o caminho pela cidade, mantendo-se nas sombras tanto quanto podia.

— Quem está aí?

Matthew quase saltou de suas botas. Uma voz jovem, estridente de medo, e com o canto do olho Matthew viu um soldado se aproximando, não era mais que um garoto. Ele não esperou. Desceu pelas vielas, entrando em outra, a roda com faixas de ferro do carrinho de mão batendo nas pedras do calçamento.

— Pare! Eu disse pare! — Passos pesados atrás dele e Matthew aumentou sua velocidade. Uma guinada para a direita, outra para a esquerda e ele correu para o cemitério e para a sombra protetora da capela. Pressionou-se contra a parede e levou a mão à boca para abafar a respiração. O carrinho de mão gemeu. Santo Deus! Matthew bateu no tenente embrulhado. Uma, duas vezes, e a forma desabou.

— Apareça — a voz jovem chamou. — Apareça ou eu atiro.

Em que, seu idiota? Nas sombras da noite? Matthew permaneceu onde estava, contando os segundos. Depois do que pareceu uma eternidade, ele percebeu o soldado se afastando, com os pés quase correndo pelo chão de paralelepípedos enquanto se apressava em se distanciar de algo que sem dúvida temia ser um fantasma. Demorou vários minutos para Matthew recuperar coragem suficiente para correr as poucas centenas de metros que o separavam de seu cavalo.

Ham relinchou em saudação, batendo os cascos quando Matthew pendurou o tenente em suas costas.

— Fique quieto! — Colocando um pé no estribo, ele montou, e então foram embora. Matthew arrancou a engenhoca de penas de galinha da cabeça, suprimiu a vontade de gritar e instigou Ham a continuar.

Um cachorro latiu, outro acompanhou, e Matthew praguejou, detendo Ham tão abruptamente que o cavalo derrapou nos cascos. Cavalos, vários cavalos vindo rápido, e por um instante Matthew teve certeza de que eles o tinham visto, mas os soldados montados galoparam para longe e o embrulho que era o tenente Gower se contorceu freneticamente, sons abafados escapando da mordaça.

— Fique quieto — Matthew sibilou, mas isso só fez o homem aumentar seus esforços, então Matthew o acertou na cabeça novamente.

— Sou um oficial da coroa — baliu o tenente uma hora depois. Ele estava de pé apenas com sua camisa e calça, as mãos amarradas nas costas e uma corda em volta do pescoço.

— Eu não concordo com reis — respondeu Matthew.

— Isso é assassinato! — o oficial tentou, enchendo os pulmões como se fosse gritar. O ar foi expelido com pressa quando o punho de Matthew atingiu seu estômago.

— Retribuição, não assassinato.

— Oh, Deus; Sinto muito por bater nela! Por favor... eu não vou contar, prometo que não vou! Eu vou embora, sim; vou renunciar à minha posição, mas, por favor, por favor... — Era tarde demais para tudo aquilo e os dois sabiam disso. — Por favor...

Matthew apenas balançou a cabeça, amordaçou o homem e o ergueu.

— Pela minha esposa.

O oficial, por razões óbvias, não respondeu; ele gargarejou.

— Pronto — disse Alex alguns dias depois, sorrindo para Janey. — Tudo feito.

Ela afundou no banco do lado de fora do galpão da lavanderia e observou os varais carregados. Item após item em sua lista tinha sido cumprido, e agora só havia os pães da semana para serem feitos —



mais todo o concerto. Hoje não, ela decidiu, hoje ela iria presentear a si mesma e aos filhos com uma longa noite no galpão da lavanderia com água morna no banho e talvez uma ou duas histórias, enquanto os secava e desembaraçava seus cabelos. Rachel se deixou cair no banco ao lado dela, esfregando a cabeça no braço de Alex.

— A porca comeu os filhotes de novo. Ela apenas mordeu os bebês e engoliu.

— Que mãe horrível — disse Alex. — Comeu todos eles? — Ela chamou Jacob, molhou o dedo e esfregou uma mancha de sujeira em seu nariz.

— Não. — Rachel levantou quatro dedos.

— Ela comeu quatro ou só sobraram quatro?

— Restam quatro. — Rachel abriu bem a boca e fez um movimento de mastigação. — Assim! Uma mordida e eles estão mortos.

— Ver, eu quero ver — disse Jacob, pegando a mão da irmã.

Rachel partiu em direção aos estábulos, explicando repetidamente que as mães porcas comiam seus bebês, mas as mães humanas não. Alex riu do olhar preocupado que Jacob lhe lançou por cima do ombro, ergueu o nariz na direção geral do sol de março e fechou os olhos. Paz e sossego, finalmente. Os arbustos mais acima na encosta estavam cheios de pássaros, sua conversa monótona de inverno se transformara em uma sinfonia, e Alex relaxou ainda mais, afundando-se cada vez mais perto do sono.

— Senhora? — A voz de Janey era urgente e Alex abriu os olhos para ver uma fila de soldados cavalgando em sua direção. O que ela realmente queria fazer era pular e correr para dentro, bater a porta na cara deles e não sair até que eles tivessem ido embora. Mas o que ela fez foi apoiar as mãos nos joelhos e ficar de pé para encará-los.

— O que é agora? — O suor brotou ao longo de sua coluna, na parte de trás dos joelhos e nas dobras dos cotovelos. Ela pegou uma vassoura para se apoiar.

— Senhora Graham?

Alex assentiu com cautela.

— Capitão Howard, ao seu serviço. Seu marido está em casa? — O oficial parecia apenas moderadamente interessado, examinando os campos bem cuidados, o quintal e a pedra cinza suave da casa.

— Não, ele não está.

Os olhos castanhos se aguçaram com interesse, caindo sobre ela.

— Não? E onde ele está, se posso perguntar?

Não é da sua conta, é? Mas Alex optou por ser menos provocadora.

— Ele está em Edimburgo, esteve fora nos últimos quatro dias ou mais.

O pequeno brilho de interesse desvaneceu-se tão rapidamente quanto apareceu.

— Então ele não estaria em casa há duas noites?

— Não, ele saiu já no sábado.

O oficial desviou o olhar, além da casa e subindo a encosta arborizada atrás dela.

— Um lugar bem agradável — disse ele.

— Obrigada.

— Lembra-me da minha casa — continuou o oficial. — Ou melhor, da minha casa de infância, antes que as tropas da Commonwealth a incendiassem.

— Oh — disse Alex. — Muito tempo atrás?

— Dezoito anos em junho, e não há uma noite em que eu não reviva aquele dia em meus sonhos.

Alex não tinha ideia do que dizer, perturbada pela ferocidade de seu tom.

— Devo dar algum recado a meu marido? — Alex perguntou quando eles se viraram para sair.

O oficial balançou a cabeça.

— Não, não há necessidade. Passaremos por aqui na próxima semana. — Ele segurou seu cavalo e olhou para ela. — Pode interessar a você saber que o tenente Gower está morto. Assassinado.

Alex não tinha ideia de como permaneceu de pé, os dedos cerrados com força ao redor da vassoura.

— Morto? — ela guinchou.

— Definitivamente, sim — disse o capitão e fez o cavalo partir em um trote.

Ela não se moveu por muito tempo. Bem, ela não podia, com a forma como seu joelho esquerdo tinha ficado todo bambo.

— O que você fez, Matthew Graham? — Alex sussurrou, segurando a vassoura como se para salvar sua vida. — O que diabos você fez? — Nunca cometeu um crime na vida, ela dissera ao filho outro dia, e agora... Ela engoliu em seco uma e outra vez, e podia ouvir os ruídos estranhos que sua respiração fazia enquanto circulava em sua traqueia seca. Arrastando a vassoura atrás dela, ela partiu para os campos.

— Samuel! — Ela acenou para o velho e explicou o que queria que ele fizesse. — Mas tenha cuidado ao perguntar as coisas, certo?

Samuel prometeu que o faria, selou a égua ruana e partiu em uma hora, voltando assim que o crepúsculo começou a se transformar em noite.

— E então? — Alex agarrou seu estribo. — O que você descobriu?

— Ele foi enforcado, dizem que foi no carvalho da encruzilhada. — Samuel desmontou e olhou para ela com olhos cansados. — Eles acham que foi Williams que fez isso.

Sim, claro que foi. Alex enfraqueceu de alívio. Williams decidiu se vingar do homem que roubou a vida dele.

— Mas não pode ter sido — Samuel continuou com uma voz monótona. — Por causa da morte de Williams.

— Ele morreu? — Alex perguntou.

— Sim, eu soube por meu primo. Que Williams e seu filho mais velho morreram, pois adoeceram de febre. Ele está morto há algumas semanas.

— Oh, mas isso é horrível! — Alex teve vontade de chorar. Pobre Sra. Williams, deixada sozinha com quatro filhos. Como ela poderia mantê-los vivos? Samuel fez um som concordante, resmungando por causa do triste estado de coisas.

— Mas se não foi Williams, então quem? — Alex torceu as mãos. Um rápido olhar compartilhado com Samuel, e Alex podia ver suas próprias suspeitas refletidas nos olhos do velho. — Ele está em Edimburgo, não está aqui.

— Sim — Samuel disse, parecendo não estar convencido. — Há muitos homens com queixas contra o tenente, e Williams tinha muitos parentes na área. — Ele encolheu os ombros. — Nunca saberemos, e nem eles. Mas vai ficar muito pior agora que um deles foi morto. — Ele acenou com a cabeça na direção dela e conduziu o cavalo em direção aos estábulos. Alex ficou um longo tempo no escuro antes de voltar para dentro.

Eles estavam esperando por Matthew quando ele cavalgou pela estrada alguns dias depois, na companhia de Simon. O oficial conduziu seu cavalo para o outro lado da estrada e continuou explicando que havia ocorrido um infeliz incidente na área, nada menos que um assassinato, e que eles tinham perguntas a fazer.

— Assassinato? — Matthew adotou um tom horrorizado. — Assassinato de quem? Minha esposa?

O capitão apressou-se em assegurar-lhe que não, pelo que ele sabia, a família do Sr. Graham estava saudável, pelo menos estavam da última vez que os vira há alguns dias.

— Não, é o assassinato de um servo da coroa — continuou o capitão Howard. — Tenente Gower. Você conhecia o homem, ouvi dizer.

Matthew olhou para ele com calma e inclinou a cabeça em afirmação.

— Sim, eu conhecia e não vou fingir que lamento a morte. Ele maltratou minha esposa algumas semanas atrás.

— Sim, eu ouvi — disse o policial. — Mas ela causou isso a si mesma, não foi?

— É uma questão de opinião — retrucou Matthew.

O capitão encolheu os ombros.

— Isso o torna um suspeito muito provável, Sr. Graham.

— Eu? — Matthew injetou em sua voz o máximo de incredulidade que conseguiu reunir. — Eu estive em Edimburgo.

— Sim — Simon disse. — Nós tínhamos escrituras a serem redigidas e testemunhadas alguns dias atrás.

— E você partiu no sábado? — Capitão Howard disse. Matthew podia vê-lo contar dias; Dois, três dias para cavalgar até Edimburgo, alguns para fazer negócios e três dias de volta. O oficial puxou o lábio e franziu a testa para Ham. — Um bom cavalo, até muito bom, mas um pouco sem fôlego no momento.

— Tosse — Matthew suspirou.

— Ah — o oficial assentiu, puxando os lábios mais um pouco. — Um cavalo igual ao seu foi visto na noite em que Gower morreu.

Matthew olhou para Ham, deixou seu olhar viajar pelo cavalo do oficial, por dois outros cavalos da tropa e, em seguida, de volta ao cavalo castanho do oficial.

— Um cavalo escuro? — ele disse sarcasticamente. — Além disso, meu cunhado pode garantir que eu estava em Edimburgo. — Howard continuou a bloquear seu caminho, olhando para ele com suspeita. — Se me der licença, gostaria de voltar correndo para casa.

O capitão afastou-se e acenou com a mão para indicar que a estrada estava livre. Matthew curvou-se e cravou os calcanhares, fazendo o cavalo bufar antes de mover as pernas e dar passos largos.

Demorou um pouco para Matthew recuperar o controle sobre si mesmo. Tinha sido um esforço desumano manter aquela calma exterior enquanto encarava os olhos vigilantes do oficial, e ele se admirou por ter sido capaz de manter as mãos firmes nas rédeas. Agora todo ele tremia, e na boca do estômago uma víbora parecia se atirar de um lado para o outro, forçando a pouca comida que tinha comido naquele dia de volta pela goela para bloquear sua garganta. Ele matara um homem, nada menos que um oficial, e se algum dia fosse pego, não seria apenas enforcado, seria estripado e decapitado também.

— Você está navegando muito perto do abismo — Simon disse assim que alcançou Matthew. — O que em nome de Deus você fez?

Matthew não respondeu. A última semana tinha sido uma corrida contra o tempo, com Ham pressionado ao seu limite quando Matthew saiu furioso na direção de Edimburgo pouco antes da meia-noite de domingo, em vez de no início da manhã de sábado, quando ele tinha partido oficialmente. Mas valeu a pena, pensou ele, chocando-se. Uma vida tirada em pagamento por Williams e o ministro, pelas crueldades mesquinhas que coloriram os dias de todos os seus vizinhos, mas acima de tudo por Alex, pelos vergões vermelho-sangue na pele pálida de suas costas.

— Matthew? — Simon disse. — Você não foi totalmente honesto

comigo, foi?

— Não, eu não fui — Matthew respondeu. — Você ainda vai ficar ao meu lado? — ele perguntou, uma vez que terminou de recontar os eventos.

Simon fechou os olhos exasperado.

— É tarde demais para perguntar agora.

Matthew ficou muito envergonhado, baixando a cabeça.

— E o que Alex vai dizer? — Simon perguntou.

Matthew se endireitou.

— Você não vai contar uma palavra sobre isso para Alex, nunca, ouviu?

Simon jurou que não.

— Mas você deve contar a ela. Não pode esconder algo assim de sua esposa.

— Sim — disse Matthew. — Mas vou escolher quando e onde com cautela. E não é agora.

Exceto que não havia nenhuma maneira de Matthew escapar do azul brilhante dos olhos de Alex, queimando seu caminho até a alma dele; ela o conhecia melhor do que ele mesmo, e quando o seguiu pelo quintal até o estábulo, ele sabia que não seria ele escolhendo nada, seria ela. Então a pegou pela mão e a ajudou a subir a escada para o palheiro, e lá ele se sentou com ela em seu colo e contou como Gower morreu. Ela não disse nada depois que ele terminou, recostando-se em seu peito.

— Ninguém — ela finalmente disse. — Não vamos contar a ninguém. E nunca mais falaremos sobre isso.

— Nunca — ele concordou.

— Daniel Elijah? — Alex olhou para o bebê. — Dois nomes muito solenes, você não acha? Isso o faz parecer muito religioso.

— Bom — disse Matthew, acariciando a cabeça felpuda de seu filho mais novo. — Muito apropriado para um futuro ministro.

— Um ministro? — Alex ergueu uma sobrancelha.

— Sim, um homem da igreja. — Matthew teve problemas em manter o rosto sério diante da expressão de espanto dela.

— Mas e se ele não quiser?

— Vamos fazer com que ele queira. — Matthew chegou mais perto, seu olhar no filho que ela amamentava. Ainda era um milagre para ele que algo tão pequeno pudesse ser tão determinado quando se tratava de comida. — Nós dois — acrescentou, ignorando a carranca de Alex.

Ele esperou até que o filho terminasse de se alimentar antes de tirá-lo da mãe, segurando-o na dobra do braço.

— Que garotão, hein? — ele sussurrou. — Olha para você, todo rosado e viçoso, com saúde.

— E quanto aos outros? — Ela parecia aborrecida, claramente não convencida pela noção de que ele deveria decidir que direção a vida de seus filhos tomaria.

Ele sorriu.

— Mark será um fazendeiro, e este pequenino será um ministro.

— E Jacob?

Matthew encolheu os ombros. Jacob poderia ser tantas coisas; forte e plácido e com uma boa cabeça sobre os ombros, Jacob faria seu próprio caminho no mundo.

— Jacob? Ah, bem, Jacob será feliz.

— E os outros não — murmurou Alex.

— Sim, eles serão.

— E Rachel?

Matthew revirou os olhos e fez um som sufocado que fez Alex cair na gargalhada.

— Rachel será uma esposa. Deus ajude seu futuro marido.

Maio; encostas arborizadas revestidas de verdes novos brilhantes, montes de campânulas cobrindo o solo, as árvores do pomar de macieiras cheias de flores e, sentados ali, à sombra, sua esposa e seu filho mais novo. Matthew permaneceu onde estava, observando como

ela tirou Daniel de seu seio para acomodá-lo em sua cesta. Ela sorriu na direção de Jacob e Rachel, brincando entre as árvores, e ele foi tomado por uma sensação de profundo contentamento. Seu mundo, sua família, um pequeno canto do paraíso que lhe pertencia — tornado possível pela mulher que agora erguia a mão em um aceno. Três filhos e uma filha maluca em pouco mais de seis anos, e haveria muitos mais, pois ela era saudável e fértil e os dois ainda ardiam de desejo um pelo outro.

— Aqui. — Matthew estendeu o pequeno ramalhete de flores que havia colhido.

— Para mim? — Ela parecia satisfeita.

— Sim — ele disse, caindo ao lado dela. — Visto que não consegui encontrar minha amante de cabelos cor de mel. — Agora, o que o havia feito dizer algo tão tolo quanto aquilo? Ela lhe deu um olhar frio, e ele sentiu uma onda de vergonha familiar com a memória de Kate Jones, com seus olhos escuros e cabelos do tom exato do mel. Mas ele só tinha se deitado com ela porque estava doente e com medo de morrer, tantos anos atrás, lá na Virgínia.

— Eu... — ele começou a dizer.

— Eu sei — ela o interrompeu, recostando-se contra ele. — Tive um pesadelo ontem à noite.

— Oh, sim? — Matthew encontrou um longo talo de grama e começou a morder a ponta macia e pálida. Alex se acomodou nele e bocejou.

— Sobre Magnus; ele parecia horrível, com a cabeça raspada e meio encolhido... — A voz de Alex sumiu. — Acho que ele está doente. — Ela mordeu o lábio, parecendo bastante preocupada. — Ele é muito jovem, ainda não tem sessenta e quatro anos.

— Não podemos fazer muito por ele daqui — disse Matthew —, e sessenta e quatro é uma idade impressionante.

— Você acha?

— Meu pai morreu antes dos cinquenta anos — Matthew a lembrou.

Alex fez um som irritado.

— Sim; ele se afogou, não exatamente por causa da velhice, certo?

— Ainda assim ele está morto. E, além disso, é apenas um sonho, não necessariamente verdadeiro.

— Faz muito tempo que não sonho com eles — disse Alex —, e quase nunca penso neles também. Nem em Magnus, nem em meu pequeno Isaac; devagar e certo, todas as lembranças estão se tornando uma espécie de conto de fadas.

— Sim, claro que estão. Esta é a sua vida, você pertence aqui comigo e com nossos filhos.

— Mas eu costumava pertencer àquele lugar.

Matthew grunhiu, como sempre desconfortável em discutir os aspectos mais desconcertantes da vida de sua esposa. Ele mudou de posição para deitar de costas, uma mão sobre ela, a outra na borda da cesta do bebê. Alex mexeu em sua camisa, tocou de leve sua barriga, suas coxas. Ele se espreguiçou, apreciando essas lentas carícias.

— Eu pareço velha?

Ele ergueu a cabeça para olhar para ela, sentada ao lado dele. Velha? Sua Alex? Ele reprimiu um sorriso. Claro que ela envelheceu desde a primeira vez que ele a viu, e quatro filhos não tinham passado despercebidos por entre suas coxas, deixando-a um pouco mais arredondada nos quadris e no traseiro. Ele duvidava que ela caberia naquelas calças estranhas — djeens, não é? — dela hoje, mas para ele a impressão geral era mais agradável, de alguma forma mais suave. Ele espiou o peito dela; dois seios redondos e bem torneados se desenhavam o melhor que podiam através do linho e do corpete. Ele ergueu a mão e deu um pequeno aperto apreciativo no mais próximo.

— Você está linda — ele sorriu, muito satisfeito com seu pequeno desvio da pergunta.

— Mas eu pareço velha?

— Não, isso você não parece, você parece mais jovem do que Joan, até mesmo do que Rosie. — Isso a agradou, ele percebeu. Rosie era oito anos mais jovem.

— Viu? A dieta é importante, e higiene.

— Sim, todos nós sabemos disso — provocou Matthew. — Dentes limpos de manhã e à noite, banhos uma vez por semana. — Ele olhou para ela com esperança. — Você pode precisar de ajuda mais tarde, não? Com seus óleos. — Ela toda nua, todo o quarto impregnado pelo cheiro concentrado de lavanda, suas mãos explorando um corpo do qual ele nunca se cansaria.

Ela riu e se inclinou para beijá-lo.

— Você tem uma mente suja, Sr. Graham, e deixe-me lembrá-lo de que nosso filho ainda não tem três semanas. — Seus olhos estavam muito próximos aos dele. — Mas eu não me importaria de alguma ajuda com meus óleos.

— Não; eu não pensei que você se importaria.

Na manhã seguinte, Alex acordou sozinha, um bebê úmido se agitando em sua cesta. Daniel fez sons exigentes e Alex cambaleou, se perguntando onde Matthew poderia estar. Ela fez uma careta ao lembrar que era domingo. Ele estaria estudando, escolhendo os textos da Bíblia para hoje. Provavelmente uma passagem que ela nunca tinha ouvido falar antes, fazendo-o suspirar e dizer que esperava que ela a estudasse durante a semana. Ela odiava quando ele fazia isso e, em protesto, geralmente não lia os textos, o que levava a algumas



discussões acaloradas sobre como ela, sendo sua esposa e mãe de seus filhos, deveria conhecer o Livro Sagrado bem o suficiente para transmitir para a nova geração.

— Eu posso fazer a parte do Velho Testamento — ela dissera —, pelo menos as linhas gerais dele. — As linhas gerais não eram boas o suficiente, e agora Alex estava constantemente sendo questionada sobre Jó e Moisés, e Josué e quem era Jezebel e Acabe, deixando sua cabeça girando enquanto ela sempre tinha que admitir sua ignorância.

— Vamos apenas esperar que ninguém jogue você na cova do leão — ela murmurou para Daniel e ofereceu-lhe o seio. Por um instante, doeu, e então ela e o bebê relaxaram enquanto Daniel se punha na importante tarefa de se alimentar. Alex bocejou. Tivera uma noite agitada, sonhando o mesmo sonho repetidamente. Sempre Magnus, olhos tão azuis quanto os dela embotados de dor, seu corpo alto dizimado a um varapau. Ele está morrendo, ela engoliu em seco, logo ele estará morto e eu nunca vou vê-lo novamente. E apesar de tudo, ela riu, muito trêmula, mas ainda assim achando irônico. Para Magnus, era o contrário; ela estava morta, poeira levada pelo vento séculos antes mesmo de ele nascer.

Muito raramente ela sonhava com sua vida perdida; fazer isso duas noites consecutivas parecia uma espécie de augúrio, e ela passou a meia hora seguinte pensando do que Magnus poderia estar doente. Daniel tossiu, trazendo-a de volta ao aqui e agora, e foi com algum alívio que ela banuiu esses pensamentos de pessoas perdidas em um futuro perdido.

— Onde está seu pai? — Alex perguntou a Mark durante o café da manhã, balançando a cabeça em um silencioso não quando Rachel se esticou pela terceira vez na direção do pote de mel.

— Não sei, pensei que ele ainda estivesse na cama.

Alex franziu os lábios e, depois de embrulhar Daniel em seu xale, foi procurar seu marido. No escritório, a Bíblia estava aberta e Alex examinou o texto, sorrindo ao perceber que era de fato um livro que ela conhecia, o livro de Ruth. Mas de Matthew não havia sinal, nem na casa, nem em qualquer outro lugar. Isso não era típico dele, e a boca de Alex se contraiu em algo do tamanho de uma ameixa enquanto ela tentava entender o que isso poderia significar. Ela desceu para os prados e observou os cavalos, mas eles estavam todos lá, pastando sob a barragem de amieiros que margeava o pequeno rio.

— Você viu o mestre? — Alex perguntou a Gavin, que se endireitou de sua contemplação de absolutamente nada. — Viu? — Alex repetiu, apertando os olhos quando Gavin ficou vermelho brilhante. — Gavin, eu só quero saber se ele está bem. Então, você o viu?

Gavin se contorceu e admitiu que, muito cedo, Matthew partira na

direção da colina. A colina... Alex olhou para cima em direção ao topo descoberto. Além dali estava o musgo, e com uma fisgada nauseante em seu estômago ela entendeu onde ele tinha ido. Era domingo e agora que a primavera havia chegado, organizar uma reunião secreta de oração era muito mais fácil. Mas ainda havia dragões por todo o lugar, mesmo que estar a cavalo fosse uma vantagem duvidosa sobre alguns dos trechos mais difíceis da charneca. Alex apertou ainda mais Daniel enquanto olhava para o local onde, se Deus quisesse, seu marido reapareceria vivo e bem antes de o dia terminar.

Cada hora era uma eternidade. Alex assustava-se com cada som, então se sentou no banco do lado de fora da porta da cozinha com os olhos abertos, alternando entre olhar para a colina e para a estrada. Um glorioso domingo quente, e ela não poderia aproveitar um minuto sequer, odiando que o tempo passasse tão lentamente quanto um caracol no melaço. Abibes giravam vacilantes sobre os campos mais próximos, o martim-pescador residente disparou em uma onda de laranja e azul, mas Alex não estava com disposição para ornitologia. Manhã, refeição, uma longa, longa tarde, e quando as sombras começaram a se alongar ela não aguentou mais. Com Daniel em seu xale, ela começou a subir as encostas arborizadas.

Alex estava suada de tanto esforço quando chegou ao topo da colina. O crepúsculo de maio estava roxo ao seu redor, e ela se virou para olhar para casa. Tudo parecia tão pacífico, vacas na campina, as cabras balindo em seu cercado. Um grito cortou o silêncio, e Alex sorriu exasperada quando algo pequeno disparou pelo quintal da fazenda, sombreado por uma forma maior. Mark corria atrás da irmã e, assim que a alcançou, houve uma série de gritos que indicavam que ele também pagara um preço pela perseguição. Ela se voltou para a charneca. O ar estava picante com o cheiro de grama nova, de alho selvagem e a fragrância de nozes do tojo amarelo brilhante que cruzava o musgo — enganosamente lindo à distância, horivelmente espinhoso se você se aproximasse demais.

Daniel se contorceu contra o peito dela, e Alex o puxou para mais perto, balançando-o. Matthew já deveria ter voltado, e ela examinou o espaço vazio, tentando ver algo, qualquer coisa, que indicasse que ele estava bem e seguro e voltando para ela e sua casa. No crepúsculo, o musgo escureceu, brumas macias subiam do solo úmido como véus flutuantes. Quando os cavalos apareceram do nada, desencarnados na luz inconstante, ela mergulhou para se esconder debaixo das árvores.

— Obrigado. Deus lhe acompanhe.

Alex reconheceu a voz de Matthew, mas permaneceu onde estava até ouvi-lo farfalhar na grama. Ele saltou ao vê-la.

— Alex! Por que você está aqui?

— Por que você acha? Porque eu queria dar um passeio? — Ela

deu a ele um olhar zangado. — Onde você esteve?

— Você sabe onde eu estive e eu disse que continuaria a ir quando pudesse.

— Você poderia ter sido preso! Como pôde correr esse risco? — Ela colocou as duas mãos na cintura e o encarou.

— Nós sabíamos o que estávamos fazendo. Seria difícil para uma tropa de dragões cavalgar através do tojo.

— Você voltou a cavalo.

— Sim, apenas pela última parte. — Matthew passou o braço em volta dela e puxou-a para perto. — Eu simplesmente tinha que fazer — disse ele, encostando a cabeça na dela. — Eu preciso disso, de ouvir as palavras de Deus. — Ele usou sua mão livre para abrir um pouco o xale e sorriu para o filho adormecido, colocando um dedo longo no nariz pequeno.

— Sandy estará aqui em três dias, para batizar o bebê.

— Contanto que ele não chegue perto da casa — disse Alex, saindo de seu abraço.

A mandíbula de Matthew se apertou.

— Ele é meu amigo, meu pregador. Não permitirei que fale dele como se fosse um verme.

Alex suspirou.

— Em primeiro lugar, ele é um risco; para você, para mim.

Ele desceu a colina e deixou que ela o seguisse o melhor que pudesse.

O capitão Leslie apareceu no final de agosto para se despedir e, pela luz ansiosa em seus olhos cinzentos, Alex percebeu que ele havia se decidido.

— Sim — disse Thomas Leslie. — Renunciei ao meu posto e atualmente estou vendendo meus bens materiais, um por um. Partiremos em março do próximo ano. — Ele revirou os olhos. — Tanto para comprar e embalar; utensílios, ferramentas, um arado para meu irmão, roupas e tecidos para fazer outras novas... — Ele sorriu para o bebê gordo nos braços de Matthew e beliscou sua bochecha. — Você tem sorte com seus filhos, todos tão saudáveis e fortes.

— Sim. — Matthew brincou com Daniel em seu joelho. — Eu tenho uma esposa boa e fértil.

Alex bufou, fazendo-o olhar para ela.

— Isso me faz parecer uma égua, ou uma vaca — ela disse, suprimindo um sorriso por sua expressão preocupada.

— Você sabe que eu não quis dizer isso.

Alex apenas sorriu, captando um olhar de admiração de Thomas Leslie. Ela gostava de Thomas, sentiria falta dele assim que partisse, mesmo que de vez em quando ele a olhasse um tanto abertamente, mais por admiração respeitosa do que por luxúria.

— O que sua esposa pensa sobre tudo isso? — Alex perguntou, guardando a costura. — Deve ser difícil para ela e sua família largarem para trás suas raízes.

Thomas limpou a garganta e bebeu um pouco de cerveja.

— O que ela acha? Bem, presumo que ela confie que tomei a decisão certa. — Ele alisou o cabelo para trás e mexeu na gola estreita que adornava seu casaco cinza. Um homem monocromático, era Thomas Leslie, raramente ostentando qualquer cor além de cinza. Talvez ele fosse daltônico.

— Claro — disse Alex —, mas você deve ter discutido isso com ela primeiro, certo?

Leslie a olhou com cautela.

— Na verdade, não, Maria deixa todos esses assuntos comigo. — Como deveria, seu tom implicava.

— Sua esposa e eu devemos ser muito diferentes — comentou Alex, fazendo Matthew engasgar com a bebida. — Se meu marido

tomasse uma decisão dessa magnitude sem me consultar, eu provavelmente ficaria tentada a lhe causar um grave mal. Castração me vem à mente. — Ela sorriu docemente na direção de Matthew.

— Bem, minha querida, asseguro-lhe que minha esposa e você são muito diferentes.

— Felizmente. Para você, quero dizer — Alex respondeu.

— Então será Maryland? — Matthew perguntou. Thomas acenou com a cabeça, explicando como seu irmão tinha sido bem recebido, apesar das relações turbulentas entre puritanos e católicos na colônia.

— Nossos irmãos puritanos eram um tanto agressivos há alguns anos — disse Thomas —, queimando igrejas em toda a colônia. Mas agora existe alguma aparência de paz. Eles têm um decreto estranho, um Ato de Tolerância, uma lei que argumenta que cabe a cada homem seguir sua consciência nos assuntos de Deus, e que igrejas de diferentes convicções devem aprender a viver lado a lado.

— Que moderno — murmurou Alex, ganhando um olhar de advertência de Matthew.

— Sim. — Thomas deu a ela um olhar estranho. — Mas de vez em quando tudo explode em selvageria.

— Como isso pode importar tanto? — Alex deixou escapar. — Como podem os homens ir à guerra, pilhar, queimar e destruir em nome de seu Deus? Veja o que está acontecendo aqui; bom, homens tementes a Deus perseguidos em suas fazendas, rotulados como bandidos perigosos pelo simples ato de manter suas crenças. E para tornar tudo ainda mais deprimente, é basicamente a mesma fé: Jesus Cristo e todas essas coisas. — Silêncio absoluto saudou seu desabafo. Por cima da cabeça de Thomas, Matthew encontrou o olhar dela, revirando os olhos exageradamente.

— Bem... — Thomas Leslie disse, batendo-se com força nas coxas. Ele esfregou as pernas e olhou para Alex. — Sabe, minha querida, há dias em que acho que você está certa. O bom Deus deve arrancar os cabelos quando nos vê, bons cristãos, todos nós, à nossa maneira, destruirmos uns aos outros. Mas temo que esses sejam pensamentos perigosos para expressar em voz alta, e para o seu bem, assim como o de seu marido, você deve aprender a ser cautelosa. — Ele acenou com a cabeça como se estivesse de acordo consigo mesmo. — Tolerância; uma virtude que falta a muitos homens hoje em dia... — Ele suspirou e se levantou. — Eu preciso ir. Tenho uma longa jornada para o sul e espero estar em Londres antes do sétimo dia de setembro. Meu recurso principal é uma loja de tecidos na cidade, trazida a mim pelo casamento. É minha esperança que apenas a venda desse negócio cubra o custo total de transporte para minha família, e algumas terras. — Alex reprimiu uma exclamação, mas se Thomas percebeu, não disse, curvando-se em sua direção antes de sair da sala.

Matthew seguiu Thomas para o pátio.

— Desejo-lhe o melhor em seus empreendimentos futuros, e que você e sua família passem com segurança para o outro lado.

— E você? Não é algo que considerou?

— Eu já estive lá. E não fiquei com nenhuma boa lembrança do lugar.

— Não — disse Thomas Leslie, montando em seu cavalo. — Posso imaginar que você tenha pesadelos.

— Às vezes.

— Tenha cuidado, meu amigo — disse Thomas olhando para ele. — Eu não gostaria de ouvir que você acabou morto ou deportado.

— Não acabarei — disse Matthew. — Tenho família e casa para manter a salvo. — Ele apertou a mão de Thomas com força. — Deus esteja com você, irmão.

— E com você — respondeu Thomas Leslie antes de aticar o cavalo.

— Pobre homem — suspirou Alex assim que Matthew voltou a se juntar a ela. — Espero que ele tenha mais bens do que aquela loja de tecidos.

Matthew olhou para ela perplexo.

— Vai queimar — disse ela —, é uma das coisas que definitivamente me lembro das minhas aulas de história. No início de setembro de 1666, toda a cidade de Londres explodirá em chamas, deixando quase tudo em cinzas e ruínas.

— Ah, não! Então, como ele vai viver? Sem posto de oficial, sem vida nova.

— Ele tem uma pequena fazenda — disse Alex —, e falou de alguns outros bens.

Matthew suspirou.

— O suficiente para pagar a passagem e talvez alguns suprimentos. Mas não para se manter quando chegar à colônia.

— Esperemos que ele tenha um relacionamento mais próximo com o irmão do que você com o seu — disse Alex. — Não que isso signifique muito.

Demorou apenas alguns dias depois que Thomas Leslie partiu, para que Alex e Matthew entendessem que ele havia sido uma influência protetora sobre Hillview. De inspeções semanais, ou às vezes apenas quinzenais, os soldados agora voltavam com muito mais frequência, aparecendo às vezes da estrada, mas com a mesma frequência vindos da charneca ou através dos prados. E a cada vez eles revistavam todas as construções, não deixando pedra sobre pedra em sua busca permanente por ministros fora da lei, principalmente Sandy Peden.

— É porque ele é um bom orador — explicou Matthew a Alex uma

noite, enquanto caminhavam de mãos dadas até a lagoa para um banho tardio. — Seus sermões são sussurrados e repetidos por aí, e as pessoas ficam animadas com eles. — Ele entrou nu na água e ficou esperando por ela enquanto ela tirava a camisa. Matthew riu. — Deve ser frustrante para os soldados. Repetidamente eles o cercaram e então ele simplesmente desapareceu. Suspeito que eles achem que é mágica, enquanto a realidade é que Sandy sabe como se fundir ao solo, nascendo e crescendo naquele musgo. Ele conhece cada buraco, cada pedaço de tojo. Isso o torna difícil de capturar. — Ele estendeu a mão para ela e puxou-a para si, caminhando para trás até que ambos estivessem com água bem acima da cintura. Acima deles, pendia uma lua pesada e amarela.

— Lua da colheita, e este ano ela está boa, certo? — Alex disse.

— Sim. Até agora — concordou Matthew, esticando-se para alcançar o pote de sabão macio. Eles se ensaboaram e se lavaram em silêncio, ajudando um ao outro com o cabelo antes de voltarem para a margem. Uma vez seco, Matthew se esticou no chão e Alex se ajoelhou ao lado dele.

— Você acha que eles vão pegá-lo um dia? — Alex perguntou, com as mãos ocupadas descendo pelas costas tensas de Matthew. Ele gemeu quando ela cravou os dedos nos tendões que iam dos ombros até o pescoço.

— Sim ... aí ... mmm, não, mais à direita.

— Será que vão?

— Sim, eles vão pegá-lo — Matthew suspirou. — Mais cedo ou mais tarde. Deus o ajude quando acontecer.

Antigamente, Alex gostava de domingos. Mas isso foi antes de Matthew começar a vagar pelo campo, buscando uma ou outra reunião enquanto ela permanecia em casa, com o coração na garganta o dia todo. Ela empilhou uma segunda porção de panquecas no prato — bem, todos tinham direito a alguma coisa. Ele precisava de Deus, e ela precisava de comida reconfortante — e pingou uma quantidade considerável de mel na pilha. Três garfadas e Alex suspirou, inclinou a cabeça na direção do quintal e se levantou.

— Oficial — Alex foi sucinta, estudando o grupo invulgarmente grande de soldados em seu quintal.

— Seu marido está em casa? — perguntou o capitão Howard.

— Não tenho certeza, depende do que você entende por casa. Ele não está aqui dentro.

— Hmm — o oficial acenou com a cabeça para um de seus homens, que cavalgou adiante. — Encontramos esse indivíduo na estrada. É seu amigo?

Os joelhos de Alex dobraram quando um homem alto e abatido foi

depositado no chão a seus pés.

— Ministro Crombie! — Ela se abaixou para ajudá-lo a se levantar.  
— O que aconteceu com o senhor?

— Alexandra Graham — o Ministro Crombie meio resmungou, meio tossiu. — É um prazer vê-la novamente, por mais duras que sejam as circunstâncias. — Ele deu um tapinha na mão dela, recuperando um pouco da compostura enquanto se endireitava em toda sua altura considerável.

— Então você o conhece — afirmou o capitão.

— Não, eu sempre saúdo homens desconhecidos assim — Alex retrucou, irritada com o sorriso no rosto do oficial. — Ele celebrou meu casamento, há oito anos, então é claro que o conheço.

— E desde então, você o viu?

— O Ministro Crombie deixou a paróquia no final de 1660, com destino a Edimburgo. — O religioso concordou silenciosamente com a cabeça. — Desde então, não o vi, exceto por uma breve visita em 1663, e devo dizer que me preocupa vê-lo em tal estado de saúde. — Como se fosse uma deixa, o ministro tossiu, um som pesado que resultou nele pigarreando e cuspidando um enorme glóbulo de catarro.

— Tísico — diagnosticou o capitão.

— Sim — o ministro confirmou. Um leve brilho passou por seus olhos fundos. — Se eu tiver sorte, isso significa que morrerei aqui, antes de ser deportado.

— Acho que não — respondeu o oficial laconicamente. — Leva muito tempo para tossir os pulmões em pedaços.

Alex lançou um olhar rápido ao redor do quintal. Ela tinha mandado Mark partir no momento em que viu os soldados, e esperava que ele tivesse conseguido encontrar e avisar o pai antes que este partisse na direção do sermão da colina daquele dia, porque algo disse a ela que ele estaria caminhando direto para uma armadilha.

Nas últimas semanas, houvera uma enxurrada de prisões, algumas acabando apenas em espancamento, a maioria resultando em multas e duas em encarceramento. Atrás dela, Daniel decidiu que era hora do segundo café da manhã e começou a chorar, um barulho alto e insistente que fez Alex cruzar os braços para esconder o fato de que seus seios começaram a vaziar.

— Fique à vontade, cuide da criança — disse o capitão Howard, desmontando para recuperar seu prisioneiro. — Vamos esperar por seu marido.

Foi uma longa espera. Com o passar das horas, Alex ficou cada vez mais nervosa, e não ajudou ter o capitão pairando ao redor dela como uma mosca enervante, seus olhos escuros registrando cada emoção dela. Com um esforço sobre-humano, Alex conseguiu parecer mais branda, permitindo que isso se transformasse em uma leve irritação



com o passar do dia, com comentários murmurados sobre a natureza imprudente dos homens em geral e de seu marido em particular. O tempo todo, seu coração batia forte dentro do peito, suas entranhas se derretendo com a ideia de que Mark tinha chegado tarde demais. Bem; obviamente ele chegara, e Alex estava dividida com as preocupações duplas pelo marido e pelo filho.

— Onde ele está? — Capitão Howard exigiu.

— Eu não sei, ele geralmente leva Mark para longas caminhadas aos domingos. Talvez eles estejam pescando ou caçando.

— Hmph! — O capitão exclamou, antes de sair para falar com o mensageiro que veio galopando pela pista.

— Onde ele está? — o ministro perguntou em voz baixa.

— Não tenho ideia, ele deveria ir à reunião e... — Ela mordeu o lábio, pensando que não poderia começar a chorar, porque se o fizesse, não seria capaz de parar.

— Ele vai ficar bem — disse o Ministro Crombie, dando tapinhas em sua mão.

— O senhor acha? — Qualquer conversa posterior foi interrompida pelo capitão, que entrou na cozinha com uma expressão de satisfação no rosto.

— Algumas prisões hoje, ouvi dizer.

— Mesmo? — Alex perguntou, parecendo despreocupada. Mas sua voz a traiu, soando estranhamente quebrada. Por um instante, ela viu algo semelhante a compaixão nos olhos do policial e desviou o rosto, murmurando algo sobre ter que alimentar o bebê.

Uma armadilha. Meu Senhor, os soldados brotaram do solo, e ao redor dele as pessoas gritaram, correndo de um lado para o outro como galinhas atordoadas. Uma companhia de dragões montados veio atacando por um pedaço de solo mais seco, as espadas brilharam ao sol e os gritos que o cercaram se intensificaram. Matthew agarrou Sandy, empurrou-o para cima de uma pedra e saltou, caindo com uma maldição em um matagal de espinheiros.

— Temos que ir — ele disse, lutando para ajustar a ridícula peruca clara em cima da cabeça.

— Sim, eu suponho, mas de que maneira, você acha? — Sandy parecia controlado, mas suas mãos tremiam e sua boca continuava se contorcendo como se ele fosse um coelho encurralado. Adequado, em suma, Matthew refletiu ironicamente.

Ele deslizou sob as amoreiras para observar melhor a cena à sua frente. Os soldados haviam formado um quadrado rígido e estavam se aproximando dos remanescentes da reunião, as espadas erguidas. Ao norte, a linha era dispersa, e irmãos e irmãs em fuga correram, pelos gritos dos soldados, em direção aos pântanos além. Eles poderiam

ficar ali, esperando que não fossem encontrados, mas quando viu os cachorros, Matthew decidiu que não era uma boa ideia.

— Por aqui — disse, e com a mão de Sandy em um aperto firme, ele saiu do esconderijo.

— É ele! Peden! — Ouviu-se um apito alto vindo de algum lugar atrás deles, e o som de pés calçados, muitos pés, correndo atrás deles.

— Corra! — Matthew aumentou seu passo, arrastando Sandy junto. À sua direita, os soldados estavam ocupados reunindo um grupo de homens. Os soldados à sua esquerda estavam longe demais para causar alguma preocupação, e Matthew voltou sua atenção para um trio que estava um pouco afastado. Ele brandiu sua espada, rugiu e Sandy rugiu com ele. Os soldados recuaram, um deles puxou a espada, outro caiu de joelhos, e eles passaram, correndo cada vez mais fundo na charneca.

O chão rangeu sob seus pés, o tojo se agarrou a seu casaco, calça e, com Sandy como um grilhão, ele disparou de um lado para o outro, saltando sobre fendas, mergulhando sob árvores raquíticas, correndo, sempre correndo, apesar do gosto de sangue em sua boca, apesar do som irregular da respiração de Sandy. Não ser pego; você não deve ser apreendido, Matthew Graham, porque se eles o pegarem... Oh, meu Deus, o que acontecerá com Alex, seus filhos?

Um grito, mais um assobio e, com o canto do olho, Matthew viu dois homens vindo em sua perseguição, montados em um cavalo malhado feio e de pernas compridas.

— Por aqui! — Sandy puxou Matthew, e eles estavam em um pedaço de terreno inclinado, junto a um grupo de árvores raquíticas. O solo estava muito seco. Senhor do céu, o cavalo estava se aproximando deles! Sandy escorregou, derrapou por alguns metros e, quando chegaram às árvores, os soldados já estavam em seu encalço.

Sandy desapareceu em uma confusão de membros e roupas, Matthew fez uma tentativa desesperada de correr em seu auxílio, mas foi bloqueado por um dos soldados, espada em punho.

— Segure ele — disse o soldado por cima do ombro para o companheiro. — Mantenha-o quieto até que eu despache este aqui.

— Não é tão simples quanto você espera, eu acho — disse Matthew.

— Ah, não? — O soldado avançou, Matthew defendeu. Avanço, defesa, estocada, estocada, e o lado de Matthew explodiu de dor. Mantenha sua guarda, olhe-o nos olhos. O soldado era um espadachim experiente, mas Matthew também era, apesar de estar um tanto enferrujado. Um golpe enganoso para a direita, dois passos para a esquerda e Matthew desceu sua lâmina no braço de seu oponente que segurava a espada. O soldado diminuiu a velocidade, os olhos arregalados enquanto olhava para onde sua mão deveria estar.

Matthew murmurou uma oração apressada e enfiou a espada na garganta descoberta. Com um chiado alto, o homem morreu.

Matthew cambaleou em direção a Sandy. O garoto que o imobilizava — sim, era um garoto, não um homem — ergueu um rosto branco e aterrorizado para Matthew.

— Eu... — ele começou, tentando se levantar. Mas nunca foi adiante.

O braço de Matthew estava tremendo, o sangue escorrendo em riachos sobre sua mão e na manga. A poucos metros de distância, Sandy conseguiu ficar de joelhos, alisando seu casaco, seu cabelo, seu casaco novamente.

— Um garoto — resmungou Matthew.

— Você não poderia fazer diferente — disse Sandy. — Deixá-lo viver era correr o risco de ser preso.

Matthew assentiu e limpou a lâmina da espada na grama. Tanto sangue ... Olhou para o rapaz morto. Nunca matara uma criança antes, e seu estômago embrulhou.

— Você está sangrando — disse Sandy.

— Sim. O outro era um bom espadachim e me acertou na lateral. — Ele se endireitou, apertando os olhos na direção de onde eles vieram. Franziu a testa; mais cavalos, ainda longe, mas era uma questão de minutos antes que chegassem perto o suficiente para vê-los.

— Deixe-me ver — disse Sandy.

— Agora não. Temos que sair daqui. — Ele embainhou a espada e ajudou Sandy a se levantar. — E você?

— Nada mal, eu apenas torci meu tornozelo.

Matthew arrastou Sandy pelos trechos mais ásperos, escolhendo um caminho que os levasse mais fundo na planura enganosa da charneca. Já era tarde quando desceram em direção ao rio Lugar Waters.

— Alguém nos traiu — disse Matthew.

— Sim; é o prêmio em dinheiro. Tentador se você for pobre. — Sandy enrijeceu, franzindo a testa para um ou dois pontos minúsculos no horizonte que cresciam rapidamente. — Mais soldados.

Eles mergulharam no rio, atravessaram a parte rasa e nadaram em direção ao verde profundo da outra margem. Árvores e matagais pairavam sobre a borda, criando uma cobertura adequada para um ou dois homens, mas a água estava fria e o ar em seu pequeno esconderijo fervilhava de insetos famintos. Durante quase uma hora, eles permaneceram lá enquanto os dragões cavalgavam para frente e para trás na margem oposta, obviamente nervosos e irritados.

— Acha que eles estão procurando por nós? — Sandy sussurrou.

— Por você. — O lado do corpo de Matthew doía e a bandagem

improvisada que ele colocara antes havia escorregado.

Mais ou menos uma hora antes do pôr do sol, Matthew estava de volta a Hillview. Ele estava cansado, enfraquecido após um dia inteiro de fuga, e não ajudou muito o fato de a ferida ao longo de seu flanco ter se aberto novamente, sangrando em sua camisa e casaco. Ele estava quase saindo da colina quando, por trás de um arbusto, Mark apareceu.

— Filho? — Matthew parou surpreso. Seu filho estava sujo e desganhado, e pelos olhos inchados estivera chorando. — O que está fazendo aqui?

— Mamãe me mandou encontrar você — disse Mark, começando a chorar de novo. — Mas não consegui, você já tinha ido embora e não me atrevi a descer, há soldados esperando no pátio e...

— Shh, garoto — disse Matthew, enxugando os olhos e as bochechas do filho. — Eu estou aqui agora. Vai ficar tudo bem.

Alex desabou de alívio quando um gotejante Mark apareceu debaixo das árvores, segurando o pai pela mão. Ela apertou Daniel, que soltou um grito abafado, liberando a pegada em seu seio para olhar para a mãe com olhos tão azuis quanto os dela.

— Desculpe. — Ela o beijou. — Agora vá, termine. — Havia algo errado com a maneira como Matthew se movia, uma rigidez em seu andar, embora bem disfarçada. Ela ajeitou as roupas, entregou Daniel para Sarah e saiu correndo porta afora, ignorando os olhares surpresos e desaprovadores dos soldados reunidos enquanto voava em direção a seu homem.

— Onde você esteve? — ela repreendeu, seu olhar voando para cima e para baixo em seu corpo para ver onde ele estava ferido.

— Pescando além do moinho.

— Sim — Mark assentiu —, o dia todo. — Ele largou no chão as varas que deviam ter emprestado do moleiro.

— E os peixes? — Capitão Howard perguntou atrás de Alex.

— Sem sorte. — Matthew deu de ombros.

— Ah — falou o capitão, observando a espada pendurada no cinto de Matthew, a adaga, as roupas molhadas. — Você caiu na água?

— Eu caí — disse Mark. — E papai teve que pular atrás de mim.

— Ah — repetiu o capitão, parecendo pouco convencido.

— Vá em frente, entre e troque de roupa — disse Alex a Mark. — E você — acrescentou ela a Matthew —, você está todo molhado! — Ela já tinha encontrado o ferimento, podia ver a mancha reveladora no lado direito de seu casaco. — Aqui. — Desembrulhou o xale e envolveu-o com ele. Como por acaso, ela se aproximou, pressionando-se contra o lado machucado dele. O braço de Matthew rodeou os ombros dela, aparentemente em um gesto afetuoso para com sua

esposa. Na realidade, ele a estava usando como suporte, colocando uma parte substancial de seu peso sobre ela.

— Um tanto excessivo — comentou o capitão. — Carregar uma espada para um dia de pesca.

— Tempos incertos — respondeu Matthew, caminhando em direção ao quintal. O capitão submeteu Matthew a uma enxurrada de perguntas, mas ele insistiu que tinha pescado o dia todo. Ele tremia com o esforço de permanecer em pé, e Alex não poderia continuar agarrando-se a ele como uma tala por muito mais tempo.

— Você está tremendo — disse ela, interrompendo o capitão.

— Senhora, estou conduzindo um interrogatório.

— É isso que é? Bem, nesse caso você vai continuar dentro de casa para que eu possa dar algo quente a meu marido. Não quero que ele morra de pneumonia ou algo assim. Vá em frente, então — ela repreendeu, soltando Matthew. — Vá para dentro, agora. — E, por favor, caminhe estes últimos passos sem tropeçar. Ela o seguiu, mantendo-se como uma sombra durante todo o caminho até a cozinha. — Tudo bem? — ela murmurou quando ele se sentou.

— Não — ele murmurou de volta —, mas dá para aguentar. — Ele ergueu uma sobrancelha em advertência quando o capitão entrou pela porta, e Alex recuou um ou dois passos para permitir que o oficial se sentasse.

Poucos minutos depois, o capitão desistiu. Não havia nada a tirar de Matthew, que agora estava sentado à vontade em sua cozinha, pernas compridas cruzadas nos tornozelos e uma caneca de vinho quente e adoçado na mão. O capitão Howard se recostou e olhou para Matthew, e para Alex, por sua vez.

— E o ministro? O que me diz? — Ele sacudiu a cabeça na direção do Ministro Crombie, que estava sendo empurrado para fora da porta.

Matthew parecia confuso.

— Ministro Crombie? O que tem ele?

— Ele é um amigo seu. E nós o apreendemos perto de sua terra. Se ele estivesse nela, então...

— Muitos homens cruzam minhas terras sem eu saber, devo cercá-la? — Eles se olharam em silêncio sobre a mesa. Finalmente o capitão Howard se levantou, forçando Matthew a fazer o mesmo e segui-lo para fora.

— O que vai fazer com ele? — Matthew disse, os olhos nunca deixando o ministro.

— Será levado para Edimburgo, e de lá ele será despachado em um navio. — O capitão disse.

Matthew cuspiu e foi até o cavalo em que o ministro estava sentado.

— Não — Alex gemeu, os olhos em seu marido que estava

conversando com o Ministro Crombie, a mão do homem mais velho agarrada com força na sua.

— Ele foi formalmente banido há um ano e se recusou repetidamente a fazer o juramento ou a respeitar as leis do país. Certamente a senhora não concorda com a ilegalidade, concorda? — O capitão Howard montou em seu cavalo e franziu a testa para Matthew e o ministro.

— Nem todas as leis são justas — disse Alex.

— Eu não poderia concordar mais, Sra. Graham. Eu mesmo sou católico, assim como meus pais e meus avós antes deles. Não faz muito tempo, eram eles que eram perseguidos, com base em outras leis.

— Mas então você deveria saber... — Alex implorou.

Um pequeno lampejo de algo disparou através dos olhos escuros do capitão.

— Eu sei — ele disse, e esporou o cavalo com força.

Assim que os soldados foram embora, Alex arrastou Matthew para o galpão da lavanderia.

— O que aconteceu? — ela perguntou, ajudando-o a tirar o xale, o casaco e a camisa. A camisa estava molhada de sangue, assim como o casaco, mas o ferimento em si era superficial, um longo corte na carne que havia causado poucos danos aos músculos ou tendões subjacentes, por mais que tivesse sangrado. Mas precisava de pontos, e Alex se ocupou com agulha e linha enquanto Matthew recontava seu dia, sua boca comprida se estabelecendo em uma linha sombria.

— E Sandy está bem? — Ela deu um nó final e mordeu a linha, inspecionando seu trabalho manual com uma ligeira carranca.

Ele passou um dedo leve sobre os pontos do lado do corpo.

— Bem o suficiente, mas quanto aos outros... — Ele esfregou o rosto. — Que dia terrível, terrível.

— Cama — disse Alex.

— Cama — ele concordou.

Na manhã seguinte, o capitão Howard estava de volta, a boca tão comprimida que a pele ao redor estava branca.

— Dois homens mortos! Dois, você ouviu?

— Nada a ver comigo. Eu estava pescando.

— Não me venha com essa! — O capitão empurrou Matthew de volta para a porta. Vários centímetros mais baixo que Matthew, ele ainda assim era um homem corpulento. — Alguém ajudou aquele maldito Peden a fugir, um homem incomumente alto, pelo que ouvi, um homem que cortou a garganta de um simples garoto.

Matthew encolheu os ombros.

— Não fui eu. — Alex ouviu o leve tremor em sua voz, viu como

limpou a mão direita nas calças e soube que ele estava se afogando em recriminações.

— Sua espada — disse Howard.

— Minha espada?

— Sim, Sr. Graham. A espada que carregou ontem, em sua pequena excursão de pesca. — O capitão enviou seus homens para dentro da casa, dizendo-lhes que procurassem a arma em todos os lugares. Dez minutos depois, um deles voltou, carregando uma espada ainda na bainha. O capitão a pegou, fechou os dedos em torno do cabo e puxou. A espada raspou a bainha e com um guincho alto se soltou.

— Como pode ver, não tenho usado muito ultimamente — disse Matthew. — Uso principalmente para dissuadir os outros.

O capitão inspecionou a lâmina. Alex sabia que estava limpa, com vestígios de ferrugem e fiapos nas bordas. Fez um barulho alto quando o capitão a jogou no chão.

— Eu sei que você matou aqueles homens, assim como matou o tenente Gower.

— Eu me ressinto de seu tom, capitão, assim como me ressinto de suas acusações infundadas. Gostaria que saísse daqui, senhor.

O capitão Howard girou nas pontas dos pés.

— Eu voltarei, Sr. Graham. — Uma ameaça clara, sua voz de aço indicava.

— Sim, você provavelmente vai — Matthew murmurou para suas costas.

Muito mais tarde, Matthew guardou a espada que havia recuperado do chiqueiro em seu lugar normal, sob uma tábua do chão ao seu lado da cama.

— O que vai acontecer com os que foram presos? — Alex perguntou. Mais de quarenta homens e mulheres tinham sido pegos. Ela se sentou em seu banquinho e soltou o cabelo, procurando sua escova.

— Eles estão violando o Conventicle Act, o ato contra reuniões, aparentemente a lei mais importante a ser mantida neste reino de Carlos II. — Ele a estudou à luz das velas e depois de algum tempo se moveu e pegou a escova dela, passando-a por seus longos cabelos cacheados. — As mulheres solteiras serão oferecidas como noivas no exterior e nós dois sabemos que isso significa que elas nunca mais voltarão.

Alex acenou com a cabeça; havia uma escassez crônica de mulheres nas colônias.

— Os ministros serão enforcados, todos os cinco.

Ela não sabia o que dizer. Pobre ministro Crombie, embora ela esperasse que ele visse como uma vantagem o fato de morrer ali — rapidamente — em vez de em um canavial. A garganta de Matthew se

fechou, seu aperto na escova ficou mais forte a ponto de os nós dos dedos ficarem brancos. Ela segurou a mão dele e a pressionou contra a bochecha.

— Sinto muito — disse ela.

Ele apenas balançou a cabeça, os olhos brilhando com lágrimas não derramadas. Ele amava o Ministro Crombie, e ela só podia imaginar como era saber que o ministro fora condenado a morrer de forma tão vergonhosa.

— E os homens?

Matthew fez um som estranho e gutural.

— Multados entre 150 e 300 moedas de prata cada, a pagar dentro de um mês. E se não, eles serão enviados para as colônias também, eles e suas famílias.

Ela encontrou seus olhos no espelho. Quantias impossíveis, ninguém tinha tanto dinheiro.

— Mas pelo menos as famílias serão mantidas juntas, certo? — Alex disse.

Matthew balançou a cabeça.

— Não, Alex. Os filhos serão vendidos um a um, por períodos de serviço de até vinte anos. As mulheres irão para um lado e os homens para outro. Mas tenho certeza de que eles serão obrigados a assistir enquanto suas famílias são divididas.

— Oh, Deus — Alex sussurrou.

— Oh, Deus, de fato... parece que Ele nos abandonou. — Ele ficou em silêncio e se concentrou na escovação. Longas pinceladas que fizeram o cabelo dela estalar com energia estática, alisando-o desde a testa até as costas. Ele escovou e escovou, e Alex, sentada em seu banquinho, o observou pelo espelho.



**E**le não tinha ideia de quão assustado ficaria cavalcando sozinho.

O que parecia um plano brilhante quando concebido na segurança de sua cama, agora era uma jornada infeliz e temerosa por um terreno desconhecido. Todas as noites, Ian adormecia com a faca na mão, apenas para acordar de manhã e descobrir que ela havia caído no chão.

Estava frio para dormir ao ar livre. O pão e o queijo já haviam acabado há muito tempo e agora havia apenas algumas maçãs em sua bolsa. Ele não sabia quanto tempo ainda faltava, mas contando nos dedos que já cavalgara por quase dez dias, isso deveria significar que estava perto.

Ele tinha partido cerca de uma semana após o incêndio. A memória da grande conflagração — um espetáculo magnífico de casas e igrejas em chamas, telhados e janelas explodindo e caindo como estrelas de fogo em direção ao rio — fez todo ele estremecer com uma combinação de excitação e medo. Pessoas correndo, mulheres gritando, cães, gatos, ratos — um enxame de criaturas mergulhando nas águas em uma tentativa desesperada de escapar do calor e das chamas. Ele tinha assistido da segurança de seus aposentos em Southwark, incapaz de desviar o olhar do horror que se desenrolava à sua frente.

Quando finalmente o vento diminuiu, as ruínas carbonizadas de Londres fumegavam sob o sol de setembro. O fedor enchia o ar, um cheiro acre que fazia seus olhos lacrimejarem e sua boca secar. A fuligem girava, grudava nas roupas, nos cabelos, caía do céu para se acumular como espuma imunda ao longo das margens do Tâmesa. Todo mundo tossia, gente desamparada aglomerava-se nas estradas, criaturas lamentáveis que não tinham mais nada em seu nome além das poucas roupas que vestiam, estendiam as mãos e imploravam por centavos, grãos ou um pedaço de pão.

Poucos dias depois, o pai decidiu que deveriam encurtar a visita a Londres, resmungando que não havia negócios a tratar, dadas as circunstâncias atuais, então a família voltou para casa, na pequena mansão de tijolos a meio caminho entre Oxford e Londres.

Foi quando o pai o informou que ele deveria ficar em casa enquanto eles e o bebê iam fazer uma visita prolongada a um dos

amigos de Luke, que Ian se decidiu. Mais ou menos um dia depois, ele aproveitou a oportunidade para escapar, deixando um bilhete para o sr. Brown, o administrador, no qual explicava que estava indo atrás do pai. Levaria pelo menos uma semana para os pais descobrirem que ele havia partido, mas agora já sabiam. Ele se perguntou se eles se importavam o suficiente para vir procurá-lo, e escondeu a cabeça em sua capa e chorou, porque não tinha certeza se fariam isso.

Mamãe o saudara com alegria dezembro passado, exclamando que ele havia crescido, e com o que o haviam alimentado para torná-lo tão alto e forte? Mas Ian estava proibido de abraçá-la ou de fazer muito barulho. O pai explicara que mamãe precisava descansar, porque o bebê precisava ser mantido em segurança, e certamente ele poderia contar com a ajuda de Ian. O bebê? Ian olhou do pai para a mãe e já sentiu a primeira onda de ciúme. Mas prometeu que ajudaria o melhor que pudesse, tornando-se uma sombra silenciosa que passava muito tempo sozinho enquanto o pai pairava ao redor da cama de mamãe.

Às vezes, quando o pai estava na corte ou ocupado, Ian passava dias inteiros ao lado da mãe. Ele se sentava na cama e escovava os cabelos dela, segurava os novelos de lã enquanto ela os enrolava em bolas, lia hesitantemente enquanto ela costurava, orgulhoso como um pavão com seu elogio por quão bem ele pronunciava as palavras escritas. Ele falava e mamãe ouvia e suspirava quando ele lhe contava como Williams fora punido por ajudar o ministro desconhecido.

— Não! Duzentas moedas?

Ian não tinha ideia de quanto dinheiro era isso, mas perguntou a mamãe se o pai teria problemas para consegui-lo se fosse multado.

— Multado? — Mamãe riu. — Por que seu pai seria multado?

— Ele também é da fé.

A mãe riu de novo e garantiu-lhe que seu pai era rico o suficiente para pagar essa quantia várias vezes, caso precisasse, mas que isso nunca seria um problema, já que Luke Graham era muito favorável ao rei.

Aqueles longos dias de primavera com mamãe tinham sido como nos velhos tempos, apenas os dois, com toda a atenção voltada para ele, mesmo que de vez em quando a mão dela descesse para descansar em sua barriga crescente. Às vezes ela dormia, a mão segurando a dele, e ele se preocupava porque ela parecia muito frágil, mas ela sorria e dizia para não se preocupar, isso era por causa do bebê.

Ele realmente não tinha pensado muito no bebê como algo além de uma protuberância anônima no corpo de sua mãe até o dia em que ouviu ela e o pai falarem sobre isso, nenhum deles ciente de que ele estava sentado no assento da janela.

— Ele achou que eu não poderia gerar meus próprios filhos — disse o pai. — Mas parece que posso. — Ele riu alto e beijou mamãe.

— E desta vez eu tenho certeza de que é meu.

Ian queria rastejar para longe e morrer, porque pelo tom da voz do pai estava claro que ele tinha dúvidas consideráveis quando se tratava de sua paternidade. Nem mesmo mamãe sabia com certeza, pelo menos foi o que ela disse na tarde em que Ian a confrontou a respeito, no final de maio.

— Você deve saber! — ele disse. — Como pode não saber? — Mamãe tinha ficado da cor de um presunto escaldado e disse a ele que isso não era algo que eles discutiriam mais.

— Você é filho de Luke em todos os sentidos que importam e ele te ama — ela disse, antes de se retirar para a cama, reclamando que toda aquela agitação fizera seu estômago doer.

Ian não tinha tanta certeza, não mais. Antes do bebê, ele estava convencido de que o pai o amava, assim como o tio Matthew disse, e foi capaz de encontrar algum conforto no fato de que seu pai o amava apesar de não saber com certeza se era filho dele. Mas a tarde em que o pai ficou furioso com ele, saliva voando de sua boca quando repreendeu Ian por chatear mamãe agora que ela estava grávida — de seu filho precioso — foi a tarde em que Ian começou a duvidar se era mesmo tão amado quanto pensava. Ele não fora capaz de se sentar por uma semana depois, e não tinha mais permissão para falar ou estar na presença de sua mãe, relegado a viver na periferia de uma casa que orbitava em torno do nascimento da criança.

Ele odiava o bebê; feio e esquelético com cabelo ruivo brilhante que gritava para o mundo que este era o filho de Luke Graham, enquanto Ian era apenas um cuco no ninho. Mamãe havia desaparecido no mundo da amamentação, aquela criaturinha horrível pendurada em seu seio. Mesmo depois que a ama de leite foi instalada, mamãe vivia seus dias à disposição do novo filho adorado, o filho ansiado de Luke Graham.

— Um milagre — ela sussurrou reverentemente e o pai concordara. E o menino se desenvolvia, sorrindo para seu pai apaixonado de uma forma que fazia Luke murmurar e rir. Ian não tinha lembranças de Luke arrulhando daquele jeito para ele.

O pior de tudo tinha sido a deserção de mamãe. Ela costumava gostar da companhia dele tanto quanto ele gostava da dela, mas de um dia para o outro ela mudara toda a sua atenção para o bebê, ouvindo distraidamente o que ele poderia ter a dizer antes de correr para garantir que o bebê estava confortável e seguro. O pequeno Charles recebeu o nome do rei e foi agraciado com a presença de Sua Majestade em seu batismo; pequenino Charles, menina dos olhos de seu pai... Ian sentou-se na escuridão antes do amanhecer, muito inquieto e com muito frio para tentar dormir mais.

Selou a montaria, uma égua que o pai comprou para ele pouco

depois de voltar de Hillview. Era um lindo cavalo, pelo escuro com cauda e crina brancas, e Ian passou os braços em volta do pescoço dela e foi consolado por seu calor. Salomé relinchou, empurrando a cabeça na direção dele, e Ian enfiou a mão na bolsa para pegar uma de suas poucas maçãs, alimentando-a com alguns pedaços. Ele não tinha levado muito quando saiu, apenas algumas mudas de roupa e algo que embrulhou em um quadrado de seda, escondido no fundo da bolsa.

Se o pai descobrisse que ele havia pego, provavelmente o espancaria até a morte, Ian pensou, engolindo em seco, mas parecia a coisa certa a fazer, só por garantia. Uma coisa não mudara apesar do bebê: o ódio obsessivo de seu pai pelo irmão. Ian tinha ouvido muitas ameaças contra um ausente Matthew proferidas nos últimos meses, principalmente quando papai bebia muito, mas cada vez mais quando ele estava sóbrio também.

Uma vez montado, Ian estremeceu quando os ventos atingiram sua capa, fazendo-a ondular ao seu redor. Estava chovendo, uma chuva forte que machucava seu rosto e mãos descobertos. Ele estudou os arredores, procurando por qualquer ponto de referência que pudesse ajudá-lo a encontrar seu caminho, mas com as nuvens, a chuva e o vento gelado era difícil distinguir qualquer coisa além do caminho estreito à sua frente. Mesmo assim, ele tinha certeza de que estava cavalgando na direção certa e, no meio do dia, viu algumas pedras que julgou reconhecer, pedras enormes que pareciam ter rolado encosta abaixo antes de parar em uma piscina rasa.

No final da tarde, ele sabia que estava quase lá. Passou pela enorme aglomeração de avelãs que ficava perto da estrada para Cumnock e então estava subindo a última ladeira e logo estaria em casa, de volta a Hillview. Algo deu um nó em seu estômago; talvez eles também não o quisessem, mas tia Alex havia dito que sempre haveria um lugar para ele ali.

Ele segurou Salomé e sentou-se ao vento no frio úmido olhando para a casa. Exatamente como quando ele partiu, aconchegando-se na colina atrás dele. Havia luz saindo da janela da cozinha, a porta se abriu e uma forma alta saiu para o crepúsculo, o rosto erguido em sua direção. Ian atçou Salomé em um trote.

Ele diminuiu a velocidade do cavalo enquanto se aproximava. Engoliu uma, duas vezes e jogou para trás o capuz encharcado. Houve uma respiração longa e profunda, e Ian tentou sorrir, encontrando olhos iguais aos dele, em um rosto igual ao dele. Seu tio — ou era seu pai? — sorriu de volta e abriu bem os braços.

— Mas eles devem estar muito preocupados! — Tia Alex franziu a testa para Ian. Ele encolheu os ombros e desviou o olhar, murmurando

algo sobre não ter tanta certeza disso. Ela colocou uma segunda porção de comida na frente dele e serviu-lhe outra caneca de leite. — Coma primeiro, e depois conversaremos. — Ela sorriu maliciosamente para ele. — Bem, primeiro você come, depois se lava e então conversamos. Você está fedendo, Ian Graham.

— Não pode esperar até amanhã? — ele perguntou.

Alex torceu o nariz e balançou a cabeça.

— Você não vai chegar perto dos meus lençóis com esse cheiro, então vamos passar algum tempo de qualidade juntos no galpão da lavanderia depois que você terminar de comer.

— Você mesma vai me lavar? — Ian chiou.

Alex ergueu um pote de sabão.

Ian olhou para Matthew, as mãos descendo em um gesto protetor sobre sua virilha.

— Mas você não poderia, tio?

Matthew balançou a cabeça.

— Temo que seja responsabilidade de sua tia.

— Certamente — disse Alex —, os homens são muito desleixados. — Ela pegou uma escova, algumas toalhas e sacudiu a cabeça na direção do galpão da lavanderia. Com um suspiro, Ian se levantou.

Não havia um centímetro dele que não tivesse sido completamente esfregado antes que ela terminasse com ele. Ian a seguiu de volta para dentro, vestindo uma das camisas velhas de Matthew que balançava frouxa ao redor de seu corpo.

— Aqui — Alex colocou Daniel em seu colo. — Segure-o para mim, sim? Vou ver se consigo encontrar um pouco de bolo para você.

Ian olhou para Daniel, para ela. Com relutância, segurou o bebê, os braços rígidos, o rosto numa máscara de desgosto.

— O que foi? Ele precisa de uma nova fralda?

Ian balançou a cabeça e Alex entrou na despensa. Ian queria jogar o bebê no chão, mas ao invés disso, apertou-o em seu peito. O grito zangado de Daniel fez Alex reaparecer como um rato ligeiro, olhos voando de seu filho para Ian.

— Você está bem? E por que ele está chorando?

— Leve-o — Ian pediu —, apenas leve-o. — Quando Alex hesitou, ele depositou Daniel rudemente no chão e se virou para sair, apenas para bater com o nariz direto no peito de Matthew.

— Explique-se — exigiu Matthew, sentando-se à mesa com Ian.

— Eu não posso suportá-los — Ian confessou, quase em lágrimas. — Eu não gosto de bebês.

— Você gostava da última vez que estive aqui — retrucou Matthew. — Ficava horas sentado com Lucy e era muito bom com ela também.

— Isso foi antes de Charles — Ian disse, e começou a chorar.

— Devemos enviar uma carta a eles — disse Alex mais tarde, segurando a mão de Matthew enquanto olhavam para Ian, agora dormindo profundamente na mesma cama que Mark e Jacob.

— Sim — ele suspirou. — Pobre Ian.

— Sim, pobre garoto. — Por dentro, ela estava em uma batalha complexa entre fortes instintos maternos que diziam que Ian deveria ir, que não deveria ter chance de crescer mais no coração de Matthew, e seu senso básico de compaixão por um garoto que tinha sido tão cruelmente pego no meio de uma briga injusta. Duas cartas, ela decidiu, uma para Margaret e a outra que ela enviaria para Simon, porque com o nascimento do pequeno Charles as coisas poderiam ter tomado um rumo complicado demais.

No momento em que Alex terminou de alimentar seu próprio pequeno tirano — Daniel estava em pleno crescimento, exigindo comida o tempo todo — Matthew estava dormindo profundamente, jogado de costas na cama. Meses de trabalho pesado na colheita, combinados com a dor de ver amigos e vizinhos levados para a prisão, o deixaram vazio e exausto, e já fazia muito tempo que ele não fazia amor de verdade com ela, ou ela com ele.

Alex se sentou ao lado dele e tirou-lhe o cabelo da testa. Havia esparsos fios cinzentos nele, e agora que ela olhava de perto, via novas linhas em seu rosto, uma ruga entre as sobrancelhas, uma linha nítida do nariz à boca. Ela beijou o canto de sua boca e ele sorriu em seu sono, um breve sorriso que brilhou e se foi. Ela puxou o lençol de cima dele e estudou seu corpo, das coxas fortes até a barriga côncava até o peito largo, e lá seus pelos escuros estavam definitivamente salpicados de cinza. Ela traçou suas cicatrizes, a longa enrugada que saía de seu esterno e à direita — um corte de espada mal direcionado de muito tempo atrás — as marcas restantes em seus ombros dos meses passados como uma besta de carga na Virgínia, e a nova adição em seu flanco direito, ainda de um rosa surpreendente. Quando ela colocou a mão na coxa dele, subindo lentamente, o pênis se desenrolou, preguiçosamente se esticando até o tamanho máximo.

— Acho que dou para o gasto, não é?

Alex encontrou seus olhos.

— Oh, sim — ela respirou —, serve muito bem.

Ele estendeu a mão para a camisola dela, puxando o laço.

— Não é justo que você me veja inteiro e eu não veja nada de você.

Alex puxou a camisola pela cabeça, sentando-se de pernas cruzadas ao lado dele.

— Melhor?

Ele se sentou. Ela fechou os olhos quando a mão dele roçou seus seios. Tão gentil, tão quente, o toque tão leve que fez sua pele

formigar. Ela se apoiou nos braços e, ao toque insistente dele, descruzou as pernas para estendê-las à sua frente. Ele se ajoelhou entre elas, colocou as mãos em seus tornozelos e lentamente os moveu para cima, acariciando suas panturrilhas, a parte interna das coxas. Quando alcançou a barriga de Alex, parou, os dedos se espalhando como leques sobre sua pele. Ela cobriu as mãos dele com as dela. Ali ela tinha suas próprias cicatrizes, marcas deixadas por seus filhos, e ele as tocou suavemente antes de deslizar as mãos para cima para cobrir seus seios.

— Linda — ele respirou —, tão linda... e minha.

Ele tomou seu mamilo com a boca e o chupou.

— Ah! — Ela engasgou, o calor correndo de seus seios para a virilha. Ele fez de novo, e a mão dela flutuou até sua cabeça, os dedos se enredando em seu cabelo. Ele soltou o seio, colocou a testa contra a dela e se inclinou em sua direção, forçando-a a se deitar.

A cabeça dela estava barulhenta com a pulsação, os olhos dele estavam muito próximos e em sua barriga um calor vivo se contorcia e se retorcia. O membro rígido cutucou a pele de seu estômago quando ele a cobriu com seu corpo. Por um longo tempo eles ficaram assim, sem se mover, sem falar. Sobrancelha com sobrancelha, nariz roçando nariz. O hálito quente de Matthew fez cócegas em sua bochecha, seu pescoço. Uma sensação suave como o roçar de penas quando ele a beijou, tão levemente como uma borboleta pousando em uma rosa. De novo, ela estendeu a língua para lambar o contorno de sua boca. Matthew sorriu e se mexeu para ficar deitado entre as pernas dela, seu peso uma promessa tentadora do que estava por vir. Centímetro por centímetro excruciante, ele a penetrou e manchas de calor subiram por seu peito e pescoço. Finalmente; tudo dele dentro dela. A boca roçou sua orelha, as mãos algemaram seus pulsos.

— Fique quieta — disse ele —, fique muito, muito quieta.

Então foi o que ela fez. Não era como se quisesse fazer o contrário, não quando seu homem estava enchendo todos os seus poros com sua presença.

**P**or um momento, Ian teve problemas para lembrar onde estava, olhando para o painel desconhecido na parede. E então havia braços em volta de seu pescoço, vozes altas chamando seu nome, e tudo nele se tornou caloroso com as boas-vindas tumultuadas e ruidosas.

— Chega agora — a voz de tio Matthew cortou o barulho. — Sua mãe está tentando recuperar o sono. Então fiquem quietos e desçam para o café da manhã. — Ele sorriu especialmente para Ian. — Você tem alguma roupa limpa?

Ian olhou para seus poucos pertences.

— Limpas o suficiente, eu acho — ele sorriu, o que fez Matthew balançar a cabeça.

— Suponho que sua tia vai arrumar você depois, mas até lá use o que você tem.

Matthew enfiou a cabeça em seu quarto ao descer. Alex ainda estava dormindo, com Daniel ao seu lado. Ele sorriu para sua desordem. Ela devia ter adormecido enquanto Daniel ainda estava mamando, e Matthew foi puxar as mantas e lençóis, inclinando-se para dar um beijo rápido em sua testa. Um olho entreabriu-se.

— Mais? — ela murmurou, a mão procurando pela dele.

— Você é insaciável, esposa — disse Matthew, pressionando os lábios na palma da mão dela e a deixando dormir.

— Não quero trabalhar na horta — resmungou Mark quando Matthew deu a Ian e a ele as tarefas do dia. — Por que não posso ir com você até o moinho? — Ele lançou ao pai um olhar esperançoso.

— Vocês dois façam o que eu digo — disse Matthew, e sacudiu a cabeça na direção da horta. Alex precisava de um dia ou mais de descanso, já que o bebê estava constantemente com fome, mas a menos que ele colocasse outra pessoa para fazer aquilo, sabia que ela estaria na horta assim que acordasse.

Ian pegou Mark pela mão.

— Venha então, se nos apressarmos, terminaremos até o jantar.

Mark se deixou ser arrastado, os olhos brilhando de inveja. Matthew deu a ele um olhar severo, observando os meninos até estarem fora de vista, antes de colocar Jacob em seus ombros e começar a subir a colina, com Rachel dando cambalhotas como um



bezerro com febre ao seu lado.

Ian examinou a horta e suspirou. Trabalho, trabalho, trabalho em toda parte, e eles estariam longe de terminar até o jantar.

— Sempre Rachel — disse Mark. — Papai sempre leva Rachel para todos os lugares.

Ian sorriu; isso não era verdade. Geralmente era Mark quem acompanhava o tio Matthew pela fazenda, mas hoje o pequenino Mark se convenceu de que tudo o que ele conseguia fazer eram coisas chatas, como colher cenouras e pastinacas, cavar canteiros e espalhar mais estrume e... Mark interrompeu sua reclamação, mordeu uma cenoura e mastigou em silêncio, chutando os torrões de terra molhada.

— E mamãe está sempre com Daniel ou Jacob.

— Sim, eu sei como é.

— Você? — Mark deu a ele um olhar surpresa.

Ian encolheu os ombros, enxugando as mãos sujas nas calças de veludo escuro, nada adequadas para aquilo. Sua mãe ficaria louca ao vê-lo manchando-as de lama e pedaços de folhagens verdes. O pensamento o agradou, e ele esfregou um pouco mais, observando as manchas resultantes com satisfação.

— Eu tenho um irmão — Ian disse sombriamente e se esticou para pegar uma cenoura. — Charles. — Ele fez uma careta ao ouvir o nome.

— Só um — Mark disse a ele. — E não tem irmã. Você não gostaria de uma irmã como Rachel.

Ian considerou isso por um momento e deu a Mark um olhar de pena. Rachel Graham era um pequeno grande tormento.

— Então — Mark disse depois de um tempo. — Como ele é? Charles?

Ian fez um som indiferente.

— É um bebê. Fede, come e dorme.

Mark deu uma risadinha.

— Daniel fede também, mas mamãe diz que ele não consegue evitar.

— Ele é feio, parece um leitão com cabelo. Cabelo ruivo, cabelo ruivo brilhante.

Mark concordou que parecia muito feio.

— Talvez ele se pareça com seu pai quando crescer um pouco — disse ele —, e então será um rapaz muito bonito.

Ian jogou no chão sua cenoura comida pela metade e foi embora.

— ... e eu não entendo — concluiu Mark, olhando para a mãe por

cima da caneca.

Alex bagunçou seu cabelo.

— Não é fácil receber um novo irmão. Você sabe disso, não é? — Ela sorriu para seu filho mais velho, deixando a mão permanecer em sua bochecha felpuda. — Ian tem sido filho único há quase 12 anos, então é ainda mais difícil para ele.

Aparentemente, seus dois pais sem cérebro não levaram esse aspecto em consideração. Que Luke se permitisse ficar obcecado por esse novo filho, garantidamente seu, ela podia até certo ponto entender, mas no que Margaret estava pensando?

Mark ficou pensando por algum tempo antes de se inclinar para dar um tapinha na cabeça de Daniel.

— Gosto dos meus irmãos — disse ele. — E até gosto da Rachel. Às vezes — ele ratificou, fazendo Alex rir.

— Era uma criança muito esperada, e talvez carregá-la tenha sido mais fácil para ela desta vez — disse Matthew depois de ouvir a pequena crítica de Alex sobre as falhas de Margaret como mãe. Ele enfiou a colher no ensopado quente, soprando antes de colocá-la na boca.

— Sim, ela deve ter passado por um período terrível da última vez: não fazia ideia de quem era o pai. Coitada dela.

Matthew tendia a ser muito compreensivo com Margaret, dando desculpas por um comportamento que, na opinião de Alex, merecia uma grande surra. Trepar com o irmão do seu marido no leito conjugal, ficar parada em silêncio enquanto o esposo era considerado um traidor — Alex poderia tornar essa lista muito longa. Além disso, a mulher tinha a ousadia de parecer deslumbrante. Ela enxugou as mãos de Rachel e a enxotou porta afora para se juntar a seus irmãos e primo no quintal.

— Ao fazer a cama, você deve deitar nela — disse ela.

Matthew franziu o cenho.

Alex apenas franziu a testa.

— Foi mesmo? — ela perguntou, cheirando deliciada seu chá. Chá de verdade para variar, uma preciosa meia libra que Joan mandou de Edimburgo como presente de aniversário para Alex.

— Foi o quê? — Matthew limpou a tigela com o último pedaço de pão e arrotou.

— Difícil para ela. Com Ian.

— Sim, foi, e não apenas por causa da questão da paternidade. Não foi uma gravidez tranquila, e pelo que Ian conta, desta vez também foi quase a mesma coisa. Quase sete meses na cama.

— Minha nossa — Alex murmurou, nem mesmo tentando soar sincera.

Matthew parecia a ponto de dizer algo — provavelmente um tanto

admoestador, dada a expressão em seu rosto — mas um grito de protesto o fez se levantar e sair para o quintal, para ter uma conversa séria com sua filha.

— É muito injusto, não é? — Alex falou muito mais tarde. Ela bocejou e empurrou os livros de contabilidade para longe, girando em seu banquinho para encarar Matthew.

— Injusto? O que é injusto?

Alex colocou a última das poucas moedas de volta na velha bolsa de couro e jogou para ele. Ela contava, ele carregava — em sua opinião, uma distribuição justa de tarefas.

— Que o filho mais velho herde tudo.

— Não tudo. Terra, sim, mas não tudo.

Alex olhou ao redor da sala um tanto vazia. Uma pequena mesa em cerejeira, outra bela mesa de intársia um pouco maior que seu sogro tinha feito, quatro cadeiras, três das quais tinham braços, duas banquetas, uma arca de carvalho, um conjunto de proteções de lareira, dois castiçais em estanho e ... bem, era isso. Ah, e a soma total de dezenove livros, dos quais um estava ilegível, dois eram bíblias e um era em latim. No chão estava um tapete que ela havia tecido com roupas descartadas, e ficado muito orgulhosa do fato de ter conseguido criar algo tão agradável usando principalmente tons de cinza e marrom, com toques esparsos de verde e amarelo.

— É assim que deve ser — disse Matthew. — Um lugar como Hillview abrigaria facilmente dez inquilinos eventuais e uma grande família na casa grande, mas se for subdividido geração após geração, o que resta? Não uma fazenda funcional, mas uma triste coleção de pequenas propriedades, muito escassas para sustentar até mesmo uma família.

— Mas é difícil para os números dois e três.

Matthew encolheu os ombros. Seu pai era o mais velho de cinco irmãos, ele a lembrou, um havia se casado com uma moça local, única herdeira de uma pequena fazenda, dois haviam ingressado em companhias de combate na França e o mais jovem, ainda vivo e próspero, fora aprendiz do mestre da casa da moeda em Edimburgo, conseguindo com o tempo uma vida confortável para ele e sua numerosa família.

— E vamos colocá-los no caminho, Daniel irá para a escola quando atingir a maioridade, e Jacob pode se tornar aprendiz de um bom comerciante.

— Quando? — Alex perguntou com uma sensação de estômago afundando.

— Aos dez ou um pouco mais; eu estava pensando em um ferreiro.

— Oh. — Também não havia livre escolha... — Mas e se ele quiser ser um artista?

— Um artista? — A voz de Matthew praticamente rangeu. — Não se pode viver como artista.

— Médico? Advogado?

Matthew sorriu e acenou com a cabeça.

— Sim, se ele quiser ser advogado, isso poderá ser arranjado, ele pode ser o escriturário de Simon.

— Fantástico, a soma total de duas opções; ferreiro ou advogado.

Matthew olhou longamente para ela.

— Mark não tem escolha, ele nasceu para assumir Hillview. Assim como eu, e meu pai antes de mim.

— Bem, isso depende, não é? Se ele é, de fato, seu filho mais velho. — Ela falou aquilo com tanta naturalidade que Matthew levou algum tempo para registrar o que ela disse e, quando o fez, gemeu.

— Ele é, aos olhos da lei, Mark é meu herdeiro.

Alex escondeu sua expressão curvando-se para pegar o próximo remendo.

— E em seu coração? Em sua consciência? — ela perguntou, apertando os olhos enquanto enfiava a linha na agulha.

— Já tivemos essa conversa antes. Não importa o que eu sinto ou penso. Luke o tomou como seu.

— Mas isso foi antes de ele ter Charles. — Isso a corroía, ela pensava constantemente a respeito; um bebê ruivo, um retrato do pai, e o que Luke faria com Ian agora que tinha um filho que sabia com certeza ser seu?

— Ian é filho dele! — Matthew se levantou tão abruptamente que a cadeira caiu no chão.

— Bom. Contanto que você se lembre disso, não importa o que Luke decida fazer. — Ela praguejou quando a agulha espetou seu polegar. Matthew se lançou para fora da sala e na noite, batendo a porta atrás de si.

Ele dormiu no palheiro, fazendo questão de não entrar na cozinha até que a maior parte da família tivesse tomado o café da manhã. Alex serviu-lhe ovos e presunto, colocou o pão ao seu alcance e sentou-se perto da lareira, sacudindo Daniel em seu colo.

— A noite toda — ela suspirou —, ele tem estado assim a noite toda. — Ele grunhiu, mantendo o olhar no prato. Alex desfez sua roupa e tentou fazer Daniel mamar, mas ele arqueou para trás, os braços pequenos balançando. — Como quiser — ela murmurou, e voltou a fazê-lo pular em silêncio.

Ele deu uma olhada nela; parecia cansada, sem dúvida devido ao bebê, mas havia uma expressão em sua boca, uma linha que ele reconheceu das poucas vezes anteriores em que brigaram. Ela não gostava quando eles dormiam separados, nem ele, mas esse assunto

com Ian fazia seu cérebro girar e ele precisava de tempo para pensar — sozinho.

— Não sei — disse ele.

— Você não sabe o quê? — Alex mergulhou o dedo no pote de mel e o enfiou na boca de Daniel, efetivamente cortando seu gemido.

— Não sei o que vou fazer, ou mesmo o que deveria fazer, se Luke renunciar a Ian. — Ele engoliu em seco ao olhar nos olhos dela. — Ele é meu — continuou, ouvindo o quão beligerante soava. — E ele nasceu no casamento, então deveria ser o herdeiro.

— Excelente. Certifique-se de me informar em que ramo pretende colocar nosso menino como aprendiz. E é melhor que seja logo, antes que ele se apegue demais ao futuro prometido como mestre de Hillview. — Alex bateu a mão com tanta força na mesa que Matthew e Daniel pularam. — Aqui, cuide do seu filho. — Ela largou Daniel em seus braços. — Aproveite, Sr. Graham, porque deixe-me dizer que não vou lhe dar mais nenhum. Desgraçado! — Com isso, ela se afastou, empurrando um Mark surpreso para o lado.

Por um instante, Matthew considerou alcançá-la e arrastá-la aos gritos de volta para dentro de casa. Como ela ousava falar assim com ele! Seus dedos se contraíram e ele os apertou com força em um esforço para controlar essa sensação perigosa. Deus, ele queria... Mas não, se fizesse isso com Alex uma vez que fosse, ela estaria perdida para ele para sempre, nunca o perdoaria por levantar a mão para ela. Ele entregou um Daniel aos berros para Sarah e caminhou em direção ao celeiro, chutando na direção do gato malhado cinza.

Ao longo da manhã, Matthew trabalhou onde pudesse ver as encostas arborizadas, na esperança de interceptar Alex quando ela voltasse. O sol rastejou em direção ao seu zênite, da cozinha veio o cheiro de peixe cozido, e ainda não havia sinal de Alex.

— Onde está a mamãe? — Rachel puxou a manga de Matthew.

— Não está aqui — Matthew retrucou, tentando bloquear os sons de seu filho berrando. Ele voltou a martelar, cravando prego após prego com golpes fortes e uniformes. Sarah estava andando de um lado para o outro no quintal, assim como ele dissera a ela para fazer, presumindo que o som do choro de Daniel traria Alex para casa. Ela já estava nisso há algum tempo, e Matthew estava ficando com raiva de sua esposa irresponsável. No que ela estava pensando, deixando um bebê faminto assim? Alguns minutos depois, ele viu Alex aparecer da direção do moinho, caminhar até Sarah e levantar Daniel em seus braços antes de desaparecer dentro da casa. Ele deixou o martelo cair no chão e a seguiu.

— Eu não estou falando com você. — Ela lhe deu um olhar frio. — Então vá embora. — Ela se afastou dele. Daniel ainda estava chorando, soluços longos e trêmulos que o fizeram tossir leite, abrir a

boca para chorar e depois voltar a mamar. Matthew permaneceu onde estava, apoiando os ombros na porta. Ela o lembrava de uma leoa, uma fera perigosa que se agachava em defesa de seus filhotes, exceto que esta felina não tinha olhos amarelos, mas azuis brilhantes, olhos que o espiaram antes de pousarem mais uma vez na parede.

— Você não pode tentar entender?

— É claro que eu entendo! Mas isso não ajuda, não é? O resultado será o mesmo para meu filho.

— Nosso filho, e eu disse que não sabia. — Ele ignorou suas costas rígidas e foi sentar-se a seus pés, descansando a cabeça contra suas saias. Pôde senti-la amolecer, como ela relaxou com sua proximidade.

— Você precisa me ajudar, Alex. Não pode me deixar lidar com isso sozinho.

— Como posso ajudar? Para mim, a escolha é evidente.

Ele esticou a cabeça para trás para olhar nos olhos dela.

— É mesmo?

Alex desviou o olhar.

— Não — ela disse com um suspiro pesado. — Claro que não.

O homem que chegou a cavalo alguns dias depois estava coberto de lama até bem acima dos joelhos, sua montaria abaixando a cabeça em exaustão. Ian deu uma olhada e saiu disparado, evitando Alex e Matthew antes de mergulhar na floresta.

— Ah — disse Alex. — O filho pródigo é solicitado a retornar, mas decide que não quer um bezerro cevado.

Matthew riu e foi ao encontro do viajante com Alex em seus calcanhares. Desde a estranha discussão no outro dia, eles haviam evitado a questão de Ian, concentrando-se nas semanas restantes do trabalho de colheita. Mas ele pensava muito sobre o assunto, e à noite acontecia de ficar acordado com os olhos fixos no teto e vários "ses" ressoando em sua cabeça. Se Luke fizesse... se ele, Matthew, devesse... se Ian ... o que Alex faria? E quanto a Mark?

— Matthew Graham? — O estranho olhou ao redor da casa com um ar de condescendência, a boca rechonchuda se curvando em um sorriso divertido enquanto observava os estábulos, os poucos criados. Sem dúvida, não se comparava à grande casa de Luke, Matthew pensou, franzindo a testa em advertência quando o olhar do homem se demorou por muito tempo e com muita familiaridade em sua esposa. — Estou aqui em nome de Luke Graham, Robert Brown, ao seu serviço. — Ele descobriu a cabeça e tirou de suas coisas uma carta que entregou a Matthew.

Era curta e muito direta ao ponto. Ian havia deixado sua casa sem a aprovação dos pais e agora deveria ser devolvido imediatamente para ser tratado com firmeza. A boca de Matthew se apertou, mas não havia nada que ele pudesse fazer. Ian era filho de Luke e devia ser devolvido.

— Tem sido difícil para o garoto — disse ele a Brown, recebendo em troca um olhar vazio. — Com o irmão dele e tudo.

Brown encolheu os ombros.

— Ele deixou a senhora bastante preocupada. Ouso dizer que terá uma recepção calorosa, e ele merece. — O homem imitou um traseiro dolorido e sorriu, seu sorriso vacilando um pouco quando Alex olhou feio para ele.

— Posso oferecer-lhe hospitalidade esta noite? — disse Matthew. — Ouso dizer que você e seu cavalo precisam de comida e descanso.

— Mais um dia com Ian, mais uma noite; mais uma única noite, e então ele nunca mais o veria, não até que Ian fosse um homem adulto. Isso o despedaçou; seu filho, e que o Senhor o ajudasse, porque, ele, Matthew, não podia.

— É muita gentileza de sua parte, senhor, e terei prazer em aceitar.  
— Brown desmontou e partiu em direção aos estábulos, levando seu cavalo atrás de si.

— Não em meus lençóis limpos — disse Alex. — Aposto que ele está tão sujo por baixo dessas roupas quanto por fora.

— Sim — Matthew acenou com a cabeça —, ele é inglês. — Não era uma brincadeira, mas Alex deu um leve sorriso antes de dizer algo sobre ir atrás de Ian.

— Eu vou — disse ele.

— Ah, não; você cuida do seu convidado. Certifique-se de que ele entenda que vai dormir no feno, ok? — Com isso, ela se foi.

Ian a ouviu bem antes de ela romper a cortina de arbustos que margeava o topo da colina, mas permaneceu onde estava, o olhar fixo no mar ondulante de urze à sua frente; roxos, rosas, aqui e ali uma pitada de marrom.

Tia Alex se ajoelhou ao lado dele.

— Lindo, não é?

Ele fez um som estrangulado e ela colocou o braço em volta dele.

— Vai ficar tudo bem, Ian. Eles amam você, mesmo que estejam bravos por você ter fugido, qualquer pai estaria. E depois que você se acostumar, pode até gostar de ter um irmãozinho.

Ele balançou sua cabeça.

— Meio-irmão, porque é isso que ele é. E agora meu pai sempre verá a si mesmo em Charles, e em mim ele verá o tio Matthew. — Ele esfregou o rosto contra o tecido áspero de sua capa, desejando mais uma vez que Charlie nunca tivesse nascido. Ele puxou o próprio cabelo; se ao menos fosse tão vermelho quanto o de Charlie! — E ele não gosta do tio Matthew.

Ela suspirou.

— Não, ele não gosta mesmo, não é?

— Eu não quero voltar, papai vai ficar com tanta raiva de mim por ter vindo aqui, e mamãe... — Ian deu um longo suspiro irregular. — Bem, mamãe faz o que ele manda. — O pai bateria nele, lhe tiraria Salomé e então ele seria mandado embora para ser criado em outra casa.

— Acho que eles ficarão principalmente contentes por ter você de volta, são e salvo. Eu ficaria.

Ian balançou a cabeça.

— Não eles, não agora que têm o bebê.



— Não seja bobo. Sim, parece que perderam um pouco a cabeça por causa do bebê, mas vai passar, ok? E no caso dos seus pais, eles tentaram por tanto tempo, então é claro que estão felizes com Charlie. — Ela deu a ele um sorriso encorajador, a cabeça inclinada para o lado.

— Não é isso. — Ele se aninhou em sua capa. — Antes de Charles, eu era o único filho que meu pai teria. Agora ele não tem mais certeza se eu sou seu filho, ou se me quer.

— Oh, Ian — tia Alex deu-lhe um forte abraço. — Claro que ele quer você. Qualquer pai ficaria orgulhoso de você!

Ian se desvencilhou e tropeçou em seus pés.

— Qual deles? Qual deles ficaria orgulhoso? Eles nem mesmo sabem de quem sou filho! Nem mesmo mamãe sabe, não com certeza. — Ele passou a mão pelo cabelo, mordendo com força a parte interna da bochecha para não chorar. Não ajudou, sua visão continuou turva com as lágrimas. — Quem sou eu? Qual é o meu lugar? Aqui? Não, porque o tio Matthew tem outros filhos. Lá? Não, porque agora meu pai também tem outro filho. — Ele deu um ou dois passos em direção ao musgo e olhou para ela. — Ainda não tenho doze anos, mas já estou sozinho.

Dois saltos e ele estava no meio do musgo, começando a correr. Correu o mais rápido que suas pernas conseguiram, saltando sobre pedras e tojo, fazendo as poças espirrarem. Correu até parar de chorar e então correu mais um pouco, direto para aquela massa florida de rosa.

Matthew trouxe Ian para casa, carregando-o como se fosse uma criança pequena. O menino estava encharcado de cair em pequenas nascentes, e Alex deu uma olhada para ele e mandou que se deitasse, sentando-se ao seu lado para se certificar de que ele engolisse até a última gota do caldo que ela trouxera. Alex acariciou sua bochecha e, para sua surpresa, o menino se aninhou o mais perto que pôde, o rosto escondido em suas saias. Jesus ... Alex alisou o cabelo, dominada por sentimentos muito protetores em relação ao garoto.

— Eu posso encontrar uma desculpa para mantê-lo aqui por enquanto. Não vai ajudar a longo prazo, mas se você quiser, vou garantir que o Sr. Brown vá embora sem você amanhã.

Ele acenou com a cabeça uma vez, enterrando-se ainda mais perto. Alex acariciou suas costas.

— Você sempre vai pertencer a este lugar. Lembre-se disso, ok? — Ele gemeu, os ombros magros tremendo. Então, pronto! Ele dera o salto final para dentro de seu coração, lutando por espaço com sua própria ninhada. Ela sorriu ironicamente; uma manteiga derretida, Alex Graham, é isso que você é, pelo menos quando se trata de

crianças carentes. Ela se sentou ao lado de Ian até que ele adormecesse, com a mão segura na dele.

— Catapora — disse Alex. — Se quiser verificar, fique à vontade. É altamente contagioso, e se você não teve quando criança... bem... — Como se fosse uma deixa, Daniel começou a gritar, agitando os braços no ar. Alex não estava mentindo; a área genital de Daniel estava coberta por bolhas, marca registrada da doença, subindo por seu estômago e pelo peito. Ela estava, no entanto, mentindo quando insistiu que Ian poderia estar contaminado também.

— Francamente, não acho que meu cunhado apreciaria muito se seu filho mais velho fosse arrastado para casa doente, e imagine o que ele diria se o bebê fosse infectado. — Ela olhou para Daniel e voltou os olhos inocentes para o Sr. Brown. — Alguns morrem, você sabe. — Um grande exagero. O Sr. Brown parecia perturbado; a ideia de viajar oito dias com uma criança doente obviamente tinha pouco apelo.

— Catapora? É algo parecido com a varíola?

— Muito parecido — Alex assentiu. Ele estremeceu e Alex sorriu para si mesma. — Vou escrever uma carta e estou convencida de que os pais dele concordarão que não devemos arriscar a saúde futura de Ian. — Ela se inclinou para frente e baixou a voz. — Na idade dele, isso pode afetar sua futura... err ... fertilidade. — Não, isso era caxumba, mas aparentemente Robert Brown tinha apenas conceitos vagos sobre doenças em geral e deu um passo apressado para longe dela e da criança que chorava.

— É melhor eu partir o mais rápido possível — ele murmurou, escapando para o outro lado da mesa. Oh, sim; quanto mais cedo melhor, no que dizia respeito a Alex.

Alex assinou a carta, usou o mata-borrão e dobrou-a.

— Pronto — disse ela, entregando-o ao Sr. Brown. E onde estava Matthew? Ele deveria pelo menos dizer adeus a Brown. — Você viu o mestre? — ela perguntou a Sarah, mas a resposta foi abafada por um cacarejo frenético, aqui e ali intercalado por vozes agudas e animadas. — Puta merda; o que foi agora? — Alex correu para o galinheiro, com um Brown interessado a reboque.

O galinheiro estava um caos, as galinhas fugindo em todas as direções de uma Rachel que parecia determinada a agarrar uma delas. Havia penas por toda parte; no ar, no chão e presas em todo o cabelo de Rachel. Jacob estava lá com ela, ajudando o melhor que podia, e do lado de fora Mark estava pendurado no portão trancado, rindo loucamente.

— O que diabos você pensa que está fazendo?

Se não estivesse tão zangada, Alex supôs que teria sido divertido ver a maneira como seus filhos olhavam boquiabertos para ela. As

galinhas continuaram a grasnar e bater as asas, Jacob enfiou a mão na de Rachel e Mark fez menção de se afastar.

— Oh, não, você não vai! — A mão dela desceu como uma braçadeira em seu braço.

— Não fui eu — protestou Mark. — Eu não estou lá, estou?

A boca de Rachel se abriu em um “o”. Ela lançou um olhar de reprovação na direção de Mark.

— Você nos trancou. Disse que não sairíamos sem uma galinha.

Mark se contorceu.

— Foi culpa sua! Foi você quem disse que podia torcer o pescoço de uma galinha.

— O quê? Você a desafiou a matar uma de minhas galinhas? — Alex fez uma careta para Mark, que se encolheu. — Idiotas, todos vocês. Isso provavelmente fará com que elas parem de botar por dias, mas vou deixar para vocês explicarem isso a seu pai, certo?

Uma hora depois, o Sr. Brown, ainda rindo, se despediu deles, e Alex se sentou para respirar. Seus filhos estavam confinados à bancada da cozinha, três pares de olhos cor de mel lançando seus olhares cautelosos. Até Rachel ficou em silêncio, experimentando seu melhor sorriso sempre que o olhar de Alex pousava nela.

— Não, senhora, ele não está nos estábulos ou no celeiro, e são apenas Samuel e Robbie no campo. Dizem que o mestre partiu cedo esta manhã, mas não sabem para onde. — Sarah soou apologética.

— Hmm. — Alex pensou no que fazer sobre os filhos. Eles tinham que ser punidos, mas ela suspeitava que mandá-los passar o resto do dia no quarto seria recebido com alívio, e pela maneira como eles se olhavam, era óbvio que Mark e Rachel estavam contando em ser liberados com nada mais do que uma leve reprimenda. Vão sonhando, ela pensou, revirando várias alternativas em sua cabeça.

Matthew veio cavalgando sobre os prados de água, cumprimentou Samuel e Robbie com um aceno de cabeça e entregou Ham a Gavin antes de ir para casa. Ele esperava que não fosse tarde demais para se despedir de Ian, mas parecia que não conseguia encontrar o cavalo de Brown. Ah, não; Ian se fora, e ele não estivera ali para abraçá-lo uma última vez. Ele chutou o chão e parou perto do galinheiro. O que aconteceu aqui? Uma raposa, talvez? Mas não havia sangue, apenas um bando de galinhas ouriçadas, algumas delas aparentemente mortas. Ele franziu a testa e aumentou o ritmo.

— Por que tem cinco galinhas mortas no galinheiro? — ele disse, fazendo toda sua família se sobressaltar.

— Oh, elas não estão mortas — Alex explicou. — Estão apenas em choque.

— Ah. — Matthew deixou o olhar viajar pelos filhos enquanto Alex

recontava os eventos, lutando para manter o riso sob controle.

— Todos eles estavam nisso — disse Alex tristemente. — Bem, não Daniel, mas provavelmente é porque ainda não consegue andar. E ele está com catapora, coitadinho.

— Nem Ian — Rachel se intrometeu. — Ele também está com catapora.

— Ian? — Matthew se virou para encarar Alex. — Ian ainda está aqui? — Uma parte dele estava radiante, a outra apreensiva.

— Você ouviu; a pobre criança está com catapora. Eu não posso mandá-lo todo contagioso para perto de seu irmãozinho, posso?

Matthew olhou para ela em silêncio, um sorriso lento se espalhando pelo rosto. De coração terno, essa mulher dele, capaz de ser protetora com um garoto que ela reconheceu como uma ameaça potencial para o futuro de seu próprio filho.

— Catapora?

— Um caso sério — disse ela, parecendo preocupada. — Provavelmente levará meses de convalescença. Pelo menos foi o que escrevi para Luke. Entre outras coisas...

Matthew suspirou; ele podia imaginar essas outras coisas.

— Não se preocupe — disse Alex —, ele provavelmente não conseguirá ler minha caligrafia.

Alguns minutos depois, os três filhos mais velhos dos Graham partiram na direção do galinheiro.

— Deve ser varrido e completamente limpo — disse Matthew. — Sem jantar até que terminem — acrescentou antes de fechar a porta.

— Onde você esteve esta manhã? — Alex passou um pouco de mingau de aveia na pele irritada de Daniel, arrumou suas roupas e o colocou sobre um cobertor.

— Sem cueiro? — Matthew sorriu ao ver as pernas agitadas e se abaixou para beliscar um dedão rosado.

— O ar fresco ajuda, eu acho. Então, onde você estava? — Ela acenou em agradecimento a Sarah e deu uma mordida na torta de carne.

— No musgo. Na turfa.

Alex deu a ele um olhar incrédulo. Ele balançou a cabeça em advertência e esperou até que Sarah saísse da cozinha.

— Hoje eles serão enforcados — ele disse suavemente. — Todos os cinco ministros, incluindo o Ministro Crombie. Então eu me levantei e fiz uma oração por suas almas, Deus os ajude.

— Com Sandy — disse Alex.

Matthew acenou com a cabeça, comeu um pouco de sua torta, mas empurrou para longe meio comida. Alex se aproximou e apoiou a cabeça em seu ombro. Ele esfregou a bochecha contra sua cabeça.

— Não se preocupe comigo, Alex. Não é um bom dia.

Em resposta, ela deslizou o braço em volta da cintura dele e beijou sua bochecha.

— Estou feliz que você o ajudou a ficar — disse Matthew, levantando-se com um grunhido.

— Mmm? Oh, Ian. Eu fiz isso por ele. O pobre garoto precisa de alguém ao lado dele.

— E pelo meu bem também. — Matthew sorriu ao ver como as bochechas dela ficaram vermelhas. — Será a última vez que estarei com ele enquanto menino. Eu não acho que Luke vai renunciar ao garoto, mas vai puni-lo por vir correndo para mim. Ian não vai voltar para Hillview. — Ele suspirou, curvou-se para beijar Alex e saiu.

Ian estava de pé com as costas pressionadas contra os painéis de madeira do corredor escuro. Renunciar a ele? O pai poderia fazer isso? Mas mamãe não permitiria, não, claro que não, porque mamãe o amava — mesmo agora com Charles em casa.

— Mamãe — ele suspirou, deslizando para se sentar no chão. Sentia tanto a falta dela que doía, queria que ela risse em seu ouvido e lhe dissesse como ele era um bom menino e como estava orgulhosa dele. Ian encostou o queixo nos joelhos e exalou. Se ao menos papai tivesse vindo pessoalmente em vez de mandar o Sr. Brown. Ele fechou os olhos e lá em sua cabeça estava o pai, e ele estava rindo, dizendo a Ian para não ser tão idiota, pois com certeza ele sabia que era amado. Mas Ian não sabia; não agora, sentado no corredor escuro e frio com uma camisa emprestada balançando ao redor de suas pernas e ninguém em todo o mundo que ele pudesse realmente chamar de seu. Nem mesmo mamãe; não mais, não depois de Charles.

Alex releu o bilhete antes de dobrá-lo e colocá-lo de lado. Apenas decifrar a caligrafia já tinha sido um problema, e o conteúdo em si não ajudou exatamente. Um aviso muito indireto, mas um aviso mesmo assim... Alex enfiou a mão no bolso do avental à procura de uma ou duas moedas para o mensageiro, um garoto desalinhado da idade de Mark, que estava devorando a tigela de ensopado que Sarah lhe servira.

— Quem? — Alex ergueu uma meia coroa manchada.

Os olhos do menino se arregalaram.

— Um homem. — Ele estendeu a mão para a moeda.

Alex balançou a cabeça.

— Tem que fazer melhor do que isso.

— Um soldado.

— Jovem? Velho? Gordo? Vá em frente, como ele era? — Ela jogou a moeda, e os olhos do menino a seguiram para cima e para baixo.

— Eu não sei, era só um soldado.

— Um oficial?

Ele encolheu os ombros. Um homem com uma faixa em um cavalo dera a ele a carta para entregar e foi o que ele fez.

— Ele tinha uma cicatriz aqui. — Ele colocou a mão para cobrir a maior parte do lado direito do rosto. — Como pele de cobra, e sem cabelo.

Assim que o menino saiu, Alex sentou-se e leu a curta mensagem novamente. *Cuidado; uma emboscada pode ser emboscada, os atacantes podem ser atacados.* Por que endereçar isso a ela? Ela bateu no papel. *Uma emboscada pode ser emboscada...* e amanhã alguns dos homens multados por sua participação na reunião interrompida na charneca seriam transportados de Cumnock para Edimburgo, para serem vendidos como escravos no exterior com suas famílias.

Alex suspirou; seu homem valente e de princípios elevados estava disposto a interpretar uma espécie de William Wallace dos dias atuais, libertando aqueles homens, e aparentemente isso era exatamente o que os soldados esperavam que ele fizesse. E todos nós sabemos como Wallace terminou seus dias, pensou Alex; enforcado, afogado e esarteado.

Matthew leu a mensagem, então leu novamente. Eles sabiam; de alguma forma, souberam da emboscada planejada e agora... Meu Deus, seria um banho de sangue, fazendeiros enfrentando guerreiros. E ele disse isso, mais de uma vez os avisou, dizendo que isso era muito perigoso, muito arriscado.

— Espero que você não esteja planejando participar — disse Alex.

— Como pode pensar que eu faria algo tão idiota? Você realmente acha que eu colocaria todos vocês em risco por um gesto fadado ao fracasso? — Ele amassou o papel e jogou-o aos pés dela.

— Está mesmo? Fadado ao fracasso, quero dizer.

— Sim, acho que sim, e não participarei. Quem mandou isso para você?

— Não faço ideia. — Alex se abaixou para pegar o papel. — Alfabetizado de qualquer maneira, e com uma cicatriz.

— Cicatriz? Você o viu?

— Não, mas o menino que o entregou disse que ele era um oficial, com cicatrizes graves na metade do rosto. Como pele de cobra, ele disse, suponho que quis dizer enrugado e, aparentemente, ele é careca.

— Wyndham. — Matthew ficou imóvel. — Oliver Wyndham. Agora, como você conseguiu isso? Você, o puritano mais devoto, pelo menos era da última vez que o vi?

— Então, este é um amigo seu?

Matthew deu a ela um olhar severo.

— Não exatamente. Mas ele me deve a vida.

— Deve? — Alex se acomodou em um balde virado para cima, parecendo tanto com uma garota esperando por uma história que Matthew sorriu.

— Não é uma história de honra e bravura. É mais a triste história de dois rapazes, uma prostituta experiente, e o que pode acontecer com você se não tomar cuidado com seu coração.

— Aha, uma lição de moral. — Alex olhou para ele com expectativa.

Matthew bufou, dividido entre diversão e irritação.

— Para nós, ela era uma criatura glamorosa, toda nudez e rendas, com olhos do tamanho de pratos e uma boca maravilhosa. — Suas bochechas aqueceram com a expressão no rosto de Alex. — Não — ele murmurou —, não como você. Eu... bem, você foi a primeira a... — Sua mão se desviou para a virilha.

— E a última — Alex o informou, fazendo-o rir.

— Oliver e eu tínhamos o quê? Dezoito? Ambos longe de casa, e sempre os mais jovens, rodeados de homens sérios que lutavam por princípios e coisas assim.

— E você estava lá apenas para se divertir — disse Alex, balançando as sobrancelhas.

— Não, não estávamos. Mas às vezes é difícil viver apenas para o dever, especialmente quando você é apenas um rapaz. — Ele entregou a ela um arnês, um pano e um pouco de graxa, indicando que ela poderia muito bem fazer algo útil enquanto ouvia. — Ficamos meses confinados, com ordens de permanecer no acampamento, um dia após o outro, cheios do tédio do trabalho de cerco. E o cerco de Colchester foi longo, durou todo o verão, e estava quente. O sol brilhava implacável em um céu azul opaco, e na cidade as pessoas morriam de fome enquanto esperávamos sentados do lado de fora. — Em todo o acampamento do exército, os campos haviam permanecido abandonados e sem cuidados, o ar pairava pesado com o fedor de infinitas valas de excrementos, e sobre tudo isso havia aquele calor constante e abrasador.

— E ela era uma prostituta do exército? — Alex perguntou. — Não achei que a moral puritana permitisse isso.

— E não permite — disse ele. — Mas homens são homens, e meses, anos, longe de famílias e esposas tornam até mesmo o mais moralista deles propenso a cair na tentação carnal. — Ele sorriu, balançando a cabeça. — Um anjo, foi o que pensamos dela na primeira vez em que a vimos, nós dois muito inocentes para vê-la como era de verdade. Ela seguia o exército, ela e suas colegas de trabalho, e éramos presas fáceis, todos nós. Agitados e necessitados, cansados de nós mesmos e de nossos camaradas de armas, essas moças cantavam e olhavam para nós e jogavam longas juba de cabelo de um lado para o outro. Elas eram boas no que faziam, elas eram...

Sua voz sumiu e ele sorriu com as memórias de si mesmo, jovem e inexperiente e convencido de que estava apaixonado pela francesa Marie — não mais francesa do que ele, mas ele não sabia disso na época. E Oliver igualmente apaixonado por ela, os dois certos de que eram os únicos destinatários de seu verdadeiro afeto. Alex riu quando ele disse isso a ela.

— Mas a senhora não misturava negócios com prazer, certo? — ela disse.

Não, ela não misturava, e deixou isso muito claro para os dois uma noite.

— Tiramos a sorte, Oliver e eu, e ele ganhou e eu jurei não importunar mais a bela Marie, para deixar o campo livre para ele. — Agradavelmente bêbados, eles chegaram ao final do enorme acampamento das prostitutas, Matthew para testemunhar enquanto Oliver implorava por sua mão em casamento.

— Primeiro ela riu dele, dizendo que não tinha paciência com rapazes imaturos, mas quando ele continuou a adular e implorar, ela o expulsou, e ele ficou tão furioso com esse comportamento que agarrou um castiçal e ateou fogo nas laterais da lona da tenda. — Mulheres



gritando em diferentes estágios de nudez, uma madame severa e irritada, e o pobre Oliver foi jogado de cabeça no fogo. O casaco grosso o salvou, mas quando o tirei de lá, um lado de sua cabeça estava uma bolha em carne viva, seu cabelo, sobrancelha e cílios tinham sumido. — Matthew jogou o amigo por cima dos ombros e correu, as putas furiosas e assustadas atirando neles todos os tipos de objetos duros e desagradáveis.

Matthew ficou em silêncio. Oliver ficou em agonia por dias, e o médico havia temido por sua vida e por sua visão, nessa ordem. Mas ele viveu, e se antes tinha sido um jovem rapaz bonito e espirituoso, depois disso tornou-se um homem amargo e perturbado.

— Nunca nos falamos muito depois. Ele solicitou transferência para outro lugar e sempre que nos encontrávamos, ele evitava me encarar e saía apressado com nada além de um breve aceno de cabeça. — Sem dúvida fazendo uma comparação entre seu próprio estado diminuído e o de seu antigo companheiro, Matthew suspirou.

— Aparentemente, ele ainda se lembra de você — disse Alex, levantando-se. — O que vai fazer? Suponho que você deva tentar avisá-los.

Matthew desviou o olhar.

— Sim, preciso tentar.

Alex observou enquanto ele selava Ham.

— Por que acha que ele está te avisando? Porque deve a você ou porque ainda mantém suas convicções originais?

Matthew apertou a cilha e empurrou Ham para fora de sua baia.

— Não sei, espero que seja por causa de convicções. — Uma vez do lado de fora, ele subiu na sela e indicou o pedaço de papel na mão de Alex. — Queime isso.

Os soldados chegaram no final da tarde seguinte. Desgrenhados e empoeirados, eles avançaram pela alameda em direção ao pátio com as espadas em punho. Jacob gritou e se escondeu entre as saias de Alex, chamando ruidosamente por seu pai.

— Seu marido, senhora — latiu o tenente, segurando sua montaria suada. O cavalo espumou com o freio e seus flancos se ergueram, os cascos grandes deslizando sobre as pedras do calçamento. O policial varreu as pessoas à sua frente com os olhos injetados de sangue, e Alex enxotou os filhos para dentro.

— Seu marido! Onde está o seu marido? — Ele olhou para Alex, franziu a testa para Ian que estava ao lado dela. Seu olhar voou sobre a casa e voltou para Alex.

— Ele está em Cumnock. — Alex estudou a perna direita do oficial. As calças estavam escuras de sangue e, pela maneira como estava sentado, ela teve certeza de que ele estava gravemente ferido. Mesmo

assim ela não estava prestes a oferecer primeiros socorros e um cobertor fofinho.

— Eu acho que não, senhora. Nós dois sabemos onde ele esteve.

— Em Cumnock — Alex concordou —, o dia todo.

Ele desmontou, cambaleando ao colocar o pé de sua perna ferida no chão.

— Vou esperar por ele.

— Certamente, mas não espere nenhuma hospitalidade.

O tenente ainda estava lá quando Matthew entrou cavalgado, acompanhado por um oficial e dois dragões. Bem, bem, o próprio Sr. Wyndham, devido ao seu rosto desfigurado. De um lado, a pele escamosa escura cobria tudo, desde a testa até o queixo. O tenente murmurou algo para um de seus homens, olhando Wyndham com leve aversão. Claramente não foi muito bom ver o novo oficial comandante cavalgando lado a lado com Matthew, e em particular quando o major se inclinou para segurar o braço de Matthew. Houve um silvo à direita de Alex, um comentário cruel sobre a necessidade de purgar o exército de todos os dissidentes e puritanos de outrora. Alex protegeu o rosto do sol baixo de outubro. Matthew parecia tenso.

— Senhor Graham — o tenente desafiou assim que o grupo parou.

— Tenho motivos para acreditar que você participou de uma emboscada infame contra minha tropa hoje cedo.

— Hoje? — Matthew parecia confuso. — Estive em Cumnock desde o início da manhã. — Ele desmontou, entregando as rédeas de Ham para Ian. — Escove-o corretamente.

— Não foi isso que eu ouvi — rebateu o tenente.

— Não? — Matthew acenou com a cabeça na direção do major. — Bem, então você deve falar com o major Wyndham. Tenho certeza de que ele vai atestar por mim. Afinal, ser interrogado por um oficial do exército deve ser um álibi válido.

O tenente semicerrou os olhos para seu comandante.

— Interrogado?

— Certamente, interrogado — disse o major. — Você me acha um tolo, tenente? Um homem de crenças presbiterianas firmes como Matthew Graham deve ser vigiado de perto. — Ele sorriu quando disse isso.

— Oh — disse o tenente, parecendo impressionado.

Oliver Wyndham não era um homem discreto. Alex se irritou com a maneira como ele a inspecionou, sua casa, até mesmo seus filhos. Ele fez um inventário de cada construção, estreitando os olhos enquanto examinava campos e prados, gado e pessoas. Havia uma expressão divertida em seu rosto enquanto ele estudava seu jardim rudimentar — no momento, não mais do que duas enormes roseiras escalando treliças de madeira — e um sorriso zombeteiro se alargou

quando ele observou a casa principal. Tardiamente, ele se lembrou de suas maneiras, curvou-se e se apresentou, e Alex fez uma reverência, mas optou por não o convidar a entrar. Ele se virou lentamente e sorriu. Como os lábios do lado danificado de seu rosto não se esticaram, foi um sorriso torto, mais como uma careta.

— Muito diferente da minha casa em Cotswolds.

— Eu posso imaginar — Alex disse, irritada por como o olhar dele estava fixo em seu peito.

— Tão cinza — ele murmurou. — Um tanto enfadonho para um sulista, infelizmente.

— A gente usa o que tem — respondeu Alex. — E aqui é pedra em sua maior parte.

— Um material tão recalcitrante quanto os escoceses — disse o major. Alex ignorou seu comentário farpado, os olhos em seu próprio pedaço de granito escocês. A mandíbula de Matthew estava tensionada, seus ombros rígidos. — Mas mesmo a pedra se estilhaça quando é exercida pressão suficiente sobre ela — continuou o major. — Como hoje. — Ele riu, seus olhos inquisitivos saltando de Alex para Matthew.

— Hoje? — Alex questionou.

— Oh, sim, Sra. Graham. Nós esmagamos os rebeldes hoje, vamos continuar a esmagá-los, vamos persegui-los e atormentá-los, até que se submetam à misericórdia de Sua Majestade e entreguem todos e cada um daqueles malditos pegadores para nós.

O tenente sorria para o major, os dragões sorriam como idiotas. O rosto de Matthew estava com uma tonalidade escura doentia, os olhos de um verde brilhante e perigoso.

— Eles nunca vão entregá-los — disse Alex, escolhendo o pronome com cuidado.

— Claro que vão — disse o major. — Mais cedo ou mais tarde vocês vão.

Matthew queria que eles fossem embora. Queria se enfurecer e chutar, quebrar tábuas, tudo em uma tentativa desesperada de se livrar do gosto amargo em sua boca. Uma confusão certa. Apesar de seus avisos, eles seguiram em frente com a emboscada e, ao ouvi-la, os soldados foram pegos de surpresa quando a encosta da colina ganhou vida e avançou sobre eles, enormes pedregulhos quicando na estrada. Três soldados mortos, vários feridos e, em última análise, nada havia sido alcançado, não quando as tropas mantidas na reserva entraram em ação. Mais de quinze mortos, vinte ou mais presos, sem dúvida para enforcamento. Ele não tinha ideia de como Sandy tinha se saído, nem Tom Brown, e pequeno Paul estava morto, ele viu seu corpo no caminho para casa. Melhor morto em uma encosta do que em uma

força, melhor cair de cara na urze do que ter um laço estrangulando sua vida.

Quando Rachel correu, ele se abaixou para abraçá-la e se esconder contra seu corpinho robusto, respirando o cheiro de leite, mel e sol que sempre se apegou a ela. Ele lançou um olhar de soslaio para Wyndham. Qual era seu jogo, arrastando Matthew para fora da rua e o segurando por horas enquanto o questionava em detalhes sobre seu paradeiro nas últimas semanas? E por que insistiu em acompanhá-lo até em casa, transformando-se de um interrogador muito desagradável em um ex-camarada amigável? Havia algo ali que ele não entendia, e um formigamento de advertência na base de sua espinha estava lhe dizendo para pisar com cuidado ao redor do major Wyndham.

Ian forneceu parte do quebra-cabeça mais tarde naquela noite, sentando-se ao lado de Matthew.

— Eu conheço aquele homem — disse ele.

— Que homem?

— Major Wyndham.

— Você conhece? — Matthew ofereceu-lhe um pedaço da maçã que estava comendo. Ian mastigou em silêncio, aceitando mais uma fatia.

— Eu o vi com papai. — Ele deu a Matthew uma longa olhada. — Eles riram muito. Riram e beberam.

Matthew acenou com a cabeça que tinha entendido.

— Então eles são amigos?

Ian encolheu os ombros.

— Mamãe não gosta dele, mas papai o conhece há vários anos. Eles estiveram na Holanda juntos por muitos meses. — Ele fez uma careta. — Ele não me reconheceu. Mas também não estava olhando para mim, estava? Estava era olhando boquiaberto para tia Alex.

— Sim — Matthew acenou com a cabeça. — Eu vi isso também. — Ele pegou outra maçã e eles ficaram sentados em silêncio por algum tempo. — Você vai cuidar de sua tia? Se eu não estiver aqui?

O menino sorriu.

— Sim, eu vou. Mas tia Alex pode cuidar bem de si mesma.

Matthew bagunçou o cabelo dele e riu. Sim, isso era verdade. Alex Graham não era indefesa, e Oliver Wyndham poderia descobrir isso às suas próprias custas, se não tomasse cuidado.

— Eu não gosto dele — disse Alex a Matthew. Ela apagou a única vela e se juntou a ele na cama. — Tenho um problema com homens que permitem que seus olhos se desviem rapidamente do meu rosto para travar em meus seios. Ainda assim, ele te enviou um aviso.

Matthew se acomodou ao seu lado e a puxou para si.

— Sim, mas por quê? E ele estava longe de ser amigável hoje cedo.

— A mão dele encontrou seu caminho por baixo de sua camisa,

acariciando seus seios. — Ian o conhecia, o viu com Luke várias vezes.

— Você acha que Luke o enviou?

— Não, Oliver nunca viria aqui, a este canto remoto do mundo, se não tivesse seus próprios objetivos a cumprir. — Ele acariciou seu pescoço. — Vamos andar com cuidado ao redor dessa pequena víbora.

— Absolutamente, eu não gosto de cobras de qualquer maneira.

— Não gosta? — Ele se moveu contra ela. Alex riu e se virou para encará-lo.

— Isso não é uma cobra, é uma fera, lembra? Uma fera domada — acrescentou ela um pouco depois.

— Domada? — Matthew mordeu a orelha dela. — Veremos, Sra. Graham, veremos.

**E**la estava dormindo profundamente quando ele a deixou, antes da meia-noite. Ele simplesmente não conseguia dormir, não quando os homens que conhecia e de quem gostava estavam definhando na prisão, talvez até morrendo pelos ferimentos que sofreram durante o dia. Ele cavalgou Ham pela charneca, mantendo-se bem longe da estrada, e a noite estava mais escura quando se esgueirou para Cumnock, uma silhueta negra que se movia silenciosamente de uma sombra protetora para a outra. Ele os ouviu bem antes de chegar ao seu destino; gritos altos que falavam de dor, muita dor. Suas entranhas tremiam como enguias gelatinosas, enquanto em sua cabeça uma vozinha dizia que isso era muito imprudente, pois o que ele poderia fazer sozinho?

A entrada para o pátio da guarnição estava bem guardada, um grupo de quatro soldados em volta de uma fogueira que ardia intensamente. No entanto, ao contrário de Ayr, este não era um quartel construído propositadamente, era uma coleção de casas e galpões de que os poderes haviam se apropriado há alguns anos e cercado a esmo. Não havia parede de perímetro, nenhuma casa de munções adequada. Munções; ele franziu a boca. Sim, aí estava: se pudesse incendiar a pólvora, isso poderia causar a distração de que precisava. Mas ele não poderia fazer isso sozinho. Um lamento alto e suplicante ergueu-se de algum lugar à sua direita. Matthew fugiu para encontrar ajuda.

Uma hora depois, e eles estavam de volta, quatro homens parados no estreito que corria ao longo da parte de trás dos edifícios da guarnição. Estava silencioso; não havia mais gritos, nem barulho de botas nas pedras do calçamento.

— Eles já devem estar em suas camas — disse Matthew em voz baixa. — Todos, exceto os guardas. — O ferreiro, Peter, assentiu. Ele não tinha ficado feliz quando Matthew o acordara, mas depois de uma conferência silenciosa na ferraria, eles concordaram em pelo menos tentar, deviam isso a seus irmãos, um dos quais era primo de Peter. Matthew olhou para os outros dois. Ele conhecia apenas um deles pelo nome — Will — mas de acordo com Peter eles eram homens bons, fortes de fé, e ambos com parentes que morreram ou foram presos na emboscada.

Eles arrombaram a cerca de madeira que fechava a lacuna entre os estábulos e as celas. Um empurrão decisivo com o pé-de-cabra e Peter fez com que as tábuas se espatifassem, um som que parecia alto demais no silêncio da noite. Um por um, eles deslizaram para dentro. Dois dirigiram-se para as celas de detenção, Peter devia guardar a sua retirada.

As mãos de Matthew estavam úmidas de suor, a lanterna coberta em seu punho balançava de um lado para o outro enquanto ele caminhava pelo pátio em direção ao depósito de munições. Um galpão, nada mais, com um cadeado antigo na porta, sem janelas, mas uma abertura estreita ao longo do telhado de um lado. Ele agarrou a saliência e se ergueu para dar uma espiada lá dentro. Estava com sorte; barril após barril estavam empilhados no pequeno espaço.

Matthew se ajoelhou e começou seus preparativos. Alguém riu. Quem? Onde? Um oficial saiu cambaleando de uma das casas, desfez as calças e mijou, continuando a conversa com o homem que estava parado na porta. Mais uma risada. A porta se fechou com um rangido e Matthew se abaixou, enxugando a testa. Se eles tivessem olhado para cá... mas não, ele estava coberto e encapuzado, e no escuro seria difícil discernir um homem de uma pilha de sacos.

Ele tinha oito pequenos projéteis, pedaços de corda bem enroladas em volta de panos embebidos em óleo de linhaça. Começou na extremidade mais distante, o mais longe possível do pátio. Algumas respirações firmes e Matthew descobriu a lanterna, tentando proteger com seu corpo o que para ele parecia um farol de luz. Ele acendeu o primeiro pacote. Com um leve ruído, começou a queimar, as fibras brilhando vermelhas na noite. Ele o jogou pela abertura, acendeu o próximo e mais outro.

O suor escorria por sua espinha, suas mãos tremiam. Algo estava começando a queimar dentro do galpão, ele podia ouvir o som crepitante do fogo tomando conta da madeira seca. Pronto; o último foi aceso e jogado para dentro, e Matthew correu de volta por onde tinha vindo. Agora tudo o que eles tinham que fazer era esperar pela explosão e então...

Atrás dele, ouviu-se um rugido. A noite explodiu com luz, e ele caiu no chão, quase voando por cerca de um metro. Houve uma forte pontada de dor quando ele atingiu o chão, os dentes cravando-se dolorosamente em sua língua. Ele ficou de joelhos e tentou rastejar para longe. Vergalhões em chamas caíram no chão ao seu lado, o ar estava cheio de fumaça. Ele chiou, tossiu e foi esmagado quando algo caiu em suas costas.

— Matthew? — Uma mão agarrou a dele. Matthew se segurou com força, ofegando de dor ao ser arrastado para fora dos escombros. Tanto barulho, tantos homens, soldados saindo pelas portas nus,

cavalos que galopavam e relinchavam, estupefatos de medo, e ainda assim, em todo esse caos, um homem manteve a cabeça fria. À luz da conflagração, ele viu o capitão Howard parado no meio do pátio, gritando ordens. Atrás dele estavam os guardas do portão, os únicos homens devidamente acordados.

— Temos de ir! — Peter sibilou, puxando Matthew com ele. Sim, eles precisavam sair, mas como?

— Lá! Quem está lá? — O capitão gritou, usando sua espada para apontar para onde Peter estava ajudando Matthew a se levantar.

— Vá — disse Matthew —, deixe-me. — Eles estavam a apenas alguns metros da cerca, mas os quatro guardas estavam cobrindo o terreno rapidamente.

— Não, isso eu não farei. Sandy vai comer meu fígado no café da manhã se eu deixar você para trás.

— Mas eu... — Matthew mal conseguia andar, quanto mais correr. Seus pulmões estavam entupidos de fumaça, havia sangue escorrendo por seus olhos e ali, Deus o ajudasse, vinha o primeiro dos soldados. Peter o atingiu na cabeça com o pé-de-cabra e o soldado desabou no chão. Will veio correndo e, junto com Peter, arrastou Matthew em direção à lacuna na cerca. Senhor, como doeu quando o fizeram passar por ali! Peter bloqueou a abertura com o pé-de-cabra e eles foram embora. Um tiro foi disparado, alguém praguejou e por trás veio o som de madeira quebrando.

Matthew coxeava e ofegava, era meio carregado, meio arrastado, de um beco para outro, por uma janela, através de um quarto onde uma mulher gritou até que Peter a silenciou, saíram por uma porta, desceram e subiram escadas, e o tempo todo ele podia ouvir; os gritos distantes, as vozes raivosas dos homens em sua perseguição.

Por quase uma hora eles se esconderam no rio, voando de uma fileira de juncos para a outra. No momento em que conseguiram voltar para onde Matthew havia deixado Ham, o amanhecer estava colorindo o horizonte leste com listras cinza.

— Será que nós... — Matthew resmungou. Fracasso. Ele arriscara sua vida, as vidas deles, e para quê?

Um dos homens sorriu.

— Pelo menos sete. — Ele descreveu como conseguiram quebrar a porta da cela, libertando os prisioneiros que podiam correr para a brecha. Seu companheiro arrastou-se no chão, resmungando algo sobre ser uma pena que o maldito capitão tivesse ido diretamente para a prisão improvisada, porque senão, eles teriam libertado a maioria dos prisioneiros.

— Sete? — Matthew fechou os olhos. Bem, isso era alguma coisa, ele supôs, mas estava muito cansado e com muito medo para sentir qualquer euforia. Como voltaria para casa? E será que deveria ir para



casa? Os soldados... Ele tossiu, tossiu de novo. Seus pulmões doíam. Alex; ele queria sua esposa.

— Ajude-me a montar — disse ele. — Consigo ir sozinho.

— Tem certeza? — Peter sugou o lábio, parecendo muito preocupado.

Alguém mexeu nos arbustos próximos.

— Eu o ajudarei a chegar em casa.

Matthew apertou os olhos na direção da voz jovem. Ian? Sim, era, um Ian trêmulo e assustado, que apareceu de mais longe no pequeno bosque, conduzindo sua égua.

— Garoto? Por que você está aqui?

Ian apenas balançou a cabeça, ajudando Peter a empurrar Matthew para cima de Ham.

— Temos que ir — disse ele. — Tia Alex não vai gostar se você não voltar para casa antes do amanhecer.

Gostar? Matthew riu, parando abruptamente.

— Não, atrevo-me a dizer que não — sussurrou ele. Nada mais foi dito. Ian chicoteou os cavalos em uma corrida louca para casa, pegando o atalho sobre a charneca.

Ela não estava mais dormindo. Não, estava bem acordada, os olhos marejados de lágrimas enquanto o repreendia e o ajudava a subir as escadas. Matthew apoiou-se nela, querendo dizer que a amava, que a amava muito, mas doía respirar, sua cabeça latejava, e era apenas uma questão de tempo até que os soldados viessem arrastá-lo para a forca. Era só olhar para ele; fuliginoso e machucado, o cabelo de um lado chamuscado, como poderia sair dessa com vida?

— Soldados — ele murmurou. — Para me enforcar.

— Por cima do meu cadáver — disse Alex, e não importava que ele não acreditasse muito nela, sentiu-se consolado da mesma forma.

Junto com Ian, ela conseguiu colocá-lo em seu quarto. A cama; ele queria deitar, dormir, mas ela não deixou. Suas roupas foram tiradas, ele foi lavado, ela murmurou sobre a ferida em seu couro cabeludo, fez o possível para escovar seus cabelos por cima. Uma camisa limpa e, finalmente, ele teve permissão para se deitar. Ele olhou para ela. Ela estava mordendo o lábio, as mãos na cintura.

— O que foi? — ele resmungou.

— O que foi? — ela disse. — O que foi, ele me pergunta! — Ela balançou a cabeça. — Sinto muito, mas isso vai doer, ok?

E assim foi. Meu Senhor, como doeu.

— Você queimou? — Alex disse em voz baixa para Ian uma hora mais tarde. Ela empacotou roupas, botas, capa — bem, tudo — e entregou a Ian, pedindo que ele destruísse.

— Sim, tudo — ele sussurrou de volta. Ele era todo olhos, olhos

enormes que de vez em quando piscavam devido à falta de sono. Bem, não era de admirar, dadas as aventuras da noite.

— E não contamos a ninguém — disse ela. De novo.

— Ninguém — Ian jurou. De novo.

— Bom — ela acenou com a cabeça, estudando os soldados sombrios trotando por sua estrada. Nenhum major hoje, apenas aquele capitão idiota, acompanhado por uma tropa de seis dragões. Ela deu um abraço em Ian e pintou um sorriso tranquilizador no rosto. — Aqui vai, certo? — Graças a Deus ele acordou, graças aos céus Ian estava lá embaixo bebendo água quando Matthew escapou de casa. E ainda mais, graças a Deus por ele ter seguido Matthew, mesmo que fosse uma coisa totalmente insana de se fazer. Ela deu-lhe mais um abraço, beijou o topo de sua cabeça.

— Obrigada — disse ela.

Ele se contorceu em seu aperto.

— Ele vai ... eles vão enforcá-lo? — Ian acenou com a cabeça na direção da janela e dos soldados além.

— Eles vão tentar — disse Alex. — Agora, sente-se e coma, ok? Finja que as coisas estão normais. — Ela lhe deu um sorriso torto. Normais? Inferno, ela tinha um zoológico de coisas vivas se contorcendo em seu estômago. No pátio, o capitão gritava para que a família acordasse e, com um longo suspiro, ela saiu sozinha.

— Capitão Howard.

— Senhora. — Um breve aceno de cabeça, nada mais. — Seu marido?

— Meu marido? O que quer com ele tão cedo?

— O que quero com ele? — O capitão ergueu as sobrancelhas. — Ora, Senhora Graham, queremos interrogá-lo.

— De novo? Seu major fez isso ontem.

— Sim, mas foi antes de alguém explodir nosso prédio de munições.

— O quê? — Alex resmungou. Homem estúpido, estúpido! — Alguém se machucou?

O capitão olhou longamente para ela.

— Nada grave, felizmente. Mas vários dos prisioneiros escaparam.

— Ah. — Ela encolheu os ombros. — Não posso dizer que sinto muito.

— Não, eu não esperava que sentisse. Agora; seu marido.

— Ele está na cama — disse ela. — Está doente.

— Doente? — O capitão balançou a cabeça. — Ora, ora, senhora, não espera que acreditemos nisso, não é? Ele estava saudável e bem ontem.

— Algumas doenças atacam como um raio do céu — disse ela.

— E o que o está afligindo?

Alex franziu a testa, torcendo as mãos.

— Não tenho certeza; acho que pode ser varíola.

— Varíola? — O capitão coçou a barba desgrenhada. Agora que ela tinha percebido, aquele não era o capitão normal e dândi de sempre. Não, seus olhos estavam injetados, suas botas sem polimento e suas roupas desgrenhadas. Bem, talvez seu vestuário fosse a última de suas preocupações.

— Acho que sim — disse ela.

— Importa-se que eu vá olhar? — ele perguntou.

Sim, ela se importava muito, mas não poderia dizer isso, poderia? Ela engoliu em seco, mas conseguiu balançar a cabeça.

— Se me importo? Claro que não. Mas é muito contagioso.

— Eu já tive varíola.

Merda.

Ela o acompanhou escada acima e abriu a porta para permitir que ele entrasse em seu quarto. Matthew dormia profundamente, o rosto e o braço que estava jogado sobre o travesseiro cobertos de manchas vermelhas, e de pequenas bolhas aqui e ali. O capitão deu um passo para trás.

— Essas marcas apareceram durante a noite?

Alex foi alisar uma ruga no lençol e ajustar a touca de dormir ridícula que tinha colocado na cabeça de Matthew.

— Não — ela disse. — Ele se sentiu mal na noite passada, reclamou que estava com dor de cabeça e resfriado, mas isso apareceu esta manhã. — Cortesia dela mesma. Ela estremeceu, escondendo as mãos no avental. Ele ficou perfeitamente imóvel, os olhos fixos nos dela, enquanto ela tentava levantar uma bolha após a outra, principalmente com o cano em brasa de sua pistola, de vez em quando com um dedal ou a pequena vareta da pistola. Embora muito poucas das queimaduras tivessem empolado, o efeito geral era bem impressionante de qualquer maneira, piorado por ela esfregá-las com uma toalha até que a pele se rompesse.

Na cama, Matthew gemeu. Ela tinha lhe dado xarope de papoula suficiente para desmaiar um cavalo, tudo para se certificar de que ele parecesse muito, muito doente — o que ele parecia: os olhos fundos, aquelas queimaduras horríveis, e todo ele pálido. O capitão ficou parado por mais um momento e, murmurando um pedido de desculpas, saiu do quarto. Alex se sentou na cama e escondeu o rosto nas mãos.

**M**esmo que Matthew tenha se recuperado de sua provação em questão de dias, a semana seguinte foi sombria. Tantos homens perderam a vida, tantas famílias desamparadas agora que o homem da casa estava morto.

Uma vez superado o susto inicial, Alex ficou zangada com Matthew — não, ela estava regamente irritada com ele — por ter sido tão imprudente a ponto de arriscar a vida por algo que acabou sendo nada além de um gesto corajoso. Ainda assim; de que adiantava ficar com raiva de uma pessoa que estava tão mergulhada na tristeza, tão devastada pelo que estava acontecendo com as pessoas com quem ele havia crescido e que conhecia desde menino? Ele precisava dela e, de qualquer maneira, ela odiava ficar com raiva dele, isso lhe deixava ansiosa. Então, na quarta noite após a explosão, ela se deitou na cama, abriu os braços e segurou-o contra o peito enquanto ele lhe contava exatamente o que tinha acontecido e por que ele fora levado a fazer aquilo. Ao mesmo tempo, foi um alívio quando Joan e Simon vieram em uma visita não anunciada, e então, claro, havia o aniversário de Ian para planejar.

— Aqui. — Mark parecia envergonhado com a expressão encantada no rosto de Ian e correu de volta para onde seu pai estava.

— Para mim? — Ian olhou do cachorrinho para Matthew.

— Sim, para você. Você já tem idade suficiente para ter um cachorro. — Matthew sorriu para Ian, passando o braço em volta de Alex.

Ian tocou as orelhas macias e caídas, a pelagem tigrada e áspera e riu quando o filhote mordiscou seus dedos, afundando os dentes brancos e afiados em sua pele.

— É um Deerhound — disse Mark. — Papai diz que eles crescem muito.

Matthew estendeu a mão indicando o tamanho, fazendo os olhos de Ian se arregalarem de prazer, enquanto Alex abafou um gemido sem entusiasmo.

— Não podem levá-lo para a cama — disse ela, interceptando olhares maliciosos entre Jacob, Mark e Ian. — E se as coisas acontecerem, você limpa.

Ian prometeu que limparia, afundando o rosto no pescoço do

cachorro.

— Como você vai chamá-lo? — Rachel perguntou, agachando-se para afagar o cachorro.

— Aragorn — respondeu Ian, fazendo Alex sorrir.

— Quando eu ganhar o meu, vou chamá-lo de Arthur — disse Rachel.

— Você? Você não terá um. — Mark parecia desdenhoso. — Esse é um cachorro de homem.

— Eu também vou ganhar um. — Rachel olhou, agarrando a mão de seu pai. — Diga a ele, papai. Diga a ele que você vai me dar um cachorro bonito como esse quando eu tiver doze anos.

— Veremos, mocinha. Você pode querer outra coisa.

— Não, eu quero um cachorro.

— Momento de aleluia — Alex murmurou em voz baixa para Matthew. — Imagine a casa cheia de adolescentes e cachorros enormes. — Ele pareceu confuso. — Adolescentes: idade horrível entre treze e dezenove anos, geralmente caracterizados por serem desagradáveis, crescendo a um ritmo preocupante, descobrindo sexo, bebidas e rock and roll.

— Rock and roll, sim? — Matthew murmurou de volta. — Já faz muito tempo que você não canta para mim. — Ele aguçou seu olhar. — E não haverá ... err ... sexo até que eles se casem. Bem, não sob meu teto — ele relativizou, o que a fez sorrir.

Se o cachorro tinha sido um sucesso, a carta da mãe foi a maior surpresa do dia para Ian. Alex esperou até que a maior parte da família tivesse desaparecido para fazer suas respectivas tarefas antes de entregá-la a ele.

— Chegou há alguns dias, mas achei que você gostaria de receber no seu aniversário.

Ian nunca tinha recebido uma carta endereçada a ele pessoalmente antes, e virou o quadrado de papel dobrado várias vezes. Havia uma marca vermelha brilhante de Bishop nela, e ele apertou os olhos, tentando ler a data. Era uma longa carta, dizendo o quanto ela sentia falta dele e como esperava que ele estivesse totalmente recuperado da catapora. Ela o informou que eles estavam de volta à residência de Whitehall e que, como sempre, havia um fluxo interminável de fofocas, mesmo que no momento o clima fosse tudo menos alegre, com as consequências do grande incêndio e as restrições financeiras do rei. Nem a guerra holandesa estava mais perto de uma resolução, e Luke seria mais uma vez enviado como um dos muitos negociadores para a Holanda. Por não querer se separar da esposa e do filho, Margaret iria com ele, presumindo que Ian ficaria bem contente em permanecer em Hillview por enquanto — provavelmente seria melhor,

dada sua recente doença. A carta terminava com a garantia de que o amava muito, assim como seu pai. Ele a estendeu para Alex.

— Época horrível do ano para uma viagem pelo Mar do Norte — disse tia Alex assim que terminou de ler. — Pior ainda com um bebê. — Ela olhou para Ian. — Você se importa?

— Não — ele mentiu. Sim, se importava muito. Nem uma vez papai considerou necessário levá-lo em suas viagens, mas do sapo ruivo era impossível se afastar. Ele esperava que o menino adoecesse e morresse, ou talvez pudesse cair acidentalmente no mar para se afogar. E então, bem, então o pai voltaria correndo para ele. Ian amassou a carta em uma bola e a jogou na lareira.

Alex o observou sair correndo com Aragorn nos braços e foi procurar Joan. O menino às vezes ficava tão infeliz que doía observar, excluindo-se da família com seus silêncios e tendências a caminhar sozinho pela floresta. Alex suspeitava que ele chorava quando ninguém via, mas aos doze anos, Ian era muito consciente de sua dignidade para permitir que uma tia maternal o acariciasse com muita frequência, retirando-se para manter aquela aura distante que era extremamente irritante.

Joan ouviu tudo isso em silêncio e suspirou.

— Não é fácil para o menino. — Ela mordeu o fio preto e estendeu o casaco alargado de Simon, olhando-o criticamente antes de entregá-lo ao marido para experimentá-lo.

— Não é exatamente fácil para nenhum de nós. — Alex se abaixou para oferecer a Lucy um doce fervido. — Ela tem os olhos mais incríveis. — Alex sorriu, endireitando-se.

— Sim, ela tem. Como a mãe — Simon disse, encolhendo os ombros para fora de seu casaco de todos os dias. Ele deslizou os braços nas mangas de seu casaco preto. — Estou surpreso que Luke tenha permitido que ele ficasse aqui — Simon continuou.

Joan fez sinal para que ele se virasse, lentamente.

— Sim, isso deve ter custado a Margaret uma bela batalha.

— Ele está melhor conosco do que com estranhos — disse Alex.

— Sim. — Joan se aproximou do marido, escovou a lapela e tirou uma agulha, costurando um botão solto no lugar. — Mas Luke não ficará feliz.

Alex fez um som de concordância. Margaret deve ter jogado com apostas muito altas.

— Está servindo — disse Joan a Simon. — Você consegue mover os braços?

Simon agitou seus membros.

— Não são os braços; é a cintura que se expande. — Ele mesmo olhou para baixo e balançou a cabeça. — Eu sou muito baixo.

— Ou muito gordo — Alex sugeriu, dançando para longe do soco de brincadeira de Simon. — Vocês dois irão? — A tia Judith de Simon havia falecido, e ele estaria lá para supervisionar o funeral e a repartição de bens, tendo decidido que também poderia trazer sua família para uma visita a Hillview.

— Sim — disse Joan —, se você cuidar da Lucy.

Alex acenou com a cabeça, é claro que ela cuidaria

— Ela ainda está muito magra — disse Alex a Matthew mais tarde. — E está muito pálida, você não acha? — Era um eufemismo; Joan não só estava muito magra, mas também parecia velha, a pele de uma textura macilenta e doentia, o cabelo escuro com mechas grisalhas. Nem a maneira como ela estava vestida ajudava — parecia totalmente severa no traje de luto. Joan corou quando sentiu os olhos sobre ela, uma onda surpreendente de rosa lavando seu rosto.

— Eu pareço estranha? Tem uma verruga peluda no meu queixo?

— Não — disse Matthew. — Mas você não parece bem, Joan.

— Não é nada. — A boca longa de Joan se estabeleceu em uma linha teimosa, os braços cruzados sobre o peito. Ora; se ela pensava que isso iria parar esta pequena discussão, estava muito enganada. Alex esperou até que Matthew as deixasse antes de continuar com o interrogatório.

— O que está acontecendo?

Joan olhou para ela com leve aversão.

— Eu já disse; não é nada.

— Sim; e os porcos voam e os peixes saltam da água para pousar em nossos pratos.

Joan sorriu, muito levemente.

— É a dor. O tempo todo estou com dor.

Depois de um longo inventário de seus sachês de ervas, Alex decidiu que o melhor que poderia fazer por Joan seria uma infusão de erva de São João com alfazema, cravo e um pouco de valeriana. Ela ficou algum tempo tocando seu precioso frasco de xarope de papoula, mas o devolveu ao lugar. Suspeitava que alguém poderia ficar viciado naquilo, não era um pouco parecido com a heroína?

— Você tem que comer — disse Alex, servindo a Joan uma segunda porção.

— Eu como. — Joan empurrou o prato para longe. — Sempre fui magra.

— Mas não assim. — Alex pegou a mão de Joan, circulando o pulso estreito com o polegar e o dedo médio. — Você está só ossos.

Joan puxou a mão de volta.

— Somos todos diferentes. Meu pai era um homem alto e magro, e eu sou parecida com ele.

— Parece? — Alex sempre assumiu que Malcolm Graham se

parecia com seu Matthew.

— Ele era todo comprido, pernas finas, braços longos e finos e nada mais. E ele tinha olhos como os meus, cinzas, não verdes avelã como Matthew e Luke. — Ela sorriu para Matthew, que ergueu Lucy para apoiá-la em seu braço, com Rachel pulando ao lado dele enquanto se dirigiam para o galinheiro.

— Eu era a garotinha do papai, assim como Rachel é do Matthew.

— Ele só tem uma garota. — Alex riu.

— Ela é a garotinha dele. Mais dele do que sua.

Alex seguiu com os olhos seu marido e filha até estarem fora de vista.

— Sim, Rachel ocupa um lugar especial em seu coração, e ele no dela.

Ian inicialmente considerou Lucy com cautela. O bebê que ele lembrava ser feio — embora não tão feio quanto Charles — era agora uma criancinha séria, com cabelos finos e lisos de um tom avermelhado longe do vermelho profundo do pai. Para a surpresa de Ian, ele fora escolhido pela garotinha, a mão dela deslizando na dele enquanto seus olhos se fixavam com adoração nele ou em Aragorn. Ocasionalmente, ela ria, um som gorgolejante e contagioso que fazia Ian rir também, mas principalmente ela era uma presença silenciosa e confortável, um corpo quente em seu colo com quem ele poderia desabafar e saber que ela nunca, jamais contaria.

— Acha que ela sente falta? Da audição? — Ian perguntou a Joan um dia.

— Não, como ela poderia? Ela nunca ouviu nada, não é? — Joan ajustou o gorro de lã na cabeça de sua filha e amarrou o xale como uma cruz sobre seu pequeno peito antes de deixá-la ir correr cambaleante com Aragorn. — Às vezes deve ser muito bom, o silêncio. Apenas seus próprios pensamentos.

Ian considerou isso por alguns momentos e balançou a cabeça em concordância.

— Será que ela vai falar um dia?

— Não. Mas ela pode se fazer entender de outras maneiras, e Simon diz que vai começar a ensinar-lhe as letras assim que ela conseguir segurar uma pena. — Ela caminhou em silêncio ao lado dele por um tempo, virando a cabeça de vez em quando para garantir que Lucy estava vindo atrás deles.

— Como ele é? Seu irmão?

Ian enrijeceu e assobiou para Aragorn, agachando-se para se ocupar com o cachorro.

— Ele é pequeno e gordo e tem o cabelo igual ao do pai, e o pai o ama muito mais do que a mim. — Ele ergueu o rosto para ela. — E



minha mãe também — acrescentou em um sussurro agonizante. — Ela não me ama mais.

— Sim, ela ama — Joan disse a ele com convicção. — Margaret pode ter seus defeitos, mas ela te ama muito. — Ela pegou a mão dele e puxou-o para ficar de pé. — As mães sempre amam seus filhos. Sempre, está me ouvindo?

Ela inclinou a cabeça na direção do grito ensurdecedor que flutuou da fazenda atrás deles, revirando os olhos quando Alex jurou em voz alta que, no momento em que o pegasse, Jacob Graham se veria agarrado à vida por um fio muito fino.

— Sempre amamos, mas nem sempre gostamos de vocês — disse ela.

Ian riu, confortado por sua segurança silenciosa.

— Explique-me de novo — Alex disse, sentando-se ao lado de Simon. Eles tinham preferido conversar ao ar livre, caminhando de forma desconexa pela floresta antes de chegar ao local onde o rio desaguava no lago do moinho. Havia um banco primitivo lá, e agora eles estavam sentados com o lago na frente deles.

— Mesmo se ele quiser, seria difícil para Luke renunciar ao garoto. Ele jurou, perante testemunhas, que o menino é dele. É difícil voltar atrás, quase doze anos depois, por uma mudança no coração. O garoto também tem direitos.

Alex deslizou as mãos sob as saias para ajustar a meia que escapou, puxou-a com força sobre a panturrilha e amarrou a liga vermelha brilhante. Simon desviou os olhos, abaixando-se para pegar um pedaço de pau que jogou no meio do lago.

— Se Luke não tivesse feito isso, Matthew não teria sido capaz de abrir mão do menino. — Simon continuou. — Afinal, Ian nasceu no casamento, e Matthew nunca negou ter conhecimento carnal de sua esposa.

Eca; só a ideia de Matthew e Margaret se explorando fisicamente a deixava enjoada.

— Então, para concluir, Luke está preso a Ian, e Ian tem direitos que são protegidos pela lei — disse Alex, aliviada.

— Sim, Ian tem direitos, mas Luke também. Luke pode, se desejar, comprar uma patente para Ian no exército e enviá-lo para a guerra. Ou pode decidir que a educação de seu filho seria melhor encaminhada enviando-o para as colônias. Em suma, Luke decide tudo na vida de Ian até que ele atinja a maioridade, e ele pode tornar isso bem desconfortável para o garoto, se desejar.

Alex olhou para ele.

— Mas... não, Margaret não permitiria. — Inferno; ela também não deixaria! Se Luke tentasse algo assim, ela o estriparia pessoalmente.

Simon jogou outro graveto após o primeiro, fazendo-o cair com um respingo na superfície plana da água.

— Ian tem alguns direitos, mas Margaret não tem nenhum. Ela é a esposa de Luke, e ele pode fazer o que quiser com ela e com qualquer filho que ela lhe der, exceto matá-la, é claro. — Ele deu um tapinha na mão de Alex. — Luke gosta do menino. Ele tem sido um bom pai por todos os anos que teve Ian, e a questão da paternidade real de Ian é tão obscura agora quanto antes, ou talvez até mais, agora que Luke provou ser capaz de gerar um filho. — Havia um leve tom de anseio em sua voz, uma mudança inquieta no banco. — Luke virá atrás de Ian, pelo menos porque Margaret quer o garoto de volta e Luke a ama muito. Ele sempre amou.

— Sua única graça salvadora — Alex assentiu.

— E se... — Alex se interrompeu. — E se Luke dissesse que não tem mais certeza de que Ian é dele e Matthew decidir que quer reconhecer Ian? — Mas ele não faria isso com ela, nem com ela, nem com Mark, não se Ian fosse protegido por lei. Ele poderia, uma vezinha sussurrou, veja como ele olha para Ian, como seus olhos brilham com orgulho quando o menino passa. Em seu coração, Ian é tão filho dele quanto Mark, Jacob e Daniel.

Simon olhou para ela pensativamente.

— Isso complicaria as coisas e exigiria um trabalho jurídico sem precedentes. Muito complexo, um grande desafio. — Seus olhos brilharam, a boca formando uma linha de expectativa. Ele se sacudiu, dando a ela um sorriso rápido. — Mas isso não passa de uma discussão teórica, nunca vai acontecer.

— Não, claro que não — Alex concordou, injetando em sua voz o máximo de convicção que pôde reunir.

— Sr. Graham.

Matthew se virou ao som de seu nome e suspirou quando viu Oliver — Major Wyndham — vindo em sua direção seguido pelo Capitão Howard.

— Merda — Alex murmurou. No rescaldo daquela pequena rebelião triste que terminou em Rullion Green no final de novembro, seu marido tinha sido persistentemente perseguido, apesar de não ter nenhuma conexão com o bando maltrapilho liderado pelo coronel Wallace.

— Uma palavra? — O major Wyndham acenou com a mão na direção do Merkat Cross Inn. — A sós — ele adicionou, quando Alex fez menção de ir com eles.

— Não, não vou deixar minha esposa de pé neste frio.

— Tudo bem. — Alex sorriu para ele. — Tenho mais alguns itens para comprar. — Ela ficou na ponta dos pés e beijou sua bochecha. — Cuidado com as cobras — murmurou.

Ela permaneceu onde estava até que os três desapareceram na pousada, notando que apenas Matthew teve que abaixar a cabeça ao passar sob o lintel. Ela ergueu a cesta mais alto e correu na direção da tapeçaria combinada com armarinho. Queria botões, fitas, linho para as camisas novas e um belo tecido cinza escuro para as calças novas de Matthew. Beliscou suas próprias saias e pesou sua bolsa. Não, teria que esperar; ela tinha outra saia de inverno em casa, e o dinheiro simplesmente não era suficiente — algo mais simples teria que bastar. E ela tinha que ir ao boticário; precisava de cânfora, casca de salgueiro e sementes de mostarda.

Na tapeçaria, encontrou a Sra. Brown, que a puxou para um canto.

— Pobre Jane Williams; mais uma morte. Três filhos e um marido morto em menos de um ano. O último garoto morreu ontem à noite e não pudemos fazer nada para ajudar. — A Sra. Brown suspirou e ajeitou o xale. — Tísico, e com o clima que estamos tendo... — Ela lançou um olhar de desgosto pela porta devido à forte garoa.

— E a própria Sra. Williams? — Alex perguntou.

A Sra. Brown ergueu as sobrancelhas para a pergunta totalmente idiota.

— Ela não está bem e raramente fala ou faz qualquer coisa além de sentar-se ao lado da cama.

A Sra. Williams vinha ficando abertamente com seus antigos

vizinhos nos últimos meses. Agora que a família fora devidamente destruída, parecia que a coroa havia perdido o interesse em punir ainda mais a pobre mulher — como se houvesse algo mais que eles pudessem fazer com ela agora que sua casa se fora, a maior parte de sua família estava morta, e ela própria tinha a saúde debilitada.

— As meninas serão mandadas para trabalhar, disse a Sra. Brown.  
— Uma delas em Ayr e a mais velha em Edimburgo.

Alex suspirou; onze e treze anos e enviadas ao mundo para se defenderem sozinhas. A Sra. Brown encolheu os ombros; não é tão incomum, não é? Ela apertou mais a capa úmida sobre os ombros e saiu correndo para a chuva.

Matthew sentou-se de frente para a janela quando viu a forma distinta e encolhida da Sra. Brown cruzar o espaço aberto em frente ao pelourinho, aparentemente indo para o quartel do exército. Isso o surpreendeu, mas antes que pudesse pensar mais no assunto, a garçonne colocou três xícaras de estanho e uma garrafa de vinho na mesa, retornando em breve com uma tigela de sopa fumegante de repolho e três colheres.

— Temos motivos para acreditar que Alexander Peden está de volta à região — disse o capitão Howard, cheirando a sopa.

— Alexander quem?

— Não venha com essa! — Capitão Howard disse. — Não há um único homem nesta maldita cidadezinha e seus arredores que não conheça Alexander Peden.

Matthew fingiu pensar.

— Ah! Você quer dizer Sandy. Sim, todos nós conhecemos Sandy.  
— Ele reprimiu um pequeno sorriso. Sandy não estava a mais de dezesseis quilômetros de distância, no máximo, utilizando sua rede de esconderijos, que se estendia por toda a charneca e pelas fazendas vizinhas. Inclusive a dele próprio, embora Alex ainda não soubesse das poucas noites que Sandy passara no esconderijo melhorado ou no pequeno galpão perto do moinho.

— Ele é um fora da lei — disse Howard. — Um homem que afronta a autoridade da igreja e do estado e cuja vida e bens foram perdidos.

— Depende de qual igreja — retrucou Matthew.

Howard torceu a boca em um não sorriso.

— É sempre uma questão de qual igreja, e por anos foram pessoas como minha família que foram perseguidas por gente da sua igreja.

Isso calou Matthew.

— Sandy Peden é um fanático. — O capitão Howard se levantou.  
— Um dia vamos prendê-lo e arrastá-lo gritando para ser enforcado.

— Você acha? O próprio Sandy profetiza que vai morrer na cama.  
— Matthew pegou uma colher de sopa de repolho e se arrependeu

imediatamente, cuspido o conteúdo no chão.

— E isso é algo que ele compartilhou com você recentemente, Sr. Graham? — Howard disse irritado. — Visto que tal coisa iria colocá-lo em estreita proximidade com um inimigo declarado do rei?

— É de conhecimento comum — respondeu Matthew, esticando as pernas na frente do corpo. Ele estudou o jovem em silêncio por algum tempo. — Não sei o que aconteceu com sua família, e posso ouvir em sua voz que foi ruim, mas você não deve esquecer que não fomos nós que fizemos isso.

— Não, foram soldados. Homens como você, Graham, que serviram no exército parlamentar.

— Eu não, nunca eu.

— Sim — disse Howard. — Isso é o que eles sempre dizem; não eu, era outra pessoa. — Howard girou na ponta dos pés e saiu.

— E você quer que Sandy Peden seja arrastado para a forca também? — Matthew perguntou a Oliver.

— Não particularmente, não. — Wyndham serviu a ambos um pouco mais de vinho e olhou para Matthew taciturnamente por cima da borda de sua xícara. — O que aconteceu? Onde é que tudo deu errado? Quando nossos sonhos de um mundo novo e melhor se transformaram neste pesadelo?

— Não tenho certeza. Acho que tudo começou quando o antigo rei voltou atrás em sua palavra, reabrindo assim a luta. Você se lembra do cerco em Colchester, os homens foram fuzilados à queima-roupa, mesmo depois de terem se rendido, e os radicais pediram punições cada vez mais severas para os monarquistas.

Oliver acenou com a cabeça.

— Uma guerra entre irmãos, e essas feridas nunca cicatrizam, não é?

— Não, não cicatrizam — Matthew concordou, pensando não apenas na guerra.

— Você precisa ter cuidado — disse Wyndham. — Howard é um homem persistente e está convencido de que você esteve envolvido na morte daqueles dois soldados infelizes na charneca, e no enforcamento do tenente Gower.

— Sim — Matthew zombou —, houve avistamentos de um cavalo baio.

Wyndham riu suavemente.

— Você estava em Edimburgo, me disseram.

— Sim; passei a semana inteira lá.

— Mmm. — Wyndham se inclinou para frente e olhou para o rosto de Matthew. — Uma recuperação notável — disse ele, recostando-se.

— Recuperação?

— Da varíola. Nenhuma cicatriz, ainda assim Howard contou que

você estava coberto de pústulas. — O major mordeu o lábio. — Ele não está convencido — disse com um encolher de ombros. — Insiste que foi você que ele viu no pátio na noite em que o galpão de munições explodiu no céu.

— Eu estava na cama — disse Matthew. — Fraco como um gatinho.

— E isso também é muito estranho. Você estava com a melhor saúde quando eu te deixei no final da tarde.

— Sim; foi extraordinariamente agressivo. Quase matou minha esposa de susto. — Ele sorriu; não havia muita verdade, em suma.

O major bebeu seu vinho em um longo gole.

— Vou avisá-lo se puder — disse Wyndham. — Mas eu nem sempre posso ser capaz de fazer isso.

— Por quê? — Matthew se inclinou para frente. — Por que você faria isso por mim?

— Por você? — Wyndham balançou a cabeça. — Devo-lhe algo pela minha vida, suponho, mas não estou fazendo isso por você. Posso me sentar na sua frente como um oficial da coroa, mas aqui... — Ele bateu o punho contra o peito. — ... aqui o Oliver Wyndham que você conheceu ainda vive. E, como você deve se lembrar, aquele Oliver Wyndham era um puritano de coração puro.

— Exceto quando se tratava de prostitutas. — Matthew sorriu.

Oliver sorriu de volta.

— Nem mesmo eu sou perfeito.

Matthew se despediu de Oliver e foi procurar sua esposa. Um desempenho bastante eloquente, especialmente a parte das batidas no peito. Wyndham o considerava tão ingênuo? Matthew não tinha ficado inativo nas últimas semanas e estava montando um retrato complexo de um homem que já fora um jovem promissor, mas agora era uma casca, apodrecendo por dentro.

Jogador, ele ouvira por aí, muito endividado e com uma reputação de lascivo. Casado duas vezes, duas vezes viúvo e com um filho doente de quatro anos, atualmente aos cuidados de uma tia. Ele franziu a testa em concentração. Oliver estava tramando alguma coisa, mas pela vida dele, Matthew não conseguia ver o que era. Entretanto o fato de Luke conhecer Oliver, jogar e beber com ele fez Matthew se preocupar que talvez Alex estivesse certa, talvez Luke tivesse um dedo ou dois naquele caldo em particular, e esse era um pensamento muito enervante.

— Encontrei a Sra. Brown. — Alex colocou as mãos embaixo dos braços, tremendo com o vento.

— Foi? — Matthew queria chegar em casa antes que aquilo se transformasse em neve, lançando um olhar preocupado para as nuvens pesadas.

— Ela disse que apenas duas meninas restaram para a Sra. Williams, e ela mesma está em péssimo estado.

Matthew apertou a mão dela mais perto dele e alongou o passo.

— Eu odeio quando você faz isso — ela resmungou. — Está me fazendo correr atrás de você como um cachorrinho.

— Eu quero a gente em casa, o pequeno Daniel logo vai precisar de você.

— Necessidade mútua, deixe-me dizer a você — confessou Alex —, meus seios estão do tamanho de melões.

Matthew riu, pegou-a pela mão e correu em direção aos estábulos onde havia deixado Ham.

Ele teve que ajudá-la a descer do cavalo quando chegaram em casa. Sua capa, suas saias estavam incrustadas de granizo gelado, seu xale estava molhado de neve derretida, seu nariz estava vermelho de frio e, mesmo através de sua boca bem fechada, ele podia ouvir seus dentes batendo. Quando ele lhe entregou a cesta, ela não conseguiu abrir a mão para agarrar a alça, teve que chupar os dedos congelados para descongelá-los um pouco primeiro.

— Je ... je ... je ... sus — disse ela.

Ele deu um tapinha na bunda dela e a empurrou na direção da casa.

— Daniel. Vou limpar Ham primeiro.

Ao longo da tarde e da noite a nevasca se intensificou, o vento uivando constantemente.

— Surpreendente! — Alex olhou pela janela para a tempestade implacável. — É como uma cortina branca. — Ela enfiou as mãos nas mangas da blusa e estremeceu. — Nem parece neve, parece gelo caindo. — Faltava mais ou menos uma hora para o amanhecer, e a casa ao redor deles estava mergulhada no sono e na escuridão. Só ali, no quarto deles, a luz fraca de uma única vela acendeu, jogando suas sombras combinadas contra a parede.

Matthew colocou mais lenha no fogo e ficou atrás dela, olhando para a noite opaca.

— Sim, uma noite terrível para estar do lado de fora.

Matthew inclinou a cabeça e ouviu. A casa estava forte e sólida, assentada contra a colina protetora atrás dela, mas ele estava preocupado com o estábulo — o telhado deveria ter sido substituído durante o outono, mas ele não teve tempo nem vontade. Houve um estalo estrondoso, um barulho alto que fez os dois pularem.

— O que foi isso? — Alex parecia trêmula. — Não pode ter sido um raio, pode?

— Não, claro que não. Mas devo dar uma olhada.

— Desse jeito? — Alex deu a ele um olhar incrédulo. — Você mal

conseguirá atravessar o quintal. — Ele já estava vestindo as roupas, sua pele se arrepiando em protesto contra a lã úmida de suas calças.

— Preciso ir ver os animais — disse ele, erguendo as sobranceiras quando ela começou a se vestir.

— Se você for, eu vou — disse ela, calçando pares duplos de meias.

Eles deram as mãos enquanto caminhavam pelo pátio. Apesar da lanterna, ele não conseguia ver nada, e as pedras abaixo de seus pés estavam traiçoeiramente escorregadias com o gelo. Em um ponto, os dedos dela se soltaram de sua mão, e ele teve um instante de pânico, vendo-a engolida para sempre naquele branco rodopiante e impenetrável, mas então a mão dela estava de volta, e ele os estava conduzindo na direção geral do estábulo — ou onde pensava que o estábulo deveria estar. O vento soprava em rajadas tão fortes que eles tinham que se inclinar para evitar serem soprados para longe, e quando ele finalmente discerniu o contorno cinza do estábulo, seu cabelo, seus cílios, suas sobranceiras e seu casaco estavam todos cobertos de gelo.

O estábulo estava de pé e, depois da tempestade lá fora, era o paraíso entrar em seu relativo calor e silêncio. Matthew deixou Alex na porta e caminhou pelo local, inspecionando portas e venezianas. O sotão; ele escalou, amaldiçoando em voz alta quando viu o vazamento.

— O que aconteceu? — ela chamou de baixo. — O telhado caiu?

— Não, mas há um vazamento. Dê-me um balde e um ancinho. — Alex o seguiu e assumiu o rastelo enquanto avaliava onde colocar o balde, olhando para as telhas encharcadas acima de sua cabeça.

O celeiro não estava danificado, assim como o galpão da lavanderia e o galpão de fumaça. Muito antes de chegarem à privada, ele sabia que era ali que estava o dano. Apesar do vento e da neve, havia um fedor de esterco no ar e, quando eles finalmente puderam ver, ele ficou boquiaberto. A privada havia sumido. Em vez disso, havia um monte de gravetos, tudo esmagado pelo enorme carvalho que estava sobre o local.

Alex tentou dizer algo, mas o vento arrebatou as palavras de sua boca. Ela ficou o mais perto que pôde, os lábios a uma polegada de sua orelha.

— Eu disse que poderia ser pior!

Oh, sim; uma privada não era um grande problema. Ele os virou em direção à casa, tremendo em suas roupas geladas. Alex gritou, alto o suficiente para fazê-lo pular. Ela tropeçou, colidindo com ele com tanta força que os dois caíram.

— O que foi? — Matthew cambaleou, usando as duas mãos para içar Alex de volta. Ele se atrapalhou com sua adaga, pensando que talvez ela tivesse visto um lobo faminto e malvado saindo por de trás das árvores. Ela choramingou contra ele. Ele inclinou a cabeça para a



boca dela.

— Olhe, olhe para cima na encosta!

Matthew apertou os olhos. A noite estava dando lugar a um dia cinzento e a neve estava menos pesada, permitindo alguma visibilidade. Tudo o que ele viu foi branco; branco no chão, árvores endurecidas com gelo branco, branco no ar.

— Não há nada lá — disse ele, com a boca em seu ouvido.

— Sim, há — ela insistiu, o hálito quente fazendo cócegas na pele de seu pescoço e mandíbula. — Oh, Deus, definitivamente tem algo ali. Logo atrás das roseiras. — Ela tentou se esconder nas roupas dele, o tempo todo emitindo uma série de gemidos baixos e dissonantes. Ele olhou novamente, e seus braços surgiram para abraçá-la.

— Oh, Senhor, não, não assim! — Ele já estava se movendo na direção da forma silenciosa, arrastando Alex consigo. — Por favor, não, não assim.

A Sra. Williams não o ouviu. Ela nunca mais ouviria ninguém, a não ser que fossem as doces vozes dos anjos do céu. Estava sentada com as costas contra o tronco de uma árvore, usando nada além de uma camisola. Seu cabelo estava congelado em mechas longas e duras, a pele de um azul manchado mesclado com cinza, e seus olhos estavam arregalados e cegos. As pregas da camisola estavam congeladas no alto das coxas, e seus braços descobertos pendurados ao lado do corpo. Os pés descalços estavam ensanguentados e rasgados, e de seu pulso direito pendia uma fita azul enfiada em uma chave de ferro forjado.

— Ela estava indo para casa — disse Matthew, tentando fechar os olhos vidrados. — A pobre mulher estava voltando para casa para morrer.

Não foram exatamente boas-vindas. Mal Simon e Joan chegaram de Edimburgo, todos partiram para assistir ao enterro da Sra. Williams, com Alex informando-os no caminho.

— Pobres garotas — disse Joan, aproximando-se de Alex.

— Sim. — Ela observou as últimas remanescentes da família Williams enquanto eram levadas para longe da sepultura em que sua mãe tinha acabado de ser enterrada, junto com o menino que faleceu não mais do que um dia antes dela. — Você acha que ela quis? — Alex perguntou, enxugando as mãos nas saias.

— Sim, eu acho, ela tirou peça por peça de roupa.

O súbito degelo que se seguiu à tempestade de neve revelou um rastro de roupas descartadas, subindo as encostas e avançando em direção à fazenda Brown.

— Você faz isso quando fica com muito frio — disse Alex —, então o ato em si não significa nada.

— Você se despe quando está com frio? — Joan piscou com espanto.

Alex acenou com a cabeça.

— Conforme seu corpo esfria abaixo da temperatura normal, o sangue é puxado de suas mãos e pés e você começa a se sentir quente. Bem, é o que dizem, de qualquer maneira. — Ela sorriu tristemente e cerrou seu aperto em torno de Daniel. — Esperemos que ela tenha morrido acreditando que era um dia de verão, caloroso e acolhedor.

— Sim, esperemos. — O tom de Joan desmentiu suas palavras.

Alex procurou por Matthew no pequeno grupo de pessoas. Ele desaparecera na tarde após a tempestade e ficou fora por várias horas, descartando as perguntas dela com um breve comentário de que precisava ficar sozinho. Agora ele estava em um pequeno grupo de homens, e mesmo de onde estava, Alex podia ouvir as vozes baixas e raivosas enquanto olhavam na direção da sepultura recém-preenchida. Em volta dos homens pairava a Sra. Brown, esperando que seu marido a levasse para casa.

Faltavam três dias para o Natal, e Alex nunca se sentira menos inclinada a comemorar esse feriado, zangada com Deus por permitir que pessoas inocentes sofressem em Seu nome. Eles tinham tido uma discussão terrível sobre isso no dia anterior, ela e Matthew, e não

tenham conseguido se reconciliar ainda, ambos lançando olhares cautelosos um para o outro.

— Como você pode pensar que Ele se importa? — Alex gritou. — Ele está obviamente ocupado com um monte de outras coisas, não é? Muito ocupado para erguer uma mão protetora sobre as pessoas que foram expulsas de suas casas por causa de sua fé Nele.

— Eles foram levados à Sua presença — Matthew tentou argumentar.

— Como você sabe? Talvez estivessem predestinados a sofrer e morrer, e nunca chegar ao céu. Afinal, é nisso que você acredita, não é? Que algumas pessoas são escolhidas para viver vidas que podem levar ao céu, enquanto a maioria, bem, são apenas lixo, extras. E, ei, Deus provavelmente está um tanto blasé agora. Todas as pessoas que morreram em Seu nome ao longo dos tempos, às vezes deve fazê-lo bocejar e sair para fazer pipoca enquanto pensa em qual filme assistir. Nesse caso, é muito melhor assistir a um mártir cristão ser dilacerado por leões do que ver uma pobre mulher morrer congelada em desespero.

— Você blasfema! — Matthew engasgou, afastando-se dela.

— Blasfemo? Pois isso é o que você ganha quando se casa com uma mulher que foi criada com um pensamento racional, em vez de uma fé cega.

E era aí que as coisas estavam no momento, Matthew tinha fingido estar dormindo quando ela foi para a cama na noite anterior, ela fingiu que estava dormindo profundamente quando ele rolou para fora da cama esta manhã.

— Mas com certeza... — Joan balançou a cabeça depois de ouvir a breve recapitulação de Alex. — Você não pode estar falando sério. Deus está sempre certo.

— Mesmo? Para mim, parece que Ele é muito cego ou extremamente indiferente. — Ela estava seriamente zangada com Deus; horrível homem de barba branca sentando-se lá entre Seus anjos no paraíso eterno e deixando os pequeninos morrerem por ele. A alternativa, é claro, era que Deus não fosse presbiteriano e não tivesse grande afeição por eles. Joan ficou horrorizada quando Alex disse isso em voz alta.

— Bem, você não sabe, não é? Ele pode ser católico, sabe como é. Pelo que sei, todos os cristãos foram católicos nos primeiros 1.500 anos depois de Jesus, então o céu deveria estar cheio deles. Ou... — acrescentou ela, incapaz de resistir — ...Deus é judeu. Sim, isso provavelmente faz mais sentido. Os judeus são Seu povo escolhido, e foi a eles que Ele falou pela primeira vez.

Joan ficou pálida; sem mais uma palavra, ela foi embora.

— Oh, querida — Alex murmurou —, não tem nenhum senso de

humor.

— Você se esquece de que eles foram criados com muito rigor — Simon disse mais tarde, ainda rindo da ideia de Deus ser judeu. — Para Malcolm, sua crença era algo muito sério, e seus filhos passavam muito tempo com o nariz enfiado na Bíblia ou sendo catequizados.

— E veja que bons exemplos todos eles se tornaram — disse Alex causticamente. — Especialmente o mais novo. — Ela acrescentou açafrão à massa que estava preparando, misturando mel, passas e sal. O açafrão tinha custado muito, mas ao vê-lo no boticário, ela não foi capaz de resistir. Cobriu a massa com um pano e fez com que ela ficasse sovada antes de voltar suas atenções para o presunto.

— É difícil questionar as verdades com as quais você cresceu — disse Simon, encostado na parede da cozinha. — Na casa dos Graham, havia apenas uma verdadeira religião, e esse era o Kirk da Escócia, legado do santo John Knox.

— E em sua casa?

Simon encolheu os ombros.

— Meu pai era advogado, passou a vida com o nariz enfiado nos negócios de seus semelhantes. É um tanto desencantador que... Minha mãe era papista, uma moça das Terras Altas. — Ele deu uma risadinha. — Ela só concordou que eu fosse criado no Kirk porque ser visto como presbiteriano dedicado ajudava meu pai em seu negócio. Mas em segredo ela me ensinou o rosário e tudo sobre os santos. — Ele inspecionou uma maçã enrugada antes de mordê-la. — Meu pai sabia, mas não desaprovou. Em sua opinião, uma mente aberta era um bem valioso, tanto na religião quanto em outras coisas. Não que ele tenha dito isso em voz alta, ou eu não teria permissão para chegar perto de Joan Graham.

— É tudo tão incompreensível para mim que me sinto totalmente fora do contexto. — Ela se ergueu para se sentar na mesa, balançando as pernas. — Eu nem tenho certeza... — Ela balançou a cabeça. — Há dias em que não tenho certeza se Deus existe.

— Sim, eu tenho esses dias também. Mas é melhor não os mencionar a Joan.

Alex riu e deslizou de volta para o chão.

— Não mencionarei.

— Não agora, não tão perto do Natal — disse Alex no dia seguinte, olhando pela porta para os três cavaleiros no pátio.

— Pelo visto, sim. Você fica aqui — disse Matthew, levando a mão ao rosto dela. — Eu volto já. Simon, Ian, venham comigo.

Juntos, os cunhados foram para o quintal coberto de geada, com

Ian correndo atrás deles. Joan veio ficar ao lado de Alex. Foi uma conversa sombria, com Matthew balançando a cabeça repetidamente. Simon deu um passo à frente, com as mãos em um gesto apaziguador, e depois de alguns minutos o tenente conduziu seu cavalo em um círculo fechado, cruzou o pátio na direção oposta àquela por onde tinha vindo e dirigiu sua montaria para a charneca, seus dois homens saindo atrás dele.

— O que é agora? — Alex perguntou uma vez que todos voltaram para dentro de novo.

Simon revirou os olhos.

— Eles estão apenas circulando, desejando a todos nós a alegria do Natal.

— Fomos aconselhados a ficar em casa nos próximos dias — disse Matthew em tom irritado. — E fomos lembrados mais uma vez sobre os perigos de apoiar criminosos<sup>25</sup> confirmados ou participar de qualquer assembleia ilegal. — Ele parecia preocupado. — Eles estão atrás de Sandy, um novo tipo de caça à raposa.

— Vão encontrá-lo? — Joan perguntou, parecendo preocupada.

— Não sem cachorros e muita sorte, e Sandy não é bobo. Terá a inteligência de ficar quieto. — Matthew encontrou os olhos de Alex e se sentou para terminar seu café da manhã interrompido.

— Você está mais preocupado do que parece — comentou Alex várias horas depois.

— Eu estou. — Ele lançou um olhar pela janela para a luz fraca do dia de dezembro. — Ele não está bem, e esses últimos dias de tempo gelado o deixaram em péssimo estado. Se ele tiver que fugir... — Matthew se sacudiu. — Só há um caminho a percorrer; ele terá que entrar no rio.

— Vamos esperar que os soldados sigam seus próprios conselhos e fiquem em casa, ocupados recheando seus gansos — disse Alex —, e então esperemos que eles fiquem muito, muito bêbados, todos eles, para que nos deixem em paz por alguns dias.

Matthew tentou sorrir; não funcionou muito bem.

Quatro rostos jovens para ganharem um beijo de boa noite, um bebê para alimentar e colocar no berço, e então ela deitou-se na cama para esperar por Matthew. Podia ouvir a voz dele, um murmúrio sombrio vindo de baixo intercalado pelo alcance mais alto de Simon e rajadas ocasionais de riso. Isso a fazia se sentir segura, deitar meio adormecida em sua cama e ouvir o homem ao qual ela pertencia. Seu homem, seu Matthew... ela estendeu a mão para acariciar seu travesseiro.

— Querido Deus, segure-o em suas mãos e mantenha-o seguro — ela orou. Então riu de si mesma. — Eu sei, eu sei. Primeiro digo que não tenho certeza se você existe e então peço um favor. Mas se não for

por mim, então por ele, Deus. Porque ele é um bom homem e faz o seu melhor, ele sempre faz o seu melhor. — Ela rolou de lado, o travesseiro de Matthew em seus braços.

Ele não tinha certeza se ela acordara direito. Também não tinha certeza se ele próprio estava acordado, mas tinha uma clara memória de dar a Simon um instável boa noite e entrar em seu quarto para encontrar sua esposa dormindo, o travesseiro dele contra o peito. Depois disso tudo ficou muito confuso, mas seu pênis de alguma forma encontrou seu caminho para dentro dela, e ela começou a se mover contra ele, mas ele podia jurar que ela ainda estava dormindo, enquanto ele estava em um sonho movido a uísque, ancorado na realidade apenas por seu corpo, e pelo calor dela em torno de seu pênis ereto.

— Eu te amo — ele sussurrou em seu cabelo. — Eu te amo muito, minha linda Alex. — Mais fácil de dizer quando ela não conseguia ouvir, e ele murmurava sem parar, seu longo corpo dobrando-se em torno dela para mantê-la segura e para se certificar de que ela nunca, nunca o deixasse. — Minha Alex — ele murmurou, deslizando a mão sob o travesseiro para segurar seus seios. Ela grunhiu algo ininteligível, mas ele pensou ter conseguido decifrar seu nome. Meu próprio milagre, ele pensou vertiginosamente, meu presente de Deus.

— Você poderia ter me acordado — Alex parecia desaprovadora, mas o sorriso escondido no canto de sua boca destruiu o efeito. Matthew bocejou e espreguiçou-se.

— Você fica mais obediente quando está dormindo. Eu posso fazer tudo o que desejo com você então. — Ele a beijou na bochecha.

Ela torceu o nariz.

— Eca! O que você fez? Terminou um barril inteiro de uísque sozinho?

— Não — ele sentou-se rápido demais e apertou os olhos para a repentina dor de cabeça que disparou na base de seu crânio. — Simon ajudou.

— Oh, querido — Alex sorriu —, posso ver uma grande ressaca chegando.

Matthew afundou na cama com um gemido, cobrindo os olhos com o braço.

— Durma e eu farei o café da manhã para você.

Seu estômago apertou ao pensar em comida.

— Não, vou apenas dormir.

— Simon também? — Alex perguntou a Joan, que apenas balançou a cabeça.

— Esses dois e um litro, você nunca sabe como eles vão acabar. Devem ter ficado acordados a maior parte da noite. — Ela beijou Lucy no topo da cabeça e a colocou no chão, observando com orgulho maternal como sua filha correu para Ian.

— Obrigada, Ian — disse Joan —, não sei como vamos ficar sem você em Edimburgo.

— Você gosta de morar lá? — Alex perguntou.

Joan fez um som evasivo, puxou o cabelo para trás em um nó bagunçado e prendeu-o com os grampos.

— Gosto o suficiente. Simon tem muito trabalho e eu encontrei alguém que pode me ajudar com Lucy. Uma mulher da nossa idade, surda desde a infância. — Ela se ajoelhou para ajudar Ian a ajustar as roupas de Lucy. — Vá em frente, vão lá para fora, vocês dois. E o cachorro.

Ian pegou Lucy pela mão e a conduziu na direção dos estábulos para alimentar os porcos, com Rachel pulando ao lado deles, rosada de excitação.

— Ela tem uma queda por porcos — Alex suspirou, sorrindo com a exuberância de sua filha. — Até conseguiu ensinar um dos leitões a sentar. — Ela deslizou os olhos na direção da despensa e do presunto de Natal que a esperava. — Não que isso o tenha ajudado muito — murmurou ironicamente, fazendo Joan cair na gargalhada.

Alex partiu um pedaço do pão de açafrão, planejando o dia enquanto mastigava. A celebração do Natal na casa dos Graham era principalmente por causa dela, já que o Kirk escocês tendia a desaprovar a excessiva celebração desse feriado. Ao longo dos anos, Matthew e ela desenvolveram uma versão conciliatória das festividades, com ele insistindo que a leitura das Escrituras deveria ser a parte central do dia, ao mesmo tempo em que concordava com uma festa de Natal completa, mesmo que não tivesse aceitado a troca presentes. Alex fez uma lista mental dos alimentos em que precisava dar os retoques finais, começando com os doces.

Ao seu lado, Joan enrijeceu, olhando para ela com uma pequena ruga entre as sobrancelhas.

— Ouviu isso?

Alex tinha ouvido; um som de latido fraco que fez os pelos de seus braços se eriçarem.

— Cachorros — disse ela —, eles trouxeram cachorros para o musgo.

Quando Alex entrou no quarto, Matthew já estava de pé, vestindo-se às pressas. Desceu as escadas, saiu pela porta e subiu em direção à charneca, com Alex em seus calcanhares. Ele se atrapalhou com o cinto enquanto avançava, ajustando a bainha e a espada.

— Alguém os está alimentando com informações — disse Alex,

meio correndo para acompanhá-lo.

— Alimentando com o quê? — Ele subiu correndo a última encosta e ficou ofegante no topo plano da colina, examinando os arredores congelados, cada matagal, cada arvoredado atrofiado, como se esperasse ver Sandy surgir por trás deles. O som dos cães estava mais alto ali em cima, e mesmo que Alex não pudesse vê-los, podia imaginá-los. Grandes e pesados, os mastins não eram rápidos, mas eram meticolosos.

— Olhe o tamanho disso — ela continuou, agitando os braços para a vasta paisagem aberta. — E ainda sabem que devem olhar aqui, na confluência de Hillview com as águas. Ele pode estar em qualquer lugar, mas eles continuam voltando para cá, para estes poucos quilômetros quadrados.

Matthew franziu a boca, as sobancelhas escuras descendo para formar uma linha muito reta de raiva sobre os olhos que tinham ficado bastante frios.

— E alguém contou aos soldados sobre aquela emboscada fracassada. Eles sabiam. É por isso que o tal de Oliver avisou você. Então quem?

— Não sei, mas pretendo descobrir. — Eles permaneceram por um longo tempo sob as rajadas de vento gelado examinando o musgo, mas além do latido distante dos cães, não ouviram e não viram nada, absolutamente nada.



— Tenho que ir procurá-lo — sussurrou Matthew para Alex, inclinando-se para beijá-la na testa.

— Agora? — Alex piscou para ele, uma forma vaga no escuro.

— Eu tive um sonho e tenho que ir ver se ele está bem.

Alex sentou-se depressa, tremendo quando a colcha caiu de seus ombros, expondo seus braços para o ar frio da noite.

— Quer que eu vá com você?

Matthew balançou a cabeça; ele cobriria terreno muito mais rápido sem ela.

— Durma, estarei de volta antes do amanhecer.

— Durma, ele diz — ela resmungou, deitando-se enquanto ele a colocava na cama. — Durma enquanto seu marido vagueia no escuro na noite antes do Natal.

— Antes do amanhecer — ele prometeu, e a beijou novamente.

Alex dormiu e acordou várias vezes, relaxando totalmente apenas quando Matthew reapareceu nas horas cinzentas da madrugada. Ele deixou cair as roupas encharcadas em uma pilha antes de deitar na cama ao lado dela, fazendo-a gritar com seu toque.

— Matthew Graham, se você não tirar seus pés gelados das minhas pernas, posso lhe causar graves danos corporais, envolvendo minha agulha de tricô e seu olho.

— Oh, sim? — Ele afastou a camisola dela para aquecer as mãos em seu traseiro.

— Matthew!

— Estou com frio, mulher, faça algo a respeito.

— Huh — ela murmurou, mas puxou o marido o mais perto que ele pôde chegar. — Ele estava bem?

Matthew bocejou e murmurou algo ininteligível que ela interpretou como um sim.

Demorou metade da manhã para que Alex entendesse que eles tinham um novo hóspede, escondido no sótão.

— Você contou à sua irmã antes de me contar? — ela latiu para Matthew, com tanta raiva que mal conseguia falar com coerência.

— Ele precisa de ajuda — disse Matthew. — Joan pode cuidar dele.

Alex lançou-lhe um olhar que deveria tê-lo reduzido a um monte

de cinzas fumegantes, e foi até o sótão para examinar Sandy Peden. Ele parecia horrível, as bochechas afundadas em cavidades cinzentas, as pálpebras de um roxo escuro. Sua respiração saía em sussurros longos e instáveis e, mesmo agora, depois de horas sob as mantas, ele tremia. Sua perna estava enfaixada, mas havia sangue escorrendo em alguns lugares, indicando que o corte não era apenas longo, mas também muito profundo.

— Não em nossa casa — disse Alex, virando-se para encarar Matthew. — Você prometeu.

— Ele está ferido e doente.

— Eu posso ver isso, mas você prometeu. E pior ainda, você não me contou.

— Eu não poderia deixá-lo deitado assim no musgo! Ele estaria morto pela manhã.

Alex estudou o homem pálido em silêncio. Talvez fosse melhor assim, pensou ela, sem carinho, sentindo-se envergonhada de si mesma.

— Uma noite, só isso.

— Ele precisa de cuidados — disse Matthew. — Devemos ajudá-lo.

— Duas noites, não mais — Alex concedeu. Ela se abaixou sob o braço dele e escapou escada abaixo.

Joan se agitava, as bochechas brilhando de excitação enquanto levava comida, bandagens e roupas para o ministro escondido, à vista das crianças curiosas.

— Irresponsáveis! — Alex disse a Simon. — Eles esperam que crianças tão pequenas segurem a língua? — Ela olhou na direção de seu marido com quem não estava falando e se afastou, seguida por Rachel, que em voz alta perguntou por que tia Joan estava no sótão e se ela poderia, por favor, ir lá também?

— Rachel — a voz de Matthew interrompeu a filha. — Venha aqui, preciso falar com você.

— Sim — Alex murmurou baixinho. — Aproveite o tempo para explicar a ela o que você não se preocupou em me explicar, seu idiota. — Matthew parecia ter ouvido, porque ela podia sentir o olhar dele queimando suas costas. Bem, ela não se importou; ocupou-se em preparar o jantar de Natal, mantendo uma conversa animada com Simon e as crianças, enquanto ignorava Matthew completamente.

No final da tarde, Alex levou a bandeja para Sandy, ignorando os protestos de Joan de que essa era sua tarefa. Ela o colocou em um banquinho e se concentrou na ferida feia na perna, fazendo Sandy silvar quando cutucou e refez o curativo. Parecia limpo o suficiente, então provavelmente se curaria com o tempo. A tosse, entretanto ... ela balançou sobre os calcanhares e o estudou, sua inspeção sendo

devolvida por olhos cinzentos lacrimejantes.

— Eu sei que você não gosta — Sandy resmungou, procurando por seu lenço. — E eu gostaria de não ter necessidade de importuná-lo assim. — Ele sorriu fracamente. — Mas eu preciso, moça. Não estou pronto para morrer ainda. Ainda há muito a fazer. — Ele fechou os olhos, os cílios incolores vibrando contra suas bochechas pálidas.

— Sim, suponho que ser um joio no traseiro inglês é uma espécie de vocação — disse Alex, fazendo Sandy rir.

— Ouvi dizer que você acha que Deus é católico — disse Sandy entre tosses.

Alex levantou uma sobrancelha.

— Discutindo sobre mim com Joan? Ou talvez seja Matthew, procurando orientação sobre como lidar com sua esposa difícil? — Do jeito que Matthew se contorceu, ela teve sua resposta. — Teria sido melhor falar diretamente comigo, você não acha? — ela disse, antes de virar as costas para ele em um gesto de desprezo.

— Para responder à sua pergunta, o que eu disse foi que Ele pode ser, assim como pode ser judeu ou anglicano. Meu ponto é que não sabemos de qual igreja Ele participa, se é que existe alguma. Seria presunçoso presumir que Ele é presbiteriano, visto que a maior parte do cristianismo é de fato católica.

Sandy lutou para se sentar. Ele a encarou com um olhar severo, a impressão geral arruinada por seu nariz escorrendo e olhos vermelhos e inchados.

— Você não pode dizer isso. É uma blasfêmia.

— Não para o papa — ela retrucou. — Para o papa, é uma verdade dada por Deus.

Sandy engasgou.

— O Papa? Ele lidera uma igreja que se perdeu na idolatria, mais preocupada com as armadilhas e riquezas do que com a devoção espiritual. — E, acrescentou, ela não deveria esquecer que a Igreja Católica foi um instrumento na perseguição deles, assim como a Igreja da Inglaterra.

Alex encolheu os ombros.

— Não faz muito tempo, era o Kirk da Escócia que estava fazendo a perseguição em nome de Deus.

— Eu não — disse Sandy.

— Não? Então você nunca falou contra as práticas papistas diabólicas?

Sandy se contorceu.

— Devemos nos apegar à verdadeira fé.

— Isso é o que eles também dizem, e quem pode saber quem está certo e quem está errado?

— Certamente você não quis dizer isso — Sandy balbuciou. —

Você deve fazer sua esposa recobrar o juízo, Matthew. Ela é obstinada e fala de coisas que não compreende.

— Estou sentada bem ao seu lado, por isso dirija-se a mim, não a ele — disse ela.

Sandy espirrou, dobrando-se enquanto outro acesso de tosse o atormentava. Ele afastou para longe a mão de Matthew, respirando fundo algumas vezes antes de enfrentar Alex.

— Você pensa demais — ele ofegou. — Isso é impróprio para uma mulher. Você deve confiar no conselho de seu marido em todos os assuntos espirituais e então talvez haja esperança para você.

— Esperança de quê? De ter lugar em um céu governado por um Deus fanático? Não, obrigada.

Sandy piscou para ela, sua boca aberta. Jesus! Alex recuou; ele tinha o hálito de um arminho morto.

— Você fala de coisas que não entende — disse Sandy —, e se esquece do seu lugar. Você é apenas uma auxiliar e companheira de seu marido, e deve, em todos os assuntos de maior importância, se curvar à vontade dele.

— Mesmo? E é isso que ele pensa também? — Alex deu a Matthew um olhar farpado. — E então, é?

— Não, claro que não — ele respondeu com um suspiro.

— Isso é bom, visto que eu nunca consideraria nenhum homem meu superior intelectual. De qualquer forma — ela continuou —, agora que estamos tendo uma discussão teológica, posso muito bem confessar e dizer que tenho grandes problemas com todo esse absurdo de predestinação.

— Absurdo? — A voz de Sandy guinchou. Ele teve um acesso de tosse, olhando para ela por cima do lenço encharcado.

— Você não pode dizer isso — Matthew protestou. — É a verdade. Deus determinou que alguns seres humanos receberão a salvação eterna, como indicação de Sua misericórdia e justiça, enquanto a maior parte não, em justa punição pelo fardo do pecado que todos nós carregamos.

— Parece muito justo — disse Alex sarcasticamente.

— Predestinação não é absurdo, é o principal princípio da fé — Sandy acrescentou, agora suficientemente recuperado para ser capaz de falar. — Deus estende a possibilidade de graça a alguns escolhidos entre nós, e somente àqueles.

— Bem, você diria isso, não é? Suponho que esteja se contando entre os poucos eleitos.

Até mesmo Matthew sorriu com o rubor vermelho brilhante que surgiu no rosto de Sandy.

— Não sei — murmurou o pregador.

Alex bufou e balançou a cabeça.

— Seja como for... a predestinação tira um elemento de responsabilidade. Se Deus já predestinou, então por que se preocupar? Para mim é muito mais claro; temos livre arbítrio e podemos escolher moldar nossos destinos como quisermos. São as escolhas que fazemos e as ações que realizamos que, no final das contas, contam, não uma loteria divina aleatória. Isso é no que eu acredito, em todo caso.

Bem, isso os calou. Se Sandy fosse católico, estaria agitando um crucifixo e possivelmente um punhado de alho para ela, de tão chocado que parecia. E quanto a Matthew, para sua surpresa, ele assentiu, testando um sorriso fraco em sua direção. Esqueça; ela olhou para ele, jogou a bandeja carregada no colo de Sandy e saiu.

— Você deve puni-la — disse Sandy. — Para o bem dela, você deve arrancar esses equívocos da cabeça dela.

Matthew deu a ele um olhar incrédulo.

— Bater nela? Não, eu nunca vou colocar a mão em Alex.

— Ela está colocando sua alma imortal em perigo, a pobre mulher tem a cabeça cheia de bobagens, mas bobagens perigosas. O que nossos irmãos pensariam se a tivessem ouvido falar como ela acabou de fazer? Ela seria castigada, expulsa do Kirk.

Matthew apenas balançou a cabeça.

— Eu tenho sorte pela minha esposa, ela viajou o mundo por mim, arriscou sua vida para me encontrar e me trazer de volta para casa. — Ele partiu um pedaço de pão e o mastigou. — Alexandra Ruth, esse é o nome completo dela. Ela mais do que provou ser minha Ruth. Eu posso viver com ela não sendo Martha, eu não quero que ela seja, quero que ela seja exatamente como é.

Sandy exalou ruidosamente.

— Eu mesmo falarei com ela então — disse ele em um tom triste. — Devo tentar colocá-la no caminho correto.

— Faça isso — respondeu Matthew com um aceno encorajador.

Tinha sido um dia de Natal horrível, e a noite não foi nada melhor. Linhas de batalha foram traçadas na sala, com Simon e Alex sentados juntos, enquanto Joan se acomodou em um banquinho aos pés de seu irmão. Os filhos voavam de um pai para o outro; afetados pela atmosfera tensa, eles se tornaram barulhentos e briguentos, forçando Matthew a gritar para eles se sentarem e ouvirem, pois ele não estava prestes a ler para eles o evangelho de Lucas?

Ian afundou ao lado de Alex quando Matthew abriu a Bíblia, encostado em suas pernas. Ele passou a maior parte do dia no topo da pista procurando por soldados, tão nervoso quanto ela pela presença de Sandy, e jantou deixando seu lugar normal ao lado de Matthew

para se sentar ao lado dela.

Ela bagunçou o cabelo dele. Desde o incidente na guarnição de Cumnock, havia um vínculo especial entre eles, ambos membros do clube vamos-manter-Matthew-a salvo. Não que ele estivesse facilitando para eles. Suas mãos se apertaram; e se os soldados viessem agora? O que aconteceria então? Ela se levantou, interrompendo Matthew no meio da história do nascimento de Jesus, e sem uma única palavra conduziu os filhos até o quarto.

Ela se assustava a cada som no dia seguinte. Andava repetidamente para cima e para baixo na estrada, toda tensa de medo. Quando Matthew tentou falar com ela, ela se afastou, quando ele veio atrás, ela se virou e saiu da sala. Se havia alguém que ela não queria ver, tocar ou falar, era ele, e foi por isso que ela passou a noite no quarto das crianças, ignorando-o completamente quando ele apareceu na porta em mangas de camisa, pedindo a ela para parar com aquilo e dormir onde era seu lugar.

Ela contou as horas até o anoitecer, relaxando com alívio quando a escuridão caiu. Sem soldados, não no dia após o Natal, pelo menos, e agora só faltava mais uma noite e Sandy iria embora. Sentia-se pequena e mesquinha por ansiar em expulsar um homem doente e ferido de sua casa, mas ela tinha suas prioridades firmemente em ordem, e nessa lista Sandy Peden estava bem no fim.

Homenzinho tenso, ela pensou com raiva, mas reconheceu que não era justo. Peden tinha seus momentos de retidão obstinada, mas também tinha momentos de profunda percepção espiritual e bondade instintiva. Ela passou a segunda noite também com seus filhos, em uma combinação de proteção para com eles e raiva de seu marido. Bem antes do amanhecer, se levantou e, quando o resto da casa acordou, ela já estava no quintal, mantendo sua vigília silenciosa.

— Ele se foi? — Alex perguntou a Simon quando ele se juntou a ela.

— Não, a última vez que vi a Joan ela estava preparando o café da manhã para ele.

— Ótimo pra caralho, eu disse duas noites, não duas noites e três dias inteiros. — Ela olhou na direção de Cumnock. Nada; sem nuvem de poeira, sem reflexos brilhantes. — Você fica aqui de olho?

Ele acenou com a cabeça e puxou a capa mais apertada em torno de si.

— E você?

— Eu? Tenho um convidado de que me livrar.

— Quando ele vai embora? — Alex perguntou a Matthew quando entrou na cozinha. — Eu o quero fora da minha casa agora.

— Mas ele está doente! Sua tosse está tão forte como quando eu o

trouxe aqui.

Alex apontou para a estrada.

— O que você vai fazer se — não, quando — uma tropa de soldados se materializar ali? Pegá-lo nos ombros e correr para a floresta? Escondê-lo debaixo da cama e torcer para que eles não olhem lá? Você me prometeu, Matthew Graham, que não nos colocaria em risco, mas é isso que você faz a cada minuto que ele permanece em nossa casa. Não me toque! — ela rosnou quando ele tentou colocar um braço em volta dela. — Não tente me amolecer para aceitar. Você prometeu.

— Ele é um amigo em necessidade.

Alex balançou a cabeça lentamente.

— Ele é um fora-da-lei e sua presença aqui coloca todos nós em risco. Você quer ver todos nós vendidos como escravos? Você quer que seus filhos vivam a vida escravizados em uma fazenda de tabaco na Virgínia?

Isso foi muito traiçoeiro; um chute que o atingiu diretamente nas bolas. Ele estremeceu tão violentamente como se ela o tivesse esbofeteado, seus olhos mudando para um verde lamacento.

— Você sabe que não.

— E ainda assim é isso que você está arriscando. Que eu seja abusada, seus filhos escravizados e que você se torne escravo de novo ou seja enforcado. — Ela não gostou de si mesma por dizer isso, não quando ele empalideceu, um braço estendido para se apoiar contra a parede.

— Você sabe... — ele começou, engolindo em seco com tanta força que ela podia ver seu pomo de adão balançar para cima e para baixo. Ele ergueu os olhos agonizantes para ela. — Eu não quero isso, mas não posso deixar Sandy morrer. — Seus olhos se encontraram e eles se encararam.

— É uma questão de prioridades. Sua família ou seu amigo; seu casamento ou seu amigo, sua vida, todas as nossas vidas, ou a vida dele. Faça a sua escolha, mas esteja preparado para viver com as consequências.

Ele não disse nada por um tempo. Ela sustentou seu olhar, ouvindo o som de sua própria respiração e da dele.

— Ele terá partido ao meio-dia — disse Matthew e girou nos calcanhares.

**E**les não sabiam como chegar um ao outro — ou melhor, ela não queria, despedaçada porque ele havia quebrado a promessa que fizera a ela. A ela! As palavras subiam quentes e com raiva por sua garganta ao vê-lo, palavras que torciam sua língua em nós e eram engolidas — algumas coisas era melhor não serem ditas. Em vez disso, Alex escapou para a preparação das festividades do Hogmanay, por menos inspirada que se sentisse sobre a coisa toda.

— Pelo menos ninguém vai sair com fome — disse Alex, contando as tortas, pudins e bolos empilhados.

— Deveríamos mesmo estar realizando esta dança? — ela continuou, dirigindo-se a Joan. — Isso pode ser considerado impróprio.

A Sra. Williams tinha sido enterrada há apenas oito dias, Matthew e ela não se falavam nem se tocavam, as crianças orbitavam como satélites nervosos em torno de seus pais silenciosos, Joan continuava fazendo comentários oblíquos sobre o dever cristão em geral e para com os ministros em particular. Alex sentou-se para cuidar de Daniel. Só ele, de toda a família, permanecia alheio, sorrindo para a mãe.

— É tarde demais para cancelar — disse Joan — e talvez seja do que as pessoas precisam. Uma festa entre amigos. — Ela estava colocando alimentos em uma cesta.

— Para Sandy? — Alex perguntou bruscamente.

— Sim. Matthew levará para ele mais tarde. Não devemos esquecer nosso amigo e pregador.

Lá estava ele de novo, aquele tom de desaprovação, e Alex decidiu ali mesmo que bastava daquilo.

— E se fossem seus filhos? Se fosse o seu Simon que se arriscasse a ser enforcado por causa da amizade e da fé?

As bochechas de Joan adquiriram um tom rosado.

— Algumas coisas valem a pena.

— Fácil para você dizer — Alex retrucou. — Você não está exatamente arriscando nada, está? É meu homem quem vai carregar aquela cesta pela charneca, não você ou seu precioso Simon. E se o pararem? E se atirarem? O que você vai me dizer? Que eu deveria estar feliz por ele ter morrido por uma causa nobre? Pior ainda, Joan, eles não vão atirar nele. Não, eles vão multá-lo e então estaremos



todos perdidos. Ou você vai arranjar 200 moedas?

Joan escondeu o rosto, resmungando que esse dinheiro não poderia ser arranjado.

— Não — disse Alex. — Eu não pensei que pudesse. Hipócrita de merda. — Ela se levantou com Daniel em seus braços e saiu da sala, chutando a porta da cozinha atrás de si.

— Ouvi dizer que você brigou com Joan — disse Matthew, sentando-se na beira da cama.

— No momento, parece que estou brigada com todo mundo — murmurou Alex. Sua cabeça doía depois de uma discussão agravada com Simon. Não era como se ela esperasse que Joan saísse sozinha para entregar as coisas para Sandy, certo? E de qualquer maneira, por que ela não poderia? Se estava tão interessada em ajudar o maldito Sandy Peden, então poderia muito bem dar uma caminhada rápida pela charneca, tanto quanto Matthew poderia. Provavelmente estaria mais segura, dado seu gênero.

— Comigo também? — Matthew colocou a mão em seu quadril.

— Claro que com você também! É tudo culpa sua, para começar. — Ela afastou a mão dele e se sentou contra a cabeceira da cama. — Você me prometeu, e pior ainda... Não, cala a boca, você me escuta, ok? — Ela olhou feio quando Matthew pareceu a ponto de interromper. Então respirou fundo uma e outra vez. — Como você pôde? Como pôde trazê-lo aqui e nem me contar? Você acha que eu seria tão fria a ponto de recusar ajuda a ele, dado seu estado?

— Não, mas...

— Mas o quê? Melhor escondê-lo?

— Não parei para pensar. Eu estava molhado e com frio, estava clareando o dia, e tudo que eu tinha na cabeça era voltar para casa sem ser descoberto. E Joan estava acordada, então ela me ajudou a fazê-lo subir as escadas, e então, bem, eu sabia que você não iria gostar, então...

— Então você esperava que eu não descobrisse — ela concluiu por ele. — Você obviamente me acha muito estúpida ou desatenta.

— Claro que não! Eu teria contado em algum momento.

— Sim, se nada mais, apenas quando os soldados viessem galopando por nossa estrada. — Ela abraçou o travesseiro contra o peito. — Você sabe, algo como “Alex, esqueci de dizer, mas podemos ter um pequeno problema”. — Ela imitou seu sotaque com perfeição e, apesar da situação, ele sorriu.

— Nenhum de vocês entende — disse Alex. — Não é que eu não goste de Sandy, mesmo que às vezes ele seja um pouco demais para a minha cabeça, é que estou paralisada de medo de que, ao ajudá-lo, você esteja nos amaldiçoando. Para mim, nossos filhos devem estar

sempre em primeiro lugar. Para mim, você vem primeiro. Mas para você, parece que o bem-estar de Sandy é mais importante, e isso dói.

— Isso não é verdade, você sabe que não é verdade. — Ele se aproximou o suficiente para tocá-la, fechando a mão sobre seu tornozelo. — Eu não vou fazer isso de novo.

— Fazer o quê? Mentir para mim? Quebrar suas promessas?

— Não vou nos colocar em risco, vou até parar de ajudar. — Ele parecia arrasado ao dizer isso, e Alex o olhou longamente.

— E então você vai sentar em cima de suas mãos e me odiar por impedi-lo de sair correndo em defesa de seus amigos e crenças. — Ela balançou a cabeça. — Eu não posso pedir isso a você. Mas peço que me diga a verdade, sempre, e que mantenha nossa casa longe do problema.

— Eu prometo — ele disse, e para as sobranceiras levantadas dela ele deu um sorriso torto. — Sim, Alex. E não vou quebrar o juramento desta vez, nem vou mentir para você de novo. Eu vou te contar tudo.

Ela deu a ele um olhar duvidoso, fazendo-o franzir a testa.

— Dou a minha palavra, sim? Você não acredita em mim? — Ele se inclinou em sua direção, o olhar queimando no dela.

— Sim — disse Alex depois de um minuto ou mais. — Mas se você quebrar essa promessa, eu vou embora.

— Embora? Embora como?

— Saindo pela porta, subindo a estrada e partindo daqui. — Ela sacudiu a cabeça na direção de várias bolsas de couro meio embaladas. Ela até tinha conversado com Simon sobre isso, mas ele pareceu horrorizado com a ideia. Para ser honesta, ela também, mas havia dias em que tudo aquilo era demais, longas noites em que ela se preocupava em não conseguir lidar com tudo, em não poder viver com esse fardo constante de medo de que de alguma forma ele lhe fosse arrancado. Não conseguia encontrar os olhos dele e, em vez disso, concentrou sua atenção em sua aliança de casamento, girando-a em seu dedo.

— Eu não vou quebrá-la — disse ele com voz rouca.

— Bom.

— Você deveria fazer as pazes com Joan — ele disse enquanto se levantava.

— Ou ela comigo. Foi ela quem ficou fazendo comentários desagradáveis nos últimos dias.

— Você é um tanto intimidante para ela.

— Ela é a cristã perfeita, não eu, então se ela quiser consertar as coisas, é melhor tomar a iniciativa. Eu não vou. — Não me venha com essa, seu tom avisou. Com um suspiro, Matthew se virou para sair.

— Matthew?

Ele parou na porta.

— Sim?

— Eu quero que seja como deveria ser.

— Eu também, moça.

Ela acenou com a cabeça e manteve os olhos na parede. Com um baque suave, a porta se fechou em seu rastro.

Mais tarde, naquele mesmo dia, Matthew seguiu o som de vozes estridentes e felizes, sorrindo ao ouvir Rachel insistir que sabia nadar e que, naquele verão, ela mostraria a Mark de verdade. Amanhã sua menina faria quatro anos, nascida na Colônia da Virgínia na véspera do Ano Novo. Ele a recebeu neste mundo, suas mãos foram as primeiras a tocá-la, seus braços os primeiros a segurá-la, e ele se perguntou se era por isso que sentia uma afinidade tão forte com ela. Ou talvez fosse porque ela era muito filha de sua mãe e, ao observar Rachel crescer, ele tinha uma breve visão da criança que Alex fora um dia.

O galpão da lavanderia estava cheio de corpos jovens em diferentes estados de nudez. Ian já estava de camisa de novo, Jacob e Daniel estavam tão nus quanto no dia em que nasceram e Mark estava ocupado com suas meias. Rachel ainda estava na banheira, cantando algo para si mesma.

— Você precisa de ajuda?

Alex deu a ele um olhar confuso, tirando o cabelo de seu rosto úmido e rosado. Ela estava linda e de repente ele soube exatamente o que fazer para consertar as coisas entre eles. Ele estendeu a mão e puxou um cacho que escapou, observando com interesse como a ponta de suas orelhas ficou um rosa promissor.

— A ideia era fugir para tomar banho sozinha — disse ela. — Mas então todos eles decidiram que queriam se banhar.

— Eu não — Ian disse com uma voz áspera.

— Não. — Alex sorriu para ele. — Mas se estou dando banho em quatro, posso muito bem dar banho em cinco.

Em menos de cinco minutos, Matthew esvaziou o galpão da lavanderia de crianças, prometendo a Alex que ela teria as horas de paz de que precisava enquanto ele cuidava para que as crianças fossem alimentadas e colocadas na cama. Ela afundou no banco com um grunhido e ficou sentada assim por algum tempo, esperando que a água do caldeirão esquentasse. Matthew havia criado um sistema de barris que enchia com água da chuva ou neve derretida, e esses barris ficavam perto o suficiente do caldeirão para facilitar muito o trabalho de carregar a água. Ainda assim; três baldes aqui, outros dois ali... seus braços doíam com o esforço.

Alex se despiu, perguntando-se em que ponto Matthew pretendia voltar. Quando ela estivesse no banho ou depois? Suas mãos deslizaram pela frente de seu corpo, sobre as coxas. O regime forçado de exercícios matinais regulares que ela implementou após o nascimento de Daniel estava tendo o efeito desejado, mesmo que seus músculos abdominais nunca mais fossem os mesmos. Ela entrava em pânico regularmente com o envelhecimento, porque ao seu redor, via mulheres mais jovens do que ela desabarem em uma aparência mais velha do que ela já tinha visto em sua própria época. Dentes caídos, colunas vertebrais permanentemente arqueadas...

Com uma inspiração, ela entrou na banheira. Muito quente, e ela pulou de um pé para o outro por algum tempo antes de se abaixar centímetro por centímetro na água. Pronto, muito melhor; ela afundou ainda mais, baixo o suficiente para a água tocar seu rosto. Sua mão deslizou por entre as pernas, e ela estava molhada e escorregadia, mas um pouco mais fria do que a água que a rodeava. Ela se tocou, flutuando em seu banho, e ansiando por Matthew, pela força dele dentro de seu corpo e seu comprimento em cima dela.

Alex correu para a cozinha.

— Você tomou um bom banho? — Matthew podia ver em seu rosto que ela esperava algo mais, e isso o agradou, fazendo com que suas partes íntimas se contraíssem consideravelmente. Ela murmurou alguma coisa, pendurou a capa e foi em direção à escada, mas foi bloqueada por Matthew.

— Tomou?

Ela estava usando apenas sua camisola limpa, e ele estava perto o suficiente para que pudesse sentir o calor irradiando dela.

— Sim — disse ela em uma voz sem fôlego. Ele acenou com a cabeça, movendo-se para o lado. Mais uma vez, uma grande decepção em seus olhos. Ela poderia esperar por isso, ele a faria esperar.

Durante toda aquela noite ele a provocou; um pé serpenteando por suas pernas sob a mesa, uma mão que apertou com força seu cabelo quando ele passou por sua cadeira, um dedo roçando sua coluna vertebral. Ele se sentou do outro lado da sala de onde ela estava costurando e sabia que tudo o que tinha a fazer era olhar nos olhos dela e inclinar a cabeça para que ela se levantasse e subisse para esperá-lo. Isso o fez latejar, e ele achou cada vez mais difícil se concentrar no que Simon estava dizendo.

Sua esposa também podia jogar este jogo, segurando a camisa que estava fazendo e dizendo-lhe para se levantar para que ela pudesse compará-la com ele. Suas mãos o acariciaram através do tecido de suas calças, e Matthew quase se dobrou, mas foi mantido em pé pela outra mão em seu ombro.

— Ops. — Ela sorriu quando o espetou com um alfinete, muito de propósito. Com uma expressão afetada, ela sentou-se e continuou a costurar, mas ele podia ver como suas pernas se agitavam, como seu peito arfava.

Finalmente, Matthew não pôde esperar mais. Seu pau estava em chamas, e ele nem mesmo fingia estar ouvindo Simon, seu olhar colado na nuca vulnerável de sua esposa. Também de propósito, ele reconheceu, Alex se espreguiçou e comentou algo enquanto puxava o cabelo para cima, deixando o pescoço e as orelhas tentadoramente nus. Os olhos dela deslizaram em sua direção, escuros na luz fraca do cômodo. Ele lambeu os lábios e ergueu uma sobranceira. Ela sorriu, um lento sorriso oculto que a fez brilhar.

— Fora daqui, vocês dois — Simon bufou, empurrando Matthew, que se inquietou com seu tom, murmurando algo sobre estar cansado.

— Sim — Simon disse. — Você vai adormecer no momento em que sua cabeça tocar o travesseiro.

— Eu sinceramente espero que não — Alex disse em um tom baixo que fez Simon explodir de tanto rir.

As mãos dele estavam nos quadris dela já na escada. Dentro do quarto, ele a beijou até que ela ficasse mole e maleável em seus braços, moldando-se a ele da maneira que desejasse. Ele lutou com seu corpete e seu espartilho, ela abriu sua camisa, suas calças. Ele desprendeu as ligas de suas meias, ajoelhando-se para tirá-las dela, e encostou-a na parede.

— Espere — disse Alex —, eu...

Sua boca cobriu a dela. Não era hora de conversar. Ele se sentou no banquinho e puxou-a para si. Ela montou nele, ele abriu as pernas e ela deslizou para baixo em seu colo, em seu pênis. Matthew abriu mais as coxas e todo ele estava dentro dela. Suas respirações vieram em suspiros curtos e rápidos e ela ficou na ponta dos pés, afundou de volta, lentamente, dolorosa e lentamente. Ela estava quente, úmida, cheirava a alecrim e lavanda, e quando ele a mordeu, não muito gentilmente, ela gritou o nome dele.

— Matthew — ela gemeu, levantando-se alguns centímetros de seu colo antes de afundar novamente. Ele colocou a boca contra o oco de sua garganta, beijando o ponto onde sua pulsação disparava como um coelho. Rápido e forte, seu pulso ressoou através dele, misturando-se com sua própria batida, uma sincopação perfeita. Ele lutou para ficar de pé, com ela ainda lá, sobre ele, e ela passou os braços em volta de seu pescoço.

E então eles estavam na cama, pele nua contra pele nua, pernas torcidas juntas e era quase insuportável, essa sensação de queimação que fluía por suas bolas e em seu pênis. As mãos dele se enredaram nos cabelos dela, ele a beijou, mordeu, e ela o mordeu de volta. Ele se

ergueu acima dela, ela se mexeu de um lado para o outro e ele se enterrou nela, mais e mais fundo, e ela ainda não estava perto o suficiente, não tão perto quanto ele queria. Ah! Sim, ali, as pernas dela em volta dos quadris dele, a virilha dela esfregando contra a dele, e meu Senhor, Alex, sua Alex, sua... Aaaah!

Como um peixe estripado, ele se deitou em cima dela e foi apenas com um grande esforço que conseguiu rolar e deitar de costas arfando. Ao lado dele, ela se espreguiçou e se aninhou em seu peito. Matthew sorriu para ela, erguendo a mão para acariciar sua cabeça escura.

— Foi como deveria ser?

Ela assentiu, pressionando-se ainda mais perto dele.

— Fico feliz — ele respirou.

— Eu também — ela sussurrou de volta.

A dança foi um sucesso estrondoso. Insuflada por desespero e medo, alimentada por muita bebida, tornou-se uma reunião selvagem, com os violinistas iniciando uma dança após a outra sob os gritos de alegria do povo. Os bolos desapareceram no momento em que foram servidos e, em um canto isolado, Alex encontrou Mark e Ian com os narizes enfiados muito fundo na sidra.

Matthew estava em toda parte; na pista de dança, com os violinistas, conversando com seus vizinhos, carregando um Daniel inquieto para permitir que Alex se sentasse e comesse algo em paz. Brindes foram feitos, e Rachel foi içada para ficar em cima de uma mesa, recebendo uma salva de palmas estridente por ser seu aniversário.

— Se não tomarmos cuidado, ela vai pensar que esta é a festa de aniversário dela — disse Alex a Simon.

— Ela já pensa. — Simon riu. — Você viu Joan?

Alex apontou na direção onde as mulheres estavam se reunindo.

— Lá, com Lucy.

Simon suspirou.

— Ela sabe que você está certa, que deve pensar antes de mais nada na sua família. Mas ela está igualmente convencida de que é nosso dever cristão ajudar Sandy Peden e os outros.

— Tudo bem; deixe-a fazer isso então. Eu não vou impedi-la.

Esta noite ela não iria pensar sobre nada daquilo; não nos soldados errantes nem em Sandy Peden, tremendo sozinho em uma caverna úmida e fria. Em vez disso, ela se jogou na festa, rindo e dançando. A certa altura, esbarrou em Matthew na pista de dança, foi erguida em um arco alto, beijada e solta, e ele foi procurar uma nova parceira. Alguns momentos depois, veio se juntar a ela em um dos bancos improvisados, entregando-lhe uma caneca de cidra.

— Vou subir a colina mais tarde — disse ela.

Ele sorriu com indulgência.

— Envie-lhe meus cumprimentos. — Ele olhou ao redor do espaço lotado. — Leve Ian com você, não quero que suba até lá sozinha.

— Por que estamos fazendo isso? — Ian correu atrás de Alex, a lanterna balançando para um lado e para o outro em sua mão.

— Eu sempre faço isso na véspera de Ano Novo — disse Alex. — Em homenagem ao meu pai. — Desde que fora lançada no tempo, ela não perdia seu encontro anual de Ano Novo com seu pai, alguns momentos em que ela tentava comunicar a Magnus o quanto sentia falta dele.

— Seu pai? Ele está morto então?

— Não tenho certeza. — Alex suspirou, ciente de que isso apenas despertava a curiosidade de Ian ainda mais. — Ele se perdeu de mim durante uma tempestade. — Não era uma inverdade completa, mesmo que tenha sido ela quem se perdeu de Magnus, não o contrário.

— Oh — disse Ian. — Como?

— Não sei. Eu fui atingida por um raio e quando acordei... bem, eu estava aqui, mas ele não.

— Doeui? — Ele estava andando perto o suficiente para que seus braços se roçassem.

— Oh, sim — disse Alex. — Não é algo que eu queira experimentar novamente, deixe-me dizer a você. — Por uma variedade de razões, a principal era que ela não queria experimentar mais uma queda no tempo.

Ele ainda estava lá. Alex relaxou. Enquanto ela ficava em silêncio e brindava a Magnus, podia sentir sua presença, vê-lo inclinar-se em sua direção através dos tempos para beijá-la na bochecha. Não está morto, não está morto, ecoou em sua cabeça, fazendo-a querer pular de alegria.

**M**atthew deu um passo para trás nas sombras e observou a Sra. Brown sair correndo na direção da igreja. Uma, até duas vezes, poderia ser coincidência, mas aquela era a terceira vez que ele a via nas proximidades dos edifícios improvisados da guarnição.

Hoje ele até a vira entrar, com o xale puxado bem alto sobre a cabeça em uma tentativa fraca de se disfarçar. Um intermediário; menos conspícuo do que seu marido ruivo, e ainda por cima mulher. Ele não sabia ao certo, advertiu a si mesmo, poderia haver uma série de razões para a Sra. Brown visitar os soldados — não que ele pudesse pensar em qualquer outra, exceto duas. Ou ela estava informando ou estava se prostituindo, e por mais que os soldados estivessem desesperados, a Sra. Brown não era nenhuma mocinha. Mas espere, não havia um filho, um rapaz mantido a sete chaves? Ele franziu a testa. De acordo com o que se lembrava, o garoto havia sido preso em agosto passado e, se assim fosse, já estaria morto ou tinha sido vendido como escravo. Estranho; não conseguia se lembrar de Brown falando sobre seu filho, pelo menos não recentemente. Ele encolheu os ombros; talvez fosse muito doloroso.

Quaisquer reflexões adicionais sobre este assunto foram interrompidas por Peter dando tapinhas em seu ombro. Como ele precisava de uma nova cabeça de machado, Matthew acertou o passo com ele, indo para a ferraria.

Ele estava voltando para a pousada em cujo estábulo deixara seu cavalo, quando uma voz ecoou na praça do mercado, chamando seu nome. Matthew suspirou em reconhecimento. Aquele capitão maldito... Ele se virou, envolvendo a capa com mais força em torno de si. O capitão Howard e o jovem tenente estavam correndo pelas pedras na direção dele, suas capas largas flutuando ao redor deles.

— Tempo ruim — resmungou o capitão. — Chuva, chuva, chuva e esse vento terrível. Por que em nome de Deus alguém escolheria viver aqui está além do meu entendimento.

— Bem, então eu sugiro que você vá embora — disse Matthew. — Não vamos incomodar você e você não vai mais nos incomodar. — Ele manteve os olhos no tenente que passeava ao seu redor.

— O que o traz a Cumnock? — perguntou o capitão, inclinando-se ameaçadoramente em sua direção.



— Negócios — disse Matthew. — Meus negócios.

O tenente o empurrou com força, fazendo-o cair de joelhos.

— Você não tem negócios que sejam apenas seus — disse o capitão, observando Matthew se levantar. — Então, por que está em Cumnock?

— Eu já disse: negócios. — As mãos de Matthew estavam cerradas em punhos, mas ele manteve a voz sob controle, lutando contra a névoa de raiva que o fazia querer girar e afundar seu punhal naquele projeto de tenente.

O capitão Howard deu um passo para trás.

— Leve-o sob custódia — disse ao tenente. — Ele está obstruindo a lei.

Matthew fincou o pé no chão.

— Eu não vou a lugar nenhum com você, não tem motivo para me deter.

Uma pequena multidão de pessoas se movia em sua direção e um baixo murmúrio de concordância foi ouvido, fazendo o capitão lançar um olhar nervoso por cima do ombro.

— Este é um rebelde — disse ele —, conhecido por ter ajudado repetidamente homens fora-da-lei. — Houve um murmúrio de aprovação das pessoas reunidas, fazendo o capitão olhar carrancudo para Matthew.

— Você tem revistado minha casa regularmente e nunca encontrou um fora-da-lei lá, não é? — Matthew falou calmamente, olhando para o capitão enquanto seus ouvidos se esforçavam para ouvir o que o tenente estava fazendo. Outro empurrão, desta vez não foi o suficiente para mandá-lo para o chão, mas ainda assim... Não deixe que o provoquem, ele pensou, é isso que eles querem.

— Nós sabemos que você escondeu aquele maldito Peden lá! — disse o capitão.

— Vocês sabem? Onde? Já que eu mesmo não o vi.

— Tenho testemunhas que me garantem que Peden foi levado para a sua casa.

Matthew riu alto.

— Se você tivesse testemunhas e provas para corroborar o que elas disseram, então não estaríamos aqui. Em vez disso, você fica aqui falando mentiras, acusando-me de coisas que não pode provar. E você... — Ele girou tão abruptamente que o tenente se esforçou para recuar. — ...sempre se esgueira pelas costas dos homens em vez de encará-los de frente? É assim que os ingleses são ensinados a lutar? — Uma risadinha voou pela multidão, fazendo o tenente enrubescer.

O capitão Howard se aproximou.

— Você vem conosco para um interrogatório, Sr. Graham. Agora, pode vir em silêncio, ou pode vir gritando, mas tenha certeza de que

definitivamente virá conosco.

— Por que você precisa ser tão difícil? — Oliver suspirou, entregando a Matthew um lenço para enxugar o lábio partido. — Se tivesse vindo em silêncio, isso não teria acontecido.

— Eu vim em silêncio, mas isso aconteceu. Eles partiram para cima de mim no momento em que estavam fora da vista da multidão. — Matthew disse, estremecendo ao se sentar.

— Eles têm medo de você — disse Oliver.

— De mim? Eu nunca fiz mal a eles.

— De todos vocês. É uma experiência desesperadora viver em meio a tanto ódio silencioso.

— Não estamos impedindo vocês de irem embora — disse Matthew.

Oliver serviu um pouco de vinho para eles e sentou-se para estudar seu prisioneiro. Machucado, a capa suja e rasgada, Matthew ainda emanava uma autoridade silenciosa que fez Oliver olhar para ele com respeito relutante. Matthew Graham não mudara muito desde o garoto que tinha sido. Sem dúvida, ainda possuía o nível de inteligência e a capacidade de liderar que desde o início o haviam destacado para tarefas que exigiam não apenas coragem, mas um senso desenvolvido de certo e errado.

— Por que estou aqui? — disse Matthew.

— Você sabe por que: Alexander Peden. O preço por sua cabeça foi aumentado, e é apenas uma questão de tempo antes de encontrá-lo. Quase encontramos, poucas semanas atrás, mas de alguma forma ele evitou os cães. Suponho que tenha entrado no rio.

— Não tenho ideia, mas pelo menos ele não apareceu flutuando no meu lago do moinho.

— Não, provavelmente teríamos ouvido se ele estivesse morto — Oliver concordou.

— Por que você está aqui? — Matthew perguntou.

Oliver esvaziou seu vinho e encolheu os ombros.

— Alexander Peden.

Matthew bufou.

— Sandy pode ser muitas coisas, mas certamente não pode ser considerado um inimigo do estado a ponto de merecer sua presença específica.

— Não estou aqui por escolha!

Matthew o olhou de cima a baixo.

— Sim, você está; não sobreviveu tanto tempo no exército sem ser adepto da manipulação.

Oliver riu.

— Temo que esteja me superestimando, Matthew. — Se não fosse

por aquela maldita onda de azar, ele não estaria ali; mas forçado a ganhar a vida com dívidas crescentes, ele recebera a tarefa de limpar o norte dos pregadores obstinados, que falavam de sedição no momento em que abriam a boca. Combinava bem com suas preocupações particulares, mas ele não tinha motivo para compartilhar essa informação com Matthew.

— Vai ficar muito, muito pior — disse Oliver. — O atual parlamento não vai parar por nada em seus esforços para erradicar o movimento Covenanter.

— Não pode ser eliminado, e você sabe disso tão bem quanto eu; algumas coisas, uma vez acordadas, não podem ser apagadas.

Oliver assentiu severamente.

— Faça uma fogueira para um homem e ele ficará aquecido por um dia...

— Coloque fogo em um homem e ele ficará aquecido para o resto de sua vida. — Matthew completou. Ele se levantou. — Tenho que ir. Se eu puder, é claro. — Havia uma acidez em seu tom. Oliver o considerou por alguns momentos antes de assentir. Não havia nada a ganhar trancando Matthew por uma ou duas noites.

— Como você concilia o que está fazendo com sua consciência? — Matthew perguntou a Oliver enquanto o seguia em direção ao portão.

— Minha consciência? Eu já disse, não disse? Vou avisá-lo como puder, e espero fervorosamente nunca pegar Peden, ou qualquer um dos outros pregadores.

— Você vai — disse Matthew. — Homens como o Capitão Howard farão com que você faça isso.

— Eu sei. — E assim que o fizesse, Oliver ficaria em silêncio e observaria.

Oliver voltou para seus aposentos imerso em pensamentos, uma espiral de autorrepulsa enrolando-se cada vez mais em suas entranhas. A que ele estava se prestando? Pareceu tão fácil quando Luke elaborou os detalhes gerais; prender Matthew por sedição, multá-lo, e todas suas dívidas seriam perdoadas. De acordo com Luke, Matthew estava fortemente envolvido com os pregadores proscritos de qualquer maneira, então tudo que Oliver tinha que fazer era garantir que a multa cobrada fosse enorme e que ele não fosse condenado à morte.

— Porque se ele morrer, seu filho ficará com Hillview — explicou Luke —, e não é isso que eu quero. — Oliver suspirou; uma pena pela mulher atraente e pelos filhos, mas o que ele podia fazer? Era a família Graham ou sua própria casa e filho.

— Você o deixou ir? — O capitão Howard ficou tão surpreso que esqueceu o tratamento costumeiro para um oficial superior.

— Sim — Oliver respondeu. — Não havia motivo para segurá-lo, havia?

— Mas a mulher! Ela disse que tinha visto Peden com Graham.

— E isso valeria algo em um julgamento? — Oliver zombou, notando como Howard tentou evitar olhar para o lado machucado de seu rosto. — Tudo o que você conseguiu foi colocá-lo ainda mais em guarda. Terei que trabalhar muito mais para fazê-lo abaixá-la. — Ele franziu a boca. — Vou avisá-lo algumas vezes, e então... bem, então simplesmente não vou mais. — Ele sorriu complacentemente para o homem mais jovem. — Só precisamos que ele vá a uma reunião clandestina, e então o prenderemos lá, de preferência com o Peden. — Ou talvez deversemos armar uma armadilha mais sutil, ele franziu a testa, lembrando-se de que Matthew Graham não era bobo. Sim, uma armadilha com isca... sua mente zumbiu em atividade.

— E então ele será enforcado — disse o capitão Howard com satisfação.

Oliver balançou a cabeça.

— Não, Howard. Não enforcado; deportado, eu acho, e multado. Muito pior.

— Ele enforcou o tenente Gower, deveria ser enforcado também, por Gower e pelos dois homens que matou na charneca.

Oliver fez um som impaciente.

— Conjectura, Howard.

Já estava escuro quando Matthew voltou para casa. Alex estava esperando por ele e saiu para cumprimentá-lo no momento em que viu o cavalo. Ele desmontou, entregou as rédeas a Gavin e veio em sua direção, movendo-se com menos agilidade do que o normal.

— Eles bateram em você! — ela disse, observando sua boca inchada.

— Não importa — disse Matthew, seguindo-a para dentro. — É esse negócio com Oliver que me preocupa. Eu não entendo, moça. Pode ser uma coincidência que Oliver tenha sido designado para vir para Cumnock, mas o fato de ele conhecer Luke faz com que tudo cheire a armadilha. Mas por quê? Como Luke pode usar o major contra mim? E por que Oliver se prestaria a algo sórdido assim, para começo de conversa? — Ele franziu a testa, sentando-se à mesa da cozinha. — Fiquei tentado a confrontar Oliver hoje, exigir que ele explicasse como conhece Luke, mas isso não seria sábio. Preciso de mais informações e, então, devo agir com o máximo cuidado em torno desse antigo amigo meu.

Alex terminou a inspeção de seus hematomas e foi até a lareira.

— Da próxima vez que eu vir o major, posso ficar tentada a enfiar os dedos em seus olhos. Odeio a maneira como ele me olha.

— O quê? Você o viu mais de uma vez?

Alex acenou com a cabeça e serviu uma porção de sopa de cebola,

entregando-lhe a tigela e uma colher antes de se sentar ao lado dele.

— Ele esteve aqui algumas vezes, mas sempre nessas buscas quando você não estava em casa. Duas vezes quando você acompanhou Simon e Joan a Edimburgo.

— Por que você não me contou?

Alex encolheu os ombros; o aparecimento de soldados em suas terras tornara-se uma ocorrência tão diária que não merecia nada além de comentários básicos. Até as crianças erguiam os olhos do que estavam fazendo, percebiam os homens da lei e depois os ignoravam.

Os soldados pareciam achar isso chato e embaraçoso, e Alex capitalizou sua ambiguidade sendo educada e oferecendo-lhes cerveja ou cidra após cada busca. Isso fez com que o capitão Howard explodisse em pontos vermelhos brilhantes ao ouvir seus homens desejarem um bom dia quando partiram. O major, no entanto, riu e conversou com ela, elogiando sua cerveja, sua torta e seus seios — bem, não em voz alta, mas pela maneira como seus olhos estavam pendurados nela. Ela mordeu o lábio. Wyndham e Luke; Luke e Matthew, Hillview. Hillview! Sim, era isso; Wyndham estava aqui por causa de Hillview.

— Ele está aqui para garantir que você não seja enforcado — disse Alex a Matthew em uma voz que surpreendeu até a ela por sua naturalidade.

Ele lhe lançou um olhar cauteloso.

— Luke não quer você morto, porque se isso acontecer Hillview passa para Mark, certo? Não, Luke quer que você seja multado, e então ele ficará de prontidão enquanto sua casa, sua família e, finalmente, você, são vendidos para cobrir o preço. De alguma forma, ele torceu o braço de Wyndham para garantir que as coisas ocorressem como ele planejou. Muito bacana, você não acha? E ainda melhor do ponto de vista de Luke, é que você terá causado tudo isso a si mesmo.

Matthew refletiu sobre isso por algum tempo.

— Faz sentido. E Oliver me avisa algumas vezes e um dia simplesmente não o faz, esperando que eu ache que é seguro. — Ele fez uma careta de desgosto.

Alex respirou fundo.

— Este será o ano em que você não irá a uma única reunião.

— Não, este é o ano em que terei que ser ainda mais astuto. Mas não serei impedido de ouvir a palavra de Deus, nem por meu irmão nem por aquele falso amigo da minha juventude.

— E por sua esposa? — Alex estava com o coração na boca.

— Não me peça isso — disse ele. — Por favor, Alex, não.

Simplesmente assim, ele mergulhou os dois em mais um silêncio

mortal, dias em que ela o evitava, escorregando como água por entre seus dedos quando ele tentava encurralá-la. Na frente das crianças e das outras pessoas, Alex agia como se as coisas estivessem como deveriam, mas uma vez que ficavam sozinhos ela se fechava completamente, fugindo para a cama assim que podia.

Ele tentou; Deus sabe que tentou, mantendo longos monólogos onde tentava explicar que precisava daquilo, era como ar e água para ele, e é claro que seria cuidadoso, atento a cada passo que dava. Mas ela nunca respondia, apenas rolava para o lado e lhe dava as costas. Só uma vez ela disse alguma coisa, depois de uma noite em que Matthew ficou rouco, antes de desistir e se calar ao lado dela.

Ela pigarreou.

— Se alguma coisa acontecer com você, se eles te levarem para a charneca, eu vou matar todos os nossos filhos e depois a mim mesma. Imediatamente. Só para você saber.

Ele ficou atordoado por suas palavras pelo resto da noite.

— Você não quis dizer aquilo — declarou categoricamente na manhã seguinte, bloqueando a saída do quarto.

Alex se sentou na cama e se ocupou com suas ligas.

— Não me diga o que eu quis ou não dizer.

— Você não faria isso — ele implorou.

— Sim, eu... eu teria que fazer.

— Mas... — Ele balançou a cabeça. — Seria um pecado grave!

Alex olhou longamente para ele.

— Então, se eu matar nossos filhos e cometer suicídio em vez de enfrentar os horrores do trabalho forçado que inevitavelmente levará à morte ou pior para crianças tão jovens quanto as nossas, isso seria um pecado?

Ele assentiu.

— Então entende-se que se colocar em perigo de tal maneira que me obrigue a fazer isso também é pecado, certo?

Ele gemeu, passando a mão pelo rosto.

Ela se levantou e o afastou.

— Touché, imagino. — Ela parou e agarrou o batente da porta ao sair, mantendo-se de costas para ele. — Eu peço a você, Matthew. Desta vez, estou pedindo, não, implorando, que não chegue perto de uma única reunião neste ano.

— E o que você vai fazer se eu não puder prometer isso? — ele perguntou, forçando as palavras a subirem por uma traqueia eriçada de espinhos.

— Eu não sei — disse ela suavemente. — Mas de alguma forma acho que nosso casamento vai acabar. Pelo menos nunca mais será o que costumava ser.

— Entendo — ele respondeu tão suavemente quanto.

**M**atthew já estava de mau humor antes de ver a grande tropa de soldados vindo pela estrada. Um ultimato; Alex o havia colocado com as costas contra a parede, e mesmo que reconhecesse que ela fizera isso por medo — por ele, por seus filhos e por ela mesma — ele estava afundando em ondas de raiva vermelha brilhante por ela tentar fazê-lo escolher entre sua fé e sua família.

Por um instante fugaz, ele se perguntou se Davy Williams tivera essas discussões com sua esposa, se teria sido mais fácil se Alex fosse uma cristã devidamente criada em vez da mulher meio pagã que ele às vezes considerava que ela fosse. Williams estava morto, ele lembrou a si mesmo, assim como sua pobre esposa e a maioria dos filhos, então não ajudou muito, não é?

Foi com um temperamento sombrio que Matthew caminhou para se colocar na frente do capitão Howard e de seus homens. Muitos homens, e também cães, as enormes bestas presas por grossas coleiras cravejadas.

— É melhor você segurar Aragorn — ele disse a Ian, que tinha surgido ao seu lado. — Capitão, a que devo este prazer? — Ele olhou incisivamente para onde Samuel e Robbie conduziam a parelha de bois. O final de fevereiro era uma época agitada na fazenda, e ele estava bastante convencido de que o capitão Howard sabia disso.

— Oh, tenho certeza de que você sabe por que estamos aqui — disse o capitão Howard. — Na noite passada, quase encurralamos Alexander Peden na saída da estrada para Cumnock, e ele foi visto vindo nesta direção.

— Ele deve ter vindo e ido embora como uma sombra na noite, porque eu não o vi, nem o abriguei.

— Ah, Sr. Graham, mas isso é o que você diria.

Com isso, Howard acenou com a cabeça na direção dos homens que seguravam os mastins, e os cães foram soltos para correrem livres, criando um pandemônio enquanto os animais da fazenda reagiam a esses novos visitantes indesejáveis. Howard acenou com a cabeça novamente e seus homens desmontaram, desembainharam as espadas e passaram por todas as construções.

Sacos de sementes rasgados, barris de cerveja e cidra virados — aonde quer que fossem, eles deixavam um rastro de destruição,

fazendo Matthew dar um nó nas mãos em uma ira inútil, ciente de que Howard observava cada movimento seu. Matthew esperava que Alex aparecesse ao seu lado e deslizasse sua mão na dele, mas um olhar furtivo por cima do ombro a mostrou em pé na porta da cozinha com Daniel em seus braços, e ele se sentiu abandonado por ela. Ela sabia o quanto custava a ele controlar seu temperamento, como às vezes ele lutava contra a raiva escura como breu, e agora o estava deixando para lutar por conta própria. *Nosso casamento vai acabar, ou pelo menos não será o que costumava ser*, a frase ecoou em sua cabeça.

Os soldados voltaram balançando a cabeça e os cachorros foram chamados a se calar. Matthew começou a relaxar. Logo eles iriam embora e ele poderia voltar ao seu plantio da primavera e aos seus problemas conjugais. Mas o capitão Howard não havia terminado. O oficial estava montado em seu cavalo, os olhos escuros vagando de Matthew para os estábulos e vice-versa. Um pequeno sorriso apareceu no rosto do capitão, que se alargou em um sorriso amplo.

— Você — ele disse a um de seus dragões. — Vá e pegue o garanhão de sua baía.

— Ham? — A voz de Matthew aumentou. — Por que você levaria meu cavalo?

— Oh — disse o capitão Howard —, precisamos de novos cavalos.

— Você não vai roubar meu cavalo — disse Matthew, dando um passo ameaçador em direção ao capitão.

O capitão desembainhou a espada.

— Roubá-lo? Vamos requisitá-lo para a coroa.

— Não, você não vai. — Matthew estava ficando cego de raiva. De muito longe, ele ouviu a voz de Alex, seu tom frenético enquanto ela chamava seu nome.

Ele deu mais um passo em direção ao capitão e a espada baixou rapidamente. Houve um grito atrás dele. Ian se jogou para frente e agarrou o braço do capitão, assustando o cavalo e o cavaleiro com seus gritos altos. Matthew olhou para sua camisa e para o sangue que escorria de um corte longo e superficial, e de volta para o capitão, que lutava para controlar sua montaria. Ele ouviu Alex chamar seu nome novamente e, com o canto do olho, viu quando ela entregou Daniel para Sarah e veio na direção deles.

— Tire o garoto de cima de mim — o capitão rosnou antes de fazer isso ele mesmo, enviando Ian para aterrissar no chão.

Matthew rosnou, o capitão ergueu a espada novamente. Matthew investiu, e o capitão desceu com força a parte plana da lâmina estreita na cabeça descoberta de Matthew. Seus joelhos se dobraram, a dor disparou como raios denteados por seu rosto e coluna. Houve um grito e uma pequena forma veio saltando do chão.

— Não, meu pai! Pare, seu homem mau. Ele está sangrando.



Rachel continuou gritando enquanto corria em direção a eles. Como um pequeno anjo vingador, ela disparou para perto, chamando por seu pai. Sua touca caiu, seu cabelo desceu em tranças desordenadas até os ombros, e quando o sol brilhou na espada nua de Howard, ela gritou ainda mais alto, um som sem palavras de partes iguais de raiva e medo.

— Rachel! — Matthew tentou chamar, mas saiu como um grasnido. — Rachel, pare, menina, fique longe. — Ele piscou em um esforço para impedir que sua cabeça estalasse de dor e cambaleou em direção a ela, os braços estendidos para detê-la. Mas Rachel não percebeu. Em sua mão, ela trazia uma vara e a brandiu para o cavalo.

— Vai! Deixe papai em paz! — A vara acertou a perna do cavalo com um estalo surdo.

O cavalo relinchou e empinou, as patas dianteiras se debatendo. Um casco enorme caiu com um estalo nauseante na cabecinha. Matthew observou horrorizado enquanto Rachel desabava, a boca aberta no meio da frase, os olhos mudando de um verde brilhante e raivoso para uma cor de avelã opaco em segundos. O corpinho robusto desabou, a cabeça balançando como um repolho em um talo de grama. Ela bateu no chão com um pequeno baque, e Matthew não conseguia ouvir, não conseguia ver nada além da pequena forma lamentável que era sua filha.

— Oh, Senhor — Matthew estava de joelhos, suas mãos trêmulas estendidas para sua garotinha imóvel. — Oh, Jesus do céu, minha pequena Rachel! — Não sua menina, por favor, Senhor, não sua garotinha. Ele rastejou em sua direção, tentando manter os olhos longe de seu crânio esmagado. Dois pés com botas apareceram em seu campo de visão cada vez menor, o rosto de um homem foi baixado para o seu. O capitão — não mais contido, mas pálido, tremendo como uma folha de álamo. Minha menina; meu amado Senhor, olhe para minha bela moça corajosa. O capitão estava falando. Com ele? Matthew não se importou.

— Não era minha intenção — disse o capitão. — Eu juro, Sr. Graham, eu não faria mal a uma criança.

Houve um barulho agudo, um som estridente que cortou como uma foice afiada no cérebro de Matthew. Ele tropeçou em seus pés, movendo-se na direção de Alex, agora voando em direção a eles com as saias amontoadas nas mãos.

— Rachel! — Alex gritou, empurrando Matthew para o lado. — Rachel! Quantas vezes eu já te disse ... Oh, Deus! — Ela derrapou até parar e então se curvou sobre a filha, virando-a suavemente. — Vamos, Rachel, isso não é engraçado, querida. — Ela beijou o rosto pálido, sacudiu o corpinho repetidamente. — Rachel? — A cabeça tombou para trás. — Não — Alex gemeu —, não, Rachel não. — Ela se

atrapalhou com o xale, sussurrou para Rachel que tudo ficaria bem, é claro que ficaria, antes de embrulhar a cabeça ensanguentada, o tempo todo conversando com a filha. — Viu? Muito melhor.

Quando Rachel continuou quieta e silenciosa, ela puxou a filha contra o peito, beijou-a e chamou seu nome, balançou-a para frente e para trás, implorando para que parasse de fingir, para começar a se mover novamente.

— Rachel, vamos, Rachel. — Ela a sacudiu, embalou-a ainda mais forte, prometendo que ela ganharia a última fatia do bolo de especiarias, mas, por favor, Rachel, pare com isso agora, ok?

— Ela se foi, Alex — disse Matthew com voz rouca, profundamente abalado com o comportamento da esposa. — Ela está morta.

— Não! — Alex se virou com olhos brilhantes. — Ela não pode estar! É uma criança, pelo amor de Deus. Um bebê de apenas quatro anos. — Ela ficou de pé, Rachel um peso mole em seus braços, afastando-se de todos eles, dizendo a Rachel em uma voz estridente e trêmula que, uma vez que estivessem dentro de casa, ela a lavaria e sopraria no ferimento horrível e então ficaria tudo bem, claro que sim.

Ele deveria ir atrás dela, ele deveria... Matthew caiu de joelhos, olhando vagamente para o chão. Braços em volta de seus ombros. Alex? Era sua Alex? Não; Ian. Ele balançou sobre os joelhos, os braços envolvendo a cintura de Ian. Talvez, se fechasse os olhos por tempo suficiente, aquilo iria embora, como um pesadelo que explode com os primeiros raios de luz da manhã.

— Não a garota — disse Howard. — Eu nunca quis matar a garotinha.

Não; você pretendia me matar, Matthew pensou vagamente, provocando minha fúria por causa de um cavalo.

— Saia — disse Ian, sua voz áspera. — Você já causou danos suficientes por hoje, e eu gostaria que fosse embora.

Matthew ergueu o rosto. Ian o soltou e ficou na frente dele, os braços abertos como se para protegê-los todos. O capitão Howard recuou, as mãos levantadas em um pedido de desculpas? Súplica? Matthew não se importou. No chão, a poucos metros de distância, havia uma mancha escura, e um dos soldados pegou a pequena touca, manuseando-a como se não tivesse certeza do que fazer com ela. Ian se aproximou dele e a pegou de volta.

— Vão! — ele disse, apontando para a estrada. — E deixem o cavalo — acrescentou ele, sacudindo a touca para o capitão.

— Claro, claro que vamos. — Aquele fio de voz era do capitão? Matthew semicerrou os olhos para ele. O homem parecia arrasado, prestes a explodir em lágrimas. Tarde demais; Rachel... e Alex; Oh, Senhor, sua Alex, e a expressão em seu rosto enquanto embalava Rachel contra o peito, enquanto se balançava sem parar em uma

tentativa desesperada de trazê-la de volta à vida.

— Sinto muito, Sr. Graham — disse o capitão novamente. — Eu sinto muito que sua filha esteja morta. Nunca foi minha intenção.

— Vá — Matthew forçou as palavras nos lábios. — Pode voltar e nos atormentar algum outro dia. Mas agora eu quero você fora da minha terra. Tenho uma filha para chorar e uma esposa para confortar, e Deus me ajude, não sei como fazer isso. — Ele olhou mais uma vez para a mancha deixada por Rachel, colocou as mãos no chão e cambaleou, usando Ian como seu suporte.

— Vá ficar com a tia Alex — disse Ian. — Eu cuido do resto.

Matthew respirou fundo e começou a longa caminhada em direção à casa.

Ele levou uma eternidade para atravessar o quintal. Pessoas; tantas pessoas, e ele ouviu soluços e murmúrios de condolências. No meio do caminho ele parou, olhou para trás, para onde Ian ainda estava, um rapaz desajeitado com os braços cruzados sobre o peito enquanto via os soldados partirem. Seguiu em frente. Havia um peso em seu peito, uma constrição que tornava difícil respirar, e quando ele enxugou o rosto ensanguentado, percebeu que estava chorando. Limpou a garganta, tossiu algumas vezes e pressionou a palma das mãos nos olhos. Agora não; ele poderia chorar mais tarde, agora tinha que consolar de alguma forma sua esposa.

Quando Matthew entrou em casa, a primeira coisa que viu foi sua filha, estendida sobre um cobertor na mesa da cozinha.

— Ela não está morta — Alex disse a ele. — Olha, ela ainda está respirando.

Para seu choque, ele viu que ela estava, respirações irregulares e rasas que mal levantavam seu peito. Desviou o olhar para a cabeça dela e vomitou violentamente na bacia. Não está morta... Oh, Senhor, não deixe que ela demore, não deixe sua mãe começar a ter esperança e então perdê-la mais uma vez. Ele despejou um pouco de água do jarro nas mãos trêmulas e esfregou o rosto antes de se virar.

Rachel ainda estava respirando. Da massa esmagada em sua cabeça minava sangue e outras secreções que escorriam por seu cabelo, acumulando-se logo abaixo da orelha em uma mancha que vazava lentamente para o cobertor abaixo dela. Alex estava fervendo água e Matthew viu que era tarde demais; sua esposa acreditava que a vida da filha poderia ser salva.

— Alex... é... ela vai morrer, sim? — Sua Rachel; seu raio de sol, sua filha adorada, reduzida a isso, isso... Ele gemeu.

— Eu sei. — Ela colocou a mão na testa de Rachel. — Mas eu não posso deixá-la assim, posso?

Juntos, eles lavaram a filha. Juntos, pentearam os finos cabelos

escuros para que caíssem em cachos ondulantes ao redor do rosto pálido e imóvel. Já não era Rachel, porque Rachel nunca ficava tão quieta, nem mesmo quando dormia. Juntos, eles se sentaram, esperando enquanto ela morria lentamente, e juntos eles cruzaram os braços sobre o peito estreito quando seu coração bateu pela última vez.

**M**atthew jogou o martelo longe. As tábuas de carvalho claro cuidadosamente escolhidas estavam dando trabalho e ele ergueu o pé para chutar uma delas, mas parou no último momento. Um caixão para sua menina, para a criança mais próxima de seu coração... E agora a vibrante Rachel deveria ser enterrada na terra fria e escura. Ele fechou os olhos, tentando em vão bloquear a imagem de sua Rachel comida por vermes. Quão insuportável seria para a mãe dela se já era assim para ele? Ele pegou o martelo e voltou ao trabalho.

Seis dias desde a morte de Rachel, seis dias em que o silêncio entre ele e Alex havia crescido. O conflito não resolvido a respeito de sua disposição de arriscar a vida pela fé estava inflamado entre eles, e agora com a pequenina Rachel morta... Tinha sido culpa dele; ele deveria tê-los deixado pegar o cavalo, deveria ter se jogado no caminho de Rachel, deveria...

Ele coçou o corte feito pela espada. Cada vez que começava a formar uma crosta, ele a abria, manchando suas roupas com outra linha escorrida de vermelho. Se Alex viu, ela não disse, tinha se afundado tão profundamente em si mesma que raramente parecia notá-lo. Ele precisava dela, mas não sabia como dizer isso, e ficava como um mudo suplicante diante dela, mas ela não via, nem mesmo olhava para ele.

A pouca energia que Alex tinha, ela utilizou para manter uma fachada de normalidade para seus filhos. Suas entranhas eram um vazio escuro e oco, e de vez em quando uma gota de luz do sol brilhava, iluminando a escuridão absoluta antes de estalar e morrer. Como quando Daniel se arrastou até ela e se levantou, balançando-se orgulhosamente antes de se sentar com um baque, ou quando Mark ofereceu a ela um floco de neve, murmurou um rápido “eu te amo” e saiu disparado. Ou Ian, se esforçando tanto para ser um adulto na ausência de pais, ajudando seus primos mais novos com tudo que podia, e ainda encontrando tempo para preparar uma xícara de chá de ervas para ela, colocando um braço ossudo em volta de seus ombros.

Ocasionalmente, ela estava ciente de Matthew e de sua dor silenciosa e agonizante, mas não tinha nada para dar a ele, não agora, ainda não, então tentou bloquear a dor dele, ouvindo apenas a sua

própria. Enquanto Matthew escapava para o plantio de primavera, Alex passava horas caminhando pela floresta, às vezes com seus filhos, mas principalmente sozinha, com a cabeça inclinada na esperança de que de repente ouviria a voz alta de Rachel dizer a ela para vir rápido, porque a porca estava fazendo aquilo de novo, comendo seus filhotes.

Só quando estava sozinha ela se permitia chorar, sentada por horas no topo da colina com o musgo borrando na frente de seus olhos. Depois disso, era sempre um alívio, a dor de alguma forma era desarmada em proporções mais controláveis, e por algum tempo ela conseguia agir normalmente com os meninos, discutir o jantar com Sarah ou ir observar os canteiros de sua horta. E então os dentes da dor voltavam, rasgando-a por dentro, e ela precisava de Matthew, mas não sabia como dizer a ele, então se sentava e o observava à distância, vendo como ele às vezes parava e vacilava, seus ombros curvando-se. Às vezes, ela estendia a mão na direção dele e fingia que a havia colocado em suas costas, deixando-o saber que ela, afinal, ainda estava ali.

Amanhã eles a enterrariam. Sua Rachel, deitada sozinha no escuro, sem ninguém para segurar sua mão ou acalmá-la se ela estivesse com medo. Alex não sabia como suportar, então, em vez disso, fugiu para dentro de sua mente, onde Rachel ainda estava viva, uma atrevida de olhos verdes que deixava seus pais loucos às vezes, mas era tão carinhosa em outras. Ela se recostou no tronco de uma árvore e fechou os olhos. Lá, em sua cabeça, Rachel sempre viveria.

— Mamãe?

Alex abriu um olho para ver Jacob agachado na frente dela. Jacob foi o mais afetado entre as crianças. Rachel e ele eram inseparáveis, passando seus dias inteiros juntos, e agora ela tinha partido, deixando-o muito sozinho e confuso.

— Ian disse que amanhã vamos cavar um buraco no cemitério e colocar Rachel nele. — Dois olhos enormes a encararam. — Ela não gosta de lugares escuros — contou. — Então eu disse a ele que não faríamos isso, ela vai ficar com muita raiva de nós se fizermos.

Alex engoliu em seco.

— Mas é isso que faremos. Colocaremos Rachel em um caixão e então a enterraremos. Mas para ela não vai ser frio ou escuro, para ela é tudo fofo e branco. Ela provavelmente está em algum lugar lá agora. — Ela apontou para uma pequena nuvem. — Vê? Lá, balançando na borda. Aquela é Rachel, e ela sempre estará lá em cima, olhando para você.

Jacob forçou seus olhos para a pequena nuvem. Sim, acenou com a cabeça ansiosamente, ele podia ver o pé dela, com as meias listradas que mamãe tinha feito para ela.

Alex beijou seu cabelo e o ajudou a se levantar.

— Vamos encontrar seus irmãos.

Enquanto eles cruzavam o pátio, ela ouviu o som de marteladas no depósito de lenha e hesitou. Será que deveria ir falar com ele? Abraçá-lo? Em vez disso, quando Jacob puxou sua mão ela o seguiu.

Matthew olhou para o caixão pronto e passou a mão pelo interior liso. Ele o havia lixado várias vezes até que ficasse macio o suficiente para Rachel se deitar sem farpas. Agora tudo o que precisava fazer era colocar a tampa e pronto. Não, porque ele teria que carregar o caixão até o galpão, e teria que erguer o corpo rígido para dentro dele, e então teria que pregar a tampa, isolando-a permanentemente do sol e da luz. Ele esfregou a mão pelo cabelo e suspirou.

— Você está bem?

A voz inesperada fez Matthew pular, e ele se virou para encontrar Sandy na porta. Momentos depois, estava nos braços de seu amigo enquanto Sandy acariciava suas costas, dizendo-lhe que era uma perda terrível, mas a menina estava com Deus agora.

— Não diga isso à mãe dela — disse Matthew. O pensamento em Alex o fez saltar para longe. — Você não deveria estar aqui! Se os soldados vierem...

Sandy sorriu e remexeu em suas roupas, produzindo um documento de aparência formal.

— Ele veio e me encontrou, ou melhor, pediu que o levassem para me ver.

Matthew leu o documento.

— Um salvo-conduto?

Sandy concordou.

— Válido por uma semana. Ele disse que você poderia precisar de mim.

Matthew traçou a assinatura na parte inferior do documento.

— Foi gentil da parte dele — disse a contragosto.

— Sim. Isso apenas mostra que nem todos os papistas são podres até a medula. Ele também prometeu garantir que não haverá buscas em Hillview durante a semana em que eu estiver aqui. — Sandy tossiu algumas vezes. — Mas, por precaução, não vou ficar na casa.

— Não, melhor não — Matthew concordou.

Alex ficou furiosa ao ver Sandy. Indiretamente, tudo aquilo era culpa dele. Ele e sua maldita religião a separaram de Matthew, e aquelas convicções levaram à morte de Rachel. Ela sufocou um soluço.

— O que você está fazendo aqui? — ela disse. — É muito arriscado e...

Sandy estendeu uma folha de papel grosso.

— Capitão Howard? — O homem devia estar chafurdando na culpa, e tinha feito a única coisa em que pôde pensar para oferecer apoio a Matthew. Ao fazer isso, estava arriscando sua carreira, colocando nas mãos de Matthew um documento que o condenaria caso algum dia viesse à luz. Alex dobrou a escritura e devolveu a Sandy.

— Isso significa que posso lhe oferecer hospitalidade abertamente — disse ela de forma educada, mas com muito pouco calor.

— Sim — o ministro acenou com a cabeça, já na mesa. Alex serviu-lhe comida e recuou alguns passos. Sandy envelhecera nos últimos meses, esquelético e grisalho com aquela tosse permanente. Ele também estava sujo, emanava dele um cheiro forte que fez as crianças se afastarem. Nenhum piolho, pelo que Alex podia ver, mas a pele estava cinza de sujeira. Não que ela pretendesse sugerir que ele tomasse banho; ele provavelmente iria olhá-la como se ela fosse a prostituta da Babilônia, suspeitando que tivesse planos malignos para ele. Pela primeira vez desde a morte de Rachel, Alex teve que reprimir uma gargalhada genuína.

Sandy arrotou.

— Não vou ficar na casa, é um risco desnecessário. Está uma bela noite, então vou me deitar perto do carvalho.

Alex acenou com a cabeça. Mandaria um cobertor extra ou dois e um travesseiro. Ela se levantou para pegá-los e parou quando Matthew colocou a mão em seu braço. Ele não a tocava há quase duas semanas, desde bem antes da morte de Rachel, nem ela a ele. Ele deixou cair a mão como se ficasse ferido pelo olhar dela.

— Você... — Matthew pigarreou. — Eu tenho o caixão pronto, você vai me ajudar a colocar Rachel dentro?

Ela o olhou por um longo tempo. Aquilo não era algo que ela poderia deixá-lo fazer sozinho, então ela assentiu.

Suas mãos tremiam tanto quando ele se aproximou de sua filha, que Alex teve vontade de chorar. Ela foi para o outro lado do banco em que Rachel estava deitada e indicou que estava pronta. O corpo não era mais sua filha. Frio, começando a inchar, era uma coisa inanimada que só lembrava vagamente a garota feliz e sorridente que povoava sua mente.

— Espere — disse Alex quando ele se curvou para levantar a tampa no lugar. — Eu tenho algo aqui, que eu quero que fique com ela. — Em sua mão, estava uma pequena escultura de madeira, o presente de Matthew no quarto aniversário de Rachel. Uma promessa que ele havia feito, colocando-a em suas pequenas mãos, uma promessa de que um dia ele lhe daria um cachorro de homem. Mas agora ele nunca o faria, e o mínimo que podiam fazer era enviar o Deerhound lindamente esculpido com ela, para ficar ao seu lado e



protegê-la.

Matthew soltou um pequeno gemido quando viu o que ela segurava e tropeçou para fora da porta. Alex colocou o cachorro ao lado da mão direita de Rachel, alisou o cabelo em uma aparência de ordem e arrumou as roupas para ficarem organizadas em torno dos membros rígidos. O cobertor macio de bebê foi puxado para cobri-la, e Alex passou um longo tempo mexendo nele para que ficasse bem, aconchegante ao redor de sua filha. Sua Rachel... Alex segurou a bochecha fria uma última vez, ergueu a tampa no lugar, certificou-se de que estava encaixada e pregou-a. Era o mínimo que podia fazer por ele. Na tampa, ele havia esculpido um coração, com um lindo “R” no meio. Ela o traçou com o dedo e se abaixou para beijá-lo. Amanhã iria fingir que não estava ali, iria ficar no pequeno cemitério e fingir que estava em qualquer outro lugar, menos ali.

Mas ela não conseguiu. Seus olhos grudaram no buraco, na terra amontoadá ao lado dele, e ela apertou seu abraço em seus filhos. Ao lado de Matthew estava Ian, perto o suficiente para tocar se Matthew precisasse, distante o suficiente para que não se impusesse. Mesmo em seu atual estado de desespero, Alex ficou maravilhada com a maturidade do menino, em como ele assumiu um papel que não era realmente dele na família destruída de seu tio. Tio? Só por seu comportamento, Ian provou, sem qualquer dúvida remanescente, que era filho de Matthew. Alex olhou para ele, cabelo castanho escuro encaracolado nas pontas excessivamente longas, sobrancelhas escuras e retas sobre os olhos daquele tom mágico de avelã que ele compartilhava com seu pai. Nada de sua mãe, em nenhum lugar havia vestígios de Margaret, era tudo Matthew, Matthew, Matthew.

O soluço de Jacob a trouxe de volta ao presente, e ela se abaixou para pegá-lo, permitindo que ele escondesse o rosto em seu ombro enquanto ela escondia o dela em seu cabelo. Ela não olhou enquanto a terra era colocada de volta no lugar, mas por mais que fechasse os olhos, não conseguia bloquear o som.

— Ela está bem aqui. — A voz de Sandy interrompeu Alex de onde ela estava colocando uma rosa perto da lápide de Rachel. Ela olhou para ele, mantendo-se de costas.

— Você acha? Pessoalmente, eu preferiria que ela ficasse deitada em sua cama à noite e corresse durante seus dias. — Ela continuou com seu trabalho, esperando que ele tivesse saído quando ela terminasse, mas ele ainda estava lá quando ela se levantou.

— Você terá mais filhas — disse Sandy, parando ao lado dela. Alex deu um tapa nele.

— Isso é um conforto? Você realmente acredita que posso substituir Rachel por outra criança?

Sandy esfregou a bochecha avermelhada, seus olhos cheios de uma compaixão que ela não queria ver neles.

— Não, claro que não. Rachel era Rachel; selvagem e bonita e com o coração de um leão, correndo em defesa de seu pai. Em muitos aspectos, muito parecida com sua mãe.

Alex cravou os dedos na carne de seus braços para se impedir de chorar.

— Você nunca vai esquecê-la, e nem o pai dela. Todos os que a conheceram foram tocados por ela, pelo pequeno pedaço de Deus que vivia nela.

— Deus! — Alex cuspiu. — O que eu me importo com Deus? Ele a deixou morrer, não foi? — Merda; agora ela estava chorando de novo, e estava tão cansada daquelas malditas lágrimas, de como seu peito se contraía em uma dor constante por ela, por sua Rachel.

— Deus faz o melhor que pode, moça. Mas às vezes pode ser um pouco demais para Ele também.

Alex deu a ele um olhar surpreso.

— Então Deus é falível?

Sandy deu um sorriso fraco.

— Não, não exatamente. Mas pode ser oprimido pelos eventos. — Ele a olhou em silêncio por um momento. — Ela está com Deus agora, e isso não é uma coisa ruim. — Seu sorriso se alargou. — E ela vai se certificar de que o céu seja um pouco mais animado. Você não pode vê-la, correndo pelos céus, perseguindo um anjo e perguntando por quê, por quê, por quê...?

Alex enxugou os olhos, meio rindo, meio chorando com a ideia de sua menina selvagem e rebelde virando a existência ordenada do Céu de cabeça para baixo.

— Não quero que ela esteja com Deus — disse ela em meio às lágrimas. — Eu quero que ela esteja aqui, comigo. Comigo! — Pela primeira vez, Sandy a tocou, segurando-a em um leve abraço.

— Eu sei disso, sim? E Deus também.

Ele a conduziu até o banquinho sob a sorveira-brava e ajudou-a a se sentar. Sem dizer uma palavra, entregou-lhe um lenço bastante sujo, sentando-se em silêncio ao seu lado até que ela recuperasse a compostura.

— Matthew e eu discutimos antes de tudo isso — disse Alex, enxugando os olhos. — Sobre Deus e todas essas coisas.

— Todas essas coisas? — Sandy parecia desaprovador. Alex acenou com a cabeça e mordeu o lábio.

— Eu disse a ele que se fosse preso, eu mataria as crianças e a mim mesma, em vez de arriscar aquele outro destino.

— Seria uma coisa terrível de se fazer — disse Sandy.

— Do meu ponto de vista, é igualmente terrível para um pai de quatro filhos arriscar sua vida e a deles — disse ela. — Não tenho intenção de testemunhar meu homem e meus bebês sendo vendidos como servos permanentes, antes de ser eu mesma arrastada para algum outro lugar. — Ela olhou para o prado aquático, rastreando a estreita faixa de água à medida que aparecia e desaparecia entre amieiros e avelãs.

— Antes, tudo que eu pedia a ele era que não colocasse nossa casa em risco e que tomasse cuidado. Eu sei o quão importante para ele é a fé, e não quero ficar entre ele e Deus. Mas desta vez estou com muito medo, e desta vez vou insistir que ele me coloque em primeiro lugar. — Porque se ele morrer, meu coração ficará em pedaços no chão, ela pensou. — Eu sou uma pessoa totalmente depravada, não acha?

Sandy ergueu as sobrancelhas.

— Não, não totalmente — ele disse secamente. Então deu um tapinha em sua coxa. — Deus não quer que desperdicemos nossas vidas; Ele nos deu vida para que a vivamos plenamente, para que nos regozijemos com os milagres com que Ele povoa o mundo. A perfeição de um dente-de-leão, o nariz frio de um cachorro, as cores mágicas de um pôr do sol... — Ele olhou para o túmulo recente de Rachel e de volta para Alex. — Você tem o direito de pedir isso a ele, mas o colocou em uma posição difícil; seu Deus ou sua esposa.

Alex se contorceu. Ela se arrependera de seu comentário sobre o casamento no momento em que saiu de sua boca, e agora era tarde demais para retirá-lo.

— A esposa vai ganhar, desta vez — concluiu Sandy. — Eu vou falar com ele.

— Vou partir amanhã — disse Sandy, alguns dias depois do funeral de Rachel.

— Tão rápido? — Matthew franziu o cenho para a pequena estatueta de madeira que estava entalhando e a partiu em duas. — Não consigo acertar o rosto dela, é como se ela me escapasse, como se estivesse se escondendo de mim.

— Você está se esforçando demais para lembrar.

— Temo esquecer como ela era. Na minha cabeça, posso vê-la se mover, posso ouvi-la rir, mas seu rosto, a maneira como seus olhos se estreitavam quando ela estava planejando algo que não deveria estar fazendo... Eu sei como ela era, mas não consigo vê-la! — Ele pegou um novo pedaço de madeira e enfiou a faca nele, criando um esboço áspero de uma menina sem rosto correndo. — Ela ainda estaria aqui, se não fosse por mim, ela ainda estaria viva.

Ele viu a careta de Sandy. Nos últimos dias, seu amigo tentou afastá-lo dessa autoflagelação, mas era verdade, não era? Sua menina tinha morrido em sua defesa. Sua mão tremia, a faca afundou muito fundo e Matthew praguejou. A mão de Sandy em seu braço o forçou a colocar o pedaço de madeira no chão.

— Espere algumas semanas e tente de novo — disse Sandy.

Eles caminharam juntos até o lago do moinho, falando em voz baixa sobre o conflito atual.

— Vai piorar, não é? — disse Matthew.

Sandy suspirou.

— Sim, eu acho que vai. A Escócia será um lugar hostil por muitos anos. Contenda, fome, mais contenda... — Seus olhos ficaram vidrados. — Seremos pisoteados, nossos irmãos das Terras Altas foram lançados sobre nós e nós sobre eles... — Ele se sacudiu como um cachorro molhado. — Ela está certa às vezes, sua esposa estrangeira. Temos sido intolerantes com os outros e agora estamos colhendo o que plantamos. A punição de Deus, pode-se pensar. — Ele riu para si mesmo. — Mas você não deve dizer isso a ela, eu não gostaria que ela pensasse que estou amolecendo. — Ele olhou em volta para os arbustos verdes e sorriu para uma flor-do-vento matinal, curvando-se para colhê-la. — Deus não vai pensar menos de você por ficar longe.

— Ficar longe? — Matthew olhou para ele com cautela.

— Você ouviu; Alex me disse que teme que você seja levado a uma armadilha.

Ela tinha contado tudo a ele, sua terrível ameaça também?

Sandy acenou que sim, ela contara.

— Ela é uma mulher. Coloca a segurança de sua prole em primeiro lugar, como deveria. As mulheres são fracas e devem ser protegidas e cuidadas, elas não são espiritualmente resistentes como um homem, e devemos perdoá-las quando jogam a carta mais poderosa que possuem; o amor delas por nós. — Ele riu da cara de Matthew, acotovelando-o com força. — Sim, eu sei; ela não concordaria que as mulheres são fracas.

— Não, e ela pode provar isso a você — murmurou Matthew, vendo uma imagem bastante divertida de Alex chutando Sandy com força suficiente para fazê-lo voar. Ele se perguntou se ela ainda podia fazer isso, não a via praticando há mais de um ano. Sandy não parecia muito preocupado, muito pelo contrário. Ele deu a Matthew um olhar afetuoso.

— Ela ama você.

Matthew chutou as folhas secas sob os pés, murmurando que não tinha tanta certeza disso, não nos últimos tempos.

— Você é um idiota às vezes. Ela te ama tanto que uma vida sem você seria como estar morta. — Ele deu um tapinha nas costas de Matthew. — Deus vai perdoar. Este ano você vai fazer o que ela pede e ficar longe.

Matthew sentiu um alívio físico com suas palavras, seus ombros relaxando de sua tensão constante pela primeira vez em semanas.

Depois de acomodados no banco improvisado perto do lago do moinho, Matthew voltou a conversa para suas suspeitas em relação à Sra. Brown.

— Você acha? — Sandy franziu a testa para a água.

— Sim, eu acho. — Muitas coincidências, e então a Sra. Brown escapando tão discretamente pela porta do quartel temporário.

— Mas por quê? — disse Sandy. — Tom Brown é um homem de fé inabalável. A esposa dele estaria agindo por seus próprios motivos, você acha?

— Não sei. Você os conhece muito melhor do que eu, assim como conhece o irmão.

— John? Sim, John eu conheço muito bem. Ele não me trairia. — Sandy sugou as bochechas, parecendo muito com uma truta de rosto estreito. — Ah, bem — disse ele, batendo-se nas coxas. — Primeiro devemos ter certeza. Então descobriremos o porquê. — Ele parecia bastante sério. — É melhor ser um bom motivo.

Naquela noite, eles ficaram sentados na cozinha por um longo tempo depois que o jantar foi retirado. A noite do início de março pairava pálida do lado de fora da janela, uma promessa de luz retornando à terra.

— Lindo, não é? O mundo está no seu melhor durante o crepúsculo, o dia ainda permanece visível e as sombras da noite estão apenas tingindo o solo. É um momento mágico nebuloso, um instante de perfeição silenciosa, de equilíbrio entre a luz e a escuridão — disse Alex, apertando as mãos em torno de uma caneca de chá de camomila. — Quando eu morrer, quero que seja no crepúsculo — acrescentou ela em um sussurro, tão baixo que Matthew teve que forçar os ouvidos para ouvi-la.

— Ainda não, sim? — Ele queria pegar a mão dela, mas não sabia se deveria ousar. Em vez disso, se levantou, disse algo sobre cuidar dos animais e saiu.

— Você precisa ajudar o seu homem — disse Sandy enquanto se preparava para sair. — Matthew está sendo comido vivo pela culpa; culpa por ela ter vindo correndo por ele, culpa por ter feito uma cena sobre o cavalo, culpa por ter falhado com você. E ele teme que você não o perdoe.

— Perdoá-lo? — Alex espirrou, assoou o nariz e enfiou o lenço de volta na manga.

Sandy deu a ela um olhar penetrante.

— Você o culpa tanto quanto ele se culpa. — Ele curvou-se na direção dela e saiu para a noite, onde Matthew estava esperando para caminhar com ele parte do caminho.

Alex parou na porta e os observou sair, e no seu interior algo estava dizendo que ele estava certo; ela culpava Matthew, e isso não era justo.

Na manhã seguinte, Matthew tinha saído quando Alex acordou e, quando entrou para o café da manhã, tinha uma expressão atormentada no rosto que a impediu de iniciar qualquer tipo de conversa. Ele tinha campos para plantar e estava levando Mark e Ian para ajudar. Alex acenou com a cabeça e prometeu enviar Sarah com o jantar para os campos.

No final da tarde, os dois meninos voltaram para dentro, sujos e cansados, mas com a expressão satisfeita de quem trabalhou duro o dia todo e sabia que merecia o descanso.

— E seu pai? — Alex perguntou de passagem, lançando outra panqueca no ar.

— Ele disse que viria mais tarde — disse Mark com a boca cheia.

— Pediu para avisar para você não esperar.

— Ah — disse Alex.

Era mais uma bela noite quando Alex saiu em busca de seu marido. Ela tinha feito um esforço, colocando um corpete limpo e penteando o

cabelo em um coque macio como sabia que ele gostava. Estava nervosa, enxugando as palmas das mãos nas saias, e quando finalmente o encontrou, nos estábulos, ficou um longo tempo nas sombras olhando para ele. Havia uma ligeira curva em seus ombros, e ela sentiu uma pontada de vergonha por tê-lo sobrecarregado com toda a culpa, deixando-o sozinho para carregar aquele fardo impressionante.

Ele estava conversando com Ham — pelo menos foi o que ela pensou a princípio — mas assim que começou a ouvir, percebeu que ele estava falando sozinho sobre sua pequena garota, sua Rachel. Seu coração se comoveu com ele.

Rachel era a criança que sempre o fazia sorrir, a menina nascida como uma confirmação de que ele havia escapado, são e salvo, depois de seu tempo como escravo naquela maldita plantação, Suffolk Rose.

A mão dela em suas costas o fez pular. Ele tentou enxugar os olhos, mas ela segurou seu queixo, forçando-o a se virar para encará-la. Ela usou a manga para secar o rosto dele, pousou as mãos nas bochechas e nos cabelos dele. Os dedos alisaram sua testa, tocaram seus lábios, seus olhos.

— Não foi sua culpa — disse ela, ouvindo o quanto sua voz vacilou. — Claro que não. Perdoe-me se tenho deixado você sentir que foi.

Ele caiu de costas contra a parede do estábulo, e pela primeira vez desde que Rachel tinha morrido, eles ficaram abraçados e choraram pela criança que perderam, a garota que teve um breve tempo disponível na Terra.

— Banho — ela disse assim que pararam de chorar. — Banho e comida.

— Comida primeiro, eu acho — disse ele, dando tapinhas em seu estômago que roncava.

Eles caminharam de mãos dadas de volta para a cozinha. Ele se sentou à mesa e conversou enquanto ela fazia panqueca atrás de panqueca. Principalmente sobre pequenas coisas, como quando encontrou um filhote de raposa abandonado no campo de centeio mais distante, e como Ian tinha feito ele e Mark rirem com as travessuras de Aragorn. Ele disse a ela que tinha visto uma águia-pesqueira, um pássaro enorme flutuando alto acima do rio, e diante da expressão duvidosa dela, irritado, explicou que eles não estavam tão longe do mar, estavam? Era relaxante aquela conversa fiada, e quando ela o pegou pela mão e o conduziu em direção ao galpão da lavanderia, foi quase como antes.

— Alex! Ai! Essas são minhas bolas. Deveriam permanecer ligadas ao meu corpo. — Ele agarrou a mão dela com as coxas. — Eu mesmo lavo essa parte, por que você não se ocupa com meus pés? — Estendeu

um pé grande e mexeu os dedos. Ela bufou, mas se moveu para esfregar suas extremidades.

— Você precisa deixar cicatrizar — ela disse quando ele se levantou. Então deu um tapinha cuidadoso no peito dele. — Chega de mexer nisso, você tem ideia de quanto trabalho dá para tirar manchas de sangue? — Ela deu a ele um sorriso fraco. — O quê? Achou que eu não tinha percebido?

Ele murmurou algo sobre não ter tanta certeza.

Alex balançou a cabeça para ele e apontou na direção do banco mais próximo.

— Eu falei com Sandy — disse Matthew no cobertor enquanto ela massageava suas costas.

— Não! E eu havia pensando que vocês passavam horas e horas juntos em silêncio absoluto. — Ela cravou os dedos nos pontos sensíveis ao longo de sua omoplata direita, fazendo-o sibilar e ficar tenso antes de relaxar de volta. — Eu falei com ele também — ela disse, derramando um pouco mais de óleo nas mãos antes de atacar suas nádegas.

— Aah! — ele gemeu. — Tem certeza de que deveria doer?

— Fracote, deite-se ou vou mostrar o que é dor, ok?

— Ok, ok.

Ela sorriu; toda sua família usava “ok” agora.

— Então o que ele disse? — ela perguntou, quando Matthew começou a grunhir de apreciação em vez de dor.

— Ele disse que você estava certa em pensar em sua família primeiro, por ser apenas uma mulher fraca — disse ele, rindo quando ela o beliscou na parte sobre a mulher fraca. Ele se virou e, com a cutucada dela, abriu suas coxas para que ela pudesse explorá-lo ali, agora com uma mão muito mais suave. Ele levou a mão ao rosto dela, um dedo mal a tocando.

— Ele disse que eu deveria fazer o que você pediu, porque Deus não gosta quando colocamos desnecessariamente nossas vidas em risco.

Alex enviou um agradecimento silencioso a Sandy.

— Eu já tinha decidido — continuou Matthew. — Não gostei quando você me ameaçou com o colapso do nosso casamento, mas eu sabia que você estava certa. Eu estava pedindo demais de você, estava esquecendo que me ama tanto quanto eu te amo, e quando pensei no que sentiria se você arriscasse sua vida... — Ele quebrou o contato visual, olhando para a parede em vez disso. — Bem, eu não gostaria. De jeito nenhum. — Ele ficou em silêncio por algum tempo antes de espí-la. — Você pode voltar ao seu trabalho, esposa, não tenho mais nada a dizer. — Com um grunhido, rolou de novo de barriga para baixo.



Alex demorou, uma lenta reação ao calor que sentia crescendo nele. Quando terminou, ele poderia ser um gato gigante, de tão relaxado que estava sob seu toque. Ela descansou a bochecha nas costas dele, sorrindo ao ouvir o zumbido satisfeito.

— Você está com sono? — ela murmurou, sabendo perfeitamente bem que ele não estava, não com a forma como suas nádegas ficaram tensas quando ela deslizou a mão sobre elas.

— Com sono? Eu acho que não. — Matthew se apoiou no cotovelo. — Venha aqui, você — disse ele com voz rouca. Roupas após roupas caíram no chão, mãos fortes deslizaram por seus membros nus. Sua boca quente na dela, o cabelo fazendo cócegas em seu rosto, e ela se aproximou dele, apertando os seios em seu peito, colando sua pele na dele. Eles quase caíram do banco quando ele os rolou, o que a fez suspirar, e o fez rir. E ali finalmente; suas coxas entre as dela, sua barriga pressionada contra a dela. Ela não tinha ideia de quantos dias haviam se passado desde a última vez, apenas que havia se passado muito tempo. Seu corpo precisava dele, o queria, o amava... Ela acariciou seus ombros, deixando suas mãos deslizarem por seus braços. Seu homem, sua pele aveludada ao seu toque, seus músculos contraídos sob seus dedos. Seu homem, seus olhos queimando nos dela, sua boca pairando sobre a dela. Alguns momentos de silêncio absoluto, de saborear o tamanho e o calor dele, e então ele moveu os quadris. Ela também, atendendo a cada estocada dele com sua própria investida. Mais fundo, mais forte, mais rápido — ela cravou os dedos nas costas dele.

— Alex! Não, moça, eu não posso...

Ela o agarrou com força, usando braços e pernas para segurá-lo bem dentro dela.

— Eu... aah... oh, Deus, mulher! — Ele gozou, seu pênis tão profundamente dentro dela que devia estar parado na porta de seu ventre. Ele saiu e se deitou ao lado dela, o peito ainda arfando. Sua mão procurou a dela, fechando-se com força. Ela apertou de volta, ouvindo o som de sua pulsação, alta e reverberando dentro de sua cabeça.

— Nós concordamos, não? Ainda é muito cedo — ele disse assim que recuperou o fôlego.

Alex balançou a cabeça furiosamente.

— Não. — Ela queria ser totalmente possuída, ter seu corpo tomado por sua semente e encontrar seu caminho de volta à vida, estourar através desta bolha de entorpecimento e perda em que a morte de Rachel a aprisionara. Ela queria, precisava, que ele a fodesse loucamente, deixando-a exausta e suada, e sem um único pensamento coerente em sua cabeça. Ela se sentou e olhou para ele.

— Faça um filho comigo — disse. — Por favor, Matthew. — Ela

deslizou a mão para baixo em sua barriga lisa, e seus dedos eram suaves em seus genitais, acariciando suas bolas, a pele sensível atrás delas, a atual viscosidade de seu pênis. As mãos dele subiram para seus seios, para seu pescoço, seu aperto fechado em sua nuca, guiando sua boca até a dele.

Ele não tinha ideia de como eles foram para o quarto — ou em que momento. Mas quando os primeiros raios de sol se derramaram no cômodo, ela estava meio adormecida em seus braços, um peso quente e úmido em seu peito. Que noite; sua esposa se entregara a ele, desnudando-se sob seus olhos, dando-lhe tudo o que ele pedia e muito mais. Ele a possuía; sua boca, seus seios, suas partes íntimas — eram dele. Uma submissão total, uma aceitação silenciosa de que era ele o possuidor, enquanto ela era a possuída. Ele riu de si mesmo. Sim, ele a possuía, mas ela o tinha preso pelas bolas e pelo coração, com pequenas mãos fortes que o seguravam tão cativado por ela quanto ela por ele. Sua Alex; mais do que uma esposa, ela era sua outra metade, a parte que o tornava completo. E em seu útero crescia outro filho — disso ele tinha certeza. Não uma nova Rachel, pois como alguém poderia substituir aquele raio mercurial da vida, mas talvez outra menina. Por favor, Deus, que seja uma menina. Ele adormeceu com o som agudo da risada de Rachel ecoando em seu cérebro.

Já era tarde quando ele acordou para encontrá-la sentada na cama ao lado dele, completamente nua e com Daniel em seu seio. Daniel sorriu para ele, acariciando-o com a mão de estrela do mar antes de voltar para sua refeição. Assim que Daniel terminou, Alex fez menção de se levantar da cama, mas Matthew a deteve com um aperto firme em torno de seu pulso. Ele pegou Daniel e abriu a porta, chamando Sarah para vir e levar o bebê. Então a fechou com um pequeno baque e ficou olhando para Alex.

— O dia todo, eu acho — ele disse, se movendo em direção a ela.  
— Só você e eu e a cama.

— O dia todo?

— Sim, um dia inteiro com você na luz do sol. Podemos jogar xadrez.

Ela riu alto.

— É isso que você quer?

— Para começar; vou inventar outras coisas com o passar do dia.

— Eu também — ela brincou, mas ele colocou um dedo firme em sua boca.

— Não, Alex. Hoje você faz o que eu digo. — Os olhos dela ergueram-se para ele, de um azul brilhante ao sol da manhã.

— Eu faço o que você disser — ela repetiu, e todo ele ficou cheio de calor e desejo com o tom de sua voz.

Foi um longo dia passado em um estado total de nudez, o sol de março listrando a madeira escura do chão com blocos de luz cintilantes. O jogo de xadrez foi rapidamente descartado e, em vez disso, eles conversaram, a princípio sobre as coisas fáceis, como o fato de as duas vacas estarem prenhes, e se Matthew tinha percebido que Daniel conseguia ficar de pé — mesmo que apenas por alguns segundos.

Eles passaram então a falar sobre Ian e o quanto ele havia crescido nos últimos dias. Em uma explosão de generosidade, Alex aninhou-se perto de Matthew e disse que ele deveria se orgulhar de seu filho mais velho.

— Meu filho? — Matthew olhou por cima do nariz para ela. — Filho de Luke, você quer dizer.

Alex balançou a cabeça.

— Qualquer que seja seu status legal, Ian é inteiramente seu filho. — Ela respirou fundo, ignorando a imagem de um Mark reprovador que passou por sua cabeça. — E se você quiser tornar isso oficial, então vou entendê-lo e apoiá-lo. — Oh, Deus, ela engoliu em seco, e agora que eu disse, nunca poderei voltar atrás.

Matthew se apoiou ao lado dela.

— E o Mark? — A voz dele tremeu, e havia um brilho em seus olhos que fez o coração dela dar piruetas dentro do peito.

— Mark terá que entender e se conformar — Alex disse com uma calma exterior que desmentia a turbulência dentro dela. — Nós vamos ajudá-lo. Além disso, ele poderia passar por coisa pior do que ter Ian como irmão.

Matthew desabou de costas e começou a rir.

— O que foi? — Ela esperava um agradecimento fervoroso, uma série de beijos em sua bochecha, não que ele se deitasse de costas e risse sem parar.

— Não se preocupe comigo, estou rindo porque você me fez feliz. — Ele ficou sério. — Você sempre faz, moça. Quando estou machucando, você me cura, quando estou perdido no deserto, você me encontra, e agora que perdi uma filha, você me dá outro, não importa o que custe. — Um dedo longo subiu para traçar sua boca, tocar sua bochecha. — Quatro filhos... — Ele olhou para o teto. — Devemos

pensar sobre isso, pelo bem de Ian e de Mark.

Matthew desapareceu escada abaixo por volta do meio-dia, dizendo a Alex que ela seria severamente punida se colocasse o dedo do pé no chão enquanto ele estivesse fora. Voltou equilibrando uma bandeja em uma mão e com Daniel pendurado em seu outro braço.

— Ele está com fome — disse, depositando o filho mais novo no colo dela. — Ele come muito. — Matthew maravilhou-se algum tempo depois, observando com admiração como Daniel esvaziava um seio redondo antes de atacar o próximo.

— Todos eles comem muito, é por isso que todos estão tão gordos. Um bom começo, suponho. — Mas não ajudou em um caso, ela suspirou, alisando os cachos escuros de Daniel contra sua cabeça. — Ele nunca a conhecerá, para ele ela será apenas uma história. E com o tempo, Jacob também a esquecerá, lembrando-se apenas de algumas pequenas pérolas do que era um pequeno ser humano completo.

— Mas para nós ela sempre será real. — A mão de Matthew pousou na dela. — Nossa criança selvagem, a menina que nos fazia balançar a cabeça em exasperação enquanto nossos corações explodiam de orgulho.

— Nem sempre — Alex murmurou, enxugando uma lágrima. — Não quando ela trancou Jacob na privada, ou quando tentou alimentar os porcos com minhas salsichas. — Ela passou Daniel para o colo dele. — Prometa que vamos falar sobre ela, que vamos convidá-la para nossas conversas e mantê-la viva para seus irmãos também. — Ela afagou o cabelo dele. Iguais aos de Rachel, assim como os olhos também eram. — Não vamos matá-la com nosso silêncio.

Matthew apenas balançou a cabeça e enterrou o nariz no calor suave de Daniel. Ele fechou os olhos, mas havia um brilho revelador de lágrimas em seus cílios. Alex acariciou suas costas com cicatrizes, murmurando uma e outra vez que tudo ficaria bem. Alguns minutos depois, Matthew estava dormindo, seu filho aninhado nos braços.

Alex saiu furtivamente da cama para encontrar seus papéis e um pedaço de carvão. Ela havia costurado algumas folhas de papel em um caderno de esboços rudimentar, e nele desenhou pequenas imagens de sua família, enchendo cada pedaço valioso de papel até o último espacinho antes de começar em uma página nova. Mas hoje ela iniciaria uma página em branco e se comprometeu a colocar nela seu homem profundamente adormecido na cama com o filho ao seu lado.

Ao lado deles ela desenhou Rachel, uma criança-anjo selvagem e sorridente, suas tranças saltando, seus olhos semicerrados contra o sol da tarde. De suas costas brotaram pequenas asas e Alex sorriu em meio às lágrimas, porque se algum de seus filhos realmente gostaria de poder voar, seria esta. Ela quase conseguia perdoar a Deus por tê-la levado. Bem; não, ela não conseguia.

— Mas você não pode culpar Deus! — Matthew parecia surpreso.

— Por que não? Especialmente sendo presbiteriano, quem mais se pode culpar? Ele tem tudo pré-ordenado, certo?

— Não é tão simples, todos devemos nos esforçar. E sim, Deus pode ter predeterminado, mas sua graça e misericórdia são ilimitadas, então certamente às vezes Ele muda de ideia.

— Huh, assentos de última hora em um jogo de futebol.

Matthew deu a ela um olhar confuso.

— Uma criança não deveria morrer — disse Alex. — Está errado.

— Crianças morrem o tempo todo. Elas morrem ao nascer e de doença. Morrem na guerra e de fome, e morrem por desventura... — Ele desviou o olhar brevemente. — Você deve se curvar a Deus e confiar que Ele sabe o que é melhor. — Ele apoiou a cabeça no colo dela. — Espero que saiba.

Na hora seguinte, eles tiveram uma discussão acalorada sobre Deus e a livre-arbítrio, tolerância e predestinação, com Matthew tentando convencê-la de que predestinação e misericórdia podiam andar de mãos dadas, enquanto ela continuava lhe dando exemplos do contrário. Judas — ele tivera escolha? Luke — ele era apenas uma vítima de uma existência predeterminada?

— Então no que você acredita? Se não acredita em Deus? — Ele parecia teimoso, uma ruga profunda entre as sobrancelhas.

— Eu nunca disse que não acreditava em Deus — corrigiu Alex. — Apenas que meu Deus é menos severo, mais tolerante.

Lá fora escurecera de novo e, para sua surpresa, ela estava cansada, apesar de ter passado o dia inteiro sem fazer absolutamente nada. Terminou de escovar os cabelos, trançou-os e juntou-se a ele na cama, o rosto muito próximo ao dele.

— Principalmente, eu acredito em você — disse ela, sorrindo ao ver como ele parecia envergonhado. — Em você e em nós. — Ela bocejou e estendeu a mão para ele, espalhando os dedos para trançá-los com os dele. Ela caiu no sono, mas quando ele tentou se soltar, ela a segurou com mais força, puxando as mãos combinadas para descansar entre os seios.

— Eu te amo — ela sussurrou.

— Eu te adoro — ele sussurrou de volta, fazendo-a sorrir.

Havia dias em que Alex acordava e demorava a se lembrar de que as coisas haviam mudado para sempre; Rachel não existia mais.

Havia momentos durante o dia em que Matthew parava o que estava fazendo, certo de ter ouvido a voz da filha, apenas para lembrar que ela havia partido.

Cada vez que os soldados vinham — o que aconteceu com mais frequência nas semanas seguintes — Matthew e Alex ficavam tensos

com a lembrança da angústia. Ultimamente, os soldados sempre eram liderados pelo tenente, nunca por Howard. O ímpeto dos soldados claramente tinha mudado, mas eles faziam o que lhes era dito, inspecionando repetidas vezes cada barracão, cada recanto e fenda. Enfiavam espadas no feno amontoado do celeiro, pisavam pelo sótão, espiavam o espaço sob a privada, embora fosse necessário um homem muito desesperado — de preferência sem olfato — para se esconder ali. E todos eles desviavam ao redor do local onde Rachel havia morrido, franzindo a testa para seu tenente imaturo quando ele trazia seu cavalo muito perto.

— Três vezes em uma semana — disse Matthew em voz baixa para Ian, semicerrando os olhos na direção dos cavaleiros que desciam para a fazenda.

— Aqueles não são soldados — observou Ian.

Matthew protegeu os olhos; o garoto tinha razão, eram viajantes comuns, montados em cavalos de excelente qualidade. Ao lado dele, Ian ofegou e então saiu correndo como uma flecha pela estrada, os braços estendidos. A pessoa no cavalo da frente jogou o capuz para trás, deixando o cabelo preto chicotear ao vento, e Matthew ecoou o suspiro de Ian. Margaret! Ele seguiu Ian em um ritmo mais calmo, seu coração se acomodando em seu intestino. Ela tinha vindo atrás do menino, e assim que Ian cavalgasse para fora de Hillview, Matthew duvidava que o veria novamente.

— E seu bebê? — ele perguntou, depois de cumprimentar Margaret.

— Ficou em casa, com a ama de leite — respondeu ela, virando-se para abraçar o filho mais velho. — Você está quase tão alto quanto eu!

— Ele está tão alto quanto você — corrigiu Matthew, fazendo Ian sorrir. O garoto estava fora de si de alegria, Matthew notou, sorrindo quando Ian enfiou a mão na de Margaret antes de lembrar que não era mais uma criança, mas quase um homem, então recolheu a mão como se tivesse sido escaldado. Em vez disso, ele caminhou o mais perto que pôde de sua mãe, as palavras saindo de sua boca em um ritmo alarmante quando tentou condensar seis meses de vida em dois minutos.

De onde caminhava atrás deles, Matthew pescava alguma palavra aqui e ali, as principais eram cachorro e Aragorn. Margaret balançou a cabeça e se virou para Matthew com uma ruga entre as sobrancelhas.

— Você deu um cachorro para ele? — Ela observou Ian sair correndo, chamando Aragorn.

— Sim, eu dei, achei que ele precisava de algo para chamar de seu, estando tão longe de você. — A crítica implícita atingiu seu alvo, com o rosto de Margaret corando de repente.

— Ele partiu sem permissão. E depois teve catapora.

Matthew ergueu as sobrancelhas.

— Não, ele não teve e você sabia disso. Ele teve catapora quando era bebê.

Margaret manteve o olhar em Ian, agora voltando a toda velocidade com Aragorn dando pulos ao seu lado.

— Tem sido difícil, e Ian estava melhor aqui.

Ainda estaria, Matthew concluiu pelo tom dela. Ele estudou Ian, em tudo uma cópia dele mesmo. Como se sairia nas mãos de Luke, agora que este tinha um filho sem dúvida seu?

— Margaret. — Alex parecia muito indiferente, inclinando a cabeça no mais leve aceno.

— Alex. — Margaret sacudiu as saias de veludo roxo ostensivamente, fazendo Matthew abafar uma risada. As duas mulheres estavam se enfrentando, um concurso silencioso realizado com olhos intensos e colunas retas, com seios e cinturas bem torneadas. Ele tinha que admitir que Margaret ainda era a mais atraente, mais bonita, até; mas Alex causava uma impressão marcante, a pele lisa e rosada, o cabelo brilhando de saúde. Cabelo que mudava do castanho mais escuro para mechas que brilhavam como cobre puro no sol do início de abril.

Margaret cumprimentou os meninos e olhou com cautela na direção de Alex.

— Rachel?

Alex se ocupou com Daniel, sentando-o em seu colo. Matthew se aproximou para ficar ao lado dela, uma mão em seu ombro que ela cobriu com a sua.

— Ela está morta. Morreu sete semanas e quatro dias atrás — disse ele.

Margaret inclinou-se para a frente, os braços abertos como se fosse abraçar Alex — ou Matthew —, mas pensou melhor e recostou-se.

— Eu sinto muito; ela adoeceu?

— Não — disse Matthew, incapaz de evitar a amargura em sua voz. — Ela morreu sob os cascos de um cavalo, o cavalo de um oficial.

— Ah — disse Margaret —, um acidente.

— Um acidente? Sim, pode-se dizer isso; um acidente que ocorreu enquanto os soldados que nos perseguem constantemente estavam aqui para mais uma visitinha.

Margaret parecia bastante abalada.

— Que terrível! — Ela colocou a mão no braço de Alex. — A vontade de Deus, Alex.

O comentário foi respondido com um silêncio de pedra.

Margaret deu um sorriso hesitante para Daniel, que sorriu de volta, mostrando seis dentes brancos.

— Meu Charlie tem oito dentes — disse ela com orgulho.

— Oba — murmurou Alex, mas Margaret lançou-se em uma descrição ansiosa de seu filho mais novo, desde os joelhos com covinhas até as orelhas perfeitas e pequeninas.

— Ele é bem grande para a idade — concluiu —, e você precisa ver o cabelo dele, como cobre!

— Nós soubemos — Alex interrompeu —, exatamente como Luke. Margaret sorriu.

— Sim, em tudo ele puxou ao pai.

— Como Ian — disse Alex.

Margaret parecia prestes a concordar. No último momento, ela se recompôs.

— Ian puxou ao tio. — Ela se levantou, lançou a Alex um olhar venenoso e declarou que precisava encontrar seu filho.

— Quanto tempo ela vai ficar? — Alex questionou no dia seguinte. Matthew não fazia ideia, disse a ela, em geral estava muito confuso com a visita: era a intenção de Margaret levar Ian com ela ou não? E se fosse, era agora que ele deveria falar?

Alex considerou isso por alguns instantes.

— Vamos esperar para ver, ela não pode ficar muito tempo, pode? Ela tem um bebê para o qual voltar.

Nos dias que se seguiram, ficou claro que Margaret não tinha pressa em cavalgar de volta, instalando-se na pequena cabana e insistindo para que Ian ficasse com ela. Para imenso aborrecimento de Alex, Matthew gravitou em sua direção, murmurando algo sobre a necessidade de falar com ela sobre Ian antes de desaparecer por horas a fio. Alex estava com ciúmes; uma besta verde e selvagem que gritava e cacarejava dentro de sua cabeça.

A linda e mimada Margaret, com seus perfumes caros e roupas bem cortadas, fazia Alex se sentir uma caipira, e todas as manhãs ela olhava para seu total de três saias com irritação crescente. Por que ela não tinha algo adequado para vestir, algo que outra pessoa houvesse feito para variar? Tampouco ajudava que a maldita Margaret fosse linda de uma maneira que Alex definitivamente não era. Ela exalou e se vestiu, apertando o espartilho o máximo que podia. Pelo menos ela tinha seios melhores.

Alguns dias depois, Alex parou no caminho e se encolheu contra um carvalho. Na frente dela estavam Matthew e Margaret, e Margaret ficou na ponta dos pés para tirar uma folha seca do cabelo de Matthew, dizendo algo em voz baixa que o fez rir. Por um instante, a mão dela acariciou a bochecha dele e pousou em seu braço, e havia algo tão natural no gesto que Alex sentiu seu interior se contorcer.



Ela não sabia o que fazer; permanecer onde estava e esperar que ele pegasse um caminho diferente para casa, caminhar até lá e perguntar o que diabos ele estava fazendo, deixando outra mulher tocá-lo tão intimamente, ou apenas se virar e correr. Ele a tinha visto e estava vindo em sua direção, então Alex se virou e saiu andando o mais rápido que pôde no chão lamacento e escorregadio.

— Alex!

Ela agarrou-se a um galho de avelã para se apoiar e, em seguida, chegou a um terreno mais plano e saiu correndo. Ele a alcançou, mas foi inteligente o suficiente para não a tocar, em vez disso acompanhou seu passo.

— Tem feito muito isso nos últimos dias? Você sabe, andar na floresta e de alguma forma ficar com folhas no seu cabelo que ela tem que tirar para você?

— Alex — Matthew suspirou. — Você sabe que não é assim.

— Então, como é?

— Nós conversamos. Sobre a vida dela, principalmente.

— Bem, deve parecer com um reality show muito sórdido.

— Sim, é verdade — concordou Matthew, já familiarizado com o conceito. Ele pegou a mão dela e a conduziu na direção dos prados altos. — Ele é um homem difícil de se conviver.

— Que dureza; mas ela teve sua chance com você e estragou tudo. Se eu a vir acariciando sua bochecha novamente, ela não vai andar muito por algumas semanas.

Matthew riu, dando a ela um olhar malicioso. Idiota! Ele estava gostando daquilo, o desgraçado.

— Não vai acontecer — disse ele.

— Bom.

— Ela acha que as boas-vindas de Ian serão duras — disse Matthew um pouco depois. Alex ergueu os olhos de onde estava acariciando um cordeiro.

— Ela disse isso ao Ian?

— Não, de que serviria? — Mas o garoto sabia de qualquer maneira, disse ele, podia ver como o rosto de Ian se contraía sempre que Margaret falava em cavalgar para casa.

— Mas por que Luke... — A voz de Alex falhou. Ver Ian agora, à beira da idade adulta, era ver Matthew. Isso seria suficiente, isso e a suspeita desagradável, presente desde o começo, de que Ian não era dele. — É tudo muito estranho. Em um ponto no tempo, Luke deve ter tido certeza de que Ian era biologicamente seu, já que ele aparentemente não podia gerar filhos, e todos esses anos ele valorizou Ian como se fosse dele. E agora, por ter gerado um filho e, assim, aumentar a probabilidade de Ian ser mesmo dele, ele não sabe mais o que sente pelo menino.

— Você se esquece de um aspecto importante — disse Matthew. — O novo filho é a cara de Luke.

— Mas nem todas as crianças se parecem com o pai, e você é tio. Muitos sobrinhos puxam aos tios, imagino. — Ela mordeu o lábio e franziu a testa. — Não; eu acho que isso é muito mais simples. Ele nunca acreditou de verdade que Ian era dele, afinal, sabe contar. E Margaret definitivamente sabe, não importa o que ela diga. — Ela soltou o cordeiro e se levantou, aceitando a mão estendida.

— Você acha?

— Certamente. Mas ela mentiu por tanto tempo que provavelmente acredita em si mesma agora.

— Talvez. Ela está grávida novamente.

— Está? Que rápido.

— Recuperando o tempo perdido, eu acho. Ela não contou a Luke antes de sair ou ele nunca a teria deixado vir.

— Pobre Ian — Alex disse, pensando que com dois filhos definitivamente seus, Luke olharia para Ian ainda mais desconfiado. — Ou não — ela continuou, os olhos brilhando para encontrar os de Matthew, assegurando-lhe de que sua promessa de algumas semanas atrás ainda se cumpria. Ele apertou a mão dela em resposta. — Eu também estou. Esperando uma criança, quero dizer. — Sua mão livre deslizou por um instante para baixo em seu ventre.

— Sim, eu sei. — Havia uma sombra escura em seus olhos quando ele olhou para ela; preocupação de que fosse muito cedo, preocupação de que ela pudesse pensar que aquela criança fosse uma substituta. Ela puxou suas mãos entrelaçadas para descansar em seu estômago ainda plano.

— Uma nova criança; não uma substituta, mas talvez um consolo. Ele apenas acenou com a cabeça.

— Eu não quero. — Ian olhou suplicante para a mãe. — Não posso deixá-los, mãe, não agora, não depois da Rachel. — Ele tentou explicar como Matthew precisava dele, como ocasionalmente encontrava o tio sentado mudo ao lado do túmulo, e era Ian quem podia se sentar ao lado dele, sabendo que sua simples presença era o suficiente. Ele mordeu o lábio, examinando os arredores. Esta era sua casa agora, muito mais do que a pequena mansão em Oxfordshire. Não disse isso à mãe, nem como estava com medo de ficar cara a cara com o homem que se dizia seu pai, mas ele tinha certeza de que ela sabia.

— Seu pai deseja que você volte para casa. — Mamãe tentou acariciar seu rosto, mas Ian fugiu para longe. Ela suspirou e colocou as mãos no colo. — Ele vai ficar muito descontente, você sabe disso.

Ian engoliu em seco.

— E eu quero você comigo — disse mamãe, os olhos brilhando de lágrimas.

— Ele vai me mandar embora. Ele não me quer lá, não agora, não com Charlie. — Ele a espiou por baixo dos cílios, esperando que ela risse e dissesse para ele não ser idiota, é claro que seu pai não faria tal coisa. Em vez disso, ela desviou o olhar e o estômago de Ian se revirou.

— Ian! — A voz do tio Matthew soou no quintal e Ian saltou de pé.

— Temos que ir, vamos pegar os leitões hoje.

Mamãe apenas sorriu, acenando para ele na direção do tio. Ian deu alguns passos, parou e se virou para ela.

— Vou ficar aqui, não voltarei com você. — Ele encarou os olhos dela e ela acenou com a cabeça em concordância.

— Isso não vai agradar a Luke — Margaret confidenciou a Matthew na manhã chuvosa de primavera de sua partida.

— Não, não vai. — Ele molhou os lábios. — Mas me agrada.

Margaret inalou ruidosamente.

— Ele virá atrás do menino.

— Sim. E então veremos.

— Veremos? Veremos o quê?

— Se Luke realmente o quer de volta, quando está tão na cara que Ian é meu.

— Ele não é — disse Margaret em voz baixa, olhando para o filho.

— Sim, ele é; você sabe disso, eu sei disso. Já é hora de todos nós reconhecermos.

Margaret abriu a boca como se fosse dizer algo, mas acabou emitindo uma forte exalação, seu olhar voando de Ian para Matthew.

— Alex não vai querer — falou Margaret, parecendo confiante.

— Você acha? — Matthew disse, acenando para Alex vir. Ele passou o braço por cima do ombro dela e a puxou para perto. — Ela está comigo, nesta questão e em todas as outras. — Por um instante, ele sentiu pena de Margaret; seus olhos escureceram, sua boca se transformou em um sorrisinho triste. Mas então ela se endireitou, recompôs suas feições e foi se despedir do filho. Sem palavras, sem lágrimas, apenas um abraço forte, os braços tão apertados em torno do filho que parecia que tinham sido soldados ali.

— Seja um bom rapaz — disse quando o soltou. Ela alisou o cabelo de Ian, deu-lhe um sorriso deslumbrante e se virou para Alex. — Cuide do meu filho.

— Claro que sim — disse Alex. — Eu sempre cuido.

— Eu não quero assistir isso! — Alex estava frenética. — Por favor, Matthew, vamos embora. Eu não quero...

— Aqui. — Matthew pressionou o rosto dela contra o peito. — Eu direi quando for seguro olhar. — Estava sufocante ao sol de julho, e o calor tinha o efeito indesejável de liberar um fedor desagradável de suor rançoso, fluidos e sujeira geral dos corpos que os rodeavam.

— Por que não podemos simplesmente sair? — Alex empurrou as pessoas mais próximas a eles.

— Tarde demais, os soldados cercaram todos nós.

Ela lutou contra a mão dele e ficou na ponta dos pés, franzindo a testa para a fileira dispersa de soldados que os cercava. Aqui e ali, Matthew pegou um lampejo de aço brilhante, um dos policiais empunhava uma pistola. Ninguém teria permissão para sair, presos entre a ameaça de violência e a força.

— Sinto muito, moça — disse Matthew em seu cabelo. — Eu devia ter me lembrado que dia era hoje.

Alex espiou os três mastros vazios, o carrasco que estava ocupado com seus laços.

— Três?

— Sim. — Matthew suspirou. — Um pregador proscrito, um homem que esfaqueou um soldado em defesa do pregador e uma mulher.

— Eles vão enforcar uma mulher? Pelo quê?

— Ela assassinou a irmã — disse Matthew. Houve uma comoção perto do andaime, alguém gritou e Alex escondeu o rosto contra a camisa dele.

Eles começaram com a mulher, a multidão vaiando e assobiando. Objetos voaram pelo ar para bater em seu vestido rasgado e um ovo atingiu-a bem na testa, para alegria geral entre os aprendizes mais próximos da forca. A mulher parecia atordoada, espiando a multidão com pouca visão, e foi só quando o carrasco ajustou a corda em seu pescoço que pareceu se dar conta do que estava acontecendo. A essa altura, tudo acabou e ela ficou pendurada como um saco de cevada, balançando para a frente e para trás enquanto a corda se enrolava.

— Bom carrasco — disse a pessoa mais próxima de Matthew. — Rápido e limpo.

Matthew só podia concordar; no que dizia respeito a enforcamentos, aquela tinha sido uma morte fácil. Alex fez um som

sufocado, mantendo o nariz no peito de Matthew quando o primeiro homem foi guiado pela escada e enforcado, tão eficientemente quanto a mulher.

O humor da multidão mudou quando o pregador foi conduzido. Sem zombarias, sem gritos, apenas um silêncio pesado que fez os soldados mudarem o peso de um pé para o outro. O próprio pregador estava calmo, alternativamente, ele estava regamente bêbado, a um mero copo de distância do esquecimento total. Matthew manteve a mão em Alex, segurando-a contra si. Por toda parte, as mulheres estavam se voltando para seus maridos, porque isso era algo que nenhuma delas queria ver: um homem de seu Kirk enforcado pela única ofensa de manter sua fé.

Um dos oficiais estava discutindo com o carrasco, que balançou a cabeça. Houve uma altercação e o carrasco cuspiu e saiu da plataforma, levando o laço e a corda com ele.

— Pai misericordioso — disse o homem ao lado deles. — Aquele policial pretende enforcá-lo ele mesmo.

Enforcar um homem rapidamente é uma arte. Requer a compreensão de como calcular a queda e apertar o nó, de como as fibras da corda funcionam juntas. O oficial não tinha essas habilidades, e a multidão ficou em silêncio agonizante enquanto o pobre pregador lentamente, muito lentamente, foi estrangulado até a morte. Matthew não conseguia respirar; ele segurou a esposa contra o coração, incapaz de desviar o olhar do homem que ainda estava se contorcendo, ainda vivo, os olhos como ovos em conserva.

— Eles fizeram isso de propósito, queriam que ele morresse assim — disse Alex quando tudo acabou. Ele não respondeu, com a intenção de evitar o homem que estava cruzando a praça em sua direção. Tarde demais; Wyndham os tinha visto e apressou o passo.

— Matthew! Sra. Graham. — Oliver estava um pouco sem fôlego quando os alcançou. — Uma palavra?

— Major Wyndham — Matthew curvou-se.

Alex fez uma reverência e desviou o rosto do major.

— Preciso de alguns botões e uma nova tesoura — disse ela, soltando o braço de Matthew. — Vejo você nos estábulos, ok? — Ele acenou com a cabeça e ela esticou os lábios na aparência de um sorriso educado na direção do major antes de ir embora.

— Eu deveria ter dito antes — Oliver falou enquanto caminhava com Matthew. — Sinto muito pela sua garotinha. Quatro, ela tinha?

— Sim. — Quase cinco meses que tinha enterrado sua menina, e ainda doía só de pensar no nome dela.

— Talvez possa consolar a mãe ter um novo filho para se ocupar — Oliver continuou com um aceno de cabeça na direção em que Alex tinha desaparecido.

Matthew olhou para ele.

— Você acha? Já teve alguma vez a experiência de perder um filho?

Oliver balançou a cabeça.

— Graças a Deus, não tive — disse ele com uma paixão que fez Matthew olhá-lo com interesse. Então se lembrou de que Wyndham só tinha um filho, e um filho enfermo.

— Você recebeu meu aviso? — Oliver perguntou em voz baixa depois de terem servido as cervejas.

Matthew acenou com a cabeça. Sempre um pouco tarde, esses avisos, para ele salvar qualquer um, exceto a si mesmo, e a execução testemunhada hoje fora resultado de um ataque maciço a uma celebração de Pentecostes.

Felizmente, a maioria dos participantes havia escapado para o musgo alagado, mas o pregador havia sido encurralado, defendido pelo homem que morrera com ele. Ele esperou; se Oliver o avisasse sobre a reunião planejada para amanhã, ele teria a prova final de que precisava. Três datas diferentes para três pessoas diferentes, Sandy e Matthew tinham decidido, e dependendo do que Matthew recebesse de volta, eles saberiam quem era que estava fornecendo às autoridades informações precisas e em grande quantidade.

— Está satisfeito? — Matthew perguntou, jogando a cabeça na direção da forca onde os corpos ainda estavam pendurados, girando em suas cordas. — O quinto pregador enforcado em poucas semanas. Você deve estar construindo uma boa reputação com os poderes constituídos. — Oliver corou, o lado danificado de seu rosto ficou da cor de uma ameixa escura.

— Eles foram condenados no devido tempo, não pude interceder muito nos julgamentos.

— Não, claro que não; em princípio, você não pode fazer nada depois de prendê-los, então a solução fácil para o seu dilema moral seria não apreender nenhum. — Ele olhou para Oliver com curiosidade. — Você disse que no fundo ainda era o mesmo rapaz que conheci e amei, um rapaz com ideais e convicções. Devo dizer que você esconde bem.

— Minhas mãos estão amarradas — Oliver respondeu irritado.

— Oh, sim, imagino que estejam. Pelo exército ou pelo meu irmão? Oliver ficou mortalmente pálido.

— Seu irmão? — ele disse, os olhos disparando por todo o lugar.

— Sim, Luke Graham. Você o conhece, não é?

— Luke Graham é seu irmão? — Oliver arregalou os olhos a ponto de parecer estúpido. — Eu nunca teria feito a conexão. Vocês são muito diferentes um do outro.

— Obrigado, considero isso um elogio.

Ele queria afundar o punho no rosto de Oliver, mas isso terminaria com ele sendo levado para algum lugar, e não seria inteligente fazer nada que o colocasse à mercê daquele homem. Em vez disso, mudou de assunto, perguntando se houvera algum desenvolvimento adicional na guerra holandesa, rindo silenciosamente quando o rosto de Oliver turvou. O desastre de Medway era uma ferida aberta, apenas algumas semanas atrás, e ter o orgulhoso encouraçado HMS Royal Charles rebocado de volta para a Holanda pela Marinha holandesa incomodava as mentes inglesas.

— Eu ficaria em casa amanhã — disse Oliver de modo vago enquanto se despediam. — De preferência com uma ou duas testemunhas confiáveis.

— De confiança? E isso, por definição, não seria um escocês.

Oliver encolheu os ombros.

— Apenas fique em casa.

Ele fez uma reverência e entrou no beco que levava de volta aos seus aposentos. Matthew o observou até que ele desapareceu de vista. Bem, ele tinha sua resposta; Tom Brown. Sandy não iria gostar, nem um pouco. Nem os soldados, cavalgando todo aquele caminho na manhã seguinte, apenas para descobrir que não havia reunião. Ele assobiou baixinho para si mesmo enquanto voltava para os estábulos.

— Tom Brown? Tem certeza? — Alex parecia incrédula.

— Sim. — Ele aumentou a pressão de suas pernas ao redor dos flancos de Ham, fazendo o garanhão sair em um trote mais rápido.

— Ai — Alex protestou. — Isso é muito desconfortável.

Em vez disso, então, Matthew incitou o cavalo a galopar e, por alguns minutos, eles submergiram na alegria primitiva da velocidade, Alex gritando como um bebê enquanto a estrada desaparecia sob eles em grandes saltos.

— O que vai acontecer com Tom e sua esposa? — Alex perguntou quando eles voltaram para um trote tranquilo.

— Não sei. Mas vamos conversar com eles amanhã.

— Amanhã? E você vai participar? Pode ser perigoso.

— Eu preciso — ele disse. — Quanto a ser perigoso, eu acho que não. Os soldados estarão em outro lugar. — Mas ele não estava ansioso por aquilo, condenar um dos seus por traição.

— Tem certeza de que é seguro? — ela perguntou.

— Não, é por isso que Ian passou o dia todo observando as idas e vindas na fazenda Brown.

— Ian? — A voz de Alex aumentou para um tom agudo. — Mas ele é um menino!

Matthew encolheu os ombros.

— Ele tem quase treze anos, Alex, é mais homem do que menino.

— E muito capaz, como já havia provado em outubro, quando ajudara a salvá-lo. Ele se espreguiçou com orgulho.

Eles cavalgaram em um silêncio confortável pelos últimos quilômetros, com Ham andando mais ou menos por conta própria. A linha esparsa de árvores que margeava a estrada parecia ofegar com o calor, as folhas penduradas duras com a poeira. Matthew lançou um olhar irritado para o céu claro. Uma chuva suave de verão, era o que suas plantações precisavam, e talvez isso clareasse um pouco o ar pesado.

— Sempre que volto para casa, procuro por ela — disse Alex enquanto Ham descia a última ladeira. — Eu vejo Mark, Jacob, o pequeno Daniel, e há uma lacuna, e eu sempre olho, mas ela nunca está lá.

— Sim, eu também. E toda vez que chego perto do chiqueiro, espero vê-la lá.

— O que havia com ela e os porcos? — Alex riu em suas costas. — A partir do momento em que ela pôde andar, começou a ir até os porcos. Principalmente para ver a porca.

— Almas gêmeas? — Matthew sugeriu, rindo também. — Os porcos são criaturas inteligentes, e talvez Rachel sentisse que conversar com eles era um pouco mais gratificante do que tentar uma discussão com seus irmãos.

— Matthew! — Alex deu um tapa em seu braço. — Está fazendo nossos meninos parecerem imbecis.

— Sandy vai chegar mais tarde nesta noite — disse Matthew enquanto a ajudava a descer do cavalo. — Ele estará caminhando ao longo do rio. Você quer vir comigo para se encontrar com ele?

— É seguro?

Matthew deu a ela um olhar exasperado.

— Seguro o suficiente para que eu convide minha esposa grávida para ir junto.

— Bem, então suponho que a resposta seja sim. — Ela pegou a mão dele e colocou-a contra a cintura. — Aposto que é um menino.

Matthew discordava.

— Uma menina, e até agora tenho acertado todas as vezes.

— Huh; cinquenta por cento de chance. — Mas ele podia ver que ela esperava que ele estivesse certo desta vez também.

A mão dela estava escorregadia de nervosismo quando eles caminharam pela noite escura de verão. Ela estava descalça, assim como ele, e eles mergulharam na parte rasa e vagaram em silêncio, com Alex acenando com a mão livre para os insetos noturnos que voavam ao redor de seu rosto.

Os morcegos mergulhavam em arcos silenciosos, dando rasantes



bem na frente deles, e atrás veio o som distante de um cavalo relinchando, fazendo Alex estremecer. Matthew a firmou e a fez parar. Havia uma pedra chata bem grande ao lado, e Alex levou algum tempo para perceber que a forma escura em cima dela era Sandy, e não outra pedra.

Sandy os cumprimentou em voz baixa e, pela meia hora seguinte, eles se sentaram e conversaram, suas vozes inaudíveis para quem não estivesse ao lado deles.

Pouco antes de eles partirem, Ian tinha voltado para comer e relatar, e já estava voltando para seu posto. Pelo que Alex pôde constatar, suas notícias não eram nada boas. Houve uma série de avistamentos de soldados durante o dia, soldados que chegavam de dois em dois e simplesmente não partiam. De acordo com os cálculos de Ian, pelo menos uma dúzia de soldados estava escondida nas dependências da fazenda Brown, e Sandy e Matthew concordaram que era uma armadilha elegantemente montada. Desde a primeira advertência por escrito a Matthew, às repetidas advertências verbais nos últimos meses, a intenção era fazer com que ele e Sandy identificassem o traidor — e fossem atrás dele.

— Como isca. — Sandy bateu as palmas imitando uma ratoeira.

— Mas isso significaria que eles sabem que a reunião de amanhã é uma farsa — Alex disse.

— Não necessariamente — respondeu Sandy. — Mas sabem que Matthew não é tolo, e esta é a sexta, não, sétima vez que vazou uma informação conhecida por poucos, Brown sendo um deles.

— Então o que vocês vão fazer? — Alex perguntou.

Sandy e Matthew se entreolharam.

— Nada — eles disseram em coro.

— Pelo menos não amanhã — disse Sandy. — É o filho deles. Um dos meninos Brown foi capturado naquela reunião em agosto passado, aquela em que quase fomos pegos. O rapaz foi trazido para casa para seus pais atordoados, jogado como um porco amarrado na frente de um dragão, e agora ele é mantido vivo apenas enquanto seus pais cooperarem.

— Eles não vão deixá-lo viver de qualquer maneira — disse Matthew, enviando uma pedra para aterrisar com um respingo surdo na água.

— Não, claro que não. Ele esfaqueou um soldado, o pequeno idiota. Mas, por enquanto, eles têm esperança. O Major Wyndham é bom em contar uma história de salvação potencial.

— Como você sabe tudo isso? — Alex perguntou.

Sandy bateu no nariz.

— Uma peça aqui, a outra ali.

Sandy e Matthew continuaram conversando sobre outras coisas

enquanto ela se recostava nos braços, pensando que aquele seria um ótimo local para um piquenique diurno, isolado e sombreado como era. Muito isolado, ela pensou, olhando para o alto da encosta. Algo prendeu seu olhar. Ela apertou os olhos, tentando se concentrar. Ali, um flash de branco em toda a escuridão, e estava se movendo em direção a eles.

Houve uma série de estalos agudos subindo a encosta, algo veio se chocando contra a vegetação. Cavalos! Soldados, ai meu Deus, vários soldados. Matthew e Sandy agiram tão rápido que a visão de Alex ficou turva, e no momento em que os três cavalos mergulharam na água ao redor deles, tudo o que se viu foi Alex e Matthew, intimamente entrelaçados. Alex gritou e empurrou Matthew, alisando as saias e amarrando a camisola sobre os seios nus. O tenente olhou de um para o outro, olhos pequenos estreitados em fendas suspeitas.

— O que vocês estão fazendo aqui?

— Acho que isso é bastante óbvio — disse Alex. — Estávamos nos divertindo, muito obrigada, até que vocês decidiram nos matar de susto.

O oficial ergueu as sobrancelhas. Ora; ele tinha razão. Quem em sã consciência faria amor em uma pedra fria rodeada por uma nuvem de mosquitos?

— Onde ele está? — O tenente perguntou, cavalgando o mais perto que pôde da pedra lisa.

— Quem? — Matthew fez seu melhor olhar inocente, os olhos bem redondos.

— Aquele maldito Peden! Um dos meus homens o viu cruzando o musgo em direção à sua casa. Matthew fez uma cena ao escanear a rocha e os arbustos ao redor.

— Aqui não está. Pessoalmente, prefiro não ter um ministro por perto quando estou aproveitando o tempo com minha esposa.

Um dos homens montados riu, fazendo o tenente olhar feio para ele antes de se virar para Matthew.

— Um dia... — ele sibilou, cuspidando com precisão aos pés de Matthew. Ele se ergueu nos estribos, olhando para a vegetação rasteira. Com uma maldição, esporeou o cavalo pela encosta íngreme e desapareceu. Alguns minutos depois, seus homens sumiram de vista e Alex soltou as mãos de sua saia.

Sandy reapareceu tão abruptamente que Alex engasgou. Ela ergueu os olhos para a árvore pendurada acima deles.

— Você é algum tipo de macaco?

— Sim. — Sandy sorriu.

Alex olhou dele para Matthew, vendo a alegria de um espelhado no outro, e ficou cegamente zangada com ambos por acharem algo divertido em uma situação que poderia ter terminado em catástrofe.

Ela recuou, mergulhou na água e começou a correr.

— Alex! — Matthew estava ao lado dela em um instante, seu braço em volta de sua cintura. — Calma, moça, correu tudo bem.

— Mas poderia ter dado muito errado — disse ela.

Matthew fez os dois pararem.

— Não, não poderia, eu disse a você; eu não corro riscos. A encosta está repleta de galhos e ramos secos, Sandy pode escalar aquela árvore até dormindo, e se acontecesse o pior, eu os teria matado.

— Todos os três? — Homens armados a cavalo? Probabilidades terríveis.

— Todos os três — disse Matthew, e algo em sua voz a fez estremecer

**L**an estava pálido quando apareceu para o café da manhã no dia seguinte. Com uma tigela de mingau, ele explicou que, pelo que pôde perceber, ainda havia vários soldados na fazenda de Brown. Matthew assentiu, tamborilou com os dedos na mesa e se virou para Alex.

— Você vai comigo para Cumnock?

— Cumnock? De novo? — Ela não tinha nenhum desejo de passar um dia inteiro cavalgando de um lado para o outro em uma cidade sonolenta no domingo e, de qualquer maneira, o que eles fariam lá? Não era como se Matthew tivesse a intenção de assistir aos cultos na Igreja Anglicana, certo?

— Testemunhas — disse Matthew em voz baixa. — Não tenho intenção de ser incriminado por não ter ninguém para garantir meu paradeiro.

Ela não entendeu. Como testemunhas?

— Mas você está aqui, em casa... — Comigo, ela quase acrescentou, até lembrar que seu testemunho não teria peso algum naquela época, ela sendo considerada nada mais que uma extensão de seu marido.

— ... e a fazenda Brown fica logo adiante. — Ele suspirou diante de sua incompreensão contínua. — Cavalgue comigo. — Ele lançou um olhar para fora da janela e de volta para ela. — É um lindo dia. Podemos fingir.

— E as crianças? — Alex alisou o cabelo de Jacob para trás de sua testa e o beijou na pele pálida sob sua franja.

— Eles ficarão bem. Sarah cuidará deles.

Meia hora depois, eles estavam a caminho, Alex sentada à sua frente.

— Por quê? — Alex perguntou, recostando-se em seu peito. O sol estava desconfortavelmente quente em sua pele, mesmo através de suas roupas, e ela foi tomada pelo desejo de tirar férias à beira da piscina com o cheiro de protetor solar no ar. Até parece. Ainda assim, ela poderia dar um mergulho. Assim que eles voltassem, iria dar um mergulho longo e privado na parte da lagoa com redemoinhos, onde as crianças não tinham permissão de ir.

— Este pequeno esquema deles está há muito tempo sendo armado. Oliver ficará muito chateado quando não funcionar, e só Deus

sabe o que ele fará então. E se algo acontecer na fazenda Brown, não quero estar por perto — disse Matthew.

Alex pensou nisso por muito tempo.

— Você acha que algo vai acontecer? — Como ele permaneceu em silêncio, ela esticou a cabeça para trás. Matthew parecia cansado, com os olhos esgotados, a boca comprida formando um traço reto.

— Sim, no estilo de homens mascarados entrando e matando um desavisado Sr. Brown e, quando os soldados os perseguissem, o que eles descobririam senão que os rastros levam de volta a Hillview? E lá estarei eu, um alvo fácil para suas acusações.

O quê? Ela se endireitou.

— Matá-lo? — Ela gostava de Tom Brown, só podia imaginar a angústia que ele estava passando ao ser forçado a trair seus amigos para manter o filho vivo.

— Oh, sim, ele é dispensável. — Ele parecia triste, muito triste.

— Mas... não! Além disso, assassinato é um delito punido com enforcamento, e isso significaria que Hillview ainda permaneceria com Mark, o que Luke não quer. — Ela assentiu, confortada por sua própria lógica.

— Sim, mas o que os impede de me enforcar e multar?

— Jesus no céu! — Alex quase caiu do cavalo, de tão chateada que isso a deixou.

Matthew diminuiu a velocidade do cavalo bem antes da encruzilhada de carvalho. O grande carvalho tombou com o calor e, logo à direita, estava o galho no qual ele havia enforcado Gower. Ele estremeceu, uma rápida oração por perdão piscando em seu cérebro, principalmente por não sentir nenhum remorso.

Em seus braços, Alex ficou tensa, sem dúvida tão afetada quanto sempre ficava por esta encruzilhada em particular: o lugar de onde ela quase fora arrastada de volta ao seu tempo, todos aqueles anos atrás. Um uivo longo e gutural se elevou no ar. Ham relinchou, Alex agarrou seu braço.

— O que foi isso? — ela perguntou.

Matthew segurou seu cavalo, relutante em continuar. Ham bufou, orelhas em alerta. Havia algo deitado do outro lado da árvore, metade dentro, metade fora da sombra do carvalho. Matthew observou as pernas abertas e rígidas, o brilho do metal sob os cascos.

— Um cavalo. Parece morto — disse ele. Mais um uivo cortou o ar, um pedido sem palavras por ajuda.

— Ou com dor — Alex sugeriu.

— Isso não foi um cavalo — disse Matthew. — Foi um homem.

Ele estava certo. Havia um cavalo morto e, preso abaixo dele, estava seu cavaleiro, os braços empurrando inutilmente contra a

tonelada que o esmagava até a morte. Eles desmontaram. Matthew franziu a testa para uma perna calçada, seguindo o pouco que podia ver do homem até encontrar seu rosto. Dois olhos escuros encontraram os dele, olhos tão arregalados que ele podia ver o branco injetado que cercava suas íris.

— É o capitão Howard — disse Alex.

Matthew acenou com a cabeça. Ele reconheceu o oficial imediatamente, embora este homem apavorado tivesse muito pouco em comum com o capitão normalmente tão controlado. Bem, com exceção da última vez em que o vira.

— Temos que ajudá-lo. — Alex colocou a mão no antebraço de Matthew.

Sim, não havia muita escolha, havia? Não que ele quisesse, o homem poderia muito bem morrer ali, sob seu cavalo, uma retribuição divina pela pequenina Rachel.

— Matthew!

Ele suspirou.

— Você vai ter que ajudar, eu não consigo puxá-lo sozinho.

Assim que conseguiram tirá-lo de debaixo do cavalo, Matthew apoiou o capitão contra o tronco nodoso do carvalho. Howard estava tão pálido que ele podia ver as finas veias azuis que corriam logo abaixo da pele de sua têmpora.

— Uma clavícula quebrada, uma perna ferida e acho que você fraturou o pulso — concluiu Alex após o exame. Ela dobrou a mão dele, ele gritou. — Apenas checando. Então, o que aconteceu?

O capitão encolheu os ombros.

— Eu não tenho muita certeza. Nestor... — Ele parou para olhar o cavalo morto. — Ele ficou nervoso quando nos aproximamos da encruzilhada. Muito temperamental, Nestor é... era. Talvez tenha sido uma vespa, ou uma víbora.

— Uma víbora? — Matthew riu, balançando a cabeça.

— Não, provavelmente não — disse o capitão. — Mas em um momento estávamos trotando, no próximo ele estava resistindo e arfando, impossível de controlar, e então ele deu um salto, tropeçou e caiu, quebrando o pescoço, eu arriscaria dizer. E lá estava eu, preso debaixo dele. — Ele esfregou o rosto. — Eu teria morrido se vocês não tivessem aparecido.

— Eu sei; terrível, não é, dever sua vida aos seus supostos inimigos? — Alex murmurou e o capitão ficou vermelho escuro.

Logo eles estavam a caminho do cruzamento, com Matthew e Alex andando ao lado de Ham enquanto o capitão montava o cavalo. De jeito nenhum ela dividiria o cavalo com ele, Alex dissera a Matthew quando ele sugeriu que ela também cavalgasse, a menos que

quebrassem as duas pernas.

— Se tivesse quebrado só uma, eu ainda me arrastaria em vez de sentar tão perto dele — ela disse, fazendo Matthew rir.

O capitão olhou para eles e franziu a testa.

— É domingo.

— Sim.

— Mas... — A carranca do capitão se intensificou. — Você deveria estar frequentando um conventículo.

— Um conventículo? — Matthew balançou a cabeça. — Essas coisas são ilegais, não são?

Uma pequena risada escapou dos lábios de Alex. Depois de alguns momentos, o capitão se juntou a eles.

— Você talvez deva se lavar um pouco antes de chegarmos à cidade — sugeriu Alex, olhando o capitão de cima a baixo. Ele estava sentado ao lado dela na beira da estrada, enquanto alguns metros mais longe, Matthew havia desaparecido atrás de um arbusto para se aliviar.

— Não vai fazer muita diferença, vai? — disse ele, olhando para suas vestes rasgadas e desgrenhadas.

Ela encolheu os ombros: não era realmente da sua conta.

— É divertido? — ela perguntou. — Você sabe, caçar Covenanters? Ele enrubesceu.

— Eles estão violando a lei.

— Eles são pessoas simples e boas que acreditam em Deus, assim como você.

— Eles? — O capitão Howard olhou para ela com interesse. — Você não é um deles?

Alex desviou o olhar.

— Minha mãe era católica, e ousou dizer que alguns dos ministros presbiterianos que conheci estão muito preocupados com minha falta de compromisso com a fé deles. Às vezes torna as coisas difíceis, especialmente para ele. — Ela sorriu na direção de seu marido. — Ele não gostou muito quando eu disse à minha cunhada que era razoável pensar que Deus era católico em vez de presbiteriano, dada a quantidade esmagadora de católicos.

O capitão Howard olhou para ela.

— Você acredita que Ele seja?

Alex arrancou um tufo de grama e franziu a boca.

— Não. Eu não acho que Ele se importa com uma coisa ou outra. Ele julga as ações, não a denominação. — Ela se levantou e enxugou as mãos nas saias. — Eu acredito que Deus é justo; nem sempre gentil, mas pelo menos justo. — Ela colocou as duas mãos na barriga. — Um Deus gentil não teria levado Rachel.

O capitão Howard parecia querer que um gêiser se abrisse ali

mesmo, o calor o transformando em fumaça.

— Santa Mãe de Deus — ele gemeu. — Eu juro que não tive a intenção.

— Eu sei que não, e esqueci de lhe agradecer.

— Me agradecer?

— Você nos enviou a única pessoa de que ele precisava. — Ela inclinou a cabeça na direção de Matthew.

— Oh, isso — ele murmurou. — Era o mínimo que eu podia fazer.

Era meio-dia quando chegaram aos edifícios da guarnição.

— O major está? — Matthew perguntou, apoiando o capitão até a porta.

— O major? Eu acho que não. Ele insistiu em comandar o ataque de hoje aos Covenanters. — Howard deu a Matthew um olhar astuto. — Ouso dizer que ficará muito desapontado por não encontrar você lá, como ele esperava. — Ele se curvou e saiu mancando.

— Posso imaginar — disse Alex em voz baixa para Matthew. — Quem sabe, talvez fique tão frustrado que o estômago dele exploda.

O major Wyndham estava furioso, andando de um lado para o outro na cozinha escura e apertada da casa da fazenda dos Brown. Casa? Aquilo não era uma casa, era uma choupana, e o choro silencioso da mulher o estava atormentando. Droga! Planejado com tanta elegância, com uma isca tão bonita, e mesmo assim Graham conseguiu escapar de sua pequena armadilha. Contava que ele estivesse ali, administrando justiça aos informantes, e em vez disso... Ele bateu com o punho na porta e praguejou.

Um filete de suor escorria por suas costas, e ele não tinha certeza se era o calor ou o medo que o fazia transpirar como um porco. Luke Graham havia sido muito ameaçador em sua última carta e, a cada dia que passava, Oliver via o advento de um futuro nada apetitoso, um futuro em que a miséria e a desonra figuravam em grande escala. Ele olhou pela janela e de volta para o silencioso casal Brown. Bem, ele pensou, o que os infieis costumavam dizer? Se a montanha não vier para Maomé, então Maomé deve ir até a montanha. E ele estava fazendo isso por seu filho, um menino de cinco anos. Fechou sua mente para a voz da consciência lembrando-o de que Matthew também tinha filhos, puxou sua espada e se virou para os Brown apavorados.

Uma hora depois, Oliver Wyndham segurou seu cavalo no topo da pista que levava a Hillview. A próxima meia hora seria muito desagradável, e ele esperava que a Sra. Graham não fosse muito difícil de lidar enquanto Matthew estivesse acorrentado, mas se chegasse a esse ponto, ele supôs que um tapa ou dois a acalmassem.

A fazenda parecia sonolenta na tarde quente de domingo, com



vacas e cavalos pastando nos prados de água, galinhas arranhando o solo no galinheiro e um cachorro velho estendido à sombra da latrina. O cachorro se levantou pesadamente e latiu. Uma fatia pacífica do mundo, mas uma fatia prestes a explodir em tantos cacos que nunca mais seria montada novamente.

— Continue andando. — Oliver esporeou seu cavalo e cavalgou pela estrada, sem chapéu, sem casaco e com sua espada desembainhada. Houve um grito, vários gritos. Uma jovem correu para a cozinha, carregando uma criança enquanto arrastava outra atrás de si. Um homem torto e curvado como Matusalém apareceu por trás dos estábulos, mais dois homens estavam nos prados, mas em nenhum lugar ele viu a altura distinta de Graham.

— Matthew Graham? — Oliver latiu, segurando seu cavalo na frente dos únicos humanos ainda no quintal: dois garotos de mãos dadas. Ele franziu a testa para o mais velho deles. Já não o tinha visto antes?

— Meu tio não está em casa — disse o garoto. — Está em Cumnock, com minha tia.

— Seu tio? — Oliver teve problemas para manter sua égua sob controle. Como Matthew percebeu que isso iria acontecer? Ele deveria estar em casa, e então o teria arrastado, as evidências sendo encontradas onde necessário. E agora... Oh, Senhor! O que ele tinha feito?

— Sim, Matthew Graham é meu tio. Sou filho de Luke Graham e já nos conhecemos. — O rapaz olhou inocentemente para Oliver, mas bem no fundo daqueles olhos esverdeados, Oliver viu um pequeno lampejo de diversão desdenhosa. Foi inundado por uma onda de raiva por aquele menino ficar na frente dele sorrindo maliciosamente, quando era seu pai a causa de toda aquela bagunça.

Ele apertou o cabo da espada com mais força, mas atrás de si ouviu um "Senhor!" sibilado, e sabia que embora seus homens tivessem feito vista grossa para a morte de dois informantes, não o aprovariam matando crianças. Especialmente não ali, onde uma criança já havia morrido por causa da coroa.

— Façam uma busca — ele disse em vez disso. — Virem toda a fazenda de cabeça para baixo. Nós vimos, não vimos, como os assassinos fugiram nesta direção? — Os homens murmuraram uma concordância pouco entusiasmada, mas desmontaram mesmo assim. Oliver levou a mão trêmula ao rosto, enxugando o suor e a sujeira antes de descer do cavalo. Pense, disse a si mesmo. Pelo amor de Deus, pense, Oliver! E ele estava pensando, tanto que seu cérebro estava superaquecendo, mas em qualquer direção para a qual se virasse, via uma porta fechada, e em sua mente o espaço em que estava encolhia rapidamente em algo desconfortavelmente parecido

com o laço de um carrasco.

Ele fez menção de entrar na casa, mas o menino mais velho bloqueou seu caminho.

— Não, senhor — disse ele. — Eu não vou deixá-lo entrar. — Oliver ergueu a mão para empurrar o garoto para o lado e de repente o outro estava lá também.

— O senhor não vai entrar — disse o mais novo. Dois pares de olhos, surpreendentemente semelhantes, olharam fixamente nos dele, e Oliver recuou. Maldição! Estava cercado por sócias de Matthew Graham, olhos cor de mel brilhantes para onde quer que olhasse.

Ele se sentou no chão e tirou as luvas de montaria. Houve uma exclamação suave do garoto mais novo, e Oliver olhou para sua mão, ainda ensanguentada, apesar da lavagem rápida. Fechou o punho. Uma hora atrás ele tinha sido muitas coisas, principalmente, entre elas, um homem sem princípios e endividado. Agora tudo empalidecia até a insignificância; ele havia se tornado um assassino. Já havia matado antes — muitas vezes até — mas no calor da batalha, não com intenção em uma cozinha escura e esquálida. Por meu filho, ele se lembrou furiosamente, estou fazendo isso por meu pequeno Francis.

— Nada, senhor. — A sombra de um dos dragões caiu sobre Oliver.

— Bem, então devemos continuar procurando. E devemos nos apressar em direção a Cumnock, para que Graham não esteja tentando criar um álibi para si mesmo. — Ele se levantou, inflado por uma nova onda de autoconfiança. Precisava apenas encontrar Graham e o resto se resolveria. Sim, claro que sim.

Alex estava ajudando Matthew a selar Ham para voltarem para casa, quando Wyndham entrou na praça do mercado, botas e calças cobertas de poeira da estrada. Atrás dele vinha uma dúzia ou mais de dragões, tão encardidos quanto Wyndham. Matthew murmurou um palavrão, puxou a espada e colocou Alex atrás de si.

— Finalmente! — Oliver desmontou e avançou em direção a Matthew, parando apenas quando viu o brilho da lâmina descoberta. Wyndham balançou a cabeça.

— Tentando resistir à prisão, Matthew? — O homem estava sorrindo, olhando para Matthew como se ele fosse um troféu cobiçado. O sorriso não foi correspondido, ao contrário, o rosto de Matthew adquiriu uma posição beligerante, com uma tensão em sua mandíbula que fez Alex decidir que era melhor segurar seu casaco com firmeza. Oliver deu mais um passo e a espada de Matthew brilhou em advertência.

— O que estão esperando? — Oliver acenou para seus homens. — Levem este homem! — Quatro dragões deslizaram de suas montarias sem fôlego e avançaram em direção a Matthew, que recuou.

— Prender-me por quê? — ele disse em voz alta. — Do que quer me culpar desta vez?

— Culpar você? Não, não, Graham, desta vez estamos falando de assassinato.

— Assassinato? — Matthew lambeu os lábios. — Assassinato de quem?

— Dos Brown — disse Oliver —, por volta do meio-dia, e vimos você quando deixou a fazenda fugindo.

— Oh, não — Alex gemeu.

— Vocês viram? — disse Matthew. — Bem, isso é muito estranho. Eu estava aqui ao meio-dia e várias pessoas podem atestar isso. — Ele recuou, o olhar voando de um dragão para o outro, sempre garantindo que estivesse entre Alex e os homens que avançavam.

— Eu vi você lá, e tenho certeza de que mais peso será dado ao meu testemunho juramentado do que à palavra de um ou outro aprendiz. — Wyndham fez um movimento peremptório com a mão. — Vão em frente, agarrem-no.

Quatro, não, seis soldados se aproximaram deles.

— Afaste-se, moça — disse Matthew.

— De jeito nenhum, eu não posso deixar você... Ah! — Uma espada passou zunindo perto de sua orelha, ela saltou para trás, tropeçou e caiu. Levante-se; levante-se.

Estranho quantas coisas inconsequentes se percebem em situações como essas. Um dos dragões tinha um rasgo enorme entre a sola e a parte de cima do couro, Matthew precisava trocar as meias, e por que havia um anzol saindo do forro de seu casaco? Matthew deslizou na calçada, escorregando como um skatista por um ou dois metros. Ele estava lutando por todos os lados, sua espada dançando no ar, mas estava cercado pela parede atrás deles, pelo cavalo do outro lado, e por ela, ainda de joelhos ao seu lado. Um dos dragões deu-lhe um empurrão, atirou-se para a frente e Matthew desapareceu de vista.

— Matthew! — ela gritou, porque não podia vê-lo, só podia ouvi-lo, e ao lado estava o major sorridente. Idiota; isso era tudo culpa dele. Alex ajeitou as saias e chutou o dragão mais próximo. Com um grito, o homem caiu, colidindo com Matthew, que cambaleou para trás, batendo em Ham, que relinchou e quase empinou. Merda! Mas Matthew ainda estava de pé, e o dragão com certeza não. Direita; avante e para cima. Ela se preparou para mais um chute. Braços a agarraram por trás, prendendo-a no meio do movimento.

— Fique quieta — o major disse em seu ouvido. Bem que você gostaria. Alex pisou forte no pé dele, agarrou-lhe a virilha e apertou até fazê-lo gritar como um porco. Então se desvencilhou do oficial ofegante e se lançou à luta.

— Alex!

O quê? Onde? Oh, Deus, ele estava caído; um dos dragões estava sentado em cima dele, e ali vinha outro. Ela não parou para pensar; ficou na ponta dos pés, girou e bateu com o pé no peitoral do segundo dragão. Santa Matilda, isso doía! Mas parou o pobre homem em seu caminho, seu rosto ficando vermelho brilhante enquanto ele tentava respirar. Seus companheiros caíram para trás, ela agarrou o soldado sentado em Matthew pelos cabelos e puxou. Às vezes, a luta feminina era de longe a melhor. O homem uivou como um gato no cio e tentou soltar os dedos dela. Com um grunhido, Matthew voltou a ficar de pé. Um arranhão na bochecha, sangue no braço, mas no geral parecia ileso. Ele se agachou, rosnando. Lá vinham os soldados novamente, e agora eram oito, e a expressão em seus olhos fez Alex ter vontade de fugir.

— Parem! — Apesar de estar mancando, o capitão Howard cobriu terreno rapidamente. Alex nunca tinha ficado tão feliz em ver alguém em toda sua vida. — O que em nome de Deus está fazendo, senhor? — ele perguntou ao major, soando extremamente desaprovador. Os soldados pararam, olhando de um para o outro.

— Cuide da sua vida, capitão — Wyndham ofegou, agarrando-se a suas partes íntimas. — Saia do caminho para que ele não o apunhale pelas costas. Este é um criminoso desesperado, um assassino de sangue frio que acabou de sair da matança de dois inocentes na casa deles.

O capitão o olhou de cima a baixo em silêncio, balançando a cabeça lentamente de um lado para o outro.

— Vocês pegaram o homem errado, senhor — disse ele em uma voz vibrante.

Mais e mais espectadores se moviam em sua direção, um círculo solto de homens seguindo os procedimentos com interesse. Muitos estavam olhando boquiabertos para ela, e Alex se mexeu, ajustou suas roupas, seu cabelo, sua touca de renda, não gostando nada de ser o centro das atenções. Ao lado dela, Matthew deu um longo suspiro irregular, baixando o braço da espada para deixá-lo pendurado ao lado do corpo.

— Mova-se, capitão — disse Oliver —, saia do caminho ou se arrependerá. Isso é uma ordem.

— Posso garantir o paradeiro de Matthew Graham o dia todo. O major, por outro lado, saiu muito cedo, não foi? Logo depois do amanhecer, se não me falha a memória. — O olhar do capitão Howard varreu os dragões silenciosos. — Assassinato é sempre assassinato, e soldados são enforcados por isso como qualquer outra pessoa.

Um alto murmúrio de aprovação se elevou dos moradores reunidos.

— Não fomos nós — disse um dos dragões, recuando. — Foi ele, o major; estávamos apenas cumprindo ordens.

Seus companheiros murmuraram em acordo, e um por um os dragões se distanciaram de Wyndham, deixando-o sozinho. Alex precisava de uma bebida forte — ou de uma barra de chocolate. Dado que nenhum dos dois se materializou, ela enfiou a mão na de Matthew. Seus dedos se fecharam em torno dos dela.

— Eu? — Wyndham vociferou. — Eu não fiz tal coisa! Foi Graham! Todos nós o vimos sair correndo, não foi? E farei com que qualquer homem que diga algo diferente disso seja açoitado, ouviram? E isso inclui você, Howard!

— O Sr. Graham esteve aqui — disse o capitão. — Vou jurar perante qualquer tribunal do país. — Ele acenou para os dragões, e os homens baixaram as armas.

Matthew devolveu sua espada à bainha.

— Tenho pena de você, Oliver. Começou a vida como uma pessoa de fé e convicção e terminará como um homem para quem nada é sagrado e tudo está à venda.

— Silêncio! — Oliver trovejou. — Estou prendendo você por assassinato, Matthew Graham. Prendam-no, estou dizendo! — ele

gritou, mas nenhum de seus homens levantou um dedo para obedecer.

— É você que eles vão levar acorrentado, Wyndham. Há muitas testemunhas, muitas. — Matthew voltou-se para Ham, virando as costas para Oliver.

Alex ouviu a lufada de ar quando Oliver se lançou contra as costas descobertas de Matthew e agiu instintivamente. Um movimento de bloqueio com o braço e o impacto a fez estremecer, um golpe rápido que fez o major gritar, e então Matthew estava lá, arrancando a faca de Oliver e jogando-a a vários metros de distância.

— Covarde — foi tudo o que ele disse, antes de ajudar Alex a montar em Ham.

O capitão Howard acenou com a cabeça para dois dos soldados, e Oliver foi agarrado e levado embora. Ele parecia atordoado, as pernas se arrastando sobre as pedras. Os dragões restantes partiram, conduzindo seus cavalos sem fôlego. Agora que o show tinha acabado, a multidão se dispersou, alguns dos homens vieram dizer algo a Matthew, de vez em quando apertando sua mão.

O capitão mancou até o cavalo e sorriu para Alex.

— Eu acho que está certa, Sra. Graham. Deus não se importa, de uma forma ou de outra.

Ela começou a rir. Momento perfeito para uma discussão teológica.

— Claro que não. E seja qual for a denominação Dele, você ganhou um assento no céu hoje.

Uma onda de sangue subiu pelo rosto do capitão.

— Vão com Deus — ele murmurou, recuando quando Matthew se sentou atrás dela.

— E você fique com Ele — disse Matthew, antes de fazer Ham começar a andar.

Foi como andar em procissão. Em todas as ruas estreitas, as pessoas colocaram a cabeça para fora para olhar para eles — ou para ela. Ela nunca seria vista da mesma forma naquela cidade, suspirou, eles nunca a deixariam esquecer o dia em que agarrou um policial pelas bolas para salvar a vida de seu marido. Tinha valido a pena, apesar de tudo, mesmo que ela provavelmente devesse desinfetar a mão quando chegasse em casa. Enxugou-a nas saias e notou que tremia. Não apenas a mão, mas seu braço, suas pernas, tudo dela estava tremendo. Matthew a acomodou ainda mais perto de si, as coxas fortes e quentes, a respiração fazendo cócegas em sua bochecha. Ela queria que ele a abraçasse assim para sempre.

— Eu não tinha certeza se você ainda mantinha suas habilidades de luta — ele comentou enquanto deixavam Cumnock para trás.

— Nem eu — disse Alex —, mas acho que algumas coisas, uma vez aprendidas, permanecem com você para sempre. — E graças a Deus por isso. Ela decidiu então implementar uma extensão à sua rotina de

exercícios assim que possível. Nunca se sabia quando suas habilidades marciais poderiam ser úteis.

Já era fim de tarde quando eles dobraram a última curva. Com o calor e a luz do entardecer, a paisagem ao redor brilhava em tons de ouro e bronze polido, a poeira subindo da estrada de terra quando uma eventual rajada de vento passava. Duas pequenas sentinelas esperavam por eles no topo da estrada, duas formas que ao avistá-los começaram a correr. O rosto de Mark estava coberto de lágrimas, Ian parecia prestes a chorar e, sem uma palavra, Matthew deixou o cavalo e pegou os dois meninos em seu peito em um longo abraço.

Depois de cuidar de Ham, Alex arrumou pão e presunto, cerveja para Matthew e Ian, e se acomodou para ouvir a descrição de Ian dos eventos recentes.

— Então vocês o enfrentaram, só vocês dois? — Matthew pigarreou. — Vocês são muito corajosos.

Alex queria chorar. Somente graças aos instintos de Matthew a armadilha de Wyndham saiu pela culatra, e mesmo assim tinha sido por pouco. Durante toda a longa viagem de volta para casa, eles não disseram uma palavra, mas Alex se agarrou a seu braço com tanta força que, quando ela o soltou, viu para sua vergonha que havia deixado hematomas em sua pele.

— Isso foi uma coisa muito perigosa de se fazer — Alex advertiu os dois jovens heróis. — O que há com vocês, homens Graham? — As orelhas de Mark ficaram delicadamente rosadas. Alex bagunçou o cabelo dele e mandou os dois irem para a cama, prometendo-lhes que amanhã faria um enorme bolo em reconhecimento ao valor deles.

Quando ela subiu as escadas, alguns minutos depois, Mark já estava dormindo na cama que dividia com Jacob e Daniel. Ian se mexeu em sua cama quando ela se ajoelhou para beijar sua testa.

— Em breve teremos que mudá-lo para um quarto separado. Homens jovens não dormem com crianças. — Ela ainda estava rindo de seu evidente prazer quando voltou para a cozinha, onde encontrou Matthew olhando para a parede, a mão abrindo e fechando reflexivamente.

— Você está bem? — Ela se aproximou para lhe dar um abraço pelas costas. Ele balançou a cabeça pesarosamente.

— É um pouco assustador, até onde meu irmão está disposto a ir para me destruir. Duas pessoas mortas, nada menos.

— Mas você sobreviveu a isto também — disse Alex, esfregando sua bochecha contra ele.

— Por que ele não pode simplesmente me deixar em paz? Por que não consegue se livrar desse ódio doentio?

— Eu não sei, querido. — Em sua opinião particular, Luke Graham

era um idiota obsessivo que teria se beneficiado com uma lobotomia ou, por que não, com um transplante de cérebro completo com uma vaca.

— Ele tem muito mais do que eu. Sir Luke Graham, nada menos, é o favorito do rei, é rico o suficiente para ter duas casas, tem uma esposa e um filho bebê, e agora outro a caminho...

— E Ian, não se esqueça que ele tem Ian.

— Que ele roubou de mim. — Saiu como um sussurro angustiado. — Meu filho, e ele o roubou! — Ele suspirou e se virou nos braços dela. — Eu não quero deixá-lo ir. Amo o garoto tanto que meu coração se parte, e temo que vou deixá-lo dividido se ele souber o quanto eu o amo, mas Deus me ajude, eu o quero aqui, conosco. Ele pertence a mim.

— Eu acho que Ian já sabe que você o ama. Ele já sabe disso há algum tempo.

— Sim, como um sobrinho, não como um filho — disse Matthew amargamente. — Não é o suficiente, não mais. Eu quero que ele me conheça como pai.

Uma pequena parte dela estava com raiva de que aquele menino, seu primogênito, ocupasse um lugar tão grande em seu coração, mas reconheceu que ele amava todos os filhos com igual paixão. Acontece que receber Ian como filho teria um grande impacto em Mark, e ela não sabia como explicar toda a bagunça para um menino de apenas sete anos. Ela beijou seu nariz.

— Eu já disse; se é isso que você quer, então estou com você o tempo todo.

Ian não se atreveu a se mover. Ele descera para beber água e agora precisava mijar. Pressionando um braço trêmulo contra a boca para se impedir de fazer qualquer barulho, ele escapou escada acima, evitando os degraus que rangiam. Parou do lado de fora da porta do quarto e sentou-se no chão, tomado por tantas emoções que não conseguia clarear a cabeça.

Eles o amavam! Os dois, ele podia ouvir em suas vozes, e seu coração se encheu de felicidade. Seu pai — Seu tio? Não, seu pai! — queria que ele ficasse, para dizer ao mundo que era seu filho. E Ian também queria. Era a este lugar que ele pertencia, seguindo um homem que amava enquanto caminhava do estábulo para o campo, apontando, ensinando, rindo das travessuras de Aragorn, sorrindo com orgulho quando Ian fazia algo certo. Ele reprimiu um soluço; e mamãe? Ele nunca a veria novamente, ou pelo menos apenas raramente.

Ian estava exausto, não só não tinha dormido na noite passada, mas agora seu cérebro era um inferno de perguntas que zumbiam.



Depois de espiar por cima do corrimão para se certificar de que a barra estava limpa, voltou a descer, desatando a correr freneticamente no momento em que saiu de casa. Ele não tinha ideia de por que estava correndo ou para onde, mas correu até que os ruídos altos em sua cabeça diminuíram e então seguiu na direção do rio para pensar.

— O que você está fazendo aqui no meio da noite? — Alex ficou um tanto desapontada. Ela esperara ansiosamente por um mergulho solitário na noite de julho, e a forma encolhida perto da água era uma intrusão bastante indesejável em seus planos.

— Eu não conseguia dormir — Ian murmurou e se mexeu para o lado para permitir que ela se juntasse a ele no tronco.

— Nem eu, está quente, não é? — Além disso, toda vez que fechava os olhos, via Matthew sendo levado acorrentado por um Wyndham triunfante, ou a pobre Sra. Brown coberta de sangue. Eles se sentaram em silêncio, ambos perdidos em seus próprios pensamentos. Ian apertou os joelhos e suspirou.

— Eu ouvi vocês antes, quando estavam conversando na cozinha.

— Oh. — Alex chutou uma pequena pedra, fazendo-a cair com um respingo no meio da água.

— Eu amo os dois — disse Ian. — Eu sei que meu pai nem sempre é um homem bom, mas eu o amo.

— Claro que ama. Seria estranho se não amasse. Luke cuida de você desde que você era um bebê.

Ian ergueu um ombro ossudo, escondendo o rosto contra os joelhos. Alex suspirou; desde a visita de Margaret em abril, eles não tinham recebido uma carta, nenhum sinal de vida, enquanto Ian havia escrito várias vezes. Ela supôs que Margaret estava confinada à cama novamente, gestante, mas ainda assim, seria pedir demais que escrevesse para o filho de vez em quando?

— Vocês disseram que mamãe está grávida. — Foi algo entre uma pergunta e uma declaração.

— Ela não te contou? — Talvez não fosse tão estranho, visto que a gravidez estava nos primeiros estágios, quando ela estivera ali. Ian balançou a cabeça em um não.

— Você acha que eles sabiam? — ele perguntou, cravando os dedos dos pés descalços na areia.

— Quem? Sabiam o quê?

— Eles. Mamãe e... Luke.

Alex olhou para ele pensativamente. Era a primeira vez que ela o ouvia usar o nome de seu cunhado.

— Que eu não era dele, que eles me roubaram do tio Matthew.

— Sua mãe definitivamente, Luke talvez. Mas ela fez isso porque não suportava se separar de você.

— Sim. — Ian encolheu os ombros. — Talvez. E ele me tomou como seu por ela, não por mim.

— No começo, mas com o tempo foi pelo menino que você é.

— Ele não me quer mais — disse Ian tristemente. — Não agora que tem seu próprio filho. Mas... — ele se interrompeu, os olhos seguindo a silhueta silenciosa de uma coruja enquanto ela cruzava a clareira. — Ele não vai me dar ao tio Matthew, não se souber que você quer.

Alex colocou um braço em volta dele e se aproximou mais.

— Não, provavelmente não. Mas sabe de uma coisa? Acho que vamos resolver isso, ok? Se você quiser ficar aqui, conosco, nós vamos consertar a situação, mas a escolha é sua. — Não que ela tivesse ideia de como, mas este menino pertencia a ela agora. Ela se levantou e o colocou de pé.

— Agora, vou dar um mergulho. Você vem? — Com a hesitação dele, ela sorriu, tirou a camisola pela cabeça e pulou na água. Ian a copiou, gritos altos enquanto se dirigia para o fundo da água. Ele ficou flutuando enquanto Alex nadava para frente e para trás várias vezes antes de ficar ao lado dele, seu corpo modestamente coberto pela água.

— Ele disse que me ama — lembrou Ian.

— Ele ama, muito mesmo.

Ian colocou o pé no chão e ficou de costas para ela.

— Eu também o amo. — Ele saiu da água, agarrou sua camisa descartada e desapareceu.

Alex se deitou para flutuar. Ao seu redor, a noite de verão estava escura e bela, e muito, muito lá no alto, ela viu o brilho fraco das estrelas. De alguma forma, suspeitou que tinha acabado de adquirir um enteado e, para sua surpresa, isso a deixou muito feliz.

— Mas se ele me chamar de madrastra, vou bater nele — ela murmurou para o escuro.

— Olhe para você — Matthew sussurrou em seu ouvido. — Redonda como um melão. — A mão dele se espalhou como um leque sobre a barriga dela, puxando a bunda redonda e quente contra sua virilha.

— Mmm... — Alex franziu a testa. Ela manteve os olhos fechados quando ele beijou sua bochecha e pescoço.

— Alex... você sabe, não?

— Sabe o quê? Que você é um idiota sem consideração que não deixa sua exausta esposa grávida dormir? — Ela protestou quando ele a colocou de joelhos, levantando sua camisa alto o suficiente para expor as nádegas ao ar frio da manhã.

— Sim, um idiota — ele riu. — Mas é sua culpa, por ficar assim, tão tentadora em minha própria cama.

— Tentadora, hein?

Ele já estava dentro dela, segurando-a contra si.

— Sim. Tentadora como uma pera gigante.

Ela riu, um som baixo e gorgolejante.

— Você tem problemas sérios, problemas graves de tara em mulheres grávidas. E em frutas.

— Apenas em uma; minha mulher, com meu filho dentro dela.

Ele os balançou para frente e para trás. A respiração dela veio em suspiros curtos, ele esperou, segurando-se até que ela estremeceu embaixo dele, então se moveu rapidamente para terminar.

— Preciso fazer algo a respeito desta cama — ele murmurou —, ela afunda. — Ele pendurou a cabeça na beirada e olhou para o fundo. A estrutura de corda precisava ser apertada e ele cutucou com o dedo as esteiras de junco antes de se jogar ao lado da esposa.

De baixo, veio um murmúrio de vozes jovens, e eles rolaram para longe um do outro para começar a cuidar dos afazeres do dia.

— Você precisa falar com Ian — disse Alex.

— Preciso? — Matthew jogou as meias em um canto. Muito quente. Ele olhou para Alex, que estava vestida apenas com camisa, corpete e saia e franziu a testa. — Você não pode sair assim.

Ela fez uma careta para ele.

— Você está apenas de camisa e calça.

— Sim — ele sorriu —, mas eu não tenho isso, tenho? — Ele cutucou os seios dela através do pano fino. Ela resmungou, mas foi procurar algo, fazendo-o sorrir ainda mais.

— Por quê?  
— Por que o quê? — Alex prendeu o xale florido no lugar.  
— Por que preciso falar com Ian?  
— Porque ele nos ouviu ontem à noite. — Ela deu a ele um olhar muito azul. — Vou suar como uma porca com isso.  
— Porcos não suam — disse ele e escapou pela porta para evitar a escova de cabelo voando em sua direção.

Durante a maior parte daquela manhã, Matthew foi animado pela esmagadora sensação de alívio por ter escapado ileso de mais um dos planos nefastos de seu irmão. Ele cuidou de seus animais, caminhou para inspecionar as plantações em crescimento e estava ridiculamente feliz por estar vivo. Então tudo o atingiu; Tom Brown e sua esposa morreram na cozinha, o filho deles agora certamente seria enforcado — mais uma família destruída no conflito crescente entre a fé de seu povo e a de seu senhor.

Em menos de um minuto, toda sua energia foi drenada e ele recuou para se sentar atrás do galpão de fumaça, olhando para os prados de água. Como seria a vida para seus filhos aqui nos próximos anos? Ele apoiou os ombros na madeira aquecida pelo sol atrás de si e esticou as pernas. Ao seu redor, o ar zumbia com o som de abelhas e centenas de pequenas borboletas brancas subiam, voavam e pousavam novamente nas pontas altas do milefólio. Ele exalou; tinha nascido ali e, nas poucas vezes em que pensara a respeito, tinha presumido que era ali que também seria enterrado, ao lado do pai e da mãe, perto da sorveira-brava. Mas não se fosse enforcado ou deportado...

Seu devaneio foi interrompido por um cachorro muito grande, seguido por Ian, que parou ao vê-lo. A garganta de Matthew se apertou e, para sua própria diversão sarcástica, ele teve que limpar as mãos suadas nas calças. Nervoso como um adolescente... Com o gesto dele, Ian se aproximou, sentando-se ao seu lado com as pernas puxadas contra o peito.

— Soube que você nos ouviu.

Ian abraçou as pernas com mais força e inclinou a cabeça.

Matthew não tinha ideia do que dizer. Lançou um olhar furtivo para o garoto, limpou a garganta, abriu a boca e pigarreou novamente. Seu filho! Ele se sentia tonto, os pelos ao longo de seus braços estavam arrepiados de tensão, mas pelo menos conseguiu não tremer.

— Alex disse com razão que a escolha é sua. Eu te amo tanto que ficarei em paz com o que você decidir, não é grande a diferença entre um tio e um pai. — Ele queria rir em voz alta daquela mentira descarada, mas não o fez, encontrando olhos tão semelhantes aos seus e tão próximos.

— Pai — Ian resmungou depois do que pareceu uma eternidade. — Eu quero chamá-lo de pai. Matthew prendeu a respiração. Ele riu um tanto trêmulo e envolveu Ian em um abraço de urso.

— Meu filho! — Matthew beijou o cabelo bagunçado encostado em seu ombro. — Meu lindo garoto. — Ele riu e apertou Ian com ainda mais força, relaxando seu aperto apenas quando Ian proferiu um “ai” mudo.

— Por enquanto, não falaremos sobre isso — disse Matthew, enquanto se levantavam.

Ian assentiu, parecendo desapontado.

— Você sabe por quê. Se fosse apenas por mim, eu subiria até o topo da colina e gritaria bem alto, mas você legalmente não é meu filho, e devemos lidar com isso com cuidado.

Apenas por causa de Luke, na verdade. Se seu maldito irmão viesse amanhã e exigisse que Ian fosse devolvido a ele, não haveria nada que Matthew pudesse fazer a não ser concordar — ou trazer todo o peso da lei sobre si mesmo.

— E eu preciso de tempo para falar com Mark — acrescentou Matthew, mordendo o lábio.

— Mark? — Ian deu a ele um olhar preocupado. — Ele vai se importar se eu não for mais primo dele, e sim irmão?

— Não é isso, mas você é meu primogênito.

Levou algum tempo para Ian entender o que ele estava dizendo, mas quando entendeu, recuou.

— Eu não quero tirar nada de Mark — disse ele com uma voz trêmula. — Eu amo Mark.

— Shh, garoto, isso não é problema seu, é meu.

— Mas tia Alex... — Ian balançou a cabeça. — Ela não vai gostar se Mark...

Matthew o silenciou com um abraço.

— Ela já sabe. E, no entanto, foi ela quem disse que devo recebê-lo de volta como meu filho.

Ian ficou boquiaberto. O garoto fechou a boca, abriu para dizer algo, fechou de novo, parecendo muito com um peixe fora d'água.

— Foi ela? — Saiu muito rouco.

— Foi ela.

Dois olhos brilhantes encontraram os dele, um sorriso enorme apareceu no rosto de Ian.

— Oh — foi tudo o que ele disse.

— Você se importa? — Matthew perguntou a ele. — Você sabe, com todos os seus meios-irmãos?

Ian o olhou como se ele fosse louco.

— Me importar? Por que eu me importaria?

— Bem, você não gosta muito de bebês, não é?

Ian riu alto.

— Eu não gosto de Charlie, mas amo muito meus priminhos... irmãos. — Ele deu a Matthew um olhar tímido. — Mas uma menina seria bom desta vez.

— Sim, uma menina seria muito bom. — Matthew se virou na direção do pequeno cemitério. — Mais obediente do que a irmã dela, espero. — Ele inclinou a cabeça para olhar para o céu. Em sua cabeça, viu Rachel vir correndo em sua direção, os olhos brilhando e o cabelo voando desordenadamente ao redor de sua cabeça, e ela estava com os braços bem abertos para que ele a envolvesse em seus braços. Ele inalou, e o cheiro que fez cócegas em seu nariz foi o de Rachel — pequena e quente e com cheiro de mel e leite.

— Então você falou com ele. — Alex sorriu, indo encontrá-lo na porta da cozinha. Ela se movia com uma lentidão lânguida que ele reconheceu com uma vibração de expectativa. Devia ser o calor, em combinação com o bebê em seu ventre, que a fez ondular em sua direção.

— Sim, eu falei. — Ele se juntou ao resto da família na mesa e se serviu da comida.

— Não se esqueça dos vegetais — Alex o lembrou, colocando um prato de manteiga com sal para acompanhar as beterrabas e cenouras. Matthew suspirou e piscou para os filhos, recebendo em troca risadas abafadas.

— A gente precisa comer isso? — Mark perguntou, empurrando sua pequena porção de folhas de espinafre para um lado e para o outro.

— Depende — respondeu Alex. — Se quiser sobremesa, então sim, você precisa. Se quiser uma segunda porção de frango, sim, você precisa. Se quiser uma fatia extra de pão, sim, você precisa. Caso contrário, não, claro que não. — Mark enfiou o espinafre virilmente na boca e mastigou, engolindo com uma careta.

— Seu pai adora espinafre — disse Alex, colocando uma quantidade substancial no prato de Matthew. — Não é, querido? — Ela lhe deu as costas e foi até a despensa para pegar a torta de sobremesa. — As mesmas regras se aplicam a todos — acrescentou, dando-lhe um sorriso doce por cima do ombro.

Matthew permaneceu à mesa depois que os meninos e os empregados saíram, recostando-se para permitir que Sarah limpasse os pratos.

— Há uma carta para você, de Luke. — Alex inclinou a cabeça na direção do baú de carvalho.

— Carta? Não ouvi nenhum mensageiro chegando. — Matthew segurou o papel rígido com tanto cuidado como se estivesse lidando

com uma cobra venenosa.

— Provavelmente por estar se esquivando do trabalho atrás do galpão de fumaça — disse Alex, fazendo-o sorrir. — Você não vai abrir?

Matthew quebrou o selo e desdobrou o papel, gastando uma quantidade excessiva de tempo alisando os vincos antes de começar a lê-lo.

— Não é um livro — disse Alex, após ele passar um longo tempo olhando para a carta. — Já deu para você ler tudo umas cinco vezes. O que diz?

Matthew dobrou a carta.

— Ele deseja que seu filho volte para ele, e se o garoto não estiver em casa na primeira semana de agosto, ele virá buscá-lo.

— E isso te assusta por quê?

— Isso não me assusta. Não a mim, mas pode ser difícil para o garoto. — Ele francamente não tinha ideia de como convencer Luke a entregar Ian aos seus cuidados.

— É hora de chamar a cavalaria, eu acho — disse Alex. — Escreva para Simon. Suponho que Joan e Lucy precisem de um tempo longe de Edimburgo.

Matthew a observou com atenção. Joan e Alex não se separaram nos melhores termos na época de Hogmanay, e a empolada, embora sincera, carta de condolências que Joan lhes havia enviado no momento da morte de Rachel não ajudou. Alex nem se incomodou em responder, e agora era Matthew escrevendo para Simon e vice-versa, em vez de as mulheres escrevendo uma para a outra.

— Ela esteve muito doente durante toda a primavera, Simon me disse.

— Eu sei — afirmou Alex —, e eu acabei de falar. Pergunte se eles querem vir.

Ele se levantou e olhou para ela.

— Vou fazer isso imediatamente.

— O que você acha que acontecerá com Wyndham? — Alex perguntou, interrompendo o silêncio confortável em seu pequeno escritório.

Matthew ergueu os olhos da carta.

— Vai ser enforcado, imagino — disse ele com um encolher de ombros desinteressado, então voltou a escrever. — Por que pergunta?

— Eu estava pensando no filho dele. A mãe está morta, o pai será enforcado, ele ficará na miséria, e a menos que a tia possa mantê-lo...

— Não é da nossa conta, é? O pai dele não se importou muito com o seu bem-estar ou o de nossos filhos, não é?

Ela mordeu a linha e inspecionou seu trabalho antes de olhar para ele.

— Só porque ele se foi, não significa que você está mais seguro.

Matthew deu uma risada seca.

— Eu sei. Não há um Covenanter vivo em Ayrshire que não saiba disso. — Ele suspirou, enxugou o papel e dobrou-o, selando-o com uma gota de cera.

— Vou mandar Gavin ir para Cumnock amanhã e encontrar alguém para levar a carta para Edimburgo.

Ele pegou a mão dela quando saíram para a tarde quente de julho e, juntos, partiram na direção das vozes risonhas, encontrando os quatro meninos à beira do rio. Daniel estava gritando de alegria, batendo na cabeça molhada de Ian com suas pequenas mãos, e na parte rasa Jacob estava vadeando lentamente ao longo da borda gramada, arrastando as pernas para frente e para trás.

— Sanguessugas. — Alex suspirou. — Rachel ensinou isso a ele. — Ela o empurrou. — Vá em frente, você está morrendo de vontade de entrar com eles.

— E você?

— Bem, Ian achou difícil no escuro, então imagino que me ver nua em plena luz do dia o deixaria traumatizado para o resto da vida. — Ela inclinou a cabeça para ele e se acomodou na sombra. — Em vez disso, vou nadar mais tarde.

Os meninos gritaram de alegria quando Matthew se juntou a eles na água, e até mesmo Jacob deixou sua busca obstinada por sanguessugas para vir correndo pela parte rasa.

— Eu sei nadar, papai, Ian me ensinou. Olha, pai, eu sei nadar. — Ele se jogou para frente, afundou como uma pedra, mas de alguma forma remou de volta à superfície, deixando um rastro agitado atrás de si.

— Bem, olhe para você! — disse Matthew. — Nadando como um peixe.

— Não vamos exagerar — murmurou Alex —, mais como um macaco se afogando. — Um macaquinho muito fofo, agora sentado nos ombros de seu pai com o cabelo grudado na cabeça enquanto Mark nadava em círculos elegantes ao redor deles.

Ian caminhou até onde Matthew estava e Alex sorriu para seus filhos. Lindos, todos eles — desde Daniel com suas gordurinhas de bebê até Ian com seu corpo esguio. Mas era para seu homem que seus olhos voltavam uma e outra vez; forte e alto, todo ele brilhando com saúde e vida.

Matthew se virou na direção dela e sorriu, seus olhos brilhando como ouro sob um repentino raio de sol da tarde.

— Eu te amo — ele murmurou e mergulhou na água. E eu te amo, ela respondeu em silêncio, agradecendo a Deus mais uma vez por tê-lo



dado a ela.

**J**oan estava com uma aparência horrível. Uma palidez de cera fazia seus olhos cinza parecerem manchas de tinta em papel branco, e seu cabelo caía opaco e sem vida ao redor do rosto.

— Doente? — Alex sibilou para Matthew. — Ela parece um cadáver!

Matthew apertou a mão dela em advertência e foi ajudar a irmã a descer do cavalo.

— Eu posso fazer isso sozinha — disse Joan quando Matthew se abaixou para pegar o lenço que ela havia deixado cair.

— Tenho certeza de que você pode, mas fui criado para ser educado.

Joan resmungou uma desculpa e se virou para receber Lucy nos braços. Lucy ainda não tinha dois anos e já era extremamente controlada, olhando para seus primos turbulentos com olhos cinzentos arregalados. Ela se retorceu nos braços de Joan e foi colocada no chão, em perfeita quietude quando os meninos se moveram em sua direção. Mas foi só quando viu Ian que sorriu, duas covinhas aparecendo em suas bochechas.

Alex ficou para trás no início, mantendo distância enquanto Simon e Matthew se davam tapinhas nas costas, mas depois de uma sequência de olhares compartilhados com Joan, ela se moveu em sua direção.

— Qual o problema com você? — Alex perguntou, pegando Joan pelo braço.

— Problema comigo? — Joan encolheu os ombros para se livrar do aperto de Alex.

— Oh, não me venha com essa. E mesmo que Matthew seja muito atencioso para perguntar, posso dizer que ele também está se perguntando e se preocupando.

Joan inspirou, deu meia-volta e expirou.

— Há algo de errado com meus humores, e meu médico recomendou que eu comesse pão seco com moderação e bebesse moderadamente. Devo sangrar várias vezes por semana.

Alex olhou para ela.

— Besteira, você está subnutrida, e sangrar só a deixará ainda mais anêmica.

Joan franziu a testa com sua linguagem.

— Consultei vários médicos, e eles são homens de saber.

Alex ergueu as sobrancelhas.

— Diferente de mim, você quer dizer? Charlatões, muitos deles, e agora que você está aqui, vai se alimentar como eu disser.

Joan começou a protestar, mas Alex balançou a cabeça.

— Duas semanas. E então vamos ver como você se sente, certo?

Joan a olhou com uma mistura de respeito e ressentimento.

— Você é uma pessoa muito autoritária.

— Eu sei, é uma das coisas sobre as quais sempre tenho conversas muito longas com Deus. — Felizmente, Joan optou por não comentar, por mais que pressionasse a boca numa linha reta.

Depois do jantar, Matthew conduziu Simon para a privacidade de seu escritório, serviu uma dose de uísque para cada um e se sentou.

— Ian — disse ele —, eu o quero de volta.

Simon franziu a testa e estendeu as mãos, estudando-o por um longo tempo.

— Tem certeza?

Matthew fez um barulho irritado. Claro que ele tinha certeza!

— E Alex?

— Ela sabe o que pretendo fazer.

— Hmm — Simon disse —, e ela entende que isso significa que Mark vai perder Hillview?

A declaração seca fez Matthew hesitar diante do pensamento de ter que explicar tudo aquilo a Mark, mas o garoto tinha apenas sete anos e amava Ian, qualquer um podia ver isso. Ele iria superar a perda, Matthew garantiu a Simon, que grunhiu que, em sua experiência, o amor fraternal era uma das primeiras vítimas nas disputas por herança, como Matthew bem sabia.

— Vou garantir que todos os meus filhos estejam bem encaminhados — disse Matthew.

— Oh, sim, tenho certeza de que você vai.

Mas o ativo mais valioso sob o controle de Matthew era a pequena propriedade, e isso permaneceria intacto para o mais velho, deixando muito pouco para os outros compartilharem. Três, não, quatro filhos já.

— Você está planejando muitos mais? — Por mais que Simon tenha tentado evitar, Matthew pôde ouvir a inveja em sua voz. Ele se mexeu na cadeira, olhou pela pequena janela para onde Alex e Joan estavam sentadas na sombra.

— Haverá mais, eu acho. Alex ainda é jovem e...

— Vocês dois são bem dispostos na cama — Simon terminou por ele com um pequeno sorriso.

— Como é isso para vocês? — Matthew perguntou, mantendo seu olhar em qualquer coisa, menos em Simon. — Vocês...

Simon engasgou com seu uísque, tossindo por vários minutos.

— Sim — ele finalmente conseguiu dizer.

Simon estava mentindo descaradamente, o que ficou muito óbvio para Matthew pelo jeito como seu amigo o olhou diretamente nos olhos, aqueles olhos azuis claros dele nunca vacilando. Mas, bem, ele não podia pressionar, não sobre assuntos tão privados quanto o que se passava no leito conjugal, e do ponto de vista de Simon quaisquer outras perguntas seriam indesejáveis. Em vez disso, Matthew voltou ao assunto em questão.

— Você acha que será complicado reivindicar Ian como meu?

— Sim, e se Luke não quiser renunciar a ele, é quase impossível. — Os olhos de Simon se desviaram para o lado de fora, pousando em Ian, que empurrava Lucy para frente e para trás no balanço da corda. — Ouvi dizer que Margaret está gestante novamente.

— Sim, deve nascer em novembro. Ian recebeu uma carta dela ontem e quando a leu, jogou-a no fogo.

Matthew ficou curioso e usou o atizador para recuperar o papel, alisando-o para ler uma longa e jorrante descrição do pequenino Charlie e de como Luke estava feliz por logo haver outra criança. Havia um pós-escrito bastante triste, rabiscado com pressa e com erros ortográficos, onde ela confessava que sentia falta dele, todos os dias sentia falta de seu Ian, e esperava que ele também sentisse falta dela, mas como estava acamada, talvez fosse melhor se...

— Pega no meio da disputa — Simon disse. — Pobre mulher.

— Sim. — Matthew abriu uma gaveta e tirou um retrato, gravemente chamuscado de um lado. — Ela incluiu isto.

Era um excelente trabalho, trazendo à vida o menino que se vestia com batas compridas decoradas com rendas e fitas e sorria timidamente para o observador. Olhos verdes brilhantes, cabelos que caíam em mechas macias e onduladas de um vermelho escuro em volta de um rosto que era uma versão menor do de Margaret, até o queixo pequeno e pontudo. Em uma mão gordinha o menino segurava um chocalho, na outra uma colher de prata.

— Bem, sem dúvida. Esse é definitivamente o filho de Luke Graham. — Simon mordeu o lábio. — Não deve ser fácil para o garoto — disse ele, acenando com a mão na direção de Ian. — Agora que tem essa cópia de si mesmo, como Luke pode olhar para Ian com qualquer coisa, exceto ressentimento por ter sido enganado para reconhecê-lo, roubando assim a herança de seu filho legítimo?

— Então talvez Luke possa ser convencido a deixar Ian partir, agora que tem esse menininho. — Matthew ouviu o quão ridiculamente esperançoso ele parecia.

Simon bufou.

— Se Luke souber que você o quer, vai mantê-lo, se por nada mais, para irritá-lo.

Alex olhou para Ian com orgulho maternal quando deixou Lucy pegar sua mão e arrastá-lo para os outros três meninos, ocupados com um jogo intrincado envolvendo bastões longos.

— Ela é uma menina bonita — disse Alex, sentindo uma dor vazia dentro de si.

Joan sorriu na direção de sua filha.

— Sim, ela é. E teimosa como o pai, não que isso vá ser de muita ajuda. — Esta última parte foi dita com uma certa acidez.

— Ajuda? — Alex estudou sua sobrinha, que de alguma forma tinha concluído que o objetivo do jogo era derrubar Daniel no chão e sentar-se sobre ele.

— Ninguém jamais vai querer se casar com ela, já que ela é surda.

Alex olhou para Lucy, mas viu outra menina, sua menininha.

— Pelo menos ela está viva — disse ela e se levantou.

Ela estava sentada perto do túmulo de Rachel quando o portão do cemitério rangeu, mas não se virou, mantendo a mão na pedra aquecida pelo sol que tinha o nome de sua filha. Joan se ajoelhou ao seu lado.

— Você deve sentir muito a falta dela — disse.

— Todos os dias, quase todas as horas, penso nela, me perguntando por que não está aqui. Quando eu entro para dar um beijo de boa noite neles, sempre me surpreendo que ela não esteja lá com os outros, e cada vez que os porcos fazem barulho, eu me pego pensando que Rachel está tramando algo de novo, então eu me lembro que é claro que ela não está, porque ela está morta. Morta! — Alex arrancou uma rosa branca do arbusto e colocou-a na lápide, limpando primeiro a sujeira imaginária. — Eu odeio a ideia de que ela está apodrecendo no escuro, e tenho esses sonhos horríveis em que ela está chorando e segurando um braço meio comido, me pedindo para fazer algo. — Ela cruzou os braços com força sobre o peito.

— Ela está com Deus. — Joan colocou a mão no ombro de Alex.

— Sim, é o que todos vocês dizem. Matthew, Sandy, você, até mesmo Ian. — Ela olhou para onde Matthew e Simon tinham saído da casa e estavam vagando em direção às crianças. — Não ajuda, porque ela deveria estar aqui, comigo, não morta no chão.

— Oh, Alex, claro que ela deveria! Mas não está, não mais, e você deve confiar que ela está feliz onde quer que esteja. — Joan sorriu ligeiramente. — Devemos torcer para que eles tenham porcos no céu.

Alex riu da imagem ridícula de porcos celestiais brancos e, em seguida, começou a chorar.

— Ela gostaria disso — disse em meio às lágrimas.

Matthew levou Simon com ele para Cumnock para assistir ao julgamento de Oliver, voltando com uma expressão sombria no rosto. Quando Alex tentou conversar, ele a dispensou, dizendo que não era nada e que precisava de um tempo sozinho.

— É aquele major — disse Simon para Alex, abaixando-se com algum esforço para se sentar na grama ao lado dela. — Aquele maldito perjurado repetiu que não foi ele, mas sim Matthew Graham quem matou Tom Brown e sua esposa. Ele até disse que tinha visto, com os próprios olhos.

— Mas ninguém acreditou nele — disse Alex, os olhos fixos onde o marido havia sumido de vista.

— Não, claro que não. Mesmo assim, foi difícil para Matthew. — Simon deu a ela um olhar triste. — Eles enforcaram o rapaz Brown. Ainda não tinha dezesseis anos e eles o enforcaram. Portanto, agora são apenas o rapaz mais velho e as duas garotas. Que desperdício! — Ele se sacudiu, acomodou-se no tronco da árvore mais próxima e acenou com a cabeça na direção de sua esposa. — Não sei o que você está fazendo, mas ela parece muito melhor.

— O que ajuda é comer, e qualquer que tenha sido o idiota que sugeriu que ela fosse sangrada regularmente deveria ter sua cabeça examinada ou, preferencialmente, esmagada. — Alex terminou de consertar o longo rasgo na roupa de Daniel e dobrou-a, pescando a próxima peça da fila em sua cesta.

Simon sorriu.

— Agora, por que eu acho que o Dr. Guthrie não gostaria de ouvir você dizer isso?

— Porque ele é um idiota pomposo?

— Alex! Ele é um homem estudado.

— E? — Ela franziu a testa para a agulha. — Também ajudaria se você parasse de ir ver aquela prostituta.

— Prostituta?

— Ela sabe e, estranhamente, não vê nada de errado nisso. — Se fosse Alex, teria enfiado um atizador na bunda dele. Ok; talvez um pouco excessivo, mas ainda assim...

— Bem, então é melhor você não se intrometer — disse ele friamente.

— Isso está partindo o coração dela.

Ele exalou, arrastando-se com raiva na grama.

— Eu amo minha esposa, mas tenho apenas trinta e oito anos. Não posso viver no celibato e faço o meu melhor para ser discreto. Você não deve ter a pretensão de julgar quando não tem todos os fatos.

Todos os fatos? Joan admitiu estar com medo de engravidar de

novo e, aparentemente, nunca lhe ocorreu que alguém pudesse se divertir na cama sem ir até o fim. E agora parecia que Simon era tão pouco esclarecido quanto.

— Existem outras maneiras, você sabe.

— Outras maneiras? — Ele a olhou com cautela.

— Você sabe; para... err... bem, agradar um ao outro. — Ela juntou seus remendos e se levantou. — Fale com Matthew — ela disse e foi embora.

— O que deu em você? — Matthew latiu, em algum lugar entre exasperação e diversão. — Você o deixou chocado.

— Não contei a ele nada em detalhes.

— Não, isso você deixou para mim — murmurou Matthew. Ele riu e balançou a cabeça. — Você falou com Joan? Você sabe, sobre como...

Alex se contorceu e admitiu que sim.

— E o que ela disse?

— Primeiro ela não disse nada, depois não disse nada, depois disso não disse absolutamente nada e então começou a rir.

— Ah. — Matthew acenou com a cabeça.

— E então ela disse que não é de se admirar que eu insistisse tanto para que as pessoas se lavassem o tempo todo — acrescentou Alex afetadamente, fazendo Matthew uivar de tanto rir.

**M**atthew esperou até que o capitão Howard desmontasse antes de ir até ele.

— Capitão — disse, estendendo a mão. Se Howard ficou surpreso, não demonstrou, segurando a mão de Matthew. — Como está sua perna?

— Melhor. — O capitão ajustou a tipoia em seu braço enfaixado. Seguiu-se um silêncio tenso, com Matthew esperando que o capitão declarasse o que queria, enquanto o capitão obviamente procurava por Alex. Finalmente, Howard enfiou a mão no bolso de seu casaco longo e tirou um bilhete dobrado, entregando-o a Matthew.

— Eu recusei no início, mas vendo como o major implorou, prometi que entregaria a você pessoalmente.

— Por que Wyndham escreveria para mim?

— Não tenho ideia, não tenho o hábito de ler as cartas de outros homens. — Howard sorriu ao ver Alex descer da horta com uma cesta carregada no braço e ergueu a mão em saudação. Ela acenou de volta e mudou o curso em direção a eles.

Howard ficou boquiaberto, parecendo um rapaz apaixonado — ou um cão de caça adorável, dados aqueles olhos escuros dele. Seu olhar se fixou em Alex, e Matthew não tinha certeza se deveria repreendê-lo ou rir. Ela era uma visão bonita, sua Alex, em sandálias e com as mangas da camisa presas por fitas azuis que combinavam com o bordado do corpete verde.

— Capitão. — Alex parou e pousou a cesta carregada. Howard fez uma reverência em sua direção, olhou para a cesta e deu uma risada curta.

— Batatas? — Ele pegou uma. — Meu tio as cultiva em seu jardim, mas é raro vê-las serem cultivadas tão longe de Londres.

Alex revirou os olhos.

— Nem me fale, levei anos apenas para encontrar alguém que me vendesse alguns tubérculos de sementes. — Ela sorriu para sua cesta. — Primeira safra de todos os tempos, então hoje os homens Graham comerão batatas e trutas. Mal posso esperar para ver seus rostos impressionados. — Ela riu e colocou a cesta de volta no braço. — Framboesas para a sobremesa — prometeu, enviando um olhar para Matthew antes de caminhar na direção da casa.



— Você é bem-vindo para ficar para o jantar — disse Matthew a Howard. — Mas devo avisá-lo: ela serve muita folhagem e espera que você coma.

Howard fez uma reverência e murmurou que estava muito agradecido.

— Suponho que tenha renunciado à sua patente — disse Matthew, estudando a aparência do outro homem. Sem faixa de oficial, sem espada pendurada ao lado e, em vez de botas, ele usava meias de seda e sapatos com fivelas polidas. Ele inclinou a cabeça na direção da colina, sugerindo que andassem, e Howard seguiu ao lado dele.

— Sim — disse Howard —, foi o melhor. Prestar testemunho contra seu oficial comandante não é aprovado em todos os quadrantes. E estava na hora, eu acho. Quero viver uma vida menos cheia de conflitos do que a que tenho levado ultimamente, uma vida melhor.

— Ah — disse Matthew.

— Poderia... — Howard pigarreou. — Seria impróprio da minha parte pedir que me permitisse ver o túmulo da sua filha? — Matthew parou por um instante antes de desviar para a esquerda.

— Eu não culpo você. Posso ter culpado, vez ou outra, mas principalmente eu me culpei. Eu deveria ter deixado você levar o cavalo.

Howard balançou a cabeça.

— Eu me culpo. Todos os dias. Eu o provoquei, fiz de propósito, para ter uma desculpa para arrastá-lo para fora daqui.

— Sim, eu sei disso, mas eu ainda tinha uma escolha. — Ele parou no muro baixo e abriu o portão, permitindo que Howard o precedesse. — Venho aqui muitas vezes ao amanhecer. Antes de alimentar os animais, sento aqui e converso com minha Rachel.

Howard olhou para a pequena lápide e extraiu uma pequena cruz de prata de seu bolso.

— Posso? — ele perguntou.

— Sim.

Howard se ajoelhou, cavou um pequeno buraco e enterrou a cruz, recitando uma oração em voz baixa.

Matthew riu com tristeza.

— Protegida; seja católico ou presbiteriano, Deus com certeza a receberá em Seu céu agora.

Howard se endireitou para ficar ao lado dele.

— Todas as crianças vão para o céu, é claro que vão.

— Espero que sim — disse Matthew.

Era final da noite do mesmo dia e Matthew estava no pasto, examinando a égua prenhe.

— A qualquer momento, moça — disse ele, acariciando o lado

saliente. A égua relinchou, colocou um focinho de veludo em sua mão e soprou. Ele encontrou um pedaço de cenoura e ofereceu a ela, deu um tapa na larga anca marrom e foi até onde Ian estava escovando Salomé, a pequena égua dançando impacientemente, orelhas para trás.

— Fique parada. — Matthew agarrou o cabresto e puxou com força. Salomé tentou recuar, mas parou obediente quando reconheceu que o homem não estava prestes a ceder. — Bobinha — Matthew sussurrou, esfregando a égua entre os olhos. Salomé bateu a perna dianteira.

— Por que você o convidou para sua mesa? — Ian perguntou, concentrando-se na longa cauda branca de Salomé.

— Ele salvou minha vida em Cumnock e, no fundo, é um homem decente.

— Ele não voltou em fevereiro — disse Ian, movendo-se para pentear a longa juba.

Matthew se abaixou para inspecionar os cascos, passando as mãos pela superfície lisa para garantir que estavam inteiros.

— Ele não tinha intenção de matar Rachel — disse finalmente.

— Não, mas ele queria muito matar, ou pelo menos machucar você. — Ian se aproximou e se apoiou em Matthew, o rosto contra a camisa de linho áspero. — Se ele tivesse conseguido, eu o teria matado — disse ele, com tanta convicção em sua voz que fez Matthew estremecer.

— Shhh — ele acalmou, abraçando o garoto.

— Eu te amo, não posso tolerar essas pessoas que desejam te machucar. — Ian engoliu em seco, respirando fundo. — Se meu pai... tio... tentar fazer mal a você, eu irei impedi-lo. De alguma forma, vou impedi-lo, mesmo que tenha que matá-lo.

— Não, rapaz, não chegaremos a esse ponto — disse Matthew, beijando o topo de sua cabeça.

Ian inclinou a cabeça para encontrar seus olhos e assentiu gravemente.

— Não, não chegaremos. — O garoto recuou e respirou fundo algumas vezes. Seus dedos desapareceram por dentro da calça, reaparecendo alguns segundos depois com uma pequena bolsa. Dedos longos tremiam enquanto lutavam com o nó.

— Ele nunca vai me perdoar por isso — Ian sussurrou, sacudindo um pequeno objeto brilhante que colocou na palma da mão de Matthew. Seus olhos brilharam com lágrimas e com um som estrangulado ele voltou para seu cavalo.

Matthew passou um dedo pela bela joia que descansava em sua mão. Por que Luke o guardara? Ian ainda estava de costas para ele, ombros estreitos tão rígidos que Matthew suspeitou que estava prendendo a respiração em um esforço para não chorar. Pobre menino

— tão corajoso — deve tê-lo despedaçado ter que fazer isso. Ele deu um tapinha nas costas de Ian.

— Você é um filho de que se orgulhar — disse ele, deixando-o chorar em paz.

— Você acabou de deixá-lo lá? — Alex ergueu as sobrancelhas e voltou a se lavar. Ela pegou um novo punhado de areia fina e esfregou vigorosamente para cima e para baixo em suas pernas, movimentos circulares fortes com ênfase especial nas nádegas e na parte superior das coxas.

Matthew se aproximou, pegou um pouco de areia e fez o mesmo nas costas dela, notando, como sempre, o quão branca era sua pele. A primeira vez em que a viu, seu corpo era de um marrom dourado, do rosto aos pés, com apenas algumas manchas de pele pálida sobre os seios e partes íntimas. Ainda o horrorizava imaginar uma sociedade onde as mulheres vagavam por aí em tal estado de nudez diante de outros homens que não seus maridos, e ele sentia uma quantidade considerável de prazer em saber que era o único homem que a via assim, inteiramente nua.

— Ele precisava ficar sozinho — disse, recuando para se sentar no tronco. Alex bufou e trouxe um pedaço de sabonete perfumado, ensaboando-se em todos os lugares antes de mergulhar na água. Ela nadou todo o caminho antes de subir para respirar, sua cabeça lisa como a de uma foca.

— Eu estava certa então — afirmou ela, uma vez que estava de volta a uma distância em que podia ser ouvida. — Foi Luke quem matou Malcolm.

— Ou Margaret, mas essa é uma opção que Ian não considerou.

Ela se enxugou e veio sentar-se ao lado dele, desarrolhando a garrafa de pedra de óleo. Então passou óleo em toda a pele, sendo ele um espectador silencioso, mas apreciativo.

— Sua vez — disse ela assim que terminou. — E eu vou sentar e cobiçar você, certo?

Matthew riu e tirou a roupa, pegou o sabonete e foi para as profundezas.

— Injusto — Alex gritou atrás dele. — Eu fiquei onde você pudesse me ver, tudo de mim.

— Sim, mas eu tenho melhor autocontrole — ele brincou dentro d'água. Obedientemente, ele se aproximou, descobrindo-se bem até a metade da coxa.

— Legal — Alex sorriu. — Parece muito promissor.

Houve um estalo de galhos e Matthew apressadamente recuou com seu pênis meio ereto mais para o fundo, enquanto Alex se ocupava com o cordão de sua camisa.

— Vocês estão decentes? — A voz de Simon veio do grupo de amieiros que cercava a lagoa.

— Decentes o suficiente — respondeu Alex, procurando seu xale. Ela murmurou um "mais tarde" na direção de Matthew e se levantou.

— Há uma toalha para você também — disse ela ao passar por Simon. — Afinal, existem certos benefícios tangíveis em se manter limpo. — Ela desviou do pedaço de pau que ele atirou e escapou rindo em direção à casa.

O banho da noite passada parecia bastante inútil depois de algumas horas na horta. Alex observou suas mãos e braços manchados, pegou uma cesta vazia e foi se juntar a Joan, ocupada com as groselhas.

— Então, as coisas estão funcionando? — Alex disse, mergulhando ainda mais nos arbustos para colher os cachos maduros. Ela se sentia como uma espécie de guru do amor, dando uma dica após a outra sobre como alguém poderia, bem, e ... hmm ... e às vezes, você sabe, dedos e... boca, e por que não fazer isso...

— Que coisas? — Joan parecia confusa.

— Você sabe, você e Simon.

— Ah.

Elas se concentraram em encher suas cestas.

— Não tenho certeza — disse Joan, sentando-se sobre os calcanhares.

— Certeza sobre o quê?

— Se está certo — Joan suspirou.

Alex virou a cabeça para o lado para olhar para ela.

— Certo como? Você não gosta de fazer amor?

Joan ficou de um vermelho vivo.

— Um homem e uma mulher devem se deitar juntos para gerar filhos, não apenas por prazer.

Alex correu de volta para o lado dela do arbusto, principalmente para esconder seu sorriso largo e incrédulo.

— Seu marido tem necessidades — disse ela, recebendo um grunhido em resposta. — Eu suponho que você tenha necessidades também. Eu sei com certeza que ficaria louca se Matthew e eu não fizéssemos amor regularmente.

— Bem, vocês fazem — brincou Joan. — Muito regularmente, ao que parece.

Muito mais do que você pode imaginar, Alex sorriu. A noite passada foi muito boa. Ela se espreguiçou, seu interior aquecendo de desejo ao pensar nele.

— Mas você engravida — disse Joan, interrompendo os devaneios de Alex.

— Joan! — Alex se deixou cair ao lado dela. — Você não pode,

outra criança iria matá-la. E você ainda quer, não é?

Joan murmurou que sim, ela queria.

— Portanto, é fácil; Simon quer, você quer. E porque você não pode engravidar, tem que se restringir, ser um pouco criativa. — Alex sorriu com a expressão profundamente envergonhada de Joan. — Não acho que Deus se importe.

Joan riu e jogou um punhado de frutas vermelhas nela.

— Não, mas você também acha que Deus pode ser católico.

— Ou uma mulher — disse Alex, ignorando o suspiro alto de Joan.

— Ninguém sabe, certo? Os mortos nunca voltam para nos contar.

— Você não deveria dizer coisas assim. Podem causar sérios problemas. Se um ministro ouvisse você, mandaria chicoteá-la.

— Não há ministros por perto — disse Alex —, na verdade, não vejo nenhum há anos, exceto em relances.

— Ela está certa? — Alex perguntou a Matthew enquanto eles caminhavam de mãos dadas até o topo da colina em uma celebração particular de seu aniversário. Nove anos hoje desde que ela tinha caído através de uma fenda no tempo inconsciente aos pés dele, no dia 10 de agosto de 1658. — Eles teriam me chicoteado? — Suas costas se curvaram quando ela se lembrou do tenente Gower e seu chicote.

— Eles poderiam ter tentado, mas eu não permitiria que nenhum homem levantasse a mão para minha esposa.

Não, porque se eles fizerem isso, você os mata, ela engoliu em seco.

— Nem mesmo um ministro do seu Kirk?

— Nem mesmo o próprio Sandy Peden. — Ele sorriu para ela, entrelaçando os dedos dos dois. — Veja bem, ele nunca recorreria a algo tão rude quanto uma surra. Não, Sandy falaria com você até recuperar o juízo, ou até sua morte iminente, o que viesse primeiro.

Eles chegaram ao topo e ficaram olhando para a casa, longas sombras da tarde brincando sobre prados e campos, modelando o pomar e o pátio de paralelepípedos entre a casa e o estábulo. Os feixes nos campos colhidos ficavam em fileiras organizadas, mesmo dali eles podiam distinguir a carroça giratória que estava trazendo a última carga do dia, as vozes dos homens sendo carregadas no ar parado da noite.

— Você já desejou voltar? — ele perguntou, puxando-a para ficar na frente dele. Deslizou as mãos em volta da cintura dela, colocando-as em seu filho ainda não nascido.

— Não — ela balançou a cabeça. — Como poderia? Mas às vezes fico com muito medo, porque a vida é muito mais frágil aqui do que lá, no futuro.

— Você vai viver por muitos anos mais — disse ele, apoiando o

queixo em sua cabeça. Ele aumentou a pressão das mãos no corpo dela, fazendo-a sorrir ironicamente. Logo ela faria trinta e cinco anos e, diante de si, ainda se estendiam vários anos de fertilidade e, portanto, por definição, mais gravidezes. Não era um pensamento totalmente agradável, mas não havia muito que ela pudesse fazer sobre isso, a menos que planejasse restringir seus encontros sexuais, algo em que ela e Matthew falhariam terrivelmente.

Ela ficou pensando na pergunta dele. Raramente pensava em sua outra vida, e com uma pontada na consciência, reconheceu que até amava Ian mais do que amava Isaac, seu filho no futuro, porque Ian estava aqui e agora, enquanto Isaac havia desaparecido para ser uma vaga presença em sua cabeça. Mas ela teria adorado vê-los novamente, sentar e rir com Magnus em sua cozinha, segurar Isaac em seus braços.

— Sinto falta de livros — disse ela —, de livros e jornais, de saber o que está acontecendo no mundo.

— Livros? — Ele soprou na orelha dela. — Mas você ainda nem conseguiu terminar a Bíblia.

— Estou quase terminando — ela protestou.

Ele apenas riu.

— Vou para Cumnock amanhã — Matthew a informou no caminho de volta. — Decidi visitar Oliver.

— Por quê? Ele não merece que você faça isso. — Na opinião de Alex, Oliver Wyndham estava escapando muito facilmente ao ser enforcado. Ele deveria ter sido transportado para algum lugar para passar o que restou de sua vida em servidão permanente.

— Não, ele não merece, mas eu não posso apagar a memória de como ele era antes, selvagem e apaixonado e tão cheio de esperança por este novo país que estávamos ajudando a construir, um país governado por homens livres. — Ele parecia nostálgico e Alex apertou sua mão.

— Algum dia — ela prometeu.

— Sim, mas não no meu tempo.

— Muito bom — disse Alex, fazendo Matthew girar mais uma vez. Ele obedeceu, pensando que parecia um verdadeiro cavalheiro em seu casaco azul escuro com bordados pretos e roxos nos bolsos e punhos; gola quadrada de renda, calças justas combinando com as meias de seda azul escura e sóbria, tudo isso o proclamando um homem de valor.

Joan olhou para a costura e franziu a boca.

— Você é uma excelente costureira, este bordado é primoroso.

Alex fez um gesto de modéstia.

— Eu gosto e tive uma boa professora, certo?

Joan sorriu e foi ajudar Simon com o casaco, arrumando a gola desalinhada para ficar plana na frente. Ela franziu a testa, molhou o dedo e esfregou uma mancha em um dos botões de estanho e recuou para acenar com a cabeça.

— Você parece bem, vocês dois.

As mulheres seguiram Matthew e Simon até o quintal e acenaram atrás deles enquanto partiam. Eles iriam passar a noite em Cumnock, ficando para testemunhar a execução de Wyndham amanhã, planejada para coincidir com um dia de feira.

— Por que acha que ele quer ver você? — Simon perguntou.

— Não faço ideia. Remorso? Uma necessidade no último minuto de pedir perdão? Precisa se explicar? — Matthew não estava ansioso para ver Oliver, mas se sentiu de alguma forma obrigado. — Eu me pergunto o que passar um mês em uma cela terá feito com ele. Suponho que devem tê-lo mantido separado do resto, ele encontraria muito poucos amigos entre os outros presos.

Bastou olhar para Oliver para ver que ele não tinha tido o privilégio de uma acomodação separada. Agora, na véspera de sua execução, ele tinha o direito de tomar banho e fazer a barba para cumprir seu fim em grande estilo, e recebeu Matthew no espaço confinado que seria o último quarto em que dormiria. De um lado havia um catre cheio de palha, a única peça de mobília na cela, exceto pelo banquinho que ele ofereceu a Matthew.

— Vou ficar de pé — disse Matthew. Ele estava desconfortável por estar ali e não gostou do ávido interesse no rosto do guarda que o deixou entrar. Algo estava acontecendo e, após uma rápida observação

do quartinho, Matthew decidiu que era tudo muito astuto. Havia algo estranho nos lambris, um ligeiro desalinhamento que o fez suspeitar que a conversa estava sendo vigiada.

— Como quiser. — Oliver se sentou.

— O que aconteceu com o seu braço? — Matthew perguntou, indicando o membro que Oliver estava embalando.

Oliver ergueu os olhos avermelhados em sua direção.

— Quebrou, os braços fazem isso quando são dobrados para o lado errado.

Sim, eles fazem, e deve ter sido muito doloroso, Matthew presumiu.

— Por que você queria me ver? — Ele se recostou na parede. Oliver não respondeu, estudando-o atentamente. O casaco, a renda branca na gola e no punho, os sapatos bem engraxados e até o chapéu, preto e discretamente decorado com uma faixa azul escura, foram examinados.

— Alguém poderia pensar que você está indo para um casamento, não para um enforcamento — Oliver disse, tentando rir.

— Uma ocasião festiva, em qualquer caso — retrucou Matthew com irritação.

Oliver puxou sua camisa e murmurou algo sobre tudo estar muito grande. Matthew o examinou; seu ex-amigo encolhera, e o casaco bem cortado pendia como um saco em seus ombros ossudos.

— Deve ser fácil — Oliver disse. — Viver tão seguro de que leva uma vida justa.

— Seguro? Não, Oliver, isso não. Mas eu tento.

Oliver riu roucamente.

— Tentar? Para você, o mundo sempre foi muito preto e branco. Algumas coisas estavam certas, outras erradas, e nunca houve qualquer dúvida sobre o que era o quê. Para a maioria de nós, a vida é uma confusão de cinzas, uma sucessão infinita de compromissos entre os ideais por que outrora lutamos e a sordidez da realidade.

— É cinza para mim também, mas há algumas coisas que eu nunca faria. Trair um ex-amigo, por exemplo, ou matar um fazendeiro indefeso e sua esposa. — Ele cuspiu para o lado.

— Então, você nunca matou injustamente? — Oliver riu incrédulo. — E o tenente que você amarrou no carvalho da encruzilhada?

Matthew olhou para ele, balançando a cabeça de um lado para o outro: uma armadilha muito óbvia.

— Sim, eu matei, e às vezes de forma errada, mas sempre em batalha, na guerra. — O que cobria perfeitamente o tenente e os dois soldados na charneca também.

— E na noite em que você explodiu o galpão de munições? — Oliver exigiu. — O que foi aquilo então? Você poderia ter matado



centenas de homens!

— Não fui eu, estava doente na época — disse Matthew —, com variola.

— Da qual você se recuperou em um tempo milagrosamente curto, sem nenhuma marca — Oliver disse com sarcasmo pesado.

— Eu orei e Deus ouviu — disse Matthew.

— Sim, suponho que você pense que Ele sempre ouve você. Você e seu bom amigo Sandy Peden. — Oliver se sentou para frente, olhando feio para ele.

— Nem sempre, não. Se o fizesse, Tom Brown não estaria morto.

— Ah, não? E como você teria lidado com ele, informante que era?

— Informante? Tom? — Matthew ficou bastante satisfeito com o quão surpreso parecia.

Oliver deu a ele um longo olhar, afundou, e olhou para sua mão direita, virando-a para um lado e para o outro.

— Eu tive que fazer — disse ele. — Eu poderia perder tudo a menos que... Oh, Deus, e agora meu filho, meu Francis... — Ele lançou um olhar suplicante para Matthew. — Você entende, não é?

— E meus filhos? Minha esposa? Minha vida?

— Sua vida? — Uma centelha do velho Oliver brilhou em seu rosto. — Não me venha com essa. Você é culpado de pecado quando se trata de ajudar os malditos pregadores, e nós dois sabemos disso. Admita, cara, você os tem ajudado o tempo todo.

— Eu tenho? — Matthew ergueu as sobrancelhas.

A animação deixou Oliver tão rápido quanto surgiu.

— Você vai estar lá amanhã?

Matthew suspirou profundamente.

— Por favor? — Oliver disse. — Não há mais ninguém aqui que tenha me conhecido como eu era, não é? — Ele deu a Matthew um olhar rápido, a boca se retorcendo em um pequeno sorriso. — Ouso dizer que você se arrependeu muitas vezes ultimamente, da noite em que me tirou do fogo há tantos anos.

— Sim, houve momentos em que sim — disse Matthew —, mas na época...

— Você não poderia ter agido de forma diferente. Eu sei. E se fosse você que tivesse sido jogado no fogo, eu o teria salvado.

— Sim. — Por um instante, eles compartilharam um sorriso genuíno.

— Há tantos anos. — Oliver suspirou. — Então, você vai? Estará lá amanhã?

— Estarei lá.

Oliver apenas acenou com a cabeça. Ele pressionou a mão na barriga e fez uma careta. — Vá — disse ele — e se seu coração permitir, suspeito que minha alma precisaria de uma ou duas orações.

Matthew pegou um frasco grande e o colocou no chão.

— Brandy, eu lembro que você nunca gostou de uísque.

— Você acha que eu preciso?

— Eu precisaria — disse Matthew, depois curvou-se e saiu.

Ele encontrou Simon esperando do lado de fora, um olhar preocupado em seu rosto.

— O que foi? — Matthew perguntou, olhando os dois guardas parados ao lado.

— Uma palavra, Sr. Graham? — A voz anasalada veio de algum lugar atrás dele, e Matthew se virou para encarar o comandante da guarnição de Ayr, um tal Major Stapleton, como ele se lembrava.

— Sobre o quê? — Matthew perguntou.

— Isso e aquilo — disse o major, gesticulando na direção do prédio mais próximo. Os guardas se aproximaram deles, indicando que não era um convite, era uma ordem. — Eu tenho uma testemunha — disse o major por cima do ombro enquanto precedia Matthew no pátio.

— Uma testemunha? — Matthew teve que lutar para soar despreocupado. Teriam eles prendido Peter, ou um dos outros dois, arrancado deles a verdade sobre o que aconteceu na noite em que metade do pátio da guarnição foi reduzida a madeira enegrecida e cinzas?

— Sim, um homem. Ele afirma que viu você derrubar aqueles dois soldados na charneca, a sangue frio, ele diz, e pelas costas.

Matthew quase riu de alívio. Pelo que ele se lembrava, ninguém estava perto o suficiente para vê-lo, e quanto a ter matado os dois soldados por trás, bem, isso era uma mentira descarada, então quem quer que tenha se apresentado não estava lá.

— Eu? Eu estava pescando com meu filho.

— É o que você diz, é o que você diz. — O major cruzou as mãos atrás das costas. — Mas você diria isso mesmo. Wyndham está convencido de que você está envolvido.

— Sim, mas ele insiste que eu matei Tom Brown, um feito notável realizado a vários quilômetros, visto que eu estava aqui no momento da morte do pobre homem.

— Hmm — disse o major. Ele entrou em uma pequena sala, com Matthew e Simon o seguindo. — Essas são acusações sérias — continuou o major, sentando-se atrás de uma escrivaninha estreita. Matthew e Simon permaneceram de pé na frente dele.

— Oh, sim; mas quem as fez está mentindo.

— Mesmo? — o major falou lentamente. — E você pode provar isso?

— Não mais do que ele pode provar que me viu.

— Você acha? — O major sorriu. Ele bateu palmas e um homem foi escoltado para dentro da sala.

— Eu cuido disso — Simon disse em voz baixa para Matthew.

— Bem? — o major disse para a criatura com cara de lua parada diante deles.

O homem se demorou. Inclinou a cabeça para um lado e para o outro, andou de um lado para outro, abaixou-se e hesitou. Por um longo tempo ficou diante deles, olhando Matthew de cima a baixo. Finalmente o major pigarreou.

— É ele? — perguntou.

O homem lançou a Matthew um olhar triunfante e acenou com a cabeça ansiosamente.

— Sim, sim, este é o homem que vi na charneca. Ele os esfaqueou nas costas!

O major sorriu, momento em que Simon deu um passo à frente.

— Eu sou Matthew Graham.

Poderia ter sido divertido, se Matthew não estivesse tão zangado. Ele queria estrangular a vida daquele pequeno inglês mentiroso.

O homem ficou surpreso.

— Matthew Graham? — Ele inalou, lambendo os lábios. — E como eu disse, foi você que eu vi na charneca! Você! — Ele apontou o dedo na direção de Simon. — São homens como você, Graham, que custaram a todos nós em lutas e sofrimento!

— Oh, sim? Até lá na Inglaterra? — Simon perguntou, e o homem e o major ficaram vermelhos. Simon bateu o chapéu na cabeça e fez uma reverência para o major. — Presumo que esta farsa tenha acabado. — Ele ficou na ponta dos pés, balançando em direção ao major como um pião a ponto de se desequilibrar. — Seria tolice presumir que todos os escoceses são presbiterianos de cabeça quente, sem qualquer conexão. Ouso dizer que meu Lorde Lauderdale não achará divertido quando eu contar este pequeno incidente para ele.

— Isso não tem nada a ver comigo — disse o major. — Foi ele quem veio até nós e nos disse que tinha testemunhado o assassinato de nossos dois camaradas. — Ele acenou com as mãos para os guardas. — Levem-no embora e o açoitem.

— Eu? — a falsa testemunha guinchou.

— Você — disse o major —, por mentir. Quarenta chicotadas, eu acho. — Ele ficou parado, a boca como um bico estreito, e observou o homem ser arrastado antes de se virar para encarar Matthew. — Continuo convencido de que você esteve envolvido, Graham, e acredito plenamente que você seja um apoiador ativo de todos esses malditos pregadores, principalmente, entre eles, aquele Peden. E um dia... — Ele parou para respirar. — Bem, um dia eu irei apreender você. O tempo todo estarei observando você; tenha isso em mente. — Ele curvou-se ligeiramente na direção de Simon. — E não importa quantas vezes você ceie com Lauderdale, não poderá salvá-lo então.

Matthew respirou fundo quando eles saíram.

— Luke — disse ele —, isso foi obra de Luke.

— Ou de Wyndham — Simon retrucou. — Embora isso pareça improvável, dadas suas atuais circunstâncias restritas. — Ele escovou o casaco, franziu a testa e raspou alguma coisa com a unha.

— Você ceou mesmo? — Matthew perguntou.

— Hmm?

— Com Lauderdale.

Simon se endireitou e sorriu.

— Não exatamente. Pode ser que já tenhamos estado na mesma pousada uma ou duas vezes, mas não há necessidade de dizer isso ao major.

— Grande ameaça. — Matthew estudou seu cunhado com tristeza. Ele não tinha ilusões quanto à recente falta de inspeções. Agora que o Capitão Howard havia renunciado, haveria um novo oficial enérgico no comando, e qualquer um conhecido como um Covenanter descobriria cada movimento seu examinado em detalhes, como o major tão gentilmente apontou. Homens haviam sido arrancados de suas casas e espancados até o fim de suas vidas apenas por lerem a Bíblia, e ele tinha problemas para controlar seu temperamento; da última vez que explodiu, custou-lhe a filha.

Simon ouviu sua pequena diatribe em silêncio, olhos claros nunca o deixando. Ele limpou a garganta, depois limpou novamente.

— Você tem que ir embora. Parte meu coração dizer isso, mas você deve ir. É apenas uma questão de tempo antes que eles prendam você.

Matthew balançou a cabeça em negação. Aquela era sua casa e ele não seria expulso por um bando de soldados ferozes; logo tudo se acalmaria.

— Não, Matthew, não vai se acalmar.

Matthew fez uma careta e Simon ergueu as mãos em um gesto conciliador antes de sugerir que fossem para a pousada e se embriagassem regamente.

Ele acordou com uma dor de cabeça horrível e uma garganta que parecia como se alguém tivesse jogado baldes de cinzas nela. Ao seu lado, Simon roncava pesadamente, totalmente vestido, e uma inspeção turva confirmou que o próprio Matthew ainda estava de casaco e sapatos. Ele gemeu enquanto se sentava, passando a língua sobre os dentes sujos. Fazia anos que não bebia tanto e ele apoiou o rosto nas mãos, tentando parar de girar. Simon começou a acordar com seus movimentos, tossiu uma ou duas vezes e rolou para fora da cama, parecendo perturbadoramente animado.

— Nem mesmo sua esposa apaixonada o acharia atraente hoje — ele brincou.

— Considerando que meu pau está bêbado demais para sequer tentar ficar de pé, muito menos encontrar o caminho para fora das minhas calças, isso não importa muito — murmurou Matthew. Ele se levantou com cuidado, apoiando-se na coluna da cama. — Ah, Jesus. — Ele virou os olhos ressecados na direção de Simon. — É melhor nos apressarmos; ele será executado logo.

Simon parecia descontente, mas acenou com a cabeça, liderando o caminho descendo as escadas estreitas.

— Aquilo não foi bonito — Simon comentou, uma vez que estavam em segurança longe de Cumnock. Nenhum deles disse uma palavra durante o enforcamento, nem depois. Matthew tinha vomitado no caminho para o estábulo, sem saber se era efeito de toda a bebida, ou do espetáculo de Oliver implorando, chorando e tagarelando que sentia muito, mas por favor, não. Aquilo havia revirado seu estômago. Eles tiveram que arrastá-lo até a corda, e apesar de suas roupas finas e seu rosto recém-barbeado, Oliver morreu sem um pinga de dignidade.

— Ele mereceu — Simon disse.

— Sim, mas isso não ajuda muito, não é?

Matthew mergulhou em um silêncio profundo e taciturno, refletindo não apenas sobre a morte de Oliver, mas também sobre o que Simon havia dito no dia anterior. Saia ou seja destruído... Apesar de todos os seus protestos, no fundo ele sabia que Simon estava certo, mas simplesmente não conseguia suportar, enojando-se por dentro com a ideia de deixar sua casa. Hillview estava em sua corrente sanguínea, vivia em sua carne, e ele não conseguia se imaginar em nenhum outro lugar. Como sobreviveria sem seus bosques, seus campos, cercando-o? Ainda assim; talvez devesse escrever uma carta para Thomas Leslie, só para garantir. Ele olhou para nada em particular e incitou Ham a trotar.

O mau humor se dissipou no momento em que viu Alex. Ela estava parada um pouco afastada quando ele entrou, levantando a mão em um pequeno aceno antes de se retirar para as sombras das árvores. Ele mal cumprimentou Joan e os filhos, os olhos fixos no local onde ela havia desaparecido.

— Aqui — disse ele a Mark, tirando o casaco e o chapéu. — Leve isto para dentro para mim. — Ele entregou as rédeas de Ham para Ian. — Você cuida do cavalo. — E então suas pernas o carregaram em direção a sua esposa, todo ele se agitando de desejo por ela.

Matthew desfez a camisa enquanto caminhava, parou para tirar os sapatos e as meias, deixando-os perto de uma árvore enquanto continuava descalço subindo a encosta. Ele passou a mão pelo cabelo e em suas calças seu membro tinha definitivamente superado quaisquer efeitos remanescentes da bebedeira da noite anterior, flexionando-se contra o pano que o restringia. Nove anos que ele a

conhecia, dormia com ela há quase tanto tempo, e ainda havia momentos como este em que tudo era surpreendentemente novo outra vez, quando seus ouvidos se enchiam com o som de seu pulso e sua respiração ficava alta e irregular com a necessidade.

Ele não tinha ideia de onde ela estava, mas caminhou na direção geral do moinho. Houve um súbito lampejo branco e ele parou a poucos metros de onde ela estava, os olhos enormes, a boca ligeiramente aberta. Dali ele podia ver que ela estava tremendo, e sabia que era por ele.

Aquilo era ridículo, Alex repreendeu a si mesma, ele tinha partido há apenas um dia e ela estava com os joelhos bambos ao vê-lo. Ele é seu marido, pelo amor de Deus, acalme-se, mulher! Exceto que ela tinha acordado com fome dele, e ele não estava lá, e durante todo o dia uma parte dela só pensara em Matthew e nas coisas que queria que ele fizesse com ela. Agora ele estava do outro lado da clareira, e ela estava se contorcendo por dentro com tanta luxúria, mas estava paralisada no lugar sob os olhos do marido, então ela apenas permaneceu onde estava, esperando. Uma dor surda surgiu de um ponto na parte inferior de suas costas, espalhando-se como gavinhas para baixo em seu sexo, subindo em seu útero. Como uma contração, uma contração enorme e ardente, e ela percebeu milhares e milhares de terminações nervosas, todas gritando por ele.

Com o silêncio contínuo, Alex puxou os grampos do cabelo e os sacudiu, ouvindo sua inspiração alta. Ela desfez o corpete e o deixou cair no chão para juntar-se ao chapéu de palha e a touca descartados, e mudou o peso de um pé para o outro para juntar as coxas em um movimento suave que quase a fez gemer.

Ele gesticulou para as saias dela. O fogo em seus olhos a deixou desajeitada, seus dedos lutando contra nós não cooperativos, com o tecido que escorregava por sua mão suada. Ela mexeu os quadris e a lâ pesada escorregou por suas pernas para formar uma poça em torno de seus pés. Foi um esforço respirar, mover-se. Seus joelhos se dobraram e afundaram, seu coração batia forte contra suas costelas e, por algum motivo, sua boca estava seca, ela teve que lamber os lábios para umedecê-los. A grama abaixo de seus pés fazia cócegas em suas solas, a luz do sol dançava através da folhagem acima dela, tocando seu cabelo, dourando seus ombros. Ela ergueu as mãos para os laços de sua camisa, o linho fino um peso opressor que ela teve que descartar. Sua pele gritava pelo toque dele, sua boca implorava pelos lábios e havia uma sensação de vazio entre suas pernas que só ele poderia preencher. A anágua caiu no chão e ela estava tão nua quanto no dia em que nasceu.

Senhor, mas ela estava linda, tremendo como uma corça encurralada sob os ramos do carvalho. Matthew tirou as calças e avançou em sua direção apenas com a camisa, ciente de que seu pênis se projetava como uma proa diante dele. Sua boca ... ele queria sua boca, e então iria usar a sua própria, e ... seu pênis estremeceu. Ele a chamou e ela tropeçou, quase caindo antes de se endireitar.

Ele traçou suas sobrancelhas, seu nariz, a linha de sua mandíbula até o oco entre as clavículas. Queria tanto dizer algo, colocar em palavras as emoções que surgiram através dele, mas tudo o que podia fazer era beijá-la, suavemente no início, um simples roçar de lábios que se transformou em uma posse intensa e faminta, com ela também tão faminta quanto ele estava, os dedos se fechando dolorosamente em seu cabelo para mantê-lo quieto. E então ela se ajoelhou diante dele... ele cambaleou, as mãos na cabeça dela, os olhos fechados contra o brilho do sol.

— Não — ele recuou — ainda não... eu quero... — Ele caiu de joelhos ao lado dela, e agora tinha palavras, dizendo que ela era seu coração, o sol em sua vida, a única coisa sem a qual ele nunca poderia ficar, e Alex ria e chorava ao mesmo tempo, as mãos dela em seus braços, em seu peito.

Juntos, eles o livraram de sua camisa, e ele a encarou antes de colocá-la de costas. Houve a mais suave das exalações quando ele entrou nela. Ela apertou seu domínio, ele pressionou a virilha contra a dela, apoiando-se nos braços para manter seu peso longe da barriga arredondada. Sua boca se abriu, seus olhos se fecharam e ela ergueu os quadris na direção dele. Ele estava se afogando em um mar de sensações; o sol em suas costas, a textura áspera da grama sob seus joelhos e canelas, mas acima de tudo sua esposa, a suavidade de sua pele, a urgência de seu controle sobre seus quadris e o calor úmido e acolhedor de sua fenda. O calor subiu por sua virilha, seu pênis se contraiu e rugiu, e Matthew gozou, onda após onda de prazer vermelho brilhante lavando através dele.

Depois, ele se aninhou em torno dela.

— Senti sua falta — disse ela, fazendo-o rir.

— Sim, eu deduzi. — Ele mordiscou sua nuca. — Eu também senti sua falta, mas sempre sinto.

— Mentiroso, aposto que você não pensou em mim uma única vez na noite passada.

— Muita cerveja. — Muitas outras coisas para pensar, mas ele não tinha nenhum desejo de refletir sobre elas agora, então se aproximou dela e apoiou a cabeça em seu braço.

Ela pegou a mão dele e a colocou entre os seios, brincando com seus dedos. Ele bocejou, entrando naquele estado agradável a meio caminho entre a vigília e o sono. Alex se virou totalmente em seus

braços, levando a mão ao rosto dele.

— Uma vez li em um livro que fazer amor é algo em que você melhora com a prática, muita prática, de preferência com a mesma pessoa. Estamos ficando muito bons nisso, Sr. Graham.

Ele abriu um olho e sorriu.

— Sim, mas praticar é sempre bom, moça.

— Agora? — ela perguntou com voz rouca.

— Agora. — Ele acenou com a cabeça e se ergueu sobre o cotovelo para olhar para ela antes de abaixar a cabeça para beijá-la.

Obrigado, Senhor, por minha esposa maravilhosa, esta mulher que me leva ao precipício da luxúria e que, depois, me abraça com tanta ternura, que me ama tão inteiramente.

Oh Deus; oh Deus, oh Deus, oh Deus... Este é o meu homem, Deus, e o Senhor o deu para mim.



**T**rês dias depois, Matthew estava parado no meio de seu último campo não colhido quando Ian veio correndo através da cevada ondulante.

— Ele está aqui, papai — Ian engasgou. — Meu pa... Luke está aqui! Ele veio para me levar de volta, e eu não quero ir, e não sei como você pode impedi-lo, e...

— Ian — Matthew o interrompeu. — Nós conversamos sobre isso. O garoto acenou com a cabeça.

— Então você sabe o que fazer e eu também. — Ele franziu a testa para Ian. — Vá em frente, você deve fazê-lo pensar que está feliz em vê-lo.

Enquanto Ian se virava para correr, Matthew o chamou de volta. Ele estudou Ian e olhou para si mesmo. Em camisas de linho grosso e calças caseiras de cor indeterminada, em algum lugar entre marrom e cinza, eles estavam muito parecidos. Ele se inclinou para frente e puxou o cabelo de Ian para trás, de modo que caísse em mechas selvagens em torno de seu rosto. Correu os dedos pelo próprio cabelo e, pela expressão no rosto de Ian, presumiu que havia conseguido deixá-lo em pé de maneira desordenada.

— Vamos andar juntos — disse Matthew.

Luke desmontou e caminhou pelo pátio, olhando por sua vez para Simon, Joan e Alex.

— Você sabe por que eu vim — ele retrucou Simon. — Estou aqui para levar o menino de volta comigo.

— Seu filho — Alex acenou com a cabeça, observando Luke mudar para um tom interessante em algum lugar entre um presunto cozido e tártaro de vaca.

— Sim — ele respondeu, se contorcendo em seu casaco elegante. Ele fez mais uma curva, caminhou para falar com seus homens, parou por um momento para descansar a mão em um dos alforjes que seu cavalo carregava, e o fantasma de um sorriso apareceu em seu rosto. Quando se virou na direção deles, havia um olhar secreto nele, os lábios apertados como se estivesse tentando se impedir de tagarelar algo. Alex sentiu uma vibração em algum lugar logo abaixo de suas costelas. Luke Graham tinha algo na manga imaculada, isso estava

claro. Luke girou nos calcanhares e deu uma risadinha curta.

— Que lugarzinho triste este aqui — disse ele para ninguém em particular, antes de se virar para sorrir para Daniel, que estava agarrando à saia de Alex.

— Oh, sim? Então por que não partir e nunca mais voltar? — Simon disse.

Mais uma vez aquele sorrisinho escondido, olhos verdes correndo para o alforje.

— Oh, eu vou — Luke respondeu —, uma vez que meu assunto aqui estiver terminado. — Ele fez um barulho irritado. — Onde ele está? — exigiu de Alex.

— Em algum lugar no campo, tenho certeza de que estará de volta em breve. Os meninos tendem a ter um relógio interno quando se trata de comida. — Como se fosse uma deixa, Matthew e Ian apareceram de trás do celeiro, concentrados na própria conversa.

Alex ficou muito satisfeita ao ver como a postura de Luke se quebrou em um choque indisfarçável. Ele piscou, parecia prestes a cerrar os olhos, mas se recuperou, o rosto se fechando em uma fachada impenetrável. Alex reprimiu uma risada nervosa. Sem dúvida ele tinha feito isso de propósito, seu Matthew, porque quando ele e Ian entraram no quintal — cabelo escuro bagunçado, pernas nuas e em roupas mais ou menos idênticas — ficou claro para qualquer um que não fosse totalmente cego que eram pai e filho, talhados no mesmo bloco e moldados pela mesma mão. As mãos de Luke se fecharam em punhos, seus lábios se estreitaram.

— Dói saber que um cuco terá precedência sobre seu amado Charlie — Simon sussurrou no ouvido de Alex.

— Não é engraçado — ela sussurrou de volta.

— Você acha que não? Eu mesmo estou me divertindo imensamente. Olhe para ele, Luke Graham sem palavras.

— Mas Ian... — Alex murmurou.

— Vai se resolver — Simon disse, segurando a mão dela e dando um pequeno aperto.

Ela esperava sinceramente que sim, porque a maneira como Luke estava olhando para Ian não era um bom presságio para seu futuro, caso ele permanecesse sob os cuidados daquele homem.

— Pai! — Ian correu na direção de Luke, diminuiu a velocidade para uma caminhada, então parou, os braços estendidos.

— Ian — Luke respondeu e o abraçou rigidamente. — Você cresceu.

— Mamãe está bem? — Ian perguntou.

— Sim — Luke respondeu —, confinada à cama, mas indo bem. — Ele expandiu o peito. — Dois bebês em menos de dois anos, uma façanha, hein?

O quê? Ele esperava algum tipo de parabéns por ter transado com a esposa? Alex deu um tapinha em sua barriga e quando Luke olhou em sua direção, ela sorriu, exibindo todos os seus filhos, agora reunidos em torno dela.

A essa altura, Matthew já os havia alcançado, parando cerca de um metro ao lado. Luke se virou para encará-lo, encontrando o olhar gelado e pouco gentil com outro tão hostil quanto.

— Continua vivo? Ainda não foi enforcado ou deportado?

— Sim, como você vê. Mas Oliver Wyndham não está mais. Ele foi enforcado há alguns dias.

— Oliver Wyndham? — Luke parecia confuso. — Alguém que eu deveria conhecer?

— Sim, eu acho que sim. Ele devia a você uma quantia impressionante de dinheiro. — Havia um brilho zombeteiro nos olhos de Matthew, sua longa boca se esticando em um sorriso ao ver o rubor de Luke.

O que quer que os irmãos estivessem planejando dizer, foi interrompido pelo sino do jantar, a família e os empregados correram para dentro até que só Luke e seus dois servos, Matthew, Simon e Alex ficaram do lado de fora.

— Vou trazer algo — disse Alex. Não que ela quisesse, a menos que fosse algum tipo de ensopado criativo, incluindo beladona e um toque de cicuta.

Matthew olhou para ela severamente.

— Não, você não vai. Você vai acomodar meu irmão e seus homens em nossa mesa.

Alex olhou para ele.

— Eu não quero comer na mesma mesa que ele.

— Então você não vai comer. — Matthew se aproximou dela, segurando seu braço com firmeza. — Eles são hóspedes, Alex. Muito indesejados, mas hóspedes. — Faça o que eu digo, seus olhos disseram a ela, e por cima do ombro ela viu Simon assentir.

Foi uma refeição cansativa, para dizer o mínimo. Quase nenhuma conversa, Luke de um lado, Matthew do outro. Matthew se concentrava na comida, de vez em quando lançando um olhar para o irmão, que fazia o mesmo, por mais incomodado que parecesse com a quantidade de vegetais.

— Agora — disse Matthew, uma vez que a mesa foi limpa —, o que você quer realmente? — As crianças haviam sido mandadas para fora, assim como os criados, e em volta da mesa permaneceram os três irmãos Graham adultos, Alex e Simon.

— O que quero? — repetiu Luke. — Bem, isso é óbvio, não é? Estou aqui para levar Ian para casa.

— Suponho que a mãe sinta falta dele — disse Joan. — Eles são

tão próximos, um vínculo tão especial, entre uma mãe e seu primogênito.

Luke parecia ter sido alimentado à força com sumo de porco.

— Sim.

— Nesse caso, vou ajudar Ian a fazer as malas — disse Alex, levantando-se. Ela acenou para Joan que ela deveria ir também, e agora eram apenas Matthew, Luke e Simon. E Ian, mas de acordo com as instruções de Matthew, ele estava de pé onde pudesse ouvir sem ser visto, na passagem.

Matthew se concentrou em sua caneca de cerâmica. Ter Luke tão perto estava provando ser um grande desafio para seu autocontrole. Durante a última meia hora, ele esteve lutando contra a raiva negra que ameaçava engolfar seu cérebro, incitando-o a puxar sua adaga e cortar a garganta daquele Caim, e apenas a presença de Simon na sala o impediu de fazer seu irmão sofrer prejuízo físico. Ele ergueu o rosto para encarar Luke, que se remexeu sob seus olhos. Ah, sim; bastou uma olhada para verificar que Luke havia amolecido nos últimos anos e, fisicamente, não era mais páreo para Matthew.

Luke quebrou o contato visual e puxou o alforje em sua direção.

— Você se lembra, irmão, do infeliz incidente, mais de um ano atrás, quando um oficial foi enforcado?

— Considerando que aconteceu a apenas alguns quilômetros daqui, sim — disse Matthew.

Luke acenou com a cabeça, extraíndo um documento de aparência formal de sua bolsa.

— Esta é uma declaração juramentada — disse ele, jogando-a sobre a mesa. — Como você pode ver, a pessoa em questão o nomeia como o assassino.

Simon riu alto.

— Você precisa fazer melhor do que isso, querido cunhado. Rumores sem substância não levarão a lugar nenhum.

— Ah. — Luke sorriu maldosamente. — Esta é uma declaração juramentada por um oficial. Tem algum peso.

Matthew examinou o documento. Nenhuma prova, apenas uma lista de coincidências que apontavam em sua direção: sua esposa açoitada, seu apoio aberto ao movimento Covenant, o fato de que apenas na terça-feira houvera um avistamento confirmado de Matthew em Edimburgo, por um dos juízes locais. O homem que assinara a declaração havia cavalgado pessoalmente pela estrada e concluído que um bom cavalo conseguiria cobrir a distância até Edimburgo em cerca de trinta e quatro horas — e Graham possuía um cavalo muito bom. Ele reprimiu um sorriso ao ver a assinatura. De alguma forma, suspeitava que o capitão Howard não desejaria mais ser associado

àquela declaração.

— Conjectura — Matthew zombou, empurrando o documento na direção de Simon. Cruzou os braços sobre o peito e esperou.

Luke se recostou até que sua cadeira se equilibrasse em duas pernas, olhando-o com frieza.

— Não demora muito hoje em dia, querido irmão. Esse documento nas mãos de um oficial zeloso lhe causará muitos problemas. Tenho certeza de que testemunhas podem ser encontradas para confirmar que você foi visto com Peden. — Ele se inclinou ainda mais para trás, parecendo uma raposa satisfeita em um galinheiro devastado. Matthew chutou a cadeira de baixo dele, fazendo-o cair no chão.

— Você é uma imitação barata de homem — disse Matthew, elevando-se sobre Luke. — E vou me arrepender até a morte de não ter matado você quando tive a chance.

— Bem, você não o fez — retrucou Luke, levantando-se. — Não teve coragem. — Ele se inclinou para frente e recuperou o documento. — Vou dar isso ao oficial comandante em Ayr, e então, irmão, você pode se encontrar em uma posição muito desconfortável. Talvez não seja enforcado, mas certamente deportado. — Ele riu e olhou para Matthew. — E sua família com você.

— Desgraçado!

— Diga-me — Simon interrompeu. — Você está planejando acusar seu irmão de assassinato, com base nisso? — Ele indicou a ação com um aceno de desdém.

Luke franziu a testa em sua direção, assentindo com a cabeça.

— Assassinato, hmm? — Simon continuou, franzindo a testa também. Ele bateu um dedo contra os lábios fechados e estudou Luke em silêncio. — Então talvez devêssemos falar também sobre outro assassinato, o de Malcolm Graham, em dezembro de 1653.

Luke ficou da cor de giz.

— Meu pai? A morte dele foi um acidente!

Simon balançou a cabeça lentamente de um lado para o outro.

— Não, não foi. Ele foi atraído até a lagoa e empurrado ou de alguma forma forçado a entrar. Temos uma testemunha que se lembra de ouvir uma briga, vozes raivosas e um barulho de algo caindo na água.

— O que você está dizendo? Que alguém matou nosso pai? — Luke olhou de Matthew para Simon.

Matthew acenou com a cabeça, bastante impressionado com as habilidades de atuação de seu irmão. Se não fosse pelo anel que estava em sua bolsa, até teria acreditado nele.

— Bem, eu não estava aqui — disse Luke, relaxando um pouco. — Voltei no dia em que ele foi enterrado.

— Momento excelente — murmurou Matthew.

— Então você não estava aqui? — Simon repetiu.

— Você sabe que não! Eu tinha sido expulso de minha casa.

— Por nosso pai — Matthew acenou com a cabeça —, por seu comportamento pecaminoso com Margaret.

— O velho idiota — Luke zombou. — Se ao menos ele tivesse ouvido e permitido que nos casássemos, mas não, teve que ficar lá e me dizer que eu era uma criatura pecaminosa e desajeitada, que não me comportava como filho dele, e então me expulsou, prometendo que ele mesmo me mataria se eu alguma vez aparecesse em sua porta novamente. Ele não devia ter feito aquilo.

— Não, não devia — Matthew concordou, fazendo Luke olhar para ele surpreso.

— Ele fez o que achou certo. Vocês dois eram muito jovens e Margaret era protegida dele, em sua mente quase uma filha, sua irmã. Joan aproximou-se da mesa e sentou-se, olhando de um irmão para o outro. — Eu sei com certeza que Matthew não estava nem perto do lago do moinho naquele dia, ele estava aqui, na cozinha, consertando arreios.

— E eu nem estava aqui — Luke insistiu.

— Tem certeza? — Matthew perguntou, cavando em sua bolsa.

— Claro que tenho! — Luke rebateu. Matthew abriu a mão e deixou um pequeno objeto cair sobre a mesa. Joan soltou uma exclamação alta, tocando-o com cuidado.

— O anel da vovó! — Ela olhou para Matthew. — Mas ... ele sumiu!

— Eu encontrei — uma voz baixa disse atrás deles.

Luke fechou os olhos.

— Ian? — Joan estendeu a mão e Ian avançou para frente, mantendo uma distância cautelosa de Luke.

— Eu encontrei — repetiu Ian — em um pequeno baú no escritório do pai. Estava pendurado em uma corrente quebrada.

— Eu não estava aqui — Luke insistiu.

— Não, mas Margaret definitivamente estava — Simon disse, fazendo Ian ofegar.

Luke saltou sobre a mesa, tentando pegar o anel, mas Matthew foi rápido demais, pegando-o de volta e devolvendo-o à bolsa.

— Você não precisa ter medo, irmãozinho, eu não direi nada, a menos que seja necessário.

— Não é o suficiente — disse Luke.

— Não? — Matthew riu, levantando três dedos. — Motivo, um anel em sua posse que nosso pai sempre carregou com ele, e então a testemunha da briga. Acho que vai ter algum peso. Quer testar? Temo que o rei não acharia graça, não é?

Seu irmão estava suando, o suor escorria de sua testa, de seu lábio

superior. Bem, deveria. Matthew sabia com certeza que o rei tinha ficado muito descontente quando recebeu uma carta alguns anos atrás, detalhando os pecados de Luke contra seu irmão, escrito por um Sandy muito inspirado, nada menos. Derrotado, Luke jogou a declaração assinada de volta na mesa.

— Então, o que você quer?

Simon produziu vários papéis.

— Em primeiro lugar, você deve saber que o anel é uma declaração juramentada, assinada por Matthew, Joan e eu, assim como por Ian, irmão para a custódia. Se algo acontecer a Matthew, será enviado a um oficial do tribunal, com uma carta separada sendo enviada diretamente a Sua Majestade.

Luke afundou mais em seu assento, seus olhos glaciais quando os virou para Ian.

— Em segundo lugar, você vai renunciar ao garoto. — Simon acenou com a cabeça na direção de Ian.

— E você acha que será um sacrifício? — Luke cuspiu. — Isso não é filho meu!

Ian estremeceu, seus olhos escuros de dor, e Matthew se levantou, colocando a mão em seu ombro.

— Não, Luke, você está certo. Ele é meu, em tudo ele é meu.

Meia hora depois, Luke estava de volta ao cavalo. Ele tinha renunciado a Ian, pagado a soma principesca de 500 libras esterlinas como uma compensação para Matthew — ideia de Simon — e queimado a declaração, reduzindo sua ameaça a nada além de cinzas.

Ian ficou mudo durante todo o processo, mas a certa altura abriu a boca para dizer que talvez eles devessem ter uma testemunha de tudo aquilo, o que lhe valeu um olhar de aprovação de Simon. Então, aquele dentre os homens de Luke que era alfabetizado foi trazido, ouviu com óbvio espanto quando foi informado de que Luke estava renunciando a seus direitos legais a Ian, e então assinou o documento.

Meu filho; Matthew não pôde evitar, enquanto estava no quintal, seu braço veio ao redor de Ian para abraçá-lo, mostrando ao mundo que seu filho estava de volta onde pertencia: com ele.

— Que Deus me conceda o prazer de nunca mais ver você de novo — Luke disse em voz baixa para Matthew.

— Sim, isso seria o melhor — respondeu Matthew. Por um instante, seus olhos se encontraram e se fixaram, e então Matthew inclinou a cabeça em um aceno rígido. — Por favor, transmita minhas saudações a Margaret. — Ele se sentiu um tanto envergonhado por ela; hoje ele tinha reivindicado um filho, hoje ela tinha perdido um. Luke não respondeu. Girou o cavalo e saiu pela estrada.

Sandy ouviu enquanto Matthew lhe contava tudo, desde o triste final

de Oliver ao confronto de ontem com Luke.

— Ele vai voltar, é claro — concluiu.

— Sim; Luke Graham é um homem muito persistente — disse Sandy. Ele bebeu um pouco mais da cerveja que Matthew trouxera, arrotou e deu uma mordida em mais um pedaço de torta.

Matthew observou a paisagem que se estendia à sua frente.

— Simon diz que devo partir, ele acha que é apenas uma questão de tempo antes que me encurralem.

Sandy terminou sua torta, limpou as migalhas do casaco gasto e sujo e voltou seu olhar cinza para Matthew.

— Você deveria.

— Eu não posso deixar isto aqui, é minha casa! — Ele olhou para os campos nus e suspirou. — Minha cidade natal, a cidade natal de meu pai e de seu pai antes dele e de seu pai... dez gerações ou mais.

— Já é hora de algo novo, então — disse Sandy. Ele cutucou Matthew e apontou para Alex, que estava caminhando pelo pomar, sem saber que a observavam. — Aquela é a sua casa. Aquela mulher é toda a casa de que você precisa.

Matthew recostou-se nos braços e deixou seu olhar pousar em Alex e nas crianças que brincavam ao redor dela, todas as crianças dele.

— Eu sou um homem de sorte.

Sandy deu uma risadinha.

— Ela pode ser meio pagã, selvagem e rebelde, mas sim, você é realmente abençoado.

E você não sabe da metade, Matthew sorriu.



— Você tem que fazer isso — disse Alex a Matthew —, e tem que ser agora.

Matthew suspirou, mas reconheceu que ela estava certa. Mark tinha pairado ao redor deles nos últimos dias, de alguma forma entendendo que as coisas haviam mudado, mas não de que forma.

— O que digo a ele? — gemeu.

— Acho que você deve contar a verdade.

Matthew fez uma careta; parecia muita coisa para um menino de menos de oito anos.

— Ele tem que saber — disse Alex.

— Sim — Matthew concordou e saiu da cama. De qualquer forma, devia isso a Ian.

Mark pareceu surpreso quando Matthew veio procurá-lo, sugerindo que eles deveriam pescar, apenas os dois. Ele sorriu e correu para encontrar sua vara, lançando um olhar triunfante na direção de Ian, que foi instruído a varrer a eira.

Jacob correu até Matthew, dizendo que queria ir também, porque não queria ficar em casa o dia todo apenas com o pequeno Daniel, e que ele estava grande o suficiente agora para ir pescar, não estava? Matthew balançou a cabeça; hoje seriam ele e Mark.

— Você gosta de Ian, não é? — Matthew perguntou assim que eles se acomodaram. O rio fluía lento e escuro abaixo deles, sombreado por amieiros que cresciam alto o suficiente para criar um túnel verde. Mark estava olhando carrancudo para a minhoca e para seu anzol.

— Sim — respondeu, fechando os olhos quando espetou o gancho na minhoca se contorcendo.

— Ele vai ficar conosco — disse Matthew.

— Ah, é? Mas ele já está. — Mark parecia bastante desinteressado.

— Você sabe que eu fui casado antes? — perguntou Matthew.

Mark olhou para ele, balançando a cabeça.

— Com sua tia Margaret — ele continuou, sorrindo ironicamente quando a boca de Mark se abriu em um “o” surpreso. — Não foi um bom casamento. Margaret estava muito apaixonada por seu tio, não por mim.

— Mas... — Mark franziu a testa, claramente lutando com o que Matthew acabara de lhe dizer. — Uma esposa deve amar seu marido. Como mamãe; ela ama você.

Matthew riu baixinho.

— Nem sempre é assim, e sua mãe é uma mulher excepcional. Não são muitos os homens que encontram alguém como ela.

— Eu encontrarei — Mark disse com confiança. E sua esposa teria muitos, muitos bebês e iria rir e contar histórias para eles, e às vezes os perseguiria pelo quintal quando fossem travessos. Ele pensou um pouco mais. — Olhos castanhos, eu acho, e o nome dela será Mary — confidenciou ao pai, que não sabia se ria ou concordava.

— E se você encontrar uma linda garota de olhos castanhos chamada Lizzie?

Mark encolheu os ombros.

— Mary.

Matthew se desviou do assunto paralelo sobre o nome de sua futura nora.

— Enquanto eu estava casado com Margaret, havia uma criança — disse. A boia de Mark balançou para cima e para baixo, e ele ficou de pé, lutando para tirar o peixe da água.

— Olha! — ele comemorou. — Um grande!

Matthew riu e o ajudou a puxar, esperando até que ele se acalmasse antes de continuar.

— Como eu disse, havia uma criança: Ian.

Isso chamou a atenção de Mark e ele se virou para seu pai.

— Ian? Mas ele é filho do tio Luke.

— Ian nasceu do meu casamento com Margaret, ele nasceu como meu filho. — Matthew inspirou profundamente e olhou o filho nos olhos. — Ian é meu filho. Luke tentou roubá-lo, mas agora eu o tenho de volta.

Mark não disse nada. Ficou olhando para sua boia, o lábio inferior preso entre os dentes. Ele se levantou.

— Eu quero a mamãe — disse, parecendo muito mais jovem do que era. E então se virou e correu.

Alex estava cantando enquanto tirava uma fileira de framboesa após a outra dos cachos que tinham dado frutas tardias. Ela viu Mark vindo voando em sua direção e estendeu os braços, tropeçando para trás quando ele se chocou contra ela.

— Oouf — disse Alex, estabilizando os dois. — Você é muito mais forte do que pensa. — Ela deslizou a mão sob seu queixo e ergueu seu rosto para inspecioná-lo. — Então ele contou a você.

Mark acenou com a cabeça e sentou-se aos pés dela. Alex se sentou ao lado dele e ofereceu sua cesta. Eles ficaram sentados em silêncio, comendo uma quantidade considerável de framboesas.

— Eu não entendo — disse Mark em voz baixa.

— Claro que não. É uma bagunça, mesmo se você for um adulto.

— Ela inclinou a cabeça na direção de onde Matthew estava descendo

a colina. — É difícil para ele. Veja, por muitos anos ele achou que Ian era seu filho, mas Luke e Margaret o enganaram. Eles o fizeram acreditar que Ian não era dele, então ele permitiu que o levassem. — Ela sorriu para ele. — Mas é o suficiente ver você e Ian juntos para perceber que devem ser irmãos, não primos. Vocês dois são muito parecidos com ele, com seu pai. — Ela mordeu a bochecha, tentando decidir como lhe contar o resto.

— Luke teve um filho ano passado.

— Charles — Mark acenou com a cabeça. — Muito feio, como um porco ruivo.

— Ah. Bem, aquele menino agora se parece com Luke, então Luke não quer mais Ian. — Ela estava exagerando um pouco a verdade, claro, mas provocou a reação que queria, com Mark se levantando de um salto, seus olhos ficando muito verdes.

— Como ele pode dizer isso? Ian é... ele é... — Ele lutou para encontrar as palavras, mas desistiu. — Eu amo Ian — falou ao invés, ficando vermelho brilhante. — Tio Luke é um... um... homem horrível para dizer que não o quer mais.

— Eu não poderia concordar mais, mas aí está. De qualquer forma, isso significa que seu pai recuperou o filho, e isso é bom.

Mark voltou a sentar-se e serviu-se de mais algumas framboesas.

— Se... — Ele olhou para ela com olhos enormes. — Se Ian é filho do papai, então é ele que vai ficar com Hillview, não é?

Alex acenou com a cabeça.

— Você se importa? — ela perguntou, pensando que era uma pergunta incrivelmente estúpida de se fazer a um menino de sete anos.

Mark balançou a cabeça, mantendo os olhos nos dedos dos pés.

— E o papai vai me amar menos?

Alex acariciou sua cabeça.

— Claro que não, seu bobo.

Ele riu tremulamente e se aconchegou no abraço dela.

— Mark. — A sombra de Matthew caiu sobre eles. — Venha aqui, filho — disse ele, agachando-se. Mark voou para ele, enrolando os braços em volta do pescoço do pai. — Eu te amo muito, filho. Você sabe disso, não é? — Mark enterrou a cabeça no ombro de Matthew e acenou com a cabeça. — E agora — continuou Matthew —, temos que pescar. — Ele colocou Mark no chão e bagunçou seu cabelo. — Um peixe não vai alimentar todos nós, mesmo que seja muito grande.

— Sempre podemos virar vegetarianos — disse Alex —, apenas vegetais para o jantar. Espinafre, por exemplo.

Mark e Matthew se entreolharam.

— Pesca — disse Mark, pegando a mão do pai.

— Pesca — Matthew concordou, piscando para Alex.

Depois do jantar, Ian e Mark foram enviados para levar as vacas para os prados de água.

— Não quero tirar nada de você — disse Ian —, você nasceu para isso, e não parece certo.

Mark encolheu os ombros. Seu pai havia explicado várias vezes por que tinha que ser assim, e mesmo que se sentisse vazio ao pensar que nem sempre moraria ali, em Hillview, não havia muito o que fazer a respeito.

— Você também nasceu para isso — disse ele generosamente. — Antes de mim. — Eles caminharam em silêncio, com Aragorn correndo em círculos selvagens ao redor de ambos.

— Você vai sentir falta deles? — Mark perguntou, pensando que morreria se sua mãe fosse tirada dele. E seu pai, mas talvez, principalmente, mamãe. Ian parou e quebrou um pedaço seco de salsa bovina, usando os dedos para desintegrá-lo.

— Da minha mãe — disse ele com voz rouca. — Vou sentir falta dela.

— Minha mãe é muito legal, no entanto — disse Mark. Macia, e quentinha, e... — Ele ia dizer bonita, mas decidiu não dizer.

Ian riu.

— Sim, ela é.

— Tudo bem? — Alex se aproximou de onde Ian estava sentado. Ele sorriu para ela e estendeu o pequeno animal que estava esculpindo. Ela admirou o gato, recebendo em troca um olhar sombrio.

— Não é um gato, é uma raposa.

— Oh — disse Alex. — Bem, visto que nunca vi uma raposa de perto, eu não saberia, não é?

Ele olhou para ela, não totalmente apaziguado.

— É sábado — ela continuou, sorrindo com seu gemido de protesto. — Mas eu decidi que a partir de agora você deve se lavar com os homens. Seu tio e seu pai estão esperando. — Ela entregou-lhe uma toalha e uma camisa limpa. — Lembre-se, de vez em quando vou verificar, para ter certeza de que você está se lavando direito.

Ela os observou vagar em direção à lagoa, Ian caminhando ereto ao lado de Matthew. Joan veio ficar ao lado dela, deslizando um braço em volta da cintura de Alex.

— Ele é um rapaz afortunado, o Ian, pelo pai que tem, mas ainda mais pela madrastra.

— Me chame assim de novo e eu terei que machucar você — Alex ameaçou, fazendo Joan rir.

— Você já o ama — disse ela.

Alex encostou a cabeça em Joan.

— Muito. O que torna tudo muito mais fácil, deixe-me dizer a

você.

Elas ficaram assim por algum tempo, e ao redor delas a tarde começou a se transformar em noite. Da lagoa vieram gargalhadas e gritos de protesto, no céu a lua pendia como um queijo Gouda gigante. Alex respirou fundo, prendeu o ar e expeliu-o lentamente.

— Chá? — ela perguntou, virando-se para Joan.

Ao longo dos meses seguintes, Ian se fundiu perfeitamente à família deles, passando de primo a irmão tão rapidamente que era como se sempre tivesse estado lá. Assim como seus irmãos, ele resmungava pelas horas de trabalho escolares impostas, até mesmo ousando fazer uma careta pelas costas de Matthew quando este lhes disse para se dedicarem aos textos bíblicos estabelecidos. Mark se lamentou, mas ao receber um olhar inflamado do pai, voltou a estudar, falando sobre o evangelho.

— Talvez seja melhor se eu os ensinar — sugeriu Alex, sentindo pena dos dois mais velhos.

Matthew apenas balançou a cabeça.

— Nós dois sabemos que você não é uma especialista.

— Depende. Eu provavelmente poderia ensinar a eles um monte de coisas extremamente relevantes, a vida não é apenas sobre religião, é?

— Hum — Matthew bufou, mas concordou em deixá-la cuidar de parte da escola. Razão pela qual Alex se viu tentando recriar um mapa do mundo apenas de memória, recuando para estudar seu esforço.

— O que é isso? — Matthew perguntou, apontando para uma grande bolha na parte inferior.

— Austrália. — Alex mordeu o lábio. — Não tenho certeza se já foi descoberta, então suponho que terei que retirá-la.

Matthew concordou que talvez fosse melhor e ouviu com interesse quando ela lhe contou sobre os diferentes continentes, como um dia eles se uniram e depois se separaram.

— Dá para ver isso — disse ele, traçando a costa ocidental do continente africano.

Os meninos ficaram um pouco menos entusiasmados quando Alex apresentou o mapa a eles, mas todos olharam para ela com espanto quando ela descreveu como a raça humana atravessou o estreito de Bering para povoar o continente americano.

— Então, onde estava o Éden? — Mark perguntou, inclinando-se sobre o enorme mapa.

— Umm — disse Alex, um tanto perplexa. Ela inclinou a cabeça e deu a volta na mesa. — Aqui — disse ela, apontando para a área da Mesopotâmia.

Mark ergueu Daniel para se sentar em seu colo.

— Viu? — ele disse ao irmão. — É onde Adão e Eva viviam.

Daniel não estava muito interessado, concentrando-se em sua maçã.

Durante todo o outono, as inspeções improvisadas continuaram. Houve muitos momentos de tensão em que Alex pôde ver que Matthew estava a ponto de explodir, todo ele enrijecendo com o esforço de manter a calma, apesar da rudeza evidente dos soldados.

— Eu te disse — Simon suspirou quando Matthew reclamou em voz alta e em detalhes. — Em última análise, não há escolha.

Matthew olhou para ele e saiu pisando duro, ignorando as perguntas preocupadas de Alex.

— O que foi isso? — Alex perguntou a Simon, recebendo em troca um olhar vazio. — Simon?

— Pergunte a ele — Simon retrucou. Havia chegado a cavalo naquele mesmo dia, parecendo com frio e sujo depois de três dias na sela. Pegou um maço de documentos e os empilhou ao seu lado. — Tudo feito, Ian agora é legalmente filho de Matthew de novo. — Ele lançou um olhar cauteloso para ela, mas Alex apenas balançou a cabeça e continuou com a costura. — E o dinheiro foi pago integralmente — Simon continuou, puxando outro documento. — O suficiente para começar uma nova vida em outro lugar.

Alex se endireitou para olhar para ele corretamente.

— Era sobre isso que vocês estavam discutindo.

Simon fez uma careta.

— Durante meses, venho dizendo a ele que vocês precisam ir embora. Você entende, não é? Mais cedo ou mais tarde, ele vai calcular mal. Precisa apenas de um pequeno erro.

— Você está pregando para uma convertida. — Alex suspirou. Não admirava que Matthew tivesse estado tão distraído nas últimas semanas, escapando o máximo possível para vagar sozinho por suas terras.

Ela foi procurá-lo, mas ele não queria falar com ela sobre o assunto, murmurando algo sobre o exagero de Simon. Quando Alex pressionou, ele ficou irritado, dizendo que não estava com humor para ter uma discussão sobre algo que era inteiramente hipotético.

— Eu não vou embora, logo isso vai passar.

—Minha bunda que vai passar — Alex murmurou para si mesma duas manhãs depois, quando outra tropa de soldados entrou cavalgando no pátio, liderada por um oficial desgrenhado vestindo a manta xadrez dos homens das terras altas.

Esses homens eram muito diferentes dos soldados que eles tinham

visto antes. Magros, com uma aparência faminta, fortemente armados e montados em uma coleção heterogênea de pôneis das montanhas, eles emanavam um ar de ameaça inquieta, como se cortar pessoas em pedaços fosse algo que regularmente fizessem no café da manhã. E, bem, muito provavelmente faziam, a maioria deles sem dúvida tendo servido como mercenários em uma ou outra guerra europeia.

Ian se materializou ao lado dela e, alguns segundos depois, Matthew cruzou o pátio, o rosto sério ao ver os soldados.

— Papistas, todos eles — murmurou para Alex. — Com um machado próprio para oprimir qualquer pessoa de fé presbiteriana.

— Onde ele está? — O oficial olhou para eles com indiferença beirando a antipatia.

— Quem? — Matthew perguntou.

— O pregador.

Matthew encolheu os ombros.

— A última vez que soube, ele estava a caminho do norte, em direção a Glasgow.

O oficial não pareceu convencido e ordenou que seus homens revistassem o local. Matthew suspirou e cruzou os braços sobre o peito, uma estátua imóvel exalando irritação.

— Olha — Alex sibilou, dando uma cotovelada nele. Os malditos soldados estavam voltando, carregando sacos de grãos, tonéis de sidra, presunto, colchas e até uma das camisas de Matthew.

— O que é isto? — Matthew retrucou, voltando-se para o oficial. — Vocês são bandidos ao invés de soldados?

O oficial riu, observando enquanto seus homens carregavam os pôneis com a carga.

— Somos pagos em espécie, Sr. Graham. E estaremos de volta quando precisarmos de mais.

— Por que você... — Matthew engasgou.

— O quê? — O oficial se inclinou em sua direção.

— Nada — disse Alex —, absolutamente nada. — Ela agarrou Matthew, quase se pendurando em seu braço para mantê-lo quieto.

— Não, achei que não seria nada mesmo. — O oficial sorriu, seu olhar viajando por Alex, Sarah, Rosie, de volta a Sarah, muito tempo em Sarah, que estavam curvadas juntas. O oficial riu, disse algo no que Alex presumiu ser gaélico para seus homens, que riram também, vários olhos se voltando para a pobre Sarah.

Um dos homens disse algo, uma voz anasalada aumentando de excitação quando ele apontou para a encosta. O oficial voltou os olhos atentos na direção indicada e acenou com a cabeça.

— O quê? — Alex sussurrou para Matthew. Ela não se a se virar para ver o que eles estavam olhando com tanto interesse.

— Não tenho certeza — Matthew sussurrou de volta. — E você



pode me soltar. Não pretendo enfrentar todos eles sozinho.

— Melhor prevenir do que remediar. — Mas ela o soltou mesmo assim.

O oficial desmontou.

— Vou levar o cachorro.

O quê? Alex se virou rapidamente para onde Aragorn estava sentado no meio da colina.

— É o cachorro do menino — implorou Alex —, por favor, não o leve. — Ela se levantou para bloquear seu caminho, mas foi rudemente empurrada para o lado, tropeçando pesadamente em Matthew. Atrás dela, Ian girou e correu em direção a Aragorn. Na frente dela vieram gritos de excitação e três dos soldados perseguiram Ian e o cachorro, incitados por seu oficial.

Eles alcançaram Ian um pouco antes do bosque, e Alex se agarrou a Matthew para impedi-lo de correr para interceder.

— Não, isso é exatamente o que eles querem que você faça. — Ela estremeceu com os gritos de Ian, mas ainda assim se segurou. — Eles vão apenas machucá-lo — disse ela em meio às lágrimas. — Mas você eles vão matar. Por favor, Matthew, por favor...

— Eu tenho que ajudá-lo! — Matthew gemeu, tentando se livrar dos braços de Alex.

— Pai — Ian gritou: — Pai! — Um grito estrangulado, Ian engasgou e Alex chorou, mas se recusou a soltar.

— Alex, me deixe ir, ele precisa de mim!

Oh, Deus, ela sabia, podia ouvir, mas se Matthew intercedesse, eles o matariam, ela podia ver nos olhos do oficial, na avidez com que os homens que ainda estavam a cavalo observavam sua luta com o marido.

— Eu não posso — ela soluçou. — Eu não posso. Eu... — Ela se agarrou ainda mais forte, cravando os calcanhares no chão. Por que isso não podia simplesmente acabar, por favor, peguem o maldito cachorro e vão embora, seus bastardos imundos!

Um grito alto, um latido, um rosnado e um gemido quando o cachorro foi acertado na cabeça. Aragorn foi arrastado, se contorcendo na guia improvisada. Ian não estava se movendo, mas Alex podia ver que estava respirando, ainda vivo.

O oficial montou, gritou algo que foi ecoado por seus homens, e eles seguiram pela estrada, torrões de lama voando sob os cascos de seus cavalos. Pobre Aragorn; continuava virando para trás, o rabo firmemente entre as pernas, mas sempre que o fazia, o homem que o segurava puxava a corda.

— Eu não poderia fazer diferente. — Alex soltou as mãos das roupas de Matthew. Ele olhou feio para ela e a afastou, saltando colina acima para onde Ian estava enrolado em uma bola.

— Jesus... — Alex enfiou a mão na boca e se agachou. Lentamente, a casa descongelou, as mãos desceram para ajudá-la a se levantar. O velho Samuel a conduziu até a porta, dizendo que estava tudo bem, sim, eles tinham ido embora, todos eles. Bem? Alex olhou para cima na encosta, onde seu marido estava embalando o filho.

— Eles voltaram algumas vezes desde então — disse Alex a Sandy, sentando-se ao lado dele no banco do cemitério. — E nem mesmo fingem que estão procurando por você. Eles simplesmente entram e se servem de tudo o que lhes apetece. Bastardos! — Ela respirou fundo e exalou ruidosamente. — Matthew disse que você está indo embora.

Sandy concordou.

— É preciso. Muitas pessoas estão sendo colocadas em risco pela minha presença contínua aqui. — Ele a olhou divertido. — Você sentirá minha falta?

Ela abaixou a cabeça para esconder o rosto.

— Não muito — admitiu, fazendo-o rir alto. — Não é você, é o medo constante.

— Não precisa explicar, moça. — Ele olhou na direção da lápide de Rachel. — Você já perdeu uma filha para esse conflito. — Sandy colocou a mão em seu ombro, os olhos vidrados, a boca frouxa e, por um ou dois segundos, Alex se preocupou que ele estivesse tendo um derrame.

Ele se sacudiu.

— Esta não será a única criança que você enterrará.

— Como você sabe? — ela perguntou, abraçando a barriga inchada. Quem, ela gritou por dentro, qual dos meus bebês você vê morrendo? Ela engoliu a pergunta, lembrando-se de que Sandy Peden não tinha ideia, nenhuma maldita ideia, claro que não, não importava que fosse chamado de O Profeta.

— Eu apenas sei — Sandy suspirou. — Eu sinto isso em meus ossos, sim?

— Alguém já lhe disse que seria muito melhor se você mantivesse a boca fechada quando recebe essas suas epifanias? — Ela apertou o xale com mais força sobre os ombros, estremecendo mais por dentro do que devido ao dia frio de dezembro.

— Oh, sim, frequentemente. Mas não sou eu quem toma a decisão de falar ou não.

— Sim, sim, culpe o Espírito Santo. — Ela torceu as mãos. — Então, o que mais você sente em seus ossos?

Sandy balançou a cabeça.

— Vocês devem partir, pelo bem de seus filhos, para dar-lhes um futuro que eles nunca poderão ter aqui.

— Sim, deveríamos, dado que a maior parte da Escócia será

devastada, queimada e pilhada nos próximos oitenta anos.

Sandy levantou uma sobranceira para ela.

— Você vê isso também?

Alex encolheu os ombros. Não, ela não via, ela sabia. A voz de sua professora de história ecoou em sua cabeça, repetindo como a Escócia padecera em nome dos Stuarts.

— Para onde ele irá? — Alex perguntou a Matthew, de pé ao lado dele na colina. Eles ainda podiam ver a forma de Sandy se afastando, e pouco antes de sumir de vista, a pequena figura se virou e acenou em sua direção.

— Irlanda — disse Matthew, pegando a mão dela.

— E nós? — ela perguntou vacilante. — Para onde nós vamos?

— Eu não sei — respondeu ele, balançando a cabeça. — Não faço ideia.

Eles caminharam pela floresta de dezembro, abrindo caminho por entre as folhas empilhadas que cobriam o chão. Para onde quer que olhasse, Matthew via uma despedida silenciosa, e o feriu até os ossos perceber que não tinha escolha; ele tinha que partir. Descansou a mão contra o tronco de uma sorveira, arrastou os dedos pela confusão de espinheiros altos. Tudo isso seria tirado dele, perdido para sempre, e ele ficaria sem raízes pelo resto de seus dias. O pensamento o deixou nauseado, e ele apertou ainda mais a mão de Alex. Ele suspirou; tão alto que Alex o fez parar.

— Vai ficar tudo bem — disse ela, ficando na ponta dos pés para tirar o cabelo do rosto do marido. — De alguma forma, vai ficar tudo bem. — Ela o virou para a casa, e lá estavam seus filhos, todos os quatro, suas vozes se erguendo altas e fortes em sua direção. — Devemos isso a eles — afirmou, passando os braços pela cintura dele. — Eles merecem uma chance na vida sem serem perseguidos para sempre.

Então, simplesmente, Matthew tomou a decisão final naquele instante, e foi como se livrar de um fardo insuportável para descobrir que poderia endireitar as costas novamente, levantar o queixo e respirar. Ele a beijou na bochecha.

— Vou escrever uma carta para o capitão Miles e ver se ele pode nos oferecer lugares no navio, e então vou precisar escrever outra carta para Simon. — Ele começou a descer a última ladeira na direção de sua casa, a mão entrelaçada na dela. — Mas não na Virgínia.

— Claro que não, e de qualquer forma temos tempo para pensar sobre isso. Não é como se estivéssemos partindo amanhã. Pelo menos, eu não estou — ela bufou —, porque deixe-me dizer que não tenho intenção de dar à luz em um barco. — Ela parou abruptamente, segurando sua mão. — Oh! — ela disse, e então sorriu. — Se bem que

isso não vai ser um problema, eu acho. Se não me engano, o bebê Graham está prestes a vir ao mundo.

— Ela — corrigiu ele — a bebê Graham. E, por favor, Deus, que seja uma menina saudável.

— Bem, contanto que seja, tanto faz menino ou menina.

— Ruth? — Alex parecia ofendida. — Eu sou sua Ruth. — Ela olhou para a filha novamente. — Por que não outro nome? Como Mary ou Joanna?

Matthew beijou a cabeça felpuda de sua filha.

— Ruth — disse ele. — Você os dá à luz, eu os nomeio.

— Bem, isso parece uma distribuição de trabalho muito injusta, vamos fazer o contrário da próxima vez.

Matthew riu alto e a beijou, um beijo demorado.

— Eu os faço, e isso é um trabalho árduo. — Ele se sentou e sorriu para ela, afastando um cacho que escapou de sua testa. Ela parecia vulnerável de alguma forma, seus olhos circulados de roxo, sua pele normalmente tão rosada estava pálida. O trabalho de parto havia sido longo e Ruth era mais uma criança grande, com quase quatro quilos de peso, de acordo com a impressionada parteira.

— Senti sua falta — disse Alex com uma pontada de acusação em sua voz.

— A parteira... — Matthew começou, mas Alex o interrompeu.

— Senti sua falta, Matthew.

Ele pegou a mão dela e apertou.

— Eu estarei lá da próxima vez, não importa o que a parteira diga.

— Promete? — ela pediu, apertando seus dedos. Matthew acenou com a cabeça; da próxima vez ele estaria lá. Ela sorriu e fechou os olhos.

— Ela parece igual? — ela perguntou.

— Eles são todos muito parecidos. — Ele correu o polegar com cuidado sobre um nariz em miniatura e uma pequena boca que já estava com bolhas após a primeira tentativa de mamar. Ele tirou a bebê dos braços de Alex e sentou-se segurando-a, uma mão apoiando a cabecinha frágil. Ruiva, ele sorriu, de um vermelho escuro e vibrante, assim como sua mãe.

— Não, ela se parece com ela mesma, não com Rachel.

Alex não respondeu; ela estava dormindo profundamente.

Matthew colocou a filha recém-nascida ao lado dela e estendeu a colcha sobre as duas. Ele se sentou ao lado delas e as observou por um longo tempo antes de se levantar para sair em busca de seus filhos. Na porta, ele olhou para trás, para sua esposa adormecida. Sandy estava certo; não importava muito para onde ele fosse, contanto que sua Alex estivesse ao seu lado.

— Eu te amo — ele sussurrou.

— Eu te adoro — ela sussurrou de volta, seus cílios tremulando por um instante sobre suas bochechas.